

DIABOCÓXO



EDIÇÃO FAC-SIMILAR

AD LITTERAM
São Paulo em Fac-símile

* * *

Coleção dirigida por Ana Maria de Almeida Camargo

DIABO COXO

São Paulo, 1864-1865



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Adolpho José Melfi
Vice-reitor Hélio Nogueira da Cruz



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Plínio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente José Mindlin
Vice-presidente Laura de Mello e Souza
Brasílio João Sallum Júnior
Carlos Alberto Barbosa Dantas
Carlos Augusto Monteiro
Franco Maria Lajolo
Guilherme Leite da Silva Dias
Plínio Martins Filho

Diretora Editorial Silvana Biral
Diretora Comercial Ivete Silva
Diretor Administrativo Sílvio Porfírio Corado
Editores-assistentes Marilena Vizentin
Carla Fernanda Fontana
Marcos Bernardini



ACADEMIA PAULISTA DE HISTÓRIA

Presidente Luiz Gonzaga Bertelli
Vice-presidente Ruy Martins Altenfelder Silva
Secretária-geral Yvonne Capuano
Primeiro Secretário Emeric Lévay
Tesoureiro Antônio Penteadó Mendonça

Apoio institucional



CENTRO INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA

DIABO COXO

São Paulo, 1864-1865

EDIÇÃO FAC-SIMILAR



Copyright © 2005 by Autores

Originais

Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo

Fotografias dos originais

Rômulo Fialdini

Produção Editorial

Negrilo Design Editorial

Impressão e Acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Esta edição está disponível no portal de livros abertos da Edusp
(www.livrosabertos.edusp.usp.br). É uma versão eletrônica da
obra impressa. É permitida sua reprodução parcial ou total, desde que
citadas a fonte e a autoria. É proibido qualquer uso para fins comerciais.

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento
Técnico do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP

Gama, Luís, 1830-1882.

Diabo Coxo: São Paulo, 1864-1865 / redigido por Luís Gama; ilustrado
por Angelo Agostini. – ed. fac-similar. São Paulo: Editora da Universidade de
São Paulo, 2005.

216 p.: ilust.; 18 x 23,5 cm. – (Ad Litteram: São Paulo em Fac-símile)

Coleção dirigida por Ana Maria de Almeida Camargo

ISBN 85-314-0871-7

1. Periódicos. 2. Caricaturas (São Paulo) (Século 19). 3. São Paulo (Século
19). 1. Camargo, Ana Maria de Almeida. 11. Agostini, Angelo, 1843-1910. 111.
Título. 1v. Título: São Paulo, 1864-1865. v. Série.

CDD 741.5

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374
6º andar – Ed. da Antiga Reitoria – Cidade Universitária
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. (0xx11) 3091-4008 / 3091-4150
SAC (0xx11) 3091-2911 – Fax (0xx11) 3091-4151
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Academia Paulista de História
Rua Tabapuã, 540 – 11º andar
04533-001 – São Paulo – SP

Printed in Brazil 2005
Foi feito o depósito legal

Um Programa Editorial

Poucas iniciativas editoriais têm sido tão úteis à pesquisa histórica quanto aquelas que reproduzem, na íntegra, documentos raros ou de difícil acesso. Assim pensava Washington Luís, quando assumiu a tarefa de publicar as atas da Câmara de São Paulo, em 1914, e a série de inventários e testamentos, em 1920, até hoje fontes importantíssimas para o conhecimento de nosso passado mais remoto. Muito tempo depois, em 1977, também sob a égide do poder público, tinha início a publicação da Coleção Paulística, criada pelo governador Paulo Egídio Martins, sob a coordenação de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Desta feita, ao invés dos conjuntos documentais arquivísticos a que se dedicara Washington Luís quando prefeito de São Paulo e presidente do Estado, havia a pretensão de republicar obras raras e esquecidas que, via de regra, não interessavam comercialmente ao editor comum. A série chegou até 1983, com 21 títulos publicados. Na mesma perspectiva – colocar ao alcance dos estudiosos obras esgotadas e de interesse para a cultura de São Paulo –, a Academia Paulista de Letras promoveu a reedição de importantes trabalhos, na série a que chamou Biblioteca, iniciada com o apoio do governo estadual, em 1976, e interrompida em 1983.

A Academia Paulista de História vinha acalentando, desde a gestão do seu presidente emérito Douglas Michalany, um projeto editorial cujo núcleo de referência fosse São Paulo, nos mesmos moldes das coleções citadas. O projeto torna-se, agora, realidade. Com o apoio do Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE e a parceria da Editora da Universidade de São Paulo – Edusp, damos início a uma série de reproduções fac-similares de livros, folhetos e periódicos que, independentemente da época em que foram editados, constituem hoje peças difíceis de encontrar, seja nas bibliotecas públicas, seja no mercado de antiguidades.

Da extensa relação que nos foi apresentada por Ana Maria de Almeida Carmargo, a quem encarregamos de coordenar a série, selecionamos, para iniciá-la, um periódico que circulou em São Paulo de 1864 a 1865: o *Diabo Coxo*, redigido por Luís Gama e ilustrado por Ângelo Agostini. A única coleção completa do semanário pertence à Biblioteca Municipal Mário de Andrade, que gentilmente permitiu fossem fotografados os exemplares de seu acervo.

Interessante observar que o *Diabo Coxo* corresponde a um período pouco conhecido da vida de Agostini, que se tornaria famoso pela intensa atividade jornalística que manteria no Rio de Janeiro até 1910, ano de sua morte. Antes de mudar-se definitivamente para a Corte, Agostini publicou em São Paulo outra revista ilustrada, o *Cabrião* (1866-1867), cuja edição fac-similar foi feita em 1982, por iniciativa do Arquivo do Estado de São Paulo, trazendo apresentação do saudoso acadêmico Délio Freire dos Santos, a quem pertenciam os originais.

Para redigir uma introdução ao fac-símile do *Diabo Coxo*, convidamos Antonio Luiz Cagnin, renomado conhecedor de nossa imprensa caricata e, em especial, da obra de Agostini. Com tal procedimento, que pretendemos repetir nos próximos números da série, trazendo sempre um especialista no autor, na obra ou no gênero em apreço, queremos chamar a atenção para o documento enquanto fonte de pesquisa e enfatizar seu potencial informativo.

A possibilidade de dispor de uma réplica perfeita dos exemplares originais, que ora se tornam acessíveis a todos, deverá contribuir para a preservação da única coleção do *Diabo Coxo* de que se tem notícia, evitando seu desnecessário manuseio. Trata-se, afinal, de patrimônio histórico que a Academia, acima de tudo, preza e defende. Se, além disso, pesquisadores e estudiosos aqui encontrarem evidências para fundamentar suas explicações ou para caracterizar determinadas realidades pouco conhecidas do passado, nosso programa editorial ficará, então, plenamente justificado.

LUIZ GONZAGA BERTELLI

Presidente da Academia Paulista de História

Foi o Diabo!

Há muito vivemos no mundo das imagens. Se, antes, nossos antepassados ficavam deslumbrados com umas poucas gravuras publicadas em alguns livros e mesmo nos periódicos ilustrados, hoje vivemos cercados por imagens em todos os lugares e momentos. E em tal profusão que, nelas engolfados, mais conhecemos a imagem das coisas do que as coisas da realidade. As imagens estão por toda parte: nos apelos publicitários dos cartazes, no cinema, na tevê, nas revistas e nos jornais, agora fartamente coloridos.

A imagem fascina o homem. Na leitura do jornal, os olhos buscam primeiro as fotos dos fatos, as críticas das charges, as histórias dos quadrinhos. Mais que ler e ouvir, é imperioso ver notícias. Ninguém ou quase ninguém dispensa algumas horas, minutos que sejam, diante da tevê. Ligar o aparelho, ao voltar do trabalho, já se tornou um ato condicionado.

Era bem diferente a situação dos paulistanos antes da publicação do primeiro jornal ilustrado e de caricaturas de São Paulo, em 1864. A fruição da imagem era, até então, privilégio dos poucos que tinham muitas posses. Os processos de reprodução da gravura em metal ou madeira levavam tempo e custavam caro. O povo não tinha acesso às obras de arte, pinturas e quadros, que habitavam apenas as mansões. As iluminuras, belíssimas e coloridas, resultado da paciência dos monges, estavam confinadas aos livros de horas, de propriedade dos devotos endinheirados. Os figurinos coloridos vindos da França embelezavam, em encartes preciosos, nossas revistas de moda, que serviam para revestir as extravagâncias de nossas damas burguesas e nobres. As fotos já existiam: Militão registrava nossas ruas e praças desde 1862, além de fixar em *pose posada* rostos quatrocentões e os de futuras grandes personalidades,

como Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Luís Gama e Castro Alves. Só nas igrejas é que a imaginária sagrada se abria para todos, ricos e pobres, indistintamente.

O AMBIENTE CULTURAL EM SÃO PAULO

Perdida nos altos campos de Piratininga, São Paulo, entre 1840 e 1850, era ainda, no dizer de Almeida Nogueira em seu clássico livro sobre a Academia de São Paulo, uma “pequenina e modesta cidade provinciana de tristonho aspecto, sem movimento, sem animação. Vinte mil almas, pouco menos ou mais, de população retraída, sobretudo em relação aos forasteiros, esquivas as damas que pouco apareciam nas ruas e escassamente ornavam com suas presenças as festas e diversões públicas, mais raras, aliás, que as raríssimas senhoras que a elas compareciam”.

A planta do centro da cidade, de 1854, indica os seus estreitos limites: a antiga rua da Constituição, depois Florêncio de Abreu; a rua das Freiras, depois Senador Feijó; a descida do Acu, depois ladeira de São João; e o largo do Palácio. Além desses limites estavam as chácaras, várzeas e campos. Edifícios pequenos, igrejas pobres, casas de taipa, telhados coloniais enegrecidos pelo tempo; rótulas entreabertas, de onde mulheres retraídas, reclinadas no parapeito das janelas, espiavam curiosas o movimento das ruas; noites tranqüilas, sem sobressaltos, vigiadas pela luz preguiçosa dos lampiões a querosene, embaladas pelas serenatas românticas dos acadêmicos.

Zaluar frisava, em 1860, o papel representado pelos estudantes na pequena e monótona capital da Província: “a mocidade acadêmica imprime à povoação, durante a sua residência, uma espécie de vida fictícia, que, apenas interrompida, a faz recair, por assim dizer, no seu estado de habitual sonolência”. E concluía: “tirem a Academia de São Paulo, e esse grande centro morrerá inanimado”. É o que acontecia, nas férias, quando os estudantes em debandada deixavam a cidade.

Distante de tudo e de todos, mal lhe chegavam as notícias da Corte e do mundo. Em 1864, os transportes eram precários, apesar de prenúncios de desenvolvimento. Um ou dois dias até Santos, em diligência, a serpentear sacolejante o tortuoso caminho de Anchieta, ainda que recoberto pelo macadame recém-colocado na estrada; depois, cerca de dezoito ou mais horas de vapor até o Rio de Janeiro.

Foi a mais tardia das províncias do Império a dispor de imprensa. O *Paulista*, seu primeiro jornal, surgiu em 1823 e durou apenas alguns meses. Foi escrito à mão,

“suprida a falta de tipografia pelo uso de amanuenses, pagos por uma sociedade patriótica”, explicava Mestrinho, alcunha de seu fundador e redator, Antônio Mariano de Azevedo Marques, conhecido mestre de latim. No ano de 1864, só *O Ypiranga*, fundado em 1849, ainda sustentava a bandeira liberal. O *Correio Paulistano*, criado em 1854, era órgão oficial do governo (só em 1869 passaria para os liberais, por influência de Américo de Campos) e, uma vez ou outra, dava notícias da barca que chegava ou partia de Santos. Em 1865, o *Diário de São Paulo*, moralista e reacionário, iria servir aos jesuítas e religiosos. Além desses jornais semanários e diários, proliferavam os pasquins candentes dos estudantes, em desaforada verbosidade libertária, temperada com sátiras mordazes e humor corrosivo, ao lado dos folhetins de jovens poetas sonhadores, com seus açucarados versos românticos.

Poucos eventos, além do teatro, das missas e dos bailes esporádicos, conseguiam encher os domingos e feriados da cidade, sacudindo-lhe um pouco o modorrento dia-a-dia. Domingo das festas religiosas com as devotas contritas, cobertas de mantilhas negras, acompanhando as procissões do Divino, do Corpus Christi e do Senhor Morto. Domingo dos salões provincianos nos casarões de burgueses abastados ou nobres interioranos, quando senhoras bem vestidas ostentavam seda e cores no balão dos seus vestidos longos, e sinhazinhas, de olhos buliçosos atrás dos leques, buscavam cativar o sinhozinho faceiro; dos concorridos saraus da Marquesa de Santos; de um ou outro baile de mascarados em salão belamente ornado de festões, onde rodavam os pares ao som de valsas, quadrilhas, *schottish*. Domingo do teatro, incipiente ainda, nas poucas casas de espetáculos, cuja assistência, três lustros depois, ainda era quase inteiramente de homens: “poucas famílias pelos camarotes”, observaria com estranheza Taunay, de passagem por São Paulo em 1860.

O velho barracão da Casa da Ópera, na praça São Gonçalo, hoje praça João Mendes, há muito já fechara suas portas. A Sociedade Concórdia Paulistana exibia alguns espetáculos mensais. Mesmo assim, o teatro despertava espectadores entusiasmados, que se encantavam com os dramalhões românticos: *As Ruínas de Babilônia*, *O Peregrino Branco*, *O Sonho ou O Terrível Fim do Usurpador*, *A Pecadora*, *A Família Morel*, drama extraído do folhetim internacionalmente famoso, *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue. O Teatro São José, ao lado do Colégio dos Jesuítas, só seria inaugurado em 1864. Nele, a atriz Júlia comoveria às lágrimas o *seleto público*, encarnando a infortunada Margarida Gauthier, do drama *Dois Paixões*, calcado na *Dama das Camélias*, de Dumas; nele se apresentariam também os irmãos Lopes,

de monumentais narizes, em comédias hilariantes, e Vasques, o chamado rei das cenas cômicas.

A música e o canto também não ascendiam além das modinhas e loas religiosas. Uns poucos instrumentos animavam as festas populares e as plangentes serenatas, que já não eram tão comuns, como revela crônica de 1860: “[...] São Paulo outrora tão famosa pelas suas serenatas; ainda às vezes recorda esses belos tempos – e haverá nada mais encantador que em uma linda noute de luar uma serenata? [...] o silêncio da noute quebrado pela doce harmonia de uma flauta?” Ao raiar de 1861, São Paulo passou a contar com dois professores de música, ambos moços e talentosos: Emílio do Lago e Gabriel Girandou.

Apesar de tudo, São Paulo era uma aldeia grande. E começava a mudar. Nessa década, já o café estendia sua manta pelos campos férteis da terra roxa, o transporte em lombo do burro agonizava, a estrada de ferro começava a lançar os trilhos serra do Mar abaixo, até encontrar o porto de Santos. Com os prenúncios de progresso, as exigências culturais também começavam a ser satisfeitas.

Imagine-se então com que avidez nossos antepassados receberam aquele primeiro número de um jornal repleto de imagens desenhadas por Ângelo Agostini. Foi um sucesso, como ele próprio registrou numa caricatura: os leitores afoitos acotovelavam-se diante da Litografia Alemã para adquirir o número inaugural de 2 de outubro de 1864. Foi um pandemônio! Um atropelo! Foi o diabo! O *Diabo Coxo* alvoroçou, de fato, a pequena e pacata São Paulo de então. Ângelo Agostini havia chegado um ano antes: artista, formado em Paris e muito jovem.

O *Correio Paulistano* saudou, em 9 de outubro, a chegada do pequeno jornal domingueiro:

O *Diabo Coxo* aparece em forma de jornal e promete não cair (pelo seu primeiro número) na encharcada vereda dos pasquins. Ainda bem, já é um progresso para nossa terra possuir uma folha do gosto da *Semana Illustrada*, uma folha dedicada à caricatura, ao graço digno e comedido.

O progresso, de fato, ensaiava então seus primeiros passos na Província: estendia a estrada de ferro até o porto de Santos, deslizando o signo da modernidade pela várzea do Carmo; engolfava nas baforadas de fumaça as controvérsias dos retrógrados e dos velhos paulistas; abrigava a primeira Academia de Direito do país;

contava com algumas tipografias; editava diversos jornais, ligando os paulistanos à Corte e ao mundo; e acolhia, a um só tempo, a Tipografia e Litografia Alemã, de Henrique Schröder, e o jovem pintor e litógrafo italiano, Ângelo Agostini.

A LITOGRAFIA

O *Diabo Coxo* foi possível graças a Agostini, a Schröder e à litografia.

A litografia representou para a São Paulo de então, como aliás para o mundo todo, mais um passo importante em direção à modernidade e ao aperfeiçoamento da comunicação visual. Inventada por Aloïs Senefelder no final do século XVIII, difundiu-se imediatamente pela Europa por volta de 1800. Em 1818 já estava no Brasil, antes mesmo de chegar a alguns países europeus.

Uma pedra, lápis graxo, água e tinta eram o bastante. Desenhar na pedra com um simples lápis, o *crayon gras*, espalhar a água-forte, que penetrava e corroía apenas a superfície não-graxa, passar a tinta, colocar a folha de papel sobre a pedra, passar o rolo sobre o papel, e a imagem surgia como que por encanto! Pouco dispêndio, fácil execução e multiplicação rápida permitiam passar desenhos e ilustrações para os jornais e publicá-los até diariamente. Isso nunca fora alcançado antes. Todos os outros processos de gravar na madeira ou no metal, morosos e difíceis, foram superados pelas vantagens da reprodução litográfica. E surgiu uma nova categoria de desenhista, a do “repórter do lápis”, trazendo para o leitor fatos, pessoas e coisas distantes no tempo e no espaço. Um verdadeiro milagre!

A litografia democratizou a imagem, tornando-a popular. O fascínio pela imagem e o desejo de estar próximo das coisas, no tempo e no espaço, estavam satisfeitos. Todos passaram a ler imagens. Todas as semanas. *Por 500 réis apenas, o preço de um almoço*, como observou Délio Freire dos Santos em sua introdução à edição fac-similar do *Cabrião*, outro jornal ilustrado por Agostini. Todos, até os menos letrados ou de menor poder aquisitivo, podiam agora ter acesso ao mundo através do mundo encantado das imagens.

O leitor paulistano *via o Império como nós hoje vemos a História no cinema*, dizia Monteiro Lobato na abertura de *Idéias de Jeca Tatu*. Podia, então, conhecer, pelos retratos minuciosos de Agostini, sua majestade o imperador d. Pedro II, os ministros e as personalidades da época; rir de suas caricaturas; indignar-se contra as politicagens daqui e de lá; conferir os tipos e a moda da Corte e de todo o mundo;

empolgar-se com os artistas das companhias estrangeiras que se apresentavam em turnê pela capital da Província; viver, como se estivessem presentes, tanto as notícias da cidade quanto as peripécias da guerra do Paraguai (as indecisões de Caxias à frente das tropas brasileiras e os locais em que se travaram as principais batalhas); viajar pelas paisagens do mundo; saborear as histórias contadas em quadrinhos. Agostini já arriscava suas primeiras “tiras”, ainda que imprecisas, e até reportagens em quadrinhos, como a do desastre de trem bem no dia da inauguração da primeira estrada de ferro de São Paulo.

UM TÍTULO ESTRANHO

Parece um tanto estranho o título *Diabo Coxo* para um jornal domingueiro de caricaturas. Cremos, todavia, que foi escolhido com propósito bem definido, segundo o significado do termo e as circunstâncias que na época lhes pareciam, aos redatores, mais justas e apropriadas.

O diabo sempre foi tomado, ao longo dos séculos, como elemento infernizante. Encarapitado no alto das catedrais góticas, lá está ele com seu sorriso sarcástico, desde a Idade Média. Instalou-se na literatura e na arte em geral, como tema de pinturas, esculturas, peças teatrais e romances, como o atestam as obras de Michelangelo, Dürer, Bosch, Dante Alighieri, Goethe e tantos outros.

El Diablo Cojuelo, do escritor espanhol Luís Velez de Guevara, obteve muito sucesso quando publicado pela primeira vez, em 1641. Quase setenta anos depois, em 1707, Alain René Lesage repetiu-lhe a dose e o tom no romance de mesmo título e assunto, *Le Diable Boiteux*. Era a história de Asmodeu, o coxo, pobre diabo preso numa garrafa. Libertado por um estudante, concedeu ao jovem o poder de ver, através dos tetos e das paredes das casas, o que se passava com as pessoas no seu interior. Fórmula cômoda de o escritor retratar e satirizar, com espirituosidade, os costumes da sociedade.

Daí em diante o demônio foi tomado como agente moralizador, crítico da sociedade e dos seus erros, realizando, sobretudo através da caricatura desenhada, o consagrado no provérbio latino *ridendo castigat mores*.

A imprensa periódica e ilustrada no século XIX, com a invenção da litografia, utilizou à larga a imagem do diabo: *Le Diable Boiteux* (Paris), *El Diablo Suelto* (Madrid), *El Diablo – Revista Infernal* (Madrid), *Le Diable à Paris* (Paris), *Diable Rose*

(Paris), *Le Bon Diable* (Paris), *El Diablo Cojuelo* (Madri), *Fra Diavolo* (Milão), *Le Diable Vert* (Paris), *Gaveta do Diabo* (Rio de Janeiro), *Satan* (Paris), *O Trinta Diabos* (Lisboa), *Il Diavolo Zoppo* (Milão), *O Trinta Mil Diabos* (Lisboa), *El Diablo Azul* (Madri), *El Diablo Rojo* (Madri), *O Diabo Coxo* (Lisboa), *A Rebeca do Diabo* (Lisboa), *Trinta Diabos Junior* (Lisboa), *Diabrete* (Lisboa), *O Diabo a Quatro* (Recife), *Diabrete* (Porto Alegre), *O Diabo em Lisboa* (Lisboa), *Lingua do Diabo* (Lisboa), *Diabo da Meia Noite* (Rio de Janeiro), *Il Diavolo Rosa* (Milão), *El Diabillo Suelto* (Madri), *El Diablo Mundo* (Madri), *Mefistofeles* (Rio de Janeiro), *O Diabo* (Lisboa).

Não é de estranhar, pois, que também Agostini tenha sido tentado por um diabo desses, certamente o da novela espanhola.

SOBRE O JORNAL

O Diabo Coxo de Agostini é um jornal domingueiro, pequeno (18 x 26 cm), com 8 páginas apenas, 4 de ilustrações (caricaturas, retratos, cenas do dia-a-dia e eventos) e 4 de textos (artigos, poesias, notícias, críticas, anedotas, adivinhas etc.), dos quais se ocupavam Luís Gama (1830-1886), o ardoroso abolicionista, e Sizenando Barreto Nabuco de Araújo (1842-1892), irmão de Joaquim Nabuco. Era impresso na Tipografia e Litografia Alemã, de Henrique Schröder. As assinaturas não se faziam por períodos, mas pelos 12 números anuais de cada série, ao preço de 4\$000 réis, na capital, e de 5\$000 réis, fora dela. O número avulso custava \$500 réis, valor três vezes mais alto do que o de um exemplar dos diários de então.

Publicaram-se duas séries de 12 números cada. Os da primeira série não trazem a data de edição, mas a partir de prolongada e paciente pesquisa comprovamos que o primeiro número foi dado à luz a 2 de outubro de 1864. Encerrou-se em 25 de dezembro do mesmo ano. A segunda série teve início em 23 de julho e foi até 31 de dezembro de 1865. Nela colaborou também Nicolau Huascar de Vergara, pintor que iniciou sua carreira de caricaturista em São Paulo e, mais tarde, em 1876, ilustrou o semanário humorístico redigido por Luís Gama, *O Polichinello*.

Da publicação original do *Diabo Coxo* existe hoje apenas uma coleção completa: a que se encontra na seção de Obras Raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, tendo sido a ela incorporada em 1996. Antes dessa data, a instituição possuía apenas um único exemplar, o de número 6 (2ª série, 1865), encadernado com outros jornais do século XIX. Possuía também o microfilme negativo (de leitura

quase impossível) da coleção completa, feito em 1947 pela recém-inaugurada Seção de Microfilme da Biblioteca Pública Municipal, a partir dos originais pertencentes a João Amoroso Neto.

A viúva de Amoroso Neto vendeu os originais para Roberto Lemos Monteiro. Em 1996, a Secretaria Municipal de Cultura foi convencida por nós a adquiri-los do novo proprietário. Após longuíssimo e fastidioso processo burocrático, a transação foi finalmente efetuada, por US\$10.000 (dez mil dólares), e o *Diabo Coxo* pode ser hoje consultado pelos interessados na Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

ÂNGELO AGOSTINI

Nasceu em Vercelli, cidade ao norte da Itália, no Piemonte, aos 8 de abril de 1842 ou 1843. Sua mãe, Raquel Agostini, era cantora lírica de renome internacional. Após a morte do pai, Antônio Agostini, o pequeno Ângelo, aos 9 anos, foi levado por uma de suas tias a Paris, para ficar como pensionista num colégio e, como se conta, sob os cuidados da avó. A mãe, tendo que se ausentar com freqüência em turnês operísticas, não podia dar ao filho a devida atenção. Ângelo fez seus estudos na capital francesa e também lá deve ter freqüentado academias de arte, até sua vinda para o Brasil, aos 17 anos, em companhia do padrasto, o português Antônio Pedro Marques de Almeida.

Sobre a data em que desembarcaram no porto do Rio de Janeiro, porém, não há consenso entre os historiadores, por falta absoluta de documentos. Tudo leva a crer que tenham vindo no navio *Jeune France*, que aportou no Brasil em 13 de maio de 1859.

Raquel e Antônio Pedro viviam no Rio de Janeiro desde 29 de outubro de 1854. No mesmo ano Raquel assinara contrato com a *Companhia Lírica Italiana*, apresentando-se no Teatro Lírico, como *prima donna assoluta*, no papel principal de Elvira, da ópera *Ernani* de Giuseppe Verdi. Em 1860, o casal seguiu para São Paulo. Agostini foi juntar-se a eles somente dois anos depois, em 22 de janeiro 1862.

Na capital da Província, com a arte itálica e a *finesse* francesa, publicou o *Diabo Coxo* (1864-1865), marco importante na história da imprensa paulista por ter sido seu primeiro jornal ilustrado e de caricaturas. Agostini dava início a uma verdadeira militância na política brasileira, da qual não se afastou até o fim de seus dias, vergastando impiedosamente os homens públicos e a sociedade com

suas corrosivas e irreverentes caricaturas, que até então eram desconhecidas como arma de combate.

Logo no ano seguinte, Agostini lançou o *Cabrião* (1866-67), outro jornal de título invulgar. *Cabrião* era personagem do romance-folhetim muitíssimo conhecido naqueles tempos, *Os Mistérios de Paris*, do já citado escritor francês Eugène Sue. Trata-se da história de um pintor jovem, irreverente e galhofeiro, a zombar de tudo e a infernizar as pessoas. É o que Agostini pretendia fazer com a política, a religião e toda a sociedade paulistana.

Mas, em setembro de 1867, livrando-se, ao que parece, das ameaças de vítimas das suas geniais mas irreverentes caricaturas, Agostini denunciava no n. 50, penúltima edição do *Cabrião*, as devassas que lhe teriam destruído a redação do jornal. Logo em seguida, deve ter deixado apressadamente a cidade, como se deduz por não ter feito o número seguinte do *Cabrião*, que, de fato, não trouxe mais seus desenhos nem sua costureira assinatura (A ou AA). Agostini não mais voltou a São Paulo.

Fixando-se no Rio de Janeiro, ei-lo de novo, logo no mês seguinte, nas páginas do *Arlequim*, fustigando as malandragens políticas e rindo-se dos costumes da sociedade carioca.

Em janeiro de 1868, fundou com o padrao Antônio Pedro Marques de Almeida a *Vida Fluminense*. Foi um momento muito importante em sua carreira. Agostini criou a novela gráfica *As Aventuras de Nhô Quim, ou Impressões de uma Viagem à Corte*, história em muitos capítulos, em janeiro de 1869. Desenhou também para *O Mosquito*, criado por seu amigo Cândido Aragonez de Faria.

Mais tarde, em 1876, iniciou sua própria *Revista Illustrada*, o periódico de maior duração, tiragem e importância do Segundo Reinado. Foi quando Agostini atingiu o auge de sua trajetória artística e política, destacando-se no panorama da vida nacional por empunhar a caricatura, o riso e a sátira como armas de combate. Exerceu então influência efetiva na formação da opinião pública, sobretudo em dois momentos decisivos da vida nacional. As cenas que mostravam os sofrimentos dos escravos certamente foram muito mais eloquentes e convincentes que os discursos dos abolicionistas em favor da libertação dos escravos: chegaram a promover uma verdadeira comoção popular, como reconheceu o próprio Nabuco. A *Revista Illustrada* também foi determinante na formação da opinião pública em prol do movimento republicano. O mesmo poder persuasivo, através da imagem, que havia

exercido antes, em São Paulo, com os seus dois jornais, o *Diabo Coxo* e o *Cabrião*, por ocasião da guerra do Paraguai.

Além de ter contribuído para a vitória de tais campanhas, a pena de Agostini açoitou a politicagem reinante, retratou tipos humanos (de engraxates a barões), fez reportagens sobre os acontecimentos, condenou a violência policial, fez a crítica das atividades artísticas, riu e fez rir de tudo e de todos. Compôs com tal precisão o dia-a-dia da cidade que nos legou, ao final, um retrato por inteiro do período – talvez o documentário iconográfico mais importante e completo do Segundo Reinado. Como afirmou Herman Lima, na sua monumental *História da caricatura no Brasil*:

Quem, na verdade, quiser estudar a história política de nossa terra há que recorrer, forçosamente, a esse colossal fabulário a esfuminho, por onde o gênio do caricaturista perpassa de contínuo fixando... as mazelas dos nossos próceres.

Pelo papel que desempenhou, formando a mente de toda a população com o encanto e a força das imagens, a *Revista Illustrada* mereceu de Nabuco a definição de a bíblia da abolição dos que não sabem ler.

Ao voltar de um exílio forçado de seis anos em Paris, Agostini editou o *Don Quixote* (1895-1902), de menor duração, mas extremamente significativo, por ser, com certeza, uma alegoria da própria vida desse novo *cavaleiro da esperança*.

Sua produção é volumosa, bela e cheia de vigor. Mais de 6.000 páginas de arte e luta em 46 anos de trabalho. Transpunha diretamente para a pedra toda a força do seu combativo entusiasmo e ideal libertário. *Repórter do lápis*, como gostava de chamar-se, não se satisfazia com uma única imagem dos personagens e fatos. Suas caricaturas desdobravam-se em inúmeras outras, em seqüência, como se tentasse dar-lhes movimento e vida.

Por isso mesmo, cabe-lhe também o que até há pouco tempo era lembrado de passagem: a glória de ter sido um dos precursores, no mundo, das histórias em quadrinhos, e de ter publicado, no longínquo ano de 1869, a primeira novela-folhetim em quadrinhos de que se tem notícia, *As Aventuras de Nhô Quim, ou Impressões de uma Viagem à Corte*, continuadas depois em *As Aventuras de Zé Caipora*, quando Agostini já era dono de técnica narrativa impressionante, que se traduzia em seqüências verdadeiramente cinematográficas. Monteiro Lobato caracterizou muito bem esse efeito:

Ali, refestelado na rede, ele [o fazendeiro] via o Império como nós hoje vemos a história no cinema. Era de ver o magote de guris em redor da folha [a *Revista Illustrada*] desdobrada no assoalho, à noite, à luz do lampião de querosene, o mais taludote explicando a um crioulinho, filho da mucama, como é que o Zé Caipora escapou às unhas da onça.

Em 1910, quando embalava nos braços a netinha Mariana, que até há pouco vivia em Brasília a recontar saudosa as histórias do avô, morreu acabrunhado e desiludido dos políticos e da República. Não era aquela com que sonhara.

Hoje, no entanto, jaz completamente esquecido. Ecoam apenas algumas vozes longínquas dos amigos e admiradores do passado:

O mais brasileiro dos brasileiros. [Joaquim Nabuco]

Figura solar da caricatura e da litografia brasileira. [Herman Lima]

Só lhe conhecemos uma vaidade, a de não ter precisado nascer nestas paragens do Cruzeiro do Sul, para ser um dos primeiros, dos mais beneméritos brasileiros. [José do Patrocínio]

A pedra de impressão era a pedra d'ara do altar da Pátria. [Pires Brandão]

A edição fac-similar que foi possível fazer do *Diabo Coxo*, de Ângelo Agostini, precursor da imprensa ilustrada em São Paulo, tem também por objetivo buscar a revelação de sua obra, impressionantemente bela, a recuperação de sua imagem, lamentavelmente esquecida, e render-lhe a homenagem, injustamente negada.

ANTONIO LUIZ CAGNIN

Professor da Escola de Comunicações e Artes (usp)

DIABO COXO

São Paulo, 1864-1865

EDIÇÃO FAC-SIMILAR

Acceitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados, em carta com direcção á redacção na livraria do sr. M. da Cunha—Rua Direita.

DIABO COXO

Assigna-se na livraria de M. da Cunha—Rua Direita. Preços : Capital 12 numeros 4\$ rs. fóra da Capital 5\$ rs. Numero avulso 500



ANNO I.

JORNAL DOMINGUEIRO.

N. 1



Não ha palacio activo, nem misera choupana
Cujos mysterios fundos não possa penetrar;
Cheguei hoje a S. Paulo,—sentido meu porinho!
A musica está prompta, nós vamos começar.

Sou o Diabo coxo : quem ha que desc...
Na vida social, meu vasto poderio?
Percorro o mundo inteiro, ora pedestre humilde,
Ura atirado aos lombos de um palafrem sombrio.

O Diabo-coxo comprimenta aos seus leitores.

INTRODUÇÃO.

Sabeis-lo; a origem do «Diabo-Coxo» foi a scena que abaixo publico: Encontrei-a escripta, e sem mais explicação, sobre minha mesa de estudo, depois de uma noite de pezadello horrivel.

Lede-a, e confessae que a idéa de uma publicação desta ordem ter-vos-hia vindo como a mim.

«Ergue-te, não vés ali aquelle homem tirando a máscara com que se apresenta ao mundo, e deixa agora ver a face nua onde o vicio estampa seu sello? Mais adiante, não reparas que a turba applaude e eleva o homem que do alto lhe cuspirá insultos? Acolá os aduladores do rico, e os perseguidores do pobre?»

Estudas o coração humano e não estabelecas a differença entre estes que sentem e palpítão e aquelles que são apenas musculos ocos, perdidos os sentimentos que distinguem e elevão a humanidade. Equiparas estas almas que sofrem sem consolação á aquellas que nunca sentirão nem se quer uma contrariedade?

Oh! espirito pueril, o estudo desta comedia social té é necessario.

A avareza, o orgulho, a fatuidade, a estupidez ricassa e a pobreza de espirito vivem entre a folgança de uma vida de gozos, enquanto que a pobreza que trabalha, a consciencia, a modestia, a intelligencia morrem entre as dores de uma vida civada de atrozes provanças.

Dá-me o teu apoio e eu te darei as forças e os meios de os pintar, e de os castigar.

Ergue-te. Aqui tens uma vergasta, não os poupe; guerreia desde o litterato que ignora tudo e sobre tudo escreve até o potentado que tudo pode e nada faz.

Quem és? Quem és? Perguntou o moço pallido e abatido.

Chamão-me o «Diabo-Coxo,

O moço deixou cair a vergasta.

Não quero: qualquer pacto entre mim e tu seria a perdição de minha alma.

Ouve-me, disse em voz rouquenha o negro phantasma. Depois de tantos seculos de lucha á que me condemnou o teu Deos, vi o meu imperio destruido e os abyssos abandonados de

meus subditos, desde o conde Ugolino até Francesca de Remini todos desertarão para o mundo que habitão.

A imprensa, maior inimiga dos máos é a unica força que encontro na terra para desmascarar e castigar a esses entes criminosos ou ridiculos estupidos ou orgulhosos.

Dizendo estas palavras a disforme creatura cravou, o olhar de fogo sobre o pobre moço. Então?...

Nunca! Nunca! Disse o moço cahindo sem sentidos.»

Hoje apparece o primeiro numero do «Diabo-coxo» é superfluo dizer que esse pacto assignamo-lo-nos.

IMBECIS

Fió—fió—bum, bum, bum.

ANTONIO MANOEL DOS REIS.

O bom senso caminha acceleradamente para seu pouso final, o rebanho dos sandeus augmenta-se e progride de dia em dia, a imbecilidade parece querer haster seu pavilhão na frente da sociedade moderna.

A litteratura, a sciencia, a religião e a politica param em sua peregrinação, abaixam a cabeça e dobram os joelhos perante o labaro tremendo.

Leitores em cujo cerebro arde ainda uma scentelha dessa chamma divina que denominamos—razão, não me lanceis a pecha de maldizente, correi os olhos em torno de vós e ficareis convencidos do que avanço.

Os poetas formigam pelas praças, agrupam-se nas esquinas, cobrem as collumnas dos periodicos de disparates e sensaborias.

A cada canto levanta-se um vate, de cada vate rebenta um turbilhão de asneiras, de cada asneira origina-se um partido de tolos.

Aqui é um enfatuado verzejador, convencido de escrever correctamente a lingua vernacula, porque disso o persuadiram quatro rabiscadores de folhetins; ali é uma cara de queijo do reino com o nariz pittorescamente illustrado pela sy-

phillis, assassinando barbaramente a grammatica e a logica; acolá é um trapeiro de rythmas com o topete empomadado, e julgando-se um genio porque mais do que os outros atordoa os ouvidos alheios.

E as multidões aplaudem-os com frenesi, e depois da enchurrada de despropositos retira-se murmurando :—é um grande talento ! é uma capacidade !

A natureza perde seus mais bellos attributos sob a inspiração de taes parvos, a rhetorica toma uma extensão absolutamente arbitraria, a linguagem torna-se de uma reactividade incomprehensivel.

Grande Deos ! Onde iremos parar com semelhante estado de cousas !

Ainda não é tudo. Ao lado dos poetas destacam-se os criticos, criticos sem critica,—marimbondos da litteratura, descarçadores de sentenças que não comprehendem, cujos juizos terminam sempre por esta formula sacramental :—contudo não deixa de ter defeitos,—referindo-se a qualquer composição.

Se pedis que apontem os mencionados defeitos, callam-se com visiveis amostras de desapontamento, porque é nelles proprios, e no seu modo estúpido de julgar, que taes defeitos existem.

Aos criticos succedem os scientificos : andar pretencioso, sizudez estudada, brevidade de opiniões, eis seus caracteres distinctivos.

Amarram-se a mangedoura de um estudo impropicio e penoso, decoram Lobão, tiz Teixeira, Mello, Savigny, e outros authores de direito, enchem a cachola do factos historicos, e a cada trecho que conseguem decorar, esfregam as mãos, correm ao espelho murmurando com satisfação : sou um sabio !

A iníriga e a calunnia escondem-se por detraz das reputações ; cada qual apregoa seus talentos e suas virtudes, escolhendo per escada mais propria a honra e a intelligencia do proximo.

Não vedes aquelle sandeu que caminha como um galo por brazas,—com as sobrancelhas carregadas, o olhar desdenhoso e obliquo?—E' um asno em toda a extensão da palavra ; perguntai a opinião de vosso visinho :—é uma notabilidade !

Sim é uma notabilidade, a principio ninguem o percebeu, mas tanto fallaram os jornaes, tanto

elle proprio gritou, que por fim todos se convenceram de que na verdade era uma notabilidade.

Quereis saber o meio de estabelecer uma solidã repntação em S. Paulo ?

Olhai para a rua, observai o andar, as attitudes, o olhar e as palavras daquelle desempenado charlatão cujos bigodes perpetuam-se nas barbas espessas, contemplai suas maneiras galhardas, escutai a enuneração que faz das suas glorias e habilidades, e sahi tambem vós pelas praças a bradar—povo ! vinde admirar minha erudição e sabedoria ! Sou um homem privilegiado ! Não ha ninguem que me iguale neste mundo ! vinde ! vinde ! vinde, ouvi o que vos digo e espalhai por toda a parte !

JOÃO PEÃO.

ROMANCE DE UM ESTUDANTE

Meus corvos esvoaçae ! A
carnificina é grande e o ban-
quete será lauto !

LIVRO DE RAMAYANA.

PRELUDIOS.

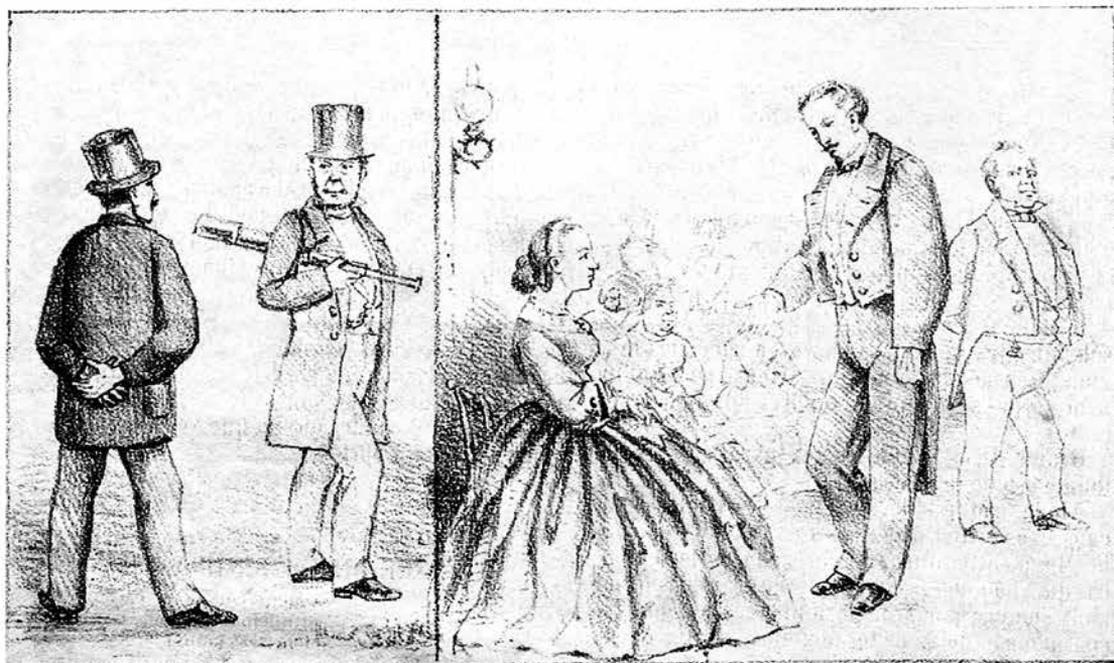
Misero mancebo que abandonaste as plagas bemditas de Guanabára, cabeça tresloucada, doido argonauta que vens em busca do pomo de ouro da sciencia, deixando immersa em dores a tua infeliz familia, o que vês tu, o que procurão teus olhos avidos de belleza, sedentos de luz e galas, o que vês tu ?

Subiste altas serranias, e contemplaste á teus pés, valles sem fim, e o mar que pela derradeira vez se despedia de ti, o mar que em amoroso amplexo abraça a tua terra de flores, e que em eternos brados suspira as desditas de uma sentença fatal ; após decestes e estenderão-se a teus olhos os campos que sonhaste infante, quando lias a legenda popular da tua patria e caminhaste até que afinal...a terra dos homens livres surgio á teus olhos !

Ambos, tu e o teu sendeiro saudarão a contentes !

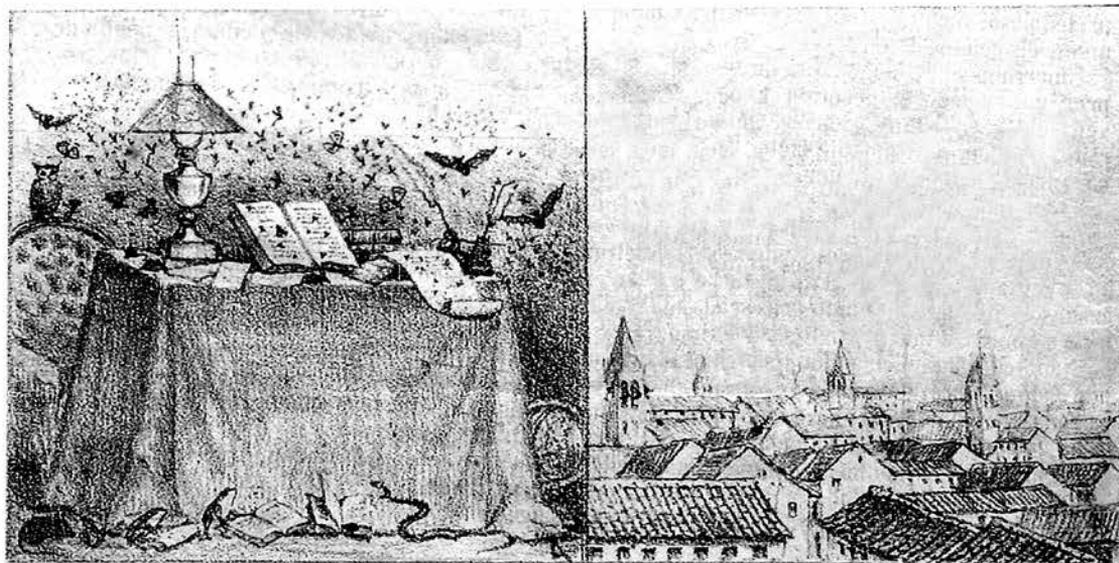
O que vês tu, mancebo ?

Ruinias, só ruínias ! E' esta a terra que eu sonhei vivente, phantastica, miragem no deserto, patria de heroes, El-dorado do amor, e da sciencia ?



Vas observar os astros ?
 Não : vou ao theatro novo.

—Minha senhora, uma contradação !
 —Não posso, tem vindo um *lote* de moços
 para me tirar.—Eu não danço mais.
 —Não admira, v. ex. é tão interessante
 e todos a querem por *madrinha*.



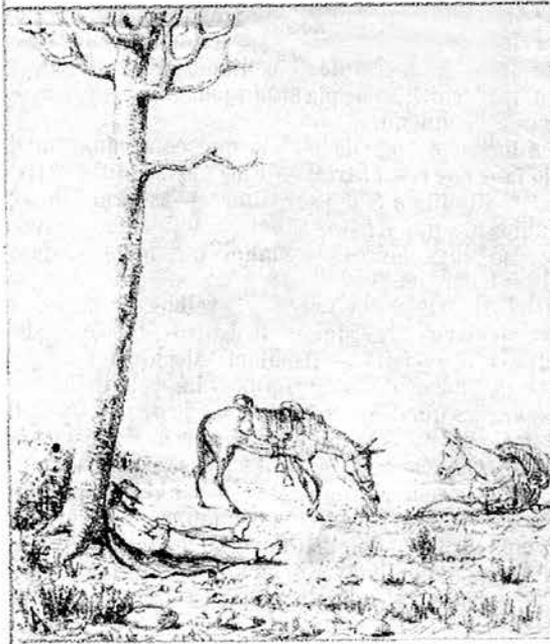
Os criticos entre nós !
 Serão estes os nossos unicos leitores ?

Os festejos em S. Paulo — á vol-d'-oiseau



Cathaclysmo commercial.

Resultado do dia 10 de Setembro



Velocidade dos nossos correios.



Um yassato de muitas rainhas, reduzido a posição de amar uma bananeira.

—E' esta a propria terra dos teus sonhos!... Não vês? Ella surge dos valles; aqui ostenta-se bella e radiante a natureza! Repara: lá se occulta no occidente o rei do dia, doira ainda nos ultimos reflexos as altas torres da cidade e o cabeço das montanhas; olha e contempla, e se no teu peito corre ainda o sangue juvenil, elle ferverá aos libios raios d'aquelle sol.

—Folga em contemplar esta paizagem! ella é linda ao romper da aurora, brilhante á luz do meio dia, triste ás horas do crepusculo, soberba á noite quando um lado da cidade dormita em trevas, e a lua resvala seu pallido clarão sobre a folhagem, e gemem tristes os altos pinheracs: phantastica quando em noites de borrasca, os lampeões tremejão, semelhando um tumulo cercado de toucheiros,

—Contempla! Em breve todo este encanto se esvaecerá á teus olhos, como um sonho febril, uma imagem do oriente; sacia teus pulmões com este ar que ainda é puro, resfolga e lembra-te de teus paes, e guarda bem os thesouros de tua alma, para que um dia os conduzas intactos ao fogão paterno!

—Oh! se é assim porque deixei-o! Se é assim...

—Não é tempo ainda, mancebo! Nem estas lagrimas te dizem bem, guarda-as para quando apertares ao peito a tua pobre mãe, agora aprende a rir, porque não levo-te á assistir uma tragedia, mas sim uma comedia junto á qual todos os Aristophanes e Molières deste mundo fazem bocejar de tedio!

A vida aqui tem seus encantos! Teus labios femininos não-de acostumar-se ao vinho, ao fumo, e ao trago da blasphemia e das injurias!

—Leste Rahelais, conheces Pantagruel?— pois bem são estes d'hoje em diante os amigos queridos das tuas noites e affirmo-te que terás tudo á ganhar, quando d'aqui saihres com as rosas da saude desbotadas, a argucia na palavra com o sophisma, e a faluidade: o que te fará querido das mulheres, e procurado pelos homens, não é verdade, meu cherubim, que uma tossesinha secca, um olhar tresvariado, a voz um tanto surda e enfraquecida, uma mão transparente, são um poderoso philtro, digno de Lovclace ou D Juan?

Eia! á caminho! Antes porem, reanima as tuas forças, e liba commigo deste saboroso nectar!

—Que bebida do inferno! Leve-te o diabo! Pobre criança. Não sabes o que é cognac? Em breve hasde sabe-lo e mais vezes clamarás por elle, do que os hebreus por maná!...

Eis aqui a cidade, entremos!

CHRONICA

S. Paulo 17 de Setembro de 1864.

Como principiar? Se todos os principios ja foram tomados por esses tantos chronistas—folhetinistas—noliciadores—conversadores que por ali apparecem—a tona dos jornaes.

Esta mania de escrever chronica foi a causa, creio eu, de uma grande descoberta (descoberta importante para os sabios e despendiosa para nós) «o meio de fecundar os jornaes» tanto que temos já filhos (e creio que até netos) com os nomes de suas mães e que farão perpetuar a familia.

As creanças lhes sejam leves—já que leves nos tornão ellas.—Não vão os leitores dar mau sentido á ingenuas palavras, não quero estar mal com os precursores de um novo «Times»—Não é ironia, porque se os filhos, de que fallei, crescerem.... onde pararão? pelo menos n'um «Times» pequeno.

Depois da noticia que começamos a dar—o que resta á tratar? Eleições? Politica? E o que é politica? Não sei leitores—asseguro-lhes porem—que frades, medicos, soldados, negociantes, engenheiros.... emfim nós todos só desejamos ser politicos.

Homens e mulheres, velhos e crianças, pobres e ricos, gorduchos e magros, brancos e negros todos fallão—discutem—decidem sobre os negocios de estado os mais importantes—até sobre as questões de gabinete—e como os seus discursos não são feitos de «cadeira» não podemos affiançar que suas decisões são «ex cathedra», porem em compensação são «ex-esquinas»....

E' um ponto lão commum—lão corriqueiro e sedico—que não deveriamos tratar aqui—porem já que houve principio—continuaremos. Os partidos estão tao partidos—e mesmo repartidos

que d'aqui á algum tempo nós veremos contallos, como ás galinhas—tantas cabeças. tantos partidos—e por fim de contas só serão deputa dos os pais de maior numero de filhos—e isto mesmo porque é natural que os filhos votem nos pais—Ha annos Napoleão I estava em duvida que premio daria ao cidadão que mais peccuruchos desse á França ; em pouco essa duvida desaparecerá para nós—porqe o premio será uma «cadeira de camara».

Acaso entendem elles que a «camara» é inferior ao salão e porisso offerecem as cadeiras d'aquella á qualquer que ahí anda sem tino e sem ideias?

E corre pelo povo que é sufficiente «rubinar» qualquer phrase para adquirir-se direito á mesma camara. Que paradeiro se erguerá á tudo isto?

Prosigamos já que nos mettemos em politica.—Consta que não havendo no Rio um menino que aceitasse a pasta de «estrangeiros». e como se souberse que Lady-Russel estava em seu estado interessante, mandaram convidar o futuro menino para aquella ; se ella é deestrangeiros? —porque não se a offerecerá á um estrangeiro?

Oh ! isto vae bem—oh ! lá se se vae? E não pára ahí... O que dizem, leitores, desse ministerio—impossivel por sua natureza heterogenea? Reunir em si os tres reinos conhecidos !!! O animal representado por «carneiro e pinto»—o mineral reunio «costas e campos»—e por fim de contas o vegetal, (pareceu-nos este mais espirituoso) enviár como epigrama uma «lima!» Precisava-se de uma lima—é certo, porem que fosse ella de melhor tempera, que podesse limar á todos á ponto de nos convencer que este ministerio não é «furtado!»

Depois de politica passemos ás artes—e com que artes fallarei, é que nem mesmo sei—tanto mais quando me convenci que ellas não se alimentão entre nós e que são passaros de arribação. Accresce que tendo nós escripto a palavra artes, descobrimos que é ella anagramma de «terás» e que terá é um futuro. Ai maldito tempo que te encobres com as letras da realisação do bello!

Eu te escommungo, és promessa sem garantias e muito tarde se realizará ella...

Agora ao theatro novo.

O espaço e curto.

A sala é bonita—segundo as regras de acustica dramatica—porem não sei se falta de timpanos—ou abundancia de buracos torna-a surda—mesmo muito surda.

Depois de estarmos na sala, não metemo-nos na critica do edificio) vemos desenrolar-se ante nós um mundo todo de illusões agradaveis. São os pannos, pannos não, são quadros que devemos ao pincel do sr. João Caetano Ribeiro. Combinação de cores, felicidade de imaginação, execução magistral, existem em profusão como attestados de que «nomes» que artistas como o sr. João Caetano alcanção têm bases e pedestaes firmes, e são duradouros.

Depois de levantar-se o primeiro quadro vemos os artistas dramaticos:são todos, intelligentes, mestres, genios, semi-deozes. e o que mais é, infalliveis como o papa!...

Amesquinha-se-me o espaço, e portanto antes de acabar, porque acabo antes de entrinchar-me pela critica de algum drama, o que farei depois, quero provar que a maior companhia de que tenho noticia está em S. Paulo, o que vou demonstrar por algarismos, senão ahí vejão :

	Galans	Centro	Comicos	Dejenais	Utilid.	Somma
Cardozo . . .	1	1	1	1	1	5
J. Eloy . . .	1	1	1	1	1	5
J. Victorino.	1	1	1	1	1	5
Vasques . . .	1	1	1	1	1	5
J. Augusto .	1	1	1	1	1	5
Petit	1	1	1	1	1	5
Henrique . .	1	1	1	1	1	5
F. Gonçalves	1	1	1	1	1	5
Esteves . . .	1	1	1	1	1	5

Somma total 45

Então uma companhia que possui nove artistas em cada genero não é uma grande companhia?

Eu excluo as damas (por delicadeza) não quero que digão ser ellas tambem inconstantes!
Boa noite. CLEOFAS.

Tpy. e Lith. Allema de Henrique Schroeder.



—Por tal preço, Senhor, não quero a *pasta*.

DIABO COXO

Assigna-se na livraria de M. da Cunha—Rua Direita.
Preços : Capital 12 annos 4\$ rs. fóra da Capital 5\$ rs.
Numero avulso 500

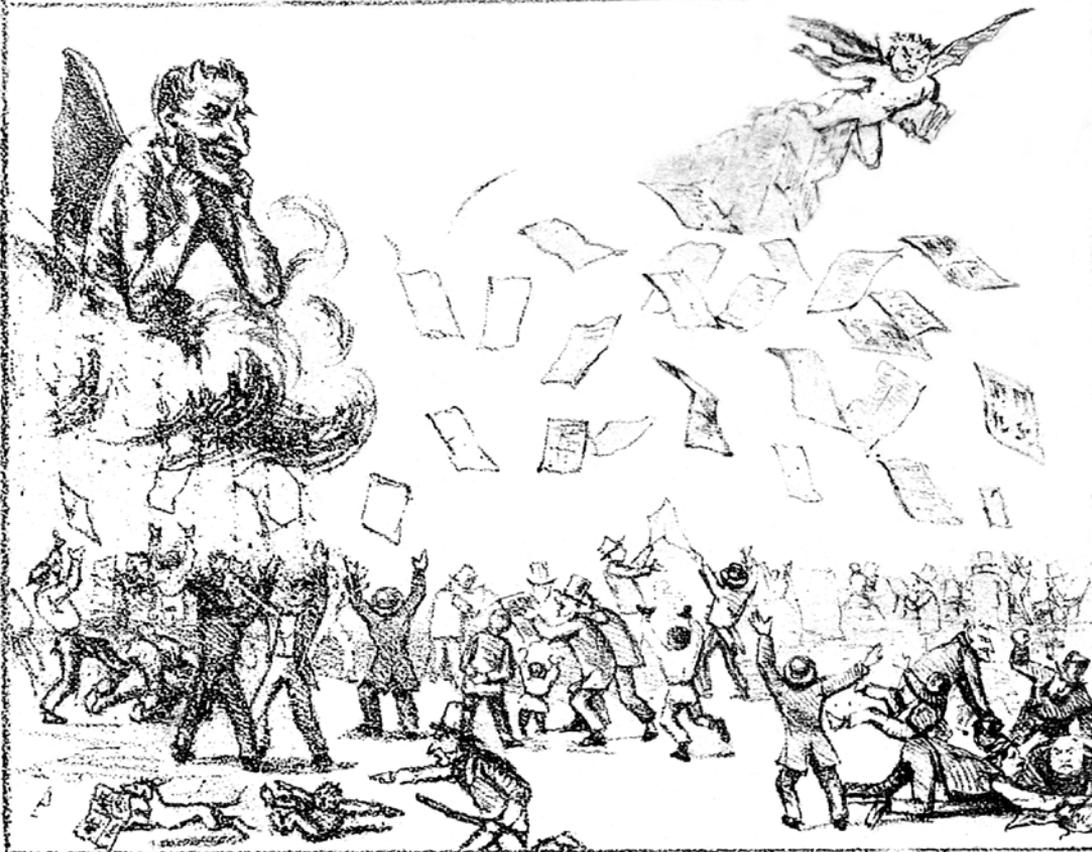


Acceptam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados, em carta com direcção á redacção na livraria do sr. M. da Cunha—Rua Direita.

ANNO I

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 2



Recepção que teve o «Diabo-Coxo».

ROMANCE D'UM ESTUDAN

II

Ha já tres mezes que o nosso heróe entrou na cidade.

Hoje mora elle n'uma casinha fora da cidade, toda cercada de brejos, de altos pinheraes.

E' noite : pelas vidraças, vemos luz o que denota que podemos entrar e ver o nosso homem.

Eil-o atirado ali á um sofá, dorme, pobre coitado ! dorme-lhe tambem ao lado o instrumento favorito desta nossa terra : um violão ; pelas paredes vê-se alguns quadros, quaes são elles ? Phrinça perante os juizes ! O grupo de Lãocoonte, e uma virgem de Raphael !

Caspitte ! Temos a Italia e a Grecia.

Em cima de uma mesa alguns bustos : o de Napoleão, Whashington e Garibaldi (os tres maiores nomes deste seculo na historia civil e guerreira nas nações) Byron, Goethe. e Michiesvich. (sem duvida os tres maiores poetas deste seculo.)

Está visto que o homem é romantico em litteratura, democrata em politica.

Que papeis serão estes, tantos e tão espalhados

Versos ! Santo Deus ! Estamos perdidos !

Continuemos. façamos nm minucioso inventario : pontas de charuto. flores murchas, cachimbos, fragmentos de marmore, um chicote duas esporas, um cavallo em bronze e uma photographia de mulher !

E' moça, sorri-se tristemente e parece no olhar vago, fitar um ponto longinquo como uma vela que se apaga no horisonte, uma estrela que desaparece nas ondas ; uma saudade. ou um futuro !

Quem será ? Uma irmã, uma prima ?

Não parece ter mais de dezesseis annos.

Tem o peito franzino, os labios entre-abertos como quem respira, um braço pouza n'uma meza, a mão segura o ramallete !

Um fio tenue do collar circumda-lhe o pescoco, e uma cruz lhe orna o peito !

Quem será ! A heroína de um romance ? O retrato de uma visinha, a lembranca de algumas ferias ?

Quem sabe ?

Tudo é possivel na vida do estudante !

Aquelle retrato é o de uma virgem e talvez, porque não ?... ou de alguma Marion ?

Continuemos.

Papeis de musica, uma espingarda de caça, um piano, um punhal, uma dissertação de direito romano (infeliz !) e uma caveira.

Santo Deus ! O nosso homem já teria sido um discipulo de Esculapio ?

Teria lido essa desgraça ?

Tanto papel !

Se lessemos algum ?

Talvez que alguma cousa soubessemos á respeito d'este estudante vadio come um poeta, ordeiro como um geographo.

Vejamos estes versos :

Forão-se as illusões....

Tão cedo ? ! Está perdido ? Cahio na escola sentimentalista, é moda, passemos adiante.

Uma pagina de prosa. Vejamos:

Viver no descampado, ouvir á noute surgir do brejo, das moitas, dos montes, dos valles, mil vozes, mil canticos : todos elles se casando n'uma harmonia indizivel que parece diser—Deus !

Deus, o Deus infinito, unico, mysterioso, e não o Deus pantheista de Spinoza, flor e aroma ao mesmo tempo, monte e valle, sombra e luz, morrendo mil vezes n'um instante, e outras tantas revivendo ! Spinoza ! a loucura nas formulas da rasão ! O vertiginoso feito sensato e logico ?

Estou só : a cidade ei-la distante ; é noite, como tremção os lampeões em frente do convento !

Parece que todos repousão ! Só eu vélo !

O que tenho eu no cerebro !

Nuens que a idade madura, esvaecerá ?

Realidades !

Realidades, que se tradusem em meia dusia de ritmas !

Escarneo !

Aqui deve haver mais alguma cousa ! mil devesas se me apresentão aos olhos, por qual tomarei ?

Sciencias positivas, sociaes, estudos litterarios !

Louco ! Querer separar todas essas cousas !

Todas ellas fazem um corpo, e deste salta uma unica scentelha ? a verdade.

A verdade no finito, no tempo, no passageiro. Que blasphemia.

Eu desatino.

Será febre, ou é que me corre nas veias as lavas d'esse licor que bebi?

Não. Estou em mim. Penso, existo.

Fichte o que buscaste provar com a tua não existencia da materia ? Decididamente eu desatino.

Ella era tão boa tinha apenas desesete annos. Era uma flor !

Pelas vearseas da fazenda quantas vezes eu e ella partimos, ao romper d'alva, parando a cada incidente do caminho para admirar uma perpetiva, calando-nos a cada instante para ouvir o cantar dos passaros !

E depois !....

Para onde foi ella ? aonde está...

Oh ! meu Deus ! minha mãe.....

Decididamente esta cidade é muito estúpida. Franck tomou hontem uma bebedeira, espancou a patrulha, e está processado.

Aonde virão isso ?

Pois eu heide tomar dez...

Aqui para o theatro : tratemos agora de acordar o homem.

MOVIMENTO THEATRAL.

Apezar de dizerem que o theatro é sempre o espelho pallido das vaidades mundanas, das virtudes e vicios da humanidade, eu não concordo com esse «sempre» tão exquisito, com essa eternidade representada por duas syllabas.

Quem como eu vio as «Duas paixões», certamente será da minha opinião. E' impossivel que no seculo dezenove se passem ainda tanta sandice, tanta estupidez !

Ha momentos porém em que o theatro eleva-se a altura, que lhe compete ; nesses momentos, o homem que comprehende, que ainda possui coração, não se atreve a negar que desenrola-se ante seus olhos um quadro lugubre ou festivo, alegre ou triste da nossa vida social. Então sim, o theatro é o reverbero do mundo : por

exemplo domingo passado quem não vio essa historta triste de murchas primaveras, que fugirão, esse conto lugubre da pallida Margarida Gauthier, a prostituida que ama mais ardentemente que a languida donzella de hoje ?

Margarida Gauthier no meio dos turbilhões immundos de Paris, a devassa, orgueu-se como o cysne d'entre um lago lodozo ! Que importa que a sociedade não a receba em seu seio, que importará que as «virtudes» suas contemporaneas lhe voltassem o rosto ?

Soffreu e amou muito na terra.....o Céu é d'ella !

Dorme em paz perola do lodo, candida pomba a esvoaçar no espaço poento ! Quem te comprehendeo que deixe cahir sobre o teu sepulchro uma lagrima de saudade.

Uma lagrima e uma prece pela cortezã é um peccado de menos que fica, uma regeneração mais completa que se lhe offerece.

Margarida Gauthier morreo ; sua historia de tristes e variados episodios foi narrada ao mundo pela habil penna de Dumas filho.

No theatro appresentou elle um resumo da vida d'essa mulher sob a denominação de «Dama das Camélias».

Ninguem ha que desconheça o drama de Alexandre Dumas filho. Um composto de bellezas de principio a fim, scenas arrebatadoras a succederem-se umas as outras, eis o que é a «Dama das Camélias».

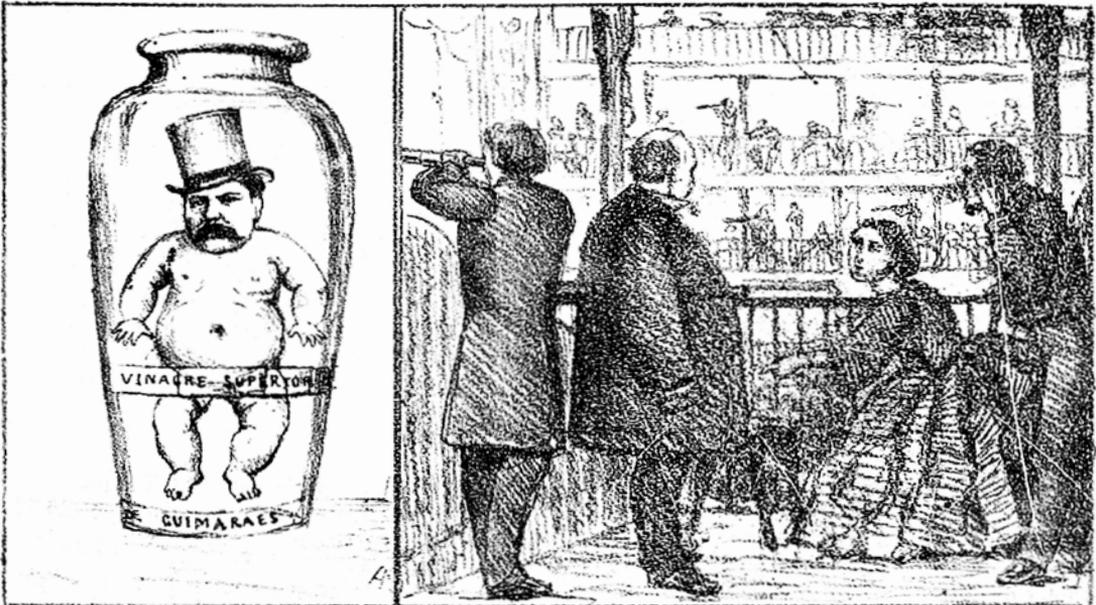
Deixemos pois o drama e fallemos do seu desempenho.

Gabriel a da Cunha, a protagonista fez o que lhe pedia o papel e o que lhe ordenava a arte. Esteve sublime.

A mesquinhez de espaço não me permite enumerar aqui as bellezas, que deu ao papel. Só direi que essa morte lenta da phisica, no meio de suores mornos foi tão bem apresentada que julgámos estar vendo a passagem rapida da vida do mundo para a do Céu, mas a passagem real, lugubre como um suspiro do muribundo.

Comprehendi hontem que Cardozo jamais será um bom galan.

Má ou pessima declamação, como quizerem, movimentos arrebatados, posições forçadas, são

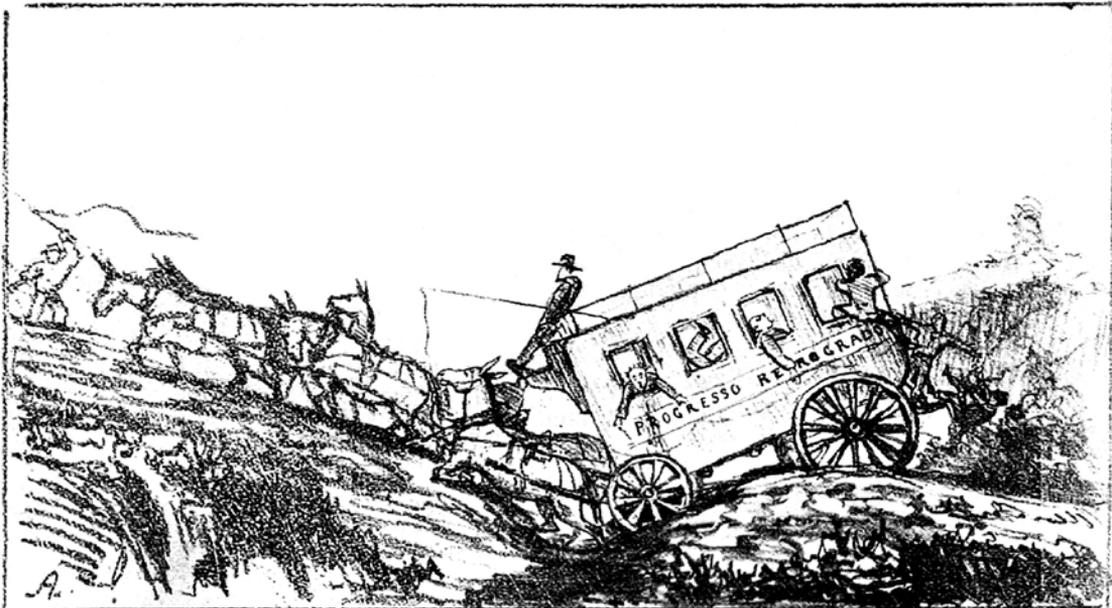


A innocencia engarrafada.

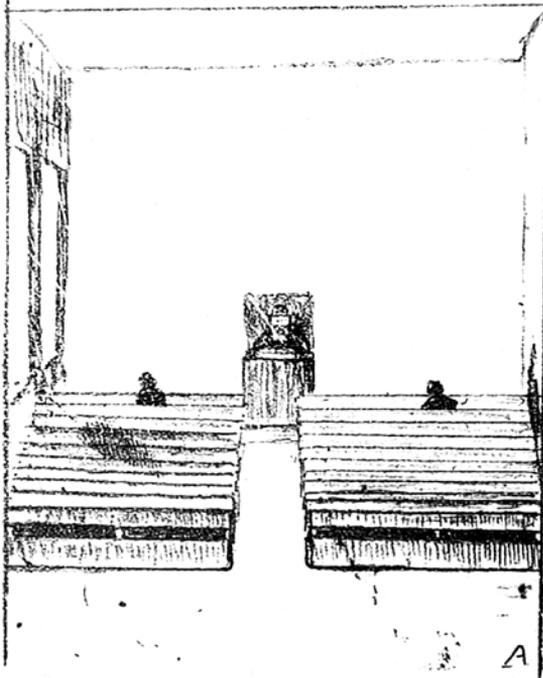
—Vovô, sente-se para ouvir o «Borboletis mo».
—Eu já vi esta «opera»: responde o gorducho cidadão.



—Conhece V. o director d'aquelle collegio?
—Ah! ah! —não vês que são maçons.



Commodidades de uma estrada de rodagem.



Últimas sabbatinas.



Febre photographica

os dotes principaes do sr. Cardozo, que no entanto é feliz nos «degenais.»

O final do terceiro acto foi a unica cousa que me agradou em todo o drama.

Desceio porem no final do quarto : —foi ridicula a scena do desafio. O pugilato é hoje inadmissivel no theatro

Dito isto esperemos pelas novidades theatraes para transmittir aos leitores.

Até domingo.

YAGO.

O PROGRESSO E S. PAULO.

O' compadre, o tal «São Paulo»
E' «politico!» Não crê?
Pois olhe que o acredito,
E digo a razão por que :

Não é mentira, compadre!
Sinceramente confesso
Que este santo padroeiro
Se não teve—tem «progresso!»

Veja lá como na «Sé»
Não querendo estar sosinho
Convidou ao outro apostolo
«São Pedro» para visinho.

Uma «cadeia» era pouco
P'ra servir de detenção :
Foi á Luz, e forjou outra
Chamando-a de—«Correcção».

Não quiz que houvesse um só «credo»
N'este paiz dedoutores ;
Poz em campo as duas hostes,
«Liberaes—Conservadores».

O «Correio Paulistano»
Não bastava p'ra polemica ;
E foi á «Direita—rua»
Fundar a «Imprensa Academica».

D'uma «Crença» de papel
Outra «Crença» fez brotar ;

Muitos lêem as duas «Crenças»
Sem «crença» de as assignar.

Era pouco um só «theatro»,
Outro «maior» fez erguer ;
E alem da «estrada de fer. o»
A de «rodagem» quer ter !

Dizem tambem que das «lojas»
E' freguez e santo membro,
Quando não vae na «Amizade»
Vae á «Sete de Setembro».

Mesmo a respeito de «bancos»
Faz as suas transações ;
Porisso, conta e desconta
No «Mauà» nos «Gaviões».

Emfim, se na freguezia
Do norte, o céu faz-se azul,
O céu se torna de negro
Na freguezia do sul.

Creia, compadre, que o santo
E' sancto d'ideas lactas !
Não sei se gosta de «ligas»
Mas gosta das «duplicatas».

ANEDOCTA.

Um sujeito compoz um drama, que mandou publicar, e poz á venda em uma loja 50 exemplares. Passado um anno, mandou o author buscar o producto, e o dono da loja enviou-lhe 51 exemplares e nada de dinheiro. Então o «dramaturgo», meio zangado, mandou perguntar que diabo de historia era aquella pois que os exemplares erão 50, e lhe forão entregues 51. O dono da loja respondeu—que lhe enviava um de presente pelo favor de lhe haver «desentupido» as prateleiras.

CHRONICA

Serei eu muito breve apesar da semana ter começado por fogo e acabado por gelo, apesar

de terem findado as novenas e ter havido um sermão...

Sabbado as tres horas da tarde já a multidão corria apressada para o largo da Sé, agrupava-se, beliscava-se e gritava, á espera do fogo de «artificio».

«Era meia noute os sinos da Sé davão duas horas» (não é meu) quando os foguetes annunciarão o principio do mesmo fogo; povo, luz, badallos estavam cansados de tanto esperar, até os proprios foguetes linhão perdido, na espera, as forças e voltavão a buscar, na terra, repouso, queimando aqui e alli um ou outro curioso. Depois ouvi gritar: JÁ COMEÇOU O FOGO, aquellos que gritavão fazião—no não porquê vissem alguma cousa, mas porque sentião-se suffocados pela fumaça: e eu fugindo á asphixia, disse comigo—«pas de fummeé sans feu»—foi assim que eu tive conhecimento do tal fogo de artificio, que por artificio do fogueteiro não se via, sentia-se.

Tão inconstante como a temperatura nesta semana só conheço a labuleta do «Hotel Paulistano» que tem a habilidade de mudar de nome de semana em semana. Chuva e sol, lama e poeira no mesmo dia e na mesma hora, oh! que caprichos atrevidos tem esta natureza de S. Paulo, mais caprichosa talvez que as leitoras (é a maior hyperbole que posso fazer) tão inconstante que atirou-nos gelo, muito gelo, tanto que houve sorvetes em S. Paulo. Felizmente um visinho meu, offereceu-me alguns, para provar, não ha nada melhor que um visinho bom.

Subiu á scena no domingo o drama «A dama das camelias» representado magistralmente pela s.^a d. Gabriella e supportavelmente pela quarta parte dos artistas que nelle tomarão parte. «O mise—en—scene» desta vez foi diferente, pelos dois lampeões e um lustre. Então o mesmo arranjo de scena com mais uma libra de vellas não é bastante? Para que mais sallas e mais mobílias? Para que cortinas da mesma fazenda quando «varietas delectat»? Assim mesmo está «bem bom». E nós não temos que nos queixar, a empresa tem plena confiança na nossa imaginação e responde-nos que «fazamos de

conta». Fazamos de conta, por exemplo, que aquellas sallas tem tecto, que são bonitas que ha mobílias e scenario em relação á epocha.

Um annuncio importante foi o que chamou o povo ao spectaculo de domingo—«Dama das camelias, e um pano de bosque»: era uma novidade para mim que conhecia o drama e uma emboscada aos incautos que esperavão ver camelias em bosque, porem os intervallos forão tão grandes, que a platêa não perguntou pelo bosque, nem chamou Gabriella a scena duas cousas que me admirarão: tão cansada estava ella. Se a empresa continuar a offerecer-nos intervallos como aquellos, pedimos-lhe ou camas ou alguma companhia para representar dramas e comedias durante os mesmos intervallos.

Antes de concluir faço menção de um duello que causou-me especie—era nma outra cousa que devia fazer parte do cartaz:—«Um duello á soccos».

Pobre Varville.

Boa noite.

CLEOFAS.



A' ULTIMA HORA.

Corre por ali que a empresa do nosso theatro desejando variar os expectaculos e contentar todas as exigencias mandou a toda pressa escripturar no Rio de Janeiro

UMA COMPANHIA LYRICA

Os campanologos escosesses (concerto de 150 campainhas.

A tragica Emilia das Neves !

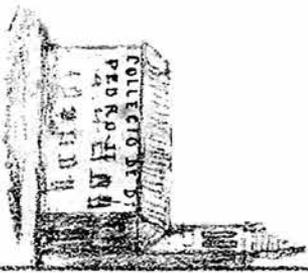
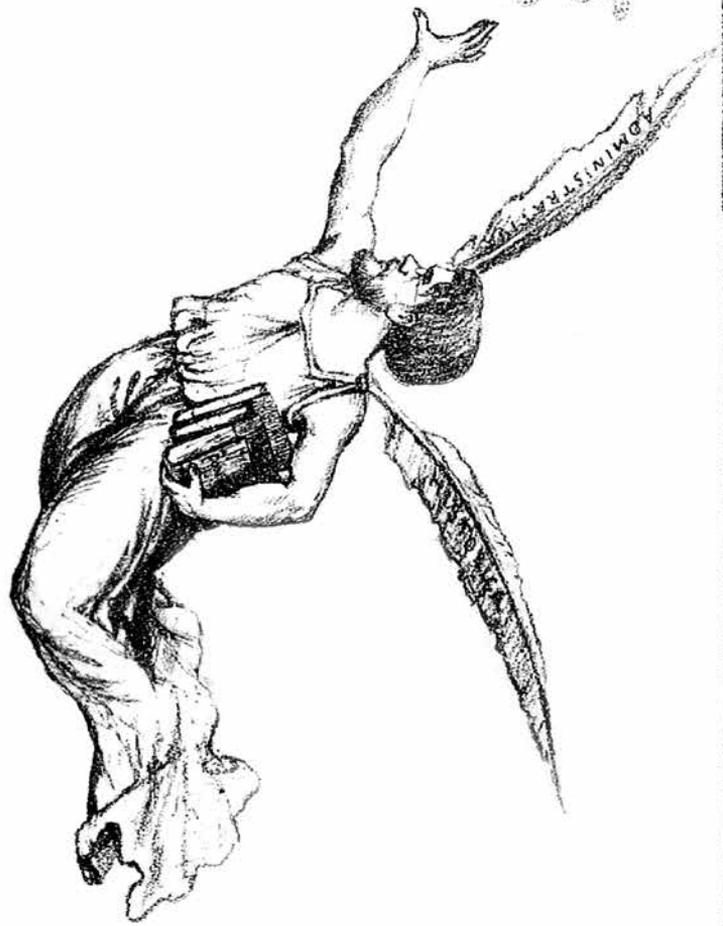
E a companhia Bartholomeo para trabalhar nas tardes dos domingos.

Alem disto vai montar-se novamente a Escal-la Social. O ultimo da familia, e as Duas Paixões.

Onde irá isto parar ?

O Diabo Coxo já lá foi para o Rio para verificar a veracidade desta noticia—o resultado elle dará no domingo proximo.

Essas não são de Icaro



Acceptam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos ou desenhos

DIABO COXO

Assigna-se nesta typographia—Rua Direita. Preços : Capital 12 numeros 49000rs. fóra da Capital 59000 rs. Numero avulso 500



ANNO I.

JORNAL DOMINGUEIRO.

N. 3.



O Diabo-coxo agradece ao jornalismo—a recepção que lhe deu

ROMANCE D'UM ESTUDANTE

Eia, Silvano, accorda! Roncas como um frade suíço. Ergue-te! E' já tarde. Que doce que está o ar? Dá vontade de beber!

O moço voltou-se no sophá, e mostrou uma cara a mais aborrecida possível: tinha os olhos fundos e rocheados: ou não tinha dormido nada ou então s'erguia de grande bebedeira.

Decididamente Silvano tinha os inteiros característicos de um poeta da epocha: borracho e preguiçoso!

Levantou-se quando o sol já estava em meio caminho, accendia um cigarro, engolia tres chicharas ou mais de café, e de espingarda ao hombro, peito descoberto, cabello ao vento, se atirava ao campo!

Sem cuidados pelos passaros que se lhe cruzavam no caminho, parava aqui á borda de um tanque, e ouvia minutos esquecidos o cantarolar dos sapos; alli deitava-se á sombra de alguma moita, e extendia os olhos ao longe vendo os bois espichados na relva, as egoas a nitrirem, os corvos correndo em bandos de um lado para o outro!

Philosophava em pleno dia, um pleno campo! Que melhor compendio existe por ahi aonde mais eloquentemente se falle de Deus, dos astros, do destino ou do homem?

Voltava ao depois para a casa, almoçava como um digno prior ou abade, fazia honras ao—Bordeaux—como um verdadeiro francez, ao—porto—como um inglez no jantar.

Não era sómente um almoço, era o que podemos chamar:—um almoço—jantar.

A' sobre-mesa discutia com os amigos um ponto de philosophia, a questão de uma rima, e concluia tudo com a narração de passados e amores.

Isto acabado tomava o nosso amigo de um violão, em quanto outros ião ao piano, á rabeca, á flauta, ate que a final cada um cahia por seu lado este recitando versos, aquelle bocejando, ou declamando sobre politica.

A' noite... era uma existencia febril e louca a que elle levava: pela manhã apparecião quebrados os lampeões da cidade tres queixas na po-

licia, e quatro ventas arrebetadas, e tudo estava ditto.

A's vezes, o que ião fazer esses bohemios! Vião-nos montar a cavallo, desapparecer na estrada, e depois crão os echos de ruidosas gargalhadas; e os sons de um cantico tristemente sentimental.

Meu Deos! O que ha ahi mais bello do que a mocidade?!

Neste ponto da sua narração o author poderia citar algumas phrases latinas de Properecio, ou os versos cantados outr'ora por alguma franceza na ceia de algum hotel, ou no palco de algum café-cantante, mas não... tudo isso seria nimiamente sentimental nesta occasião.

Silvano era pois o que nós chamamos um poeta.

Poeta! O que é um poeta?

E' todo aquelle que não sobre-carrega inutil e estupidamente a cabeça com meia duzia de ordenações empoeiradas ou sabendo á mofa, é todo aquelle que não affecta uma seriedade sem causa, engravatado até aos queixos, caminhando regularmente como a pendula de um relógio, que usa de oculos para não uzar d'e lunetas que fala sempre em dinheiro, n'um casamento rico, e que nas suas ambições o mais alto ponto é ser tabelião, agente de correio, ou primeiro eleitor da sua parochia, que lê avisos e regulamentos em vez de versos, e que prefere Vallasco ou Guerreiro a Byron ou Skeáspeare.

Silvano ergueu-se:

O que me querem vocês?

Ver-te, fallar-te! Não te lembras de mim, o teu companheiro de viagem?

..Ah! és tu... o diabo?

Assim me chamão, mas fica certo de que o sou tanto como tu: rio-me das sandices dos homens, escondo as minhas dôres, leio algumas vezes nos astros o que não me dizem os livros santos, passeio á noite pela chuva ou pelo vento sem te: nunca ficado doente, tenho mil talentos que, me fazem querido na sociedade, sou algum tanto poeta, porém não faço versos, porque por si só, é já o meu todo uma riquissima estrophe.

Agora tú, o que tens feito, que tal tens achado a cidade: conta-me tudo que se tem passado e que se passa em ti; acompanha-me este meu amigo que é dado á mania de escrever e que decidio fazer photographias Moraes, se admittes a phrase—Sejão ambos bem vindos, bebão se tal lhes agrada; ha do melhor, e a tarde vai fria. A minha vida tem sido simples, porém atormentada, contal-a não é necessario, toda ella está escripta n'aquellas folhas de papel que alli estão vendo, e mais que tudo n'esses ramalhetes murchos, n'estes quadros, nas minhas musicas n'estas linhas escriptas na parede, n'estes desenhos....

E aquelle retrato?

Aquelle retrato... é um segredo, bem triste!

Desde que esta menina morreu, e eio que existe um céu, e á noite, não me pejo de confessar-te, á ti, que me pareces o diabo, eu reso á ella, como se o fizera á uma sancta, e por seu intermedio eu pratico com Deos!

—Ah! ah! Estás soberanamente romantico, meu amigo! Como é enfadonha a poesia fóra dos livros! não te zangues, fazes bocejar com a tua lamuria!

Dá-me beber

Caspite! Isto sim é poesia, e Baccho vale-me muito mais do que todos os teus Homeros e Byron!

Quem sabe!

Tocas piano: cantarolla-me alguma canção que irrite os nervos, e afunde a alma em mil pensamentos. Não seja Verdi, nem o proprio Rossini, a Italia é por demais languida, enerva e faz adormecer. Dá-me sim Meyerbeer, Mozart, D. Joan, Huguenotes, ou Roberto do Diabo.

Essas sim, são partituras de musica, valem bem uma tempestade no mar, os transes da morte, a luta de Jacob, a sentença de Prometheo, ou as desditas de Job.

Tudo o mais só pode agradar á mulheres ou a envernizados dilletanti almiscarados.

Silvano chegou-se ao piano, e principiou a tocar um pedaço da opera de Mozart, as scenas entre Leporelli, D. Jean, e a estatua do commandador.

E' uma musica sinistra, essa, parece partir

de um tumulo e o homem sente congelado o sangue, em quanto mais e mais se alteia a phantasia!

Bravo, meu Lister, agora a historia, é noite, o scenario é o mais apropriado, eia!...

Sim, aqui estão os papéis, vou lel-os:

(Continúa).



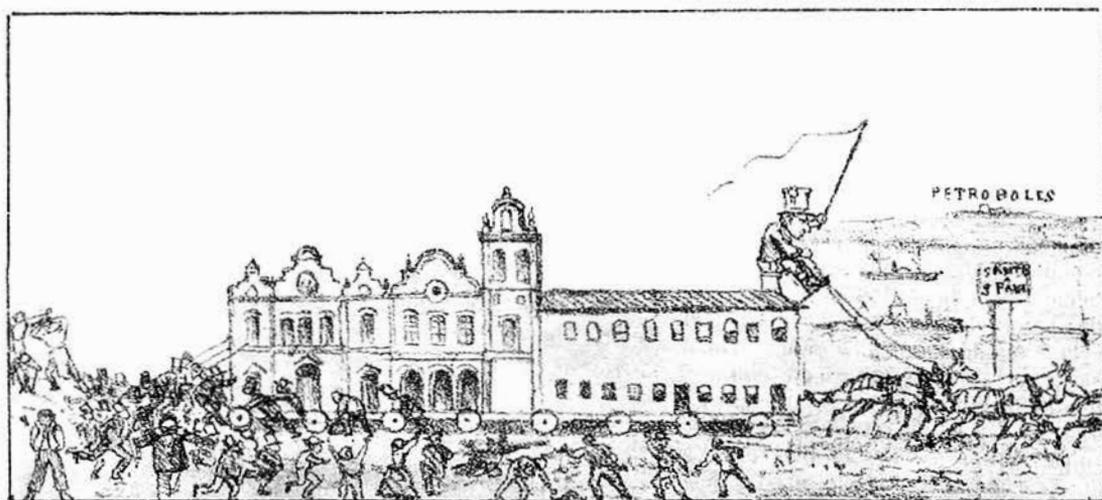
PARABENS AO DIABO COXO

Compadre, você ja viu
Certa mocinha faceira
Deixar de ser linguaruda,
Deixar de ser janelleira,
Sem mais dar aos que passeam
Seu engraçado «mochoso»?
Veja lá como emendou-se!
Parabens ao Diabo-coxo!...

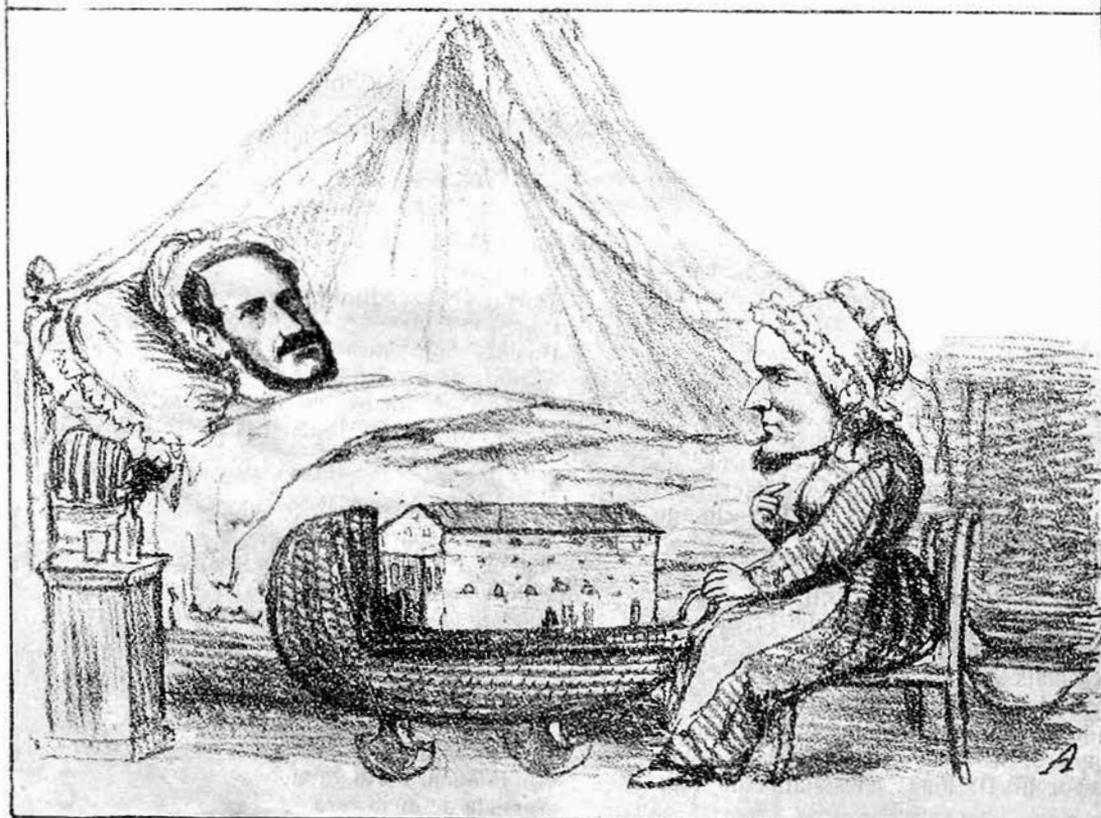
Vio tambem aquelle «cujo»
Namorador de bitola,
Deixar de fazer tijolo
Com seu «pince-nez» de mola:
De dia—feito macaco,
A' noite agoureiro mocho?
Temcu que fossem-lhe ao pé!lo!
Parabens ao Diabo-coxo!

Vio tambem certo empregado
De certa repartição,
Não mais murmurar dos outros,
Não mais lesar a nação,
Quando em você lhe failavam
O nariz ficar-lhe roxo?
Ficou com medo, o coitado!
Parabens ao Diabo-coxo!...

Vio tambem certo gaiato
Versista de meia cara,
Deixar de fazer mais versos



O sr. senador Jobim—conduz a academia para o Rio de Janeiro!!! Que sonho!!!



Graças á Deos tive um bom successo.
Graças á Deos não, graças a mim.



Quem quer attestados.—4000, uma dor de estomago.—E' barato meus senhores.—Qualquer molestia pelo mesmo preço. E' de graça senhores.

Comprimeto de um artista *galar.*



Volta da festa da Penha

De «metro», «covado» e «vara»,
Com que matava os ouvintes
Fazendo um poema froxo?
Temeu-se da «carantonha»!
Parabens ao Diabo-coxo!...

Vio ta bem certo pedante
Com fumos de sabichão,
De mil charutos filante,
Nas asneiras u... Cofão,
Perder ambas as manias,
E hoje estar quedo e choxo?
Temeu de ver-se pintado!
Parabens ao Diabo-coxo!...

Vio finalmente, compadre,
Certo «valente» de arromba,
Como agora anda mansinho,
Murcha a crista, e baixa a tromba?
E mesmo certos «vinagres»
S'tarem com medo do arrócho?...
«Ridendo castigat mores!»
Parabens ao Diabo-coxo!



Preparando-se uma menina para ir a um baile com sua mãe, disse-lhe esta:

—E' preciso mesmo que te enfeites o melhor possível, e que dances com certa «faceirice» para achares algum namorado que se case comtigo.

—Namorados, minha mãe? Já tenho «oi'os».

SPECIMEN DE ESPIRITO DE ALGUNS LITTERATOS

Um snr. da rua;—Adeus, como estás?
Um snr. á janella:—Em pé, e tu como vaes?
O snr. da rua;—Sobre minhas pernas.

A. Deixe-me, deixe-me. . . vou escovar o pêlo!

B. De quem seihor?

A. De...de... de meu chapéo.

1 O que trazes no pescoço?

2 E' a minha gravata.

1 Ora é tão imperceptível que parece um pensamento.

2 Pois bem amarra-me este pensamento.

SPECIMEN DE REDACÇÃO.

Merece attenção a seguinte declaração—cujo authographo está em nosso poder.

Esta tabella vigorará até sabbado

Se houverem alteração participa-se

SPECIMEN DE ORTHOGRAPHIA

En Consequencia de ter adoecido o Actor Cardoso o Espetaculo de Hoje fica transferido para etc. etc.

SPECIMEN DE ANNUNCIOS

FABRICA DE CAROAGES DE JULHO ADÃO DE
BERLIN.

FASCE CONCERTOS DE RELOGIOS ETC.

COCHEIRA E PROMPTIDAÕ.

CHRONICA

Hontem foram encerradas as aulas,—deveis sabel-o.

Mais um anno, mais uma quantidade de bachareis, mais uma chuva de pretendendes.

Vida real e positiva que succede aos sonhos e as illusões; casamentos encommendados, noivos promettidos, por outra, lettras que se vão vencer em pequeno prazo.

Ultimo raio de illusão que vae morrer, porque o crepusculo dos sonhos academicos é o casamento, ou o emprego.—Emprego ou casamento é a felicidade para os que se despedem dos «bedeis», dos «bancos».

Quarta-feira teve lugar o espectáculo já uma vez transferido pela rapida molestia do ensaiador. Felizmente o mal foi de instantes; apenas a policia recebeu a noticia da transferencia—restabeleceu-se o sr. ensaiador do encommodo momentaneo.

Dou-lhe parabens.

Em tudo vae havendo progresso; antes dizia-se—«o bilheteiro adoeceu», isto hoje eria de mão posto, então levaram a molestia para uma posição mais elevada e dizem—«adoeceu o ensaiador».

Já disse na chronica passada o que havia de mais notavel na execução da Dama das Camélias: Uma Prudencia de poucos annos e um «gaião» de poucos cabellos. Aquella esqueceu-se de que a «prudencia» vem com a idade, este que representava Armando, moço encantador de vinte e dous annos, e só por originalidade, comprehendendo que Margarida se apaixonasse por um Armando de tão raros cabellos.

Para que tanta economia sr. Empresario?...

Mais meia dusia de cabellos é que lhe traria aliazo?

Annuncia-se medico das crianças, dizem ser traducção do «actor Lopes».

Já ouvi dizer muita couza neste mundo: que a montanha deu á luz ratos etc. etc. porém que se traduzisse do francez sem conhecer-se francez? Nunca, nunca ouvi dizer em minha vida.

Para traduzir-se d'uma lingua não basta conhecer-se o Monsieur tal ou Madame tal, precisa-se mais alguma cousa.

Desculpe, porem é certo.

Emfim venha o o artista Lopes, e farei todo possivel para que os litteratos offereçam um premio ao novo irmão e collega.

Ao menos o sr. faz mais que os outros: elles traduzem conhecendo a lingua franceza, o sr. traduz sem ter noções d'ella.

Os milagres não se explicam.

O medico de crianças.—Deus queira que o sr. Lopesinho não seja o matador da propria «criança», se assassinal-a eu o denunciarei como «infantecida».

Tenho plena confiança no seu merecimento, sr. Lopes.

O «Diabo-Côxo» sabendo da vontade que todos vós, leitores, tinheis de estar hontem no Rio—para assistir ao casamento de S. A Imperial—offerece-vos o retrato do sr. Conde d'Eu, hoje nosso Principe—ao menos mata-vos em parte a curiosidade.

CLEOFAS





Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu.

Acceitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos ou desenhos.

DIABO COXO

Assigna-se nesta typographia—Rua 1. Direita. Preços :; Capital 12 numeros. 4\$000rs. fóra da Capital 5\$000 rs. Numero avulsó 500



ANNO I.

JORNAL DOMINGUEIRO.

N. 4.



A «Diabo-Coxo» tem a honra de apresentar ao publico o joven rabequista.

ROMANCE D'UM ESTUDANTE.

O romancista, e o sujeito mysterioso embusinarão os ouvidos e Silvano principiou a ler as suas :

PAGINAS INTIMAS.

—O que tenho eu feito até hoje na vida ? Nada. Hei passado como um perdulario, gastando os dias em palestras insansas, as noites em sonhos e em doidas leituras, que cada vez mais emfebrecendo-me o espirito, prostão-me o corpo.

Como um soldado no meio das batalhas, tenho visto cahirem um por um todos os meus companheiros da infancia, e o que é mais, meus pais e os meus mais proximos parentes.

Atirado assim no mundo, só, senhor de mim, e de meus actos, toda a minha existencia tem-se balanceado entre dous extremos : ser muito e muito, subir até ao mais alto grão da vida social, chorar como Alexandre por não ter mais mundos a conquistar, ou então...dar em cousa alguma, n'um poeta não edictado ou na caricatura de um nabado.

Ser ou não ser, não é esta toda a questão da vida ?

Criança ainda, tenho procurado com febre, com desespero, os segredos da vida moral, as entranhas do reino animal, as molles em que se volve esse globo de terra, grão de poeira, no espaço infinito.

Para isso, tenho enfraquecido os olhos nas letras e nos pergaminhos, prostado a imaginação, a alma na vida contemplativa.

Ambos estes estudos completão-se : o que todos os poetas, magos e historindores não poderão dizer em todos os seus livros e pergaminhos, o que todos os antigos reis deixarão de gravar no granito, no marmore, ou no bronze, o que o facho das revoluções não clareou na vida social, dizem-o, escrevem-o, clareão, a tarde e a manhã, a sylvo dos campos, a elevação abrupta d'uma montanha, alluvião do terrenos baixos, historia de revoluções que tem passado, transformado, feito progredir o mundo phisico e moral, o terreno e os habitantes.

E' certo que tudo isto será uma loucura, de certo que um dia virá em que eu me arrependa de não ter passado indifferente por entre tudo e todos que me cercavão, de não me ter somente aproveitado de um bom raio de sol, de um bello clarão da lua ; de não ter deixado a arvore da sciencia pela arvore da vida, e n'esta ter colhido os mais bellos e doirados pomos.

Talvez seja esta a verdadeira sciencia.

Dividir a vida nas quatro estações : na primavera

correr pelos campos, galgar as montanhas, atravessar as ondas, coronar-mo-nos de verbena e cantar com a natureza inteira ; no estio o mesmo viver : descansando á tarde dos ardores do sol, correndo ás lutas, nos jogos como os gregos antigos ; no outono poupando já a vida, e vivendo mais pelo espirito ; no inverno enfim sentado no lar, aquecendo ao fogão domestico o corpo já frio e caçado, já perto do tumulo, unguido pela approximação da morte, dizer aos que ficão palavras de paz, e de amor, e firmando n'elles a fé, a crença de um mundo melhor, e de um Deus infinitamente justo e misericordioso.

Mas não ! Por mais doces que nos saibão os fructos da arvore da vida, os da arvore da sciencia nos tentão mais e cada um de nós é arrastado como o foi Adão, condemnado como o foi Prometheo.

Sei que tudo isso é a duvida, a perplexidade natural da primeira idade, mas nem por isso deixo de levar em claro as minhas noites, e nem deixa o meu espirito de correr da idéa do fundo á da forma, da substancia ac modo, do infinito ao infinito !

II

Ella é a descendente da mais fina aristocracia... (curioso cousa ! eu amante, filho do povo, não estimo senão a mulher aristocratica !) Não sei se é bella : a belleza está no nosso modo de vêr, ou está no objecto ?

Terá quando muito vinte annos : é uma flôr à meio desbrochada : a mais bella phase da sua vida ; casão-se então ao brilhante das côres, á doce rigeza das formas, os perfumes vertiginosos.

Parece sempre distrahida senão triste : seu olhar perdo-se ao longe, no desconhecido, como olhar de poeta ou navegante.

Ha dias a vi : da sacada da sua casa, olhava o crepusculo ; estava serena, mas parecia no todo no olhar, na leve inclinação da cabeça, no sorriso induzível dos labios que um raio de tristeza a banhava inteira.

Olhei-a e não sei porque recordei-me de Ossian, da neve, da estrella do pastor !

Que intima harmonia existe entre a mulher e a natureza inteira : será que esta é o quadro d'aquella divina imagem ?

(Continúa.)

VOU E VOLTO

Vou dar um giro, compadre,
 Vou passeiar a Campinas :
 Findaram-se *vs sabbatinas*,
 Meu purgatorio moral.
 Tambem os *pontos* malditos
 Fizeram ponto final :
 Dei *trinta e nove*, compadre !
 Oh! que vulgarismo fatal !....

Por um triz, *mon cher compère*,
 Não vou de ventas ao chão ;
 Por causa d'uma paixão
 Quasi naufraga o baixel !
 Porém safei-me, compadre,
 E' meu amigo o *bedel*....
 E pode crer que sem isto,
 Custa bem ser bacharel.

No meu tempo de *caloiro*
 Nunca dei *pontos*, é exacto ;
 Porém desde que fiz *acto*,
 De alegre, soltei um berro !
 Se me é licito dar pontos,
 No meu direito me encerro :
 Chamar-me-hão—preguiçoso,
 Mas não—*Sim senhor*....de ferro.

Findou-se pois, por em quanto,
 Meu viver azafamado,
 Quando na *aula*, apressado
 Ouvia o *quarto* bater :
 Agora posso dormir,
 Cantar, passeiar, correr,
Toujours mon aise à mon gout,
 Sem pelos *pontos* tremer !....

In requiescat in pace
 Fica pois a livraria,
 Em quanto não chega o dia
 Do *ponto* e *dissertação*.
 Oh! que espada de Damocles !
 Que queixada de Sansão !
 Se acaso rebenta a *bomba*
 Sem pegar fogo ao *rojão* !....

Quem pode da velha Roma
 Levar a estudar lições ?
 Bem como as *Ordenações*
 Lá da *Lysia*, ha quem ature ?
 Pode o *direito* entortar-se ;
 Só ha um que talvez dure ;
 E' esse seu, meu compadre,
Censoris pro suo jure.

Não carecem suas *theses*
D'arguentes e defendentes ;
 São logicas, concludentes.
Mathematicas em fim !....
 Adeus, compadre ; mui breve
 Lhe darei novas de mim :
 Dar-me ha tambem as suas
 Quando eu voltar, não é assim ?



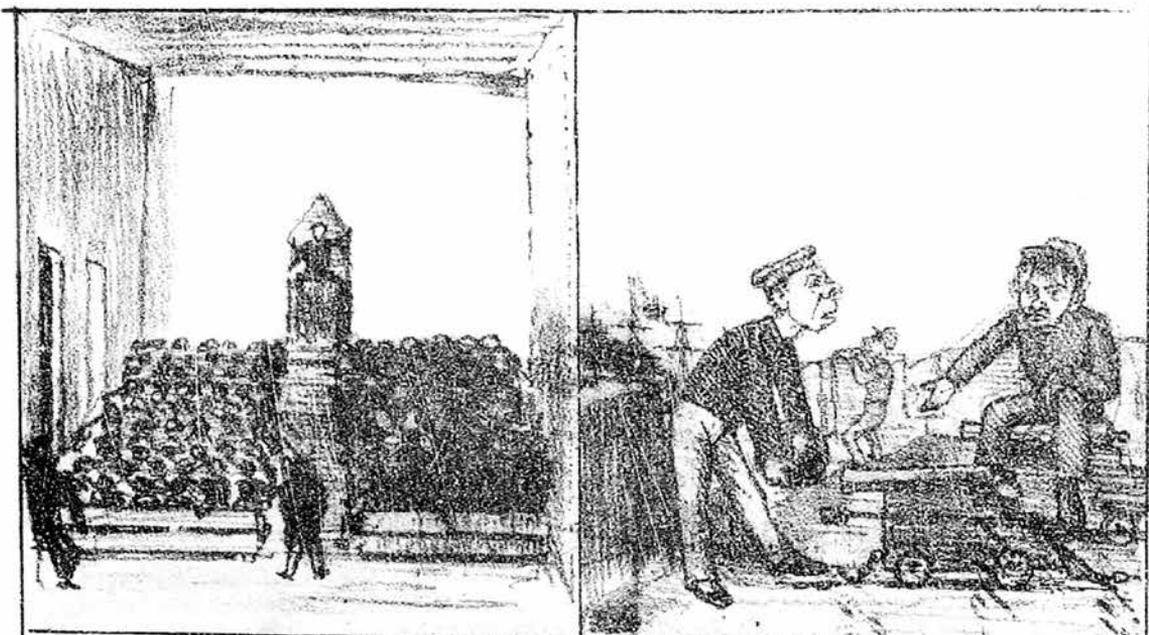
SPECIMEN DE IDEIAS

Creação do gado vaccum e muar

Eu vou fallar do supprimento regular de carne bôa e propria para comer*

Entre as diversas capacidades d'esta provincia, contamos bois e carneiros, por conseguinte o seu povo deve ter essa variedade de comida.

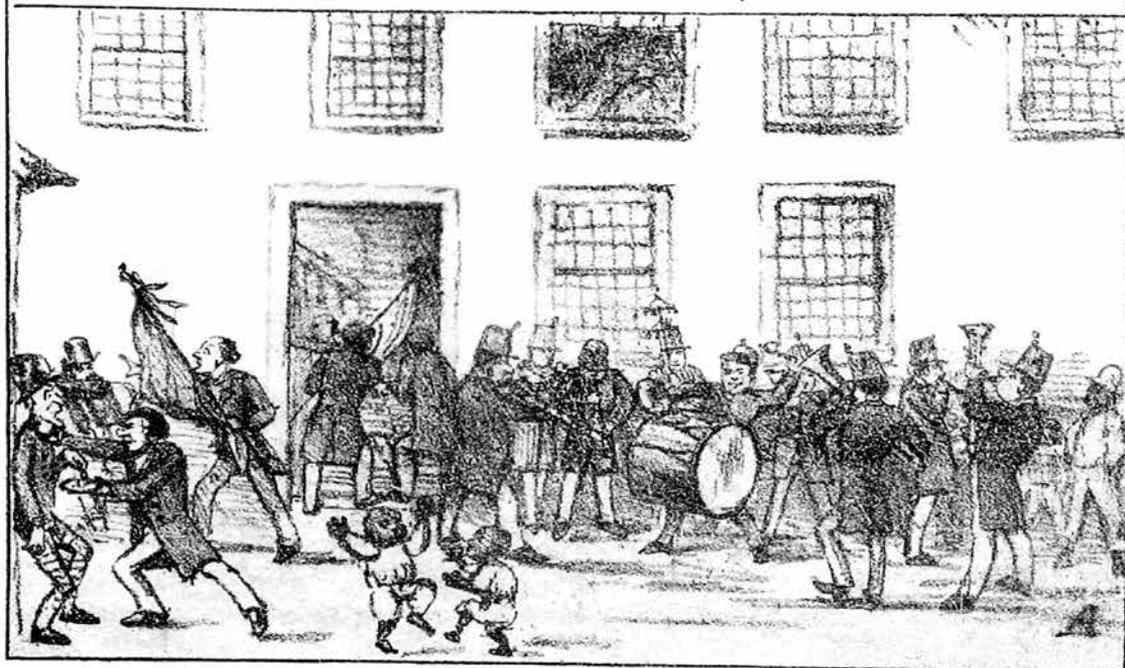
O olhar inglez por baixo e por cima, nas vias de ferro, almeja a presença agradável do gado apascen-



Um dia de cavaco.

DEFEZA NACIONAL.

—Oh' sò Juca, est a bola não ent a aqui.
—Tambem não temos polvora—nem somos artilheiros!



Invasão—Praga—Expeculação—Flagello—etc. etc. Começa em 1.º de Janeiro e acaba logo em 31 de Dezembro.



—Hade me dizer quem é! Quero saber-o!!
 —Ah! ah! ah! Ora deixe-se disto—veja em que se mete.



—O senhor disse que daria 50\$000 rs. pelo
 melhor carneiro.
 —Yes.
 —Tive a felicidade de encontrar este—e
 apressei-me em trazel-o.



—Eu mesmo hoide enterral-a.

tando-se nas ondulações do campo, e em certa distancia os grupos de pedras de granito que espalham a paixão por ser carneiros!

Se a imaginação ingleza, se delicia com o vellos nos prados, o que diremos do estomago inglez na mesa!

Não ha cidade no mundo que devesse produzir melhor—*beef and mutton*—do que a cidade de Sao Paulo, e por não querer prolongar-me, não escrevo poesia sobre sebo.

Outro dia fomos eu e mais dous amigos obsequiosamente levados pelo sr. Caudido Silva, para vêr os bois de que o sr. Redactor deu noticia: o que prova isso? Que sou um homem *prompto para produzir*, se só achar o que possa sustentar a producção: quero dizer o consumo!

Em prova pois da minha apreciação, apresento a minha proposta: e tomo a liberdade sr. Redactor, *por meio das suas columnas*, de offerecer um pequeno premio de 50\$000 rs. para o melhor boi, e mais 50\$000 para o melhor carneiro que se apresentarem perante juizes competentes d'esta cidade no dia 22 de Dezembro vindouro.

Os promenores se arranjarão depois.

Sou, sr. Redactor

J. J. A.

S. Paulo 17 de Outubro de 184.



CHRONICA.

Teve lugar o baile da *concordia*: não sei se nesta semana se na passada—segundo uns o domingo é o primeiro dia da semana—segundo outros o ultimo: parece que estes tem razão porque, depois do trabalho descança-se—e o proprio Deus repousou depois de ter feito a mulher.

Assim o baile foi nesta semana.

Pouco concorrido desta vez, não deixou constado de reunir um ramalhete de lindas flores (quando dizemos, pouco concorrido, não nos referimos a magna quantidade de crianças—que lá appareceu—perturbando tudo—metendo-se em tudo—envadindo tudo.)

—Lembra-me sobre tudo de uma senhora, que como as outras, deixou um sulco luminoso—uma lembrança agradável—recôrdações de baile que nós todos temos—eu e vós leitores—apenas ella entrou cheia de vida e graça, orgulhosa de si e de sua belleza, todas as outras voltaram as faces enrubecidas pelo despeito, restos do vencido—porque realmente viam-se o fuscadas—tanta belleza e encantos tinha a *rainha*: rainha era ella.

Trajava um vestido de simples cassa, dous apunhados deixavão ver uma segunda saia e vinham prender se á debil cintura—simples enfeites de fita não morrer junto aos laços dos apunhados—iguaves guarnições debruavam o cabeção que afogava um collo debil e fragil—as mangas desciam até os punhos, e as mãos escondião se em luvas cor de alecrim.

Eu amaria aquelle anjo se um retrato preso á um fio de perolas não me fizesse crer que a alma da quelle anjo já estava escrava de um outro mais feliz que eu.

Todo cheio de illusões pedi uma contradança á uma outra—não deixava esta de ser bonita—porém, meu Deus, a queda de nuvens soffri eu—porque a primeira frase que ouvi foi a seguinte: —Eu hoje danço *menas* vezes, doutor—comprimentei-a e s'hi—admirado como aquella senhora tinha tido as pretensões de redusir o *menos* no sexo feminino.

E com esta nada mais digo de baile.

Hoje tem lugar o unico concerto dado pelo sr. Pereira da Costa—rabequista da camara real do sr. d. Luiz I.

Não ssi o quanto vale e é na arte o sr. Costa—porém se o nome—as glorias conquistadas em paises mais adiantados, podem servir de garantia—asseguro, aos leitores que o sr. Costa é um artista. Hoje não é tão facil subir á escada que leva á celebridade, e só o talento real o póde fazer—e o sr. Costa já não vê as mediocridades.

Desejo-lhe ventura.

Li no *Coreio Paulistano* um artigo do artista

Lopes—contra o *Diabo-coxo*—devo-lhe resposta—é esta.

Deixe-se disso sr. Lopes !

Diz s. s. que aquella tabella servia para mostrar á empresa os trabalhos da companhia ?

Não sr. Lopes—aquillo serve para provar os seus conhecimentos de lingua portuguesa.

“ Pouco depois diz s. s. que embirra com a delicadesa” por força : olhe, nós é que não embirramos.

Pede-me alem disto—que acredite ser de sua lavoura aquelle artigo :—faço o pedido para que não se zangue comigo, o *artigo é seu*. já que tanto quer e mesmo porque o estylo é o homem....

Boa noite.

CLEOFAS.



ANNUNCIOS.

Theatro

Expectaculo em grande gala.

Depois que os professores da orchestra tiverem executado uma escolhida orvetura subirá á scena pela primeira vez a comedia em trez actos :

AS ESTRADAS EM CONCURSO.

PERSONAGENS

ACTORES

Homem tyranno, o matador de crianças Mellino.

José menino feliz..... Verguerillo
 Pires, protector e inimigo do homem Mottini.
 Aubertino, portador e enviado das batatas..... J. J.
 S. Paulo, pobre mendigo..... Provincia.
 Convidados, amigos, etc. etc.

Denominações.

- 1. ° Acto. Proposta aceita, ou a morte da provincia.
- 2. ° Acto. Vingança do homem tyranno.
- 3. ° Acto. Victoria dos protegidos.

Principiu ás 8 horas.



Os bilhetes vendem-se na rua da Protecção, esquina do beco dos Cofres Publicos.

CURSO PUBLICO DA LINGUA FRANCEZA

O cidadão Lopes, subdito do Celeste Imperio, recém-chegado da sua longa viagem pela Hottentocia, onde com tanta fortuna se houve no ensino da lingua franceza, propõe-se a lecionar aqui, a mesma lingua.

Pode ser procurado na casa de sua residencia—“Fabrica de carouges de Julho Adão de Berlin.



Typ. e Lith. Allemã de Henrique Schroeder.



SACERDOS MAGNUS.

Acceptam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos ou desenhos

DIABO COXO

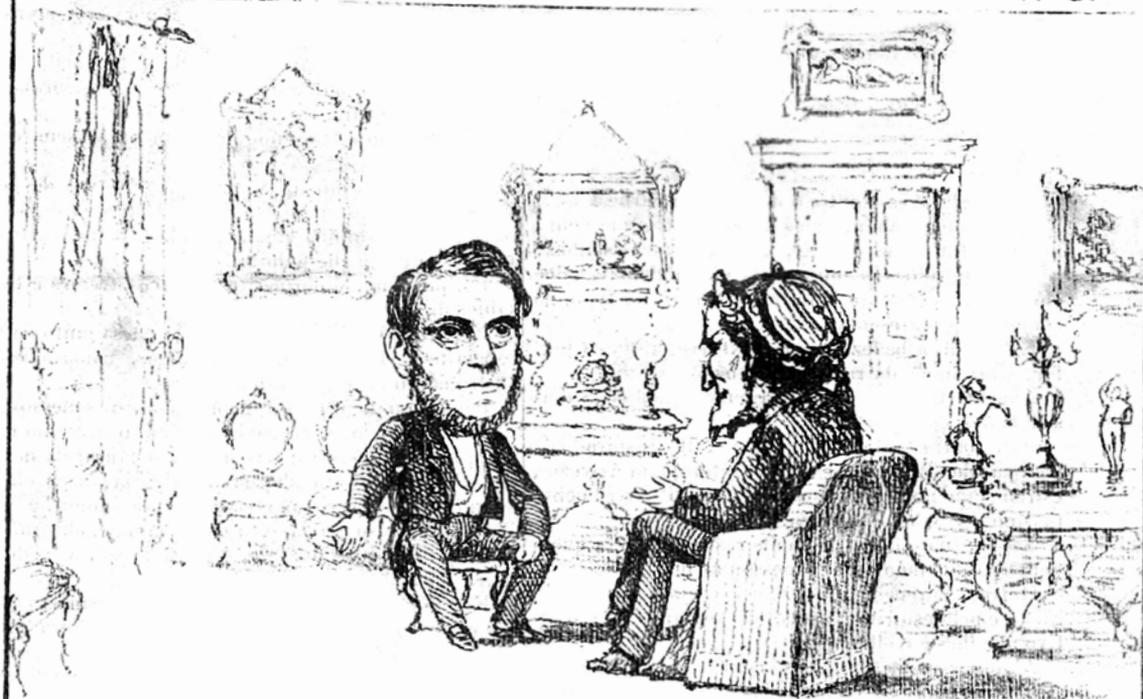
Assigna-se nesta typographia—Rua Direita. Preços Capital 12 numeros 4\$000rs. fóra da Capital 5\$000 rs. Numero avulso 500



ANNO I.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 5.



O ministro Achado —convida o «Diabo-coxo» para ver uma contradança de Presidentes

ROMANCE DE UM ESTUDANTE

De mim para mim, tenho considerado as cousas que são da terra, e as cousas que são do céu.

Nas azas do tempo, o meu espirito tem esvoaçado sobre as tradições do passado, sobre as ruínas e as grandezas do presente.

De tudo isso porém o que tenho eu ganho? Muita tristeza.

Assistindo á toda a hora á essa grande comedia que se representa aos nossos olhos e á que chamão vida social, tenho cada vez mais, me concentrado em mim proprio, tenho enrugado minha face aos olhares humanos, e escondido todos os sentimentos espontaneos de minha alma.

A' sós, fechado no meu quarto, tenho chorado muitas lagrimas, sobre o que?

Não sei.

Neste mundo, a felicidade é a terra de Chanaan; todos nós caminhamos, uns com maior ou menor esforço ou creença; eu temo não avistar sequer essa terra dos primores, como Moysés.

Que lutar é esse entre o espirito e a carne?

Que doidos phantasmas são esses que me vem á noite torturar-me o peito, turbando meus sonhos?

Vejo multidões de mulheres, cada qual mais bella, cada qual differente d'outra no trajar, no typo, na epocha que representa.

Esta tem a belleza, o luxo extravagante, os perfumes orientaes da rainha de Sabá.

Aquella traz as perolas, a purpura, os risos e as seducções de Cleopatra.

Esta outra tem o olhar ardente, fito, inspirado da poetiza de Lesbos, seu corpo inteiro tem ás vezes, estremecimentos amorosos, como um instrumento musico que vibra e sussura.

Sapho, não foi uma mulher, foi uma tyra que o genio das harmonias, arremessou ás ondas.

Outras parecem gregas pelos contornos, pela graça e pelo espirito; estas são romanas de tão altivo que lhes é o olhar.

Algumas vêm descalças como as donzellas dos Abruzzos, outras desmanteladas, quasi nũas como as Zingaras que percorrem a Italia, ou como aquellas que se deitão á sombra dos laranjaes de Cadiz.

Todas ellas são bellas, provocadoras, ou serenas, porém uma....

Porque heide fallar d'ella?

Porque evocar sempre essa imagem que é a minha felicidade e ao mesmo tempo a desdita de cada uma das minhas horas?

D'hoje para amanhã posso ser muito, como posso ser nada entre os homens.

Tudo isso depende das circumstancias.

Depende de saber jogar nesse taboleiro dos azares humanos.

Esse fogo não é fídico, tem sua sciencia e hoje mesmo poderia appropriar-me d'ella: e não o faço, porque semelhante aos naufragos desesperados, eu já enfraquecido pelas tempestades que me tem acconnettido, abandono os remos á correnteza das aguas; porém por um só minuto de felicidades com essa mulher, eu me atiraria aos trabalhos de Hercules, arrojaria-me-hia ás tentativas de Prometheu, embora expiasse esse só instante por uma eternidade de seculos.

Sei que enlouqueço...mas ella é tão bella, tão superior que um outro Salomão, poderia quebrar-lhe aos pés o sceptro e a lyra.

Porque á noite caminho eu sem alvo, sem descanço?

Porque penso em ti, e tua imagem vai de par comigo: e pelos campos, pelas estradas eu digo-lhe os segredos da minha alma, conchego-a ao peito e ella sente como elle palpita.

Porque quando dormes, estremeces, tremes e teus labios dizem sons inintelligiveis?

E' porque o meu espirito foge e passa junto de ti, e beja-te na fronte, e então sussurras, como musico instrumento ao perpassar das auras.

Porque quando vem a madrugada, arremesso-me do leito, e vendo as côres do arrebol, o orvalho das campinas, o sussurrar das aguas, o cantar da natureza, meu peito transborda de alegria, meus olhos se inundão de lagrimas e eu saúdo ao senhor?

Porque penso em ti, e tu és a minha aurora, a madrugada, a ave, o canto, o raiar do sol, a meia-noite do senhor!

E quando á teu turno, perdes-te em scismas, pensas em mim, porque eu sou o teu castello doirado, o teu sonho, o teu romance de mulher, e tu não podes esquecer-me porque eu disse-te palavras que nunca mais s'esquecem!



Padre-Nosso do Diabo-Coxo

" Pater noster "—Diabo-Coxo,
Que em S. Paulo agora estás,
Seja o teu nome invocado,
Teu imperio ao povo traz.

" Fiat voluntas tua "
Tanto aqui como no inferno ;
O pão nosso, molle ou duro,
Nos dá de verão e d'inverno.

Nossas dividas perdôa,
Visto sermos devedores ;
Bem como nós perdooamos
Aos que são nossos credores.

Nunca nos deixes cahir
Em tentação com alguém,
Nos livra d'alguma sóva
Per omnia secula—amen.

Impressões d'um BON-DIVANT

[GLOSANDO O PADRE-NOSSO DO DIABO-COXO.]

Eu te arrenego, demonio !
[Que não sei se és negro ou rôxo !]
Eu te arrenego ! Abrenuntio !
Pater noster, Diabo-Coxo !...

Jâmais se ergue o *cadaver*
Da negra campá em que jaz ;
A carta de liberdade
Teu imperio ao povo traz.

Ninguém pappas ! Credo ! cruzes !
Deixa os *vinagres* em paz
Tremem todos, quando sabem
Que em São Paulo agora estás.

O *rabequista* sem arco,
Foge de ti assombrado,
Com medo que perto delle
Seja o teu nome invocado.

O maçante *amollador*
Cõa longa conversa sua
Cala-se ao vêrte, e só diz
" Fiat voluntas tua. "

O *leão* mais destemido
Contigo se faz mui terno,
Com medo das tuas garras
Tanto aqui como no inferno.

Por tua causa, o *fiscal*
Não consente haver monturo ;
Nem o *padeiro* nos furta
O pão nosso, molle ou duro

Por tua causa, o *politico*
Invoca as furias do *Averno*.
Salva a patria, e mil promessas
Nos dá de verão e d'inverno.

O credor impertinente,
Cuja cara não é boa,
Temendo a caricatura
Nossas dividas perdôa.

A's moças bellas ou feias
Nos fazes tecer louvores,
Paga-se a Deus e ao Diabo
Visto sermos devedores.

O *birrento*, a quem ás vezes
Por tua causa aturamos,
Nos perdôa a nossa tei na
Bem como nós perdooamos.

Do mocinho extravagante
Tu fazes fugir as côres,
Assim como nós fugimos
Aos que são nossos credores



Um globulo homeopatico



Se meu defunto padrinho visse—o que seria da igreja do Rosario?



Nem os «Santos» com toda a paciencia podem atural-o.—Que amolador!!!

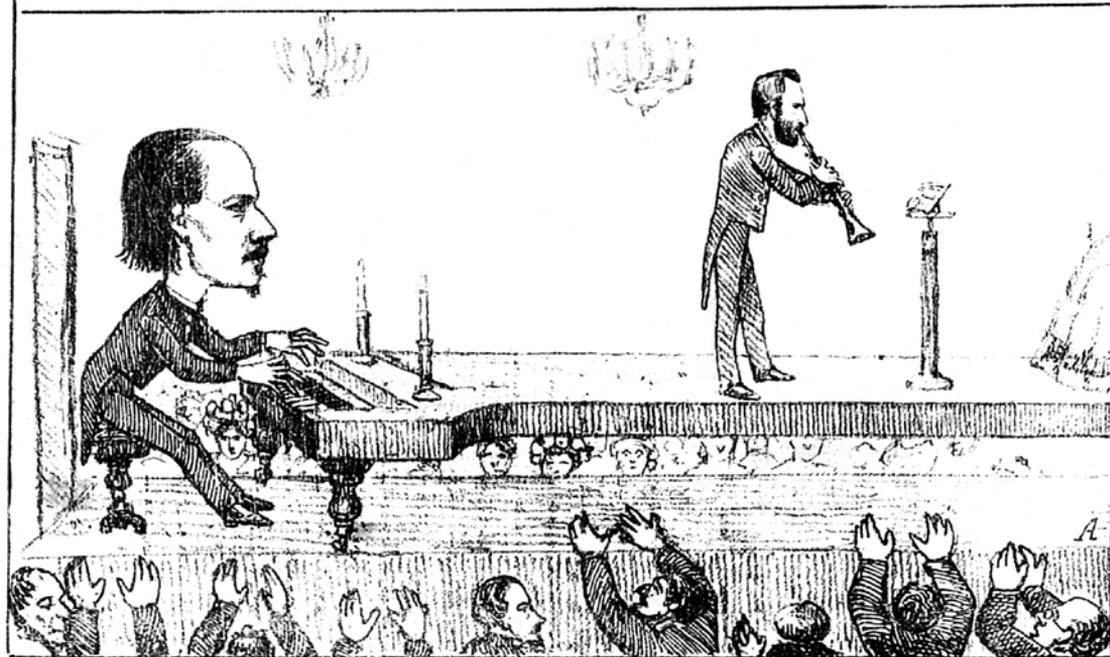


REALIDADE.
Bacharel. Formei-me hoje e contento-me com uma promotoria

SONHO.
Calouro.—Quando me formar heide ser logo presidente.



Para que servem as esmolas do Espirito Santo !!!



O maior piano da provincia

Do tolo feito *gamenho*
Que tudo diz sempre a rir,
Na sua parva conversação
Nunca nos deixes cahir.

Não que *adula*, das pancadas;
No orgulhoso, também;
Sempre e sempre andar tu buscas
Em tentação com alguém.

Diabo da mão furada,
Não nos leves para a covão;
Já que é tanto o teu poder,
Nos livra d'alguma sóva.

Já razão te eston achando,
Já te vou querendo bem:
Procura fazer justiça
Per omnia secula—amen.



CHRONICA.

Ardua tarefa é a minha!

O que direi? que começaram os actos? que o verão substituiu o inverno? que chegou a época das flores roixas, dos passaros asiáticos, dos passeios no campo, dos improvisos, e das declarações de amor á sombra das jaboticabeiras, ao ar livre? O que mais direi?

São cousas muito facéis de dissertar, mas que produzem já fastio e canção.

Basta, porém, de descrições campestres,—e depois do idílio—que precede, entremos em assumpto local.

Felizmente para S. Paulo, de tempos a tempos almas inspiradas vêm receber em suas peregrinações os louros que lhes são devidos; é assim que Croner, Furtado Coelho, Paulo Julien, Schramm,

Cavalli, Malavasi, Reichert e outros têm apparecido entre nós.

Mais um nome vem juntar-se a estes.

Pereira da Costa, artista distincto e sympathico, é o que todos sabem: intelligencia profunda, ainda no verdor dos annos. Quando tirou os primeiros accordes do seu instrumento, um perfume suave espalhou-se pela amplidão do edificio, um silencio religioso succedeu á impressão que a sua tenra idade produzira, e a multidão queria comprehender a linguagem divina da poesia musical,—suffocava gemidos quando ouvia gemer,—sorria bem baixinho quando as vibrações das cordas parecião sorrir.

Não exaggero,—é o coração quem falla, e o coração—em materia d'est'arte—é sempre o juiz.

Em quanto a inimitavel rabeca do sympathico portuguez traduzia as primeiras paginas historicas da sua vida artistica, cahia-lhe do alto da cabeça —“ la mèche fatidique ”—como aureola divina, e ardia-lhe na frente o facho do genio.

Entre os expectadores estava um moço, de frente larga e morena, olhar severo, que o escutava com sentimento, tendo a cabeça apoiada entre as mãos. Quem era? Era um artista tambem, um artista d'alma,—era Emilio do Lago.

Havia entre elles uma linha electrica,—uma e outra frente estavam illuminadas.



Dois dias depois Emilio do Lago deu tambem o seu concerto.

Emilio do Lago é modesto e timorato. Deixa com abandonc correr as mãos pelo teclado, e as harmonias que arranca do piano attestão uma intelligencia fertil, uma alma ardente, um coração cheio de sentimento.

A historia do artista brasileiro resume-se n'uma pagina. E' moço cheio de enthusiasmo, nascido n'esta provincia, revelando desde muito tenra idade genio e dedicação para a musica.

Emilio do Lago é ainda um desmentido que ergue contra aquelles que desconhecem que no Brasil tambem ha comprehensões que alcanção e traduzem a arte. O que no Brasil não existe é quem entenda o coração do artista,—e o artista que trabalha só pelo amor da arte, e que sacrifica uma vida inteira e procura um nome, quebra o seu instrumento cheio de desanimo em face d'essa sociedade escravizada ao ouro e á politica; mas em Emilio do Lago peza a missão ardua e necessaria de regenerar a arte que vai perecendo de dia para dia, entre nós.

Duas consus lhe pedimos para chegar a este desideratum: trabalho e coragem.

Os demais artistas que tomarão parte no concerto conservarão-se na artura do seu merecimento.

A senhora D. Francisca do Lago tem a voz pequena, mas muito maviosa,—é uma voz brasileira.

Basto,—nada mais direi,—a sua primeira recomendação é o estudo e a perseverança. Não desanime. Aceite o meu conselho, e dispenso que por elle me envie algum cestinho de balas ou samburá de jaboticabas.

A senhora D. Rachel é já bastante conhecida na capital.

O sr. Henrique Luiz é o curioso incansavel e cheio de coragem. "Que a esperança e a fé, estas duas flores d'alma, não abandonem nunca o seu coração."

A companhia dramatica representou ultimamente O medico das crianças, drama de Anicet Bourgeois e Dennery.

Declaramos não pertencer á redacção d'esta folha dois artiguetes insertos no "Correio Paulista" e assignados por um—Diabo Coxo. Embora baptisados com o mesmo nome, se é que os demônios se baptizão, não têm parentesco algum com nosco, digo mal, com o verdadeiro—Diabo Coxo.

D. PEPITO.

Hontem partio d'esta cidade o joven e distincto rabequista portuguez F. da Costa Pereira, digno rival de Paulo Julien e de Muniz Barreto.

Dirigindo-lhe muitas saudades, dezejamos-lhe a mais prospera vingen, e os mais virentes louros.

Costa Pereira tenciona dar um concerto em Santos, dê-lhe essa cidade os mesmos entuziasticos applausos que lhe deu S. Paulo, e ambos terão galardoado o merito.

SPECIMEN DE REQUERIMENTO

PROGRESSO

Pedido ao Diabo-Coxo.

Referindo-me aos meus officios de 14 de Dezembro de 1863, e 15 de Junho de 1864, participo a v. ex. que se acha de volta de sua vingen artistica, o rapaz ratoneiro que tantas vezes já escapou á vigilancia da policia, e que se acha com novo fau de 4 duzias de queijos de Minas, usando do meu nome (sem bilhete) de diversas casas commerciaes. Peça por tanto a v. ex. de pegul-o em flagrante delicto, e leval-o em direitura para o inferno.—Signnes do cavalleiro de industria, creoulo de 27 a 28 annos de idade.

E. R. Mercê

S. Paulo, 26 de Outubro de 1864.

JULIO A. LEHMANN.

IDEIA EXTRAVAGANTE

THEATRO

Pede-se no sr. Cardoso queira levar á scena no primeiro espectaculo a comedia—DE UM ARGUEIRO UM CAVALLEIRO, na qual o mesmo senhor desempenha um excellente papel.

UM APRECIADOR.

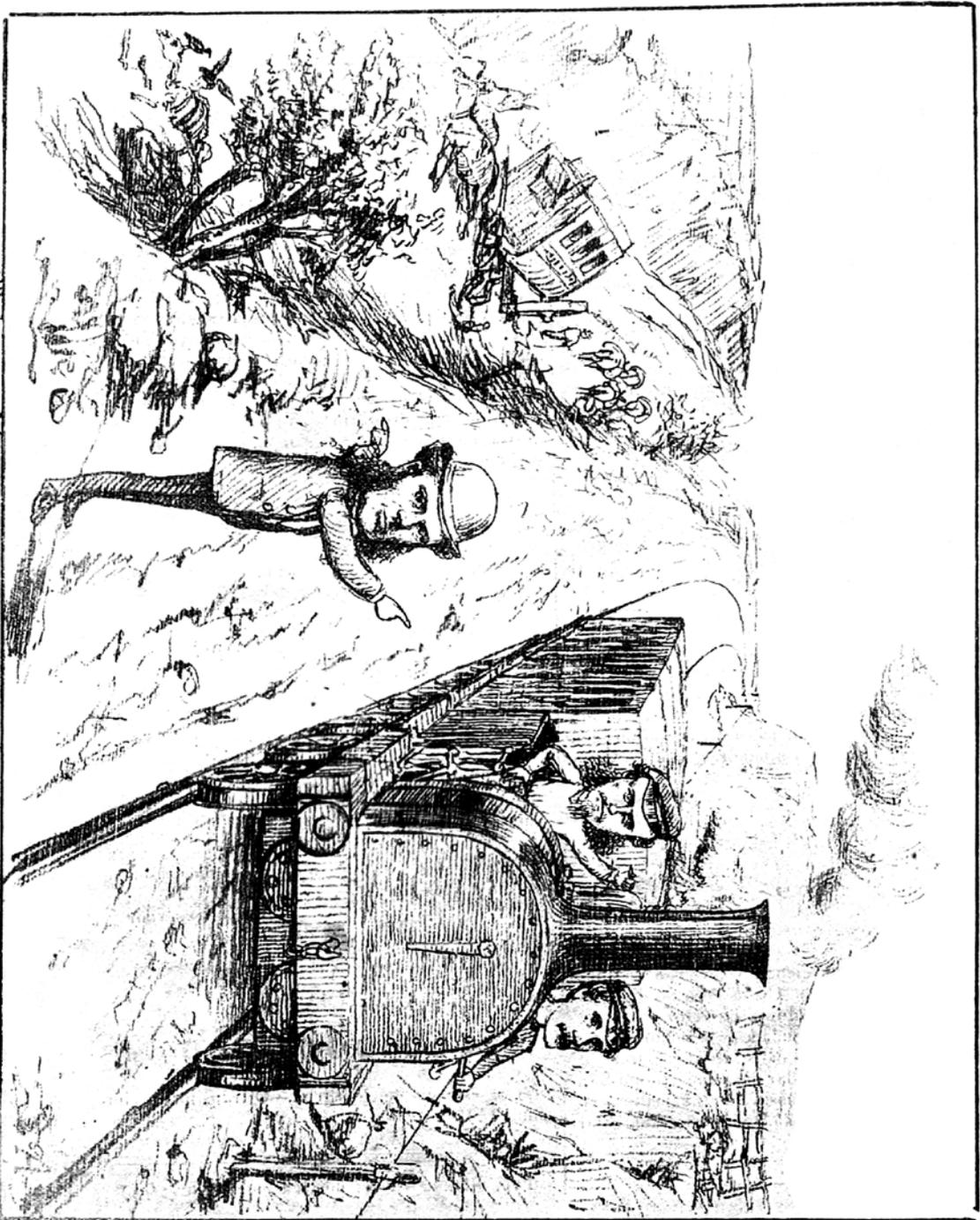
A' ULTIMA HORA

100:000U000

Para a estrada de rodagem.—O transito está impedido!!!

Typ. e Lith. Allemã de Henrique Schroeder.

Olhai para o futuro e não para o presente.—(Carta dirigida aos habitantes de São Paulo.—Pag. 22.—1862)



Acceitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos ou desenhos

DIABO COXO

Impressão e Typographia—Rua Direita. Preço: Capital 12000000 45000rs. Total do Capital 5500000. Numero avulso 100



-ANNO I.

JORNAL DOMINGUEIRO.

N. 6.



—Para que são esses tiros :
—Para matar o bicho !!
—Não sejam tolos : vão matar o bicho na venda

Trataremos no presente artigo do nariz de nosso proximo em particular, depois por analogia passaremos a fazer algumas observações sobre a camara municipal desta cidade.

Conhecemos actualmente em S. Paulo quatro especies de narizes, na primeira das quaes classificaremos o nosso:—narizes de pimentão, narizes á phantasia, narizes lopesinos, e narizes murillaticos.

Não fallaremos nos narizes de couve-flôr, porque ainda não os vimos aqui, e pretendemos escrever um volume especial sobre essa anomalia da nosologia, depois que tivermos bem estudado seus differentes caracteres, nas bitacolas de uma supposta influencia eleitoral que conhecemos.

Os narizes de pimentão são volumosos, rubros, necessarios na physionomia dos individuos que os possuem como uma agulha de marear no meio do oceano. Amão as bons pitadas de rapé e não são muito afficçoados ao cheiro do frangepanni e do patchouly.

Os narizes á phantasia, ao contrario, parece que forão fabricados expressamente para aformosear a taboleta de seus respectivos proprietarios. Encaixados entre os dous vidros de um aureo pince-nez, vivem n'uma athmosphera constantemente impregnada de perfumes.

Uns (narizes) são pallidos, arredondados, suaves como uma camelia mimosa; amão a sombra e a frescura de uma barba expressa e soigné, como essa delicada flôr ama a frescura de uma sombria folhagem; levantão-se acima de um bigode crespo como lá de carneiro preto, e communicão á voz do individuo, por meio de certos encanamentos e abafadores, uma doçura angelica.

Fallaremos mais amplamente desta qualidade de narizes, e suas relações para com os objectos do mundo externo no nosso tratado de nosologia que deve sahir á luz no proximo anno de 1865.

Entre os narizes á phantasia, notaremos os narizes celestes remarcaveis (1) pela sua fórma delgada, e por sua tendencia a appropriar-se de tudo o que lhes fica por baixo das ventas.

Passemos agora aos narizes lopesinos. Esta casta de narizes foi perfectamente determinada em S. Paulo no anno de 1864; até então não tinha sido bastante estudada por falta de instrumentos, e edificios proprios para conter um orgão de tal volume e importancia. Felizmente o sr. Quartim concluiu o seu theatro, e o povo paulistano pode minuciosa-

(1.) E' usado por A. Herculano, não nos caião na pelle.

mente admirar o portento nosologico exhibido no mez de Setembro deste anno. Deixamos portanto de maior desenvolvimento a respeito.

Vamos aos narizes murillaticos.

Esta especie de narizes distingue-se de todas as outras pela variedade e continuada mudança de colorido e temperamento.

Conhecemos um que no anno de 1862 appareceu nas arcadas da faculdade, alegrando extraordinariamente a vista dos filhos de Minerva, com sua apparencia lucida e assetinada, e no começo do anno seguinte mostrou-se de novo, mas com um perfeito mappamundi estendido sobre ambos os lados.

A' ultima vez que vimos este pasmoso nariz, tinha perdido seu desenho geographico, e representava dois lindos gallos—guernesey—com as pennas arrepiadas, o pescoço estendido e os olhos affogueados.

Não é possivel determinar os differentes generos de arabescos dos narizes murillaticos; recebem todas as côres da palheta, e reproduzem todos os objectos da natureza.

O caracter essencial, distinctivo, que os segrega de todos os outros é a variedade constante da côr: a sciencia nosologica não vai além.

Fallando em narizes vêm a pello dizer algumas palavras sobre a camara municipal.

Pensamos que semelhantes orgãos são completamente desnecessarios em tal corporação, e isto acreditamos pela inducção que fazemos, partindo de seu fiscal.

O fiscal da camara é o seu nariz, ora está exuberantemente provado que tal nariz não tem olfacto, é um nariz imperfeito, e por consequencia um nariz desnecessario; mas já vimos que o nariz da camara era o seu fiscal. logo o fiscal é desnecessario.

Continúa.



GARATUJAS

- João vai lavar a cara.
- Estou com preguiça, papá.
- Contra a preguiça diligencia, meu filho.

—A diligencia do sr. Grainer, papá ?
 —Essa ou outra. Mas lava a enra.

— — —

— Papá, eu hoje faço annos.
 —Está bom, está bom.
 —O papá, nao me dá alguma cousa ?
 —Eu dou-te um conselho.
 —Um só.
 —Pois queres mais ?
 —Custão tao baratos. O papá podia dar-me um sacco d'elles.

— — —

—Papá o gallo pôz um ovo.
 —Não é possível.
 —Pôz! eu vi.
 —Pois não vejas outra vez.
 —Porque, papá ?
 —Isso é uma aberração.
 —Então o nosso gallo está aberrado ?
 —Sem duvida.
 —Ora essa. Inda bem que a gente não põe ovos.

— — —

—O que é que aquella moça tem na cabeça ?
 —Pois não vês; são fêdres.
 —Mas tantas, meu deos !
 —Ah! o jardim botanico mudou-se agora para alli.

— — —

—O que ha para ceiar ?
 —Tem lingua....
 —Lingua? tenho, quer vêr ?
 —Não me entendeu. Sou eu que tenho lingua.
 —Pois guarde-a.
 —O senhor não perguntou o que havia para comer ?
 —Mas o que tem nossas linguas com isso ?
 —Digo-lhe que tenho lingua para dar-lhe a ceiar.
 —Pois coma-a você, que leve o diabo.

Lucas de Ataúde.

— — —

AOS BANCOS

Aos banqueiros da nação,
 E c'o semblante bem roxo
 Em qualquer occasião
 Te falla o *Diabo-Coxo*
 Por ser de boa intenção

Se o gaz virou lamparina,
 Existem cousas precarias ;
 Por artes de Prozerpina
 Algumas casas bancarias
 Cahirão com furia indina.

Arvorarão-se hoje os banqueiros
 Na pobre triste nação !
 Tirão do banco os dinheiros
 O Duque—Conde—ou Barão
 Fidalgos, todos lampeiros.

Existe muita riqueza
 Na terra de Santa-Cruz;
 Embora com avaresa
 O rubro metal, que luz
 Nos venha causar tristesa.

Neste Imperio Brasileiro
 Reluz, e brilha o metal,
 Se cunha ouro em dinheiro ;
 Em nossa terra natal
 Nós temos grande thesouro.

Sejamos em tudo francos
 Nós temos grandes cabeças.
 Qu'importa qu'os nossos bancos
 Se virem logo em tripeças
 Que pulem, saltem aos francos.

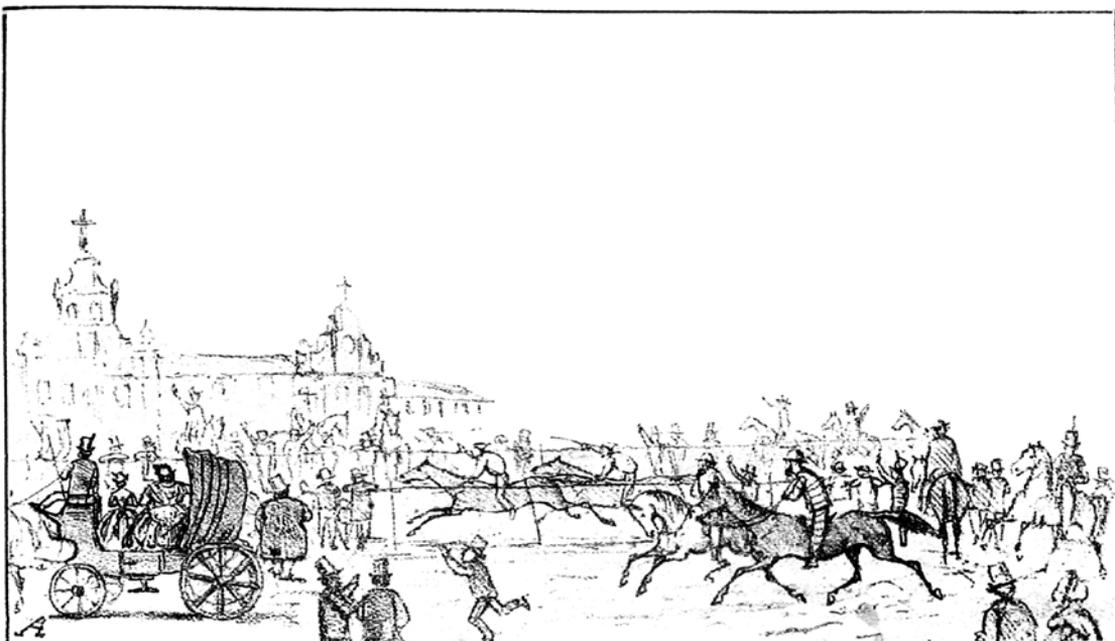


Os galés e os guardas fazem *commerce d'amitié*

Os gritos de dor não chegam até seus ouvidos.
É tão calmo o somno da inocência!!!



O SANTO do O'—Que episodio ecclesiastico!!!—Para o logro não ser completo, con-
solarão-se com jaboticabas.



Era na Luz.—Só apostavam com Luz—havendo pouca Luz.



—Essa caffè star de Móka?
 —Nam senhor, nam é da Moóca é de Sorocava.



—Ai ! minha cara !
 —Atrevido ! eu não sou a sua chara.
 —Por certo, que se o fora não abriria assim
 as suas rotulas.

S. EX. O SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA.

Chegou no dia 3 do corrente a esta capital, vindo em diligencia, s. ex. o sr. conselheiro Chrispiniano Soares.

O seu tino administrativo, o seu passado politico, e as ultimas occurrencias havidas na provincia do Rio, são garantias para a provincia de S. Paulo.

Confiem os paulistas no grande jurisconsulto, e a provincia se verá abundante de dinheiro e rica em estradas.

TRINTA POR CENTO DE ABATIMENTO

Para que servem os caprichos?

No dia 30 gritavão do palco que não representariam mais, ainda hoje lê-se, para attrahir a concurrencia—Ultimo espectáculo—em beneficio da artista Gabriella.—Unicos sacrificados forão os collegas do heroe dessa noite gloriosa.

São obrigados a cceitar hoje, qualquer ordenado.

SPECIMENS

—Verdades de um relatorio :

Foi aberto no dia 4 do Setembro e acha-se funcionando regularmente o theatro de S. José por estar o interior convenientemente decorado e mobilado.

—Sancta Simplicitas :

Perdeu-se a quantia de 200\$000; gratifica-se, se o exigir, a pessoa que a tenha achado e queira restituir.

—Distico de uma pipa d'agua :

AVON—AOCMEVMI.

—Taboleta de uma venda no Pateo da Cadêa.
Tratas-se animaes etc.

—Na rua de S. Bento, loja :
Fulano de M. N vende-se muito em conta.

CHRONICA.

Poucas semanas tem sido como a passada—tão interessantes e cheias de casos.

Assim vimos em primeiro lugar as—*Corridas* que tiveram lugar na Luz, no 1.º dia, e que nos parecerão sem graça, sem calor, sem romantismo algum.

Houve la, na verdade, muitos carros e em alguns delles, algumas moças elegantes, avidas de commoções, daquellas que fazem estremeceer em Hyde-Park as ricas *ladies* d'Inglaterra, e no Prado do Rio de Janeiro, as poeticas fluminenses.

As moças que forão á Luz, estavam frias, aborrecidas, murchas, porque nada havia que as animasse, nada que lhes aferventasse o sangue; assim algumas, recostadas nas paradas carruagens, olhavão triste, melancolicamente o convento ou a correição, e o sol que se escondia no horisonte, sem s'importarem com as corridas, sem aquellos sustos, aquellos medos de ver cahir um cavalleiro.

No cavallo ou no sujeito corredor, muita gente, povo e nobres, apostava dinheiro, o que quer dizer isso para uma moça que sonha, deseja, aspira o increado, o desconhecido, a ventura?

Debalde algumas d'entre ellas, esvoaçavão por alli, de um lado para outro, como lindas borboletas; não havia flôr aonde ellas pousassem.

Uma havia (borboleta) de uzas azues: como era brando o seu vôo? Toda ella como era fragil? Oh! aquella borboleta... Pelo que ouvimos gritar, foi o Piruá o vencedor dos vencedores, o Cezar de todos os cavallos da corrida; no fim o povo miudo, o povo dos *quinientos* no theatro, fez-lhe uma ovação com tanto enthusiasmo, como não temos visto fazer á homens; Incitatus, o lazão que foi Consul em Roma, Bucephalo que calcou triumphador os muros de Babylonio, nunca se virão tão aturdoados, nunca

se vergarão tanto ao peso das corôas, como o Piruá. Salve, ó vencedor!

Em segundo lugar tivemos a questão theatral.

Todos sabem o que se deu no theatro; ha muito que o sr. Lopes merecia uma patada: má actor, s. s. pretende-se um Talma, defeituoso no corpo, julga-se no entanto um Antinocis, pessimo declamador, diz-se uma lingua de prata, um S. João Chrysostomo a fallar.

Merecia por tanto uma patada e estavam no seu direito os individuos que lh'a derão.

Além do sr. Lopes, querião alguns expectadores patear tambem uma *celeberrima* actriz que *lima* a paciencia do publico sempre que apparece em scena e que tem suas pretensões á Emilia das Neves, por isso que quiz estrear na córte na tragedia Judith, e que servirá para tudo menos para pisar o scenario de um theatro.

Era tudo isto, como se vê, a causa mais simples e commum desta vida, facto sem importancia e sem resultado algum; infelizmente porém a senhora Gabriella, levada pela sua má estrella, julga-se sem razão, sem motivo algum, offendida por uma desfeita que não se lhe fazia, e . . . não mostrou aquella prudencia que era esperada da sua idade, e dos seus vinte e seis annos de vida artisticã, desrespeitando-se á si propria, e expondo-se ás consequencias deploraveis que todos em geral sentirão, por isso que folgão todos em reconhecer na senhora Gabriella da Cunha, uma excellente actriz e piedosa mãe.

A senhora Gabriella declarou na sua correspondencia (que má correspondencia!) que despresava os nossos elogios, como as nossas pateadas, como á nós mesmos; desculpando-a destas ruins palavras, attendendo á dôr que as dictou, e aos máos conselhos dos estupidos que lh'as aconselharão, sentimos verdadeiro prazer de reconhecer e de proclamar, nesta hora aziaga, o que acima levamos ditto, protestando inda mais uma vez, que ninguem pretendeu desfeite-la; ficando livre á mesma senhora Gabriella continuar a dizer de nós o que entender, porque appellamos nesta questão para o juizo do publico, ficando livre á mesma senhora Gabriela o portar-se commo com uma *delicadesa*, com uma *educação* que não pertence ao seu sexo, nem ás qualidades que todos lhe reconhecem. . . .

Seja muito feliz a senhora Gabriella, represente hoje em paz no seu beneficio, de nossa parte não tem a cousa alguma porque sabemos respeitarmos-nos.

—*Eclipse*. O povo todo olhou, o que vio?

—*Dia de finados*. Oremos pelo theatro; e por aquellos que tem marrido. . . nos actos.

Está na Praça

30 por cento de abatimento nos ordenados; e horas antes offerencia-se contractos com 20 por cento de abatimento.

Parece-nos que d'aqui a minutos estarão os artistas a pataca.

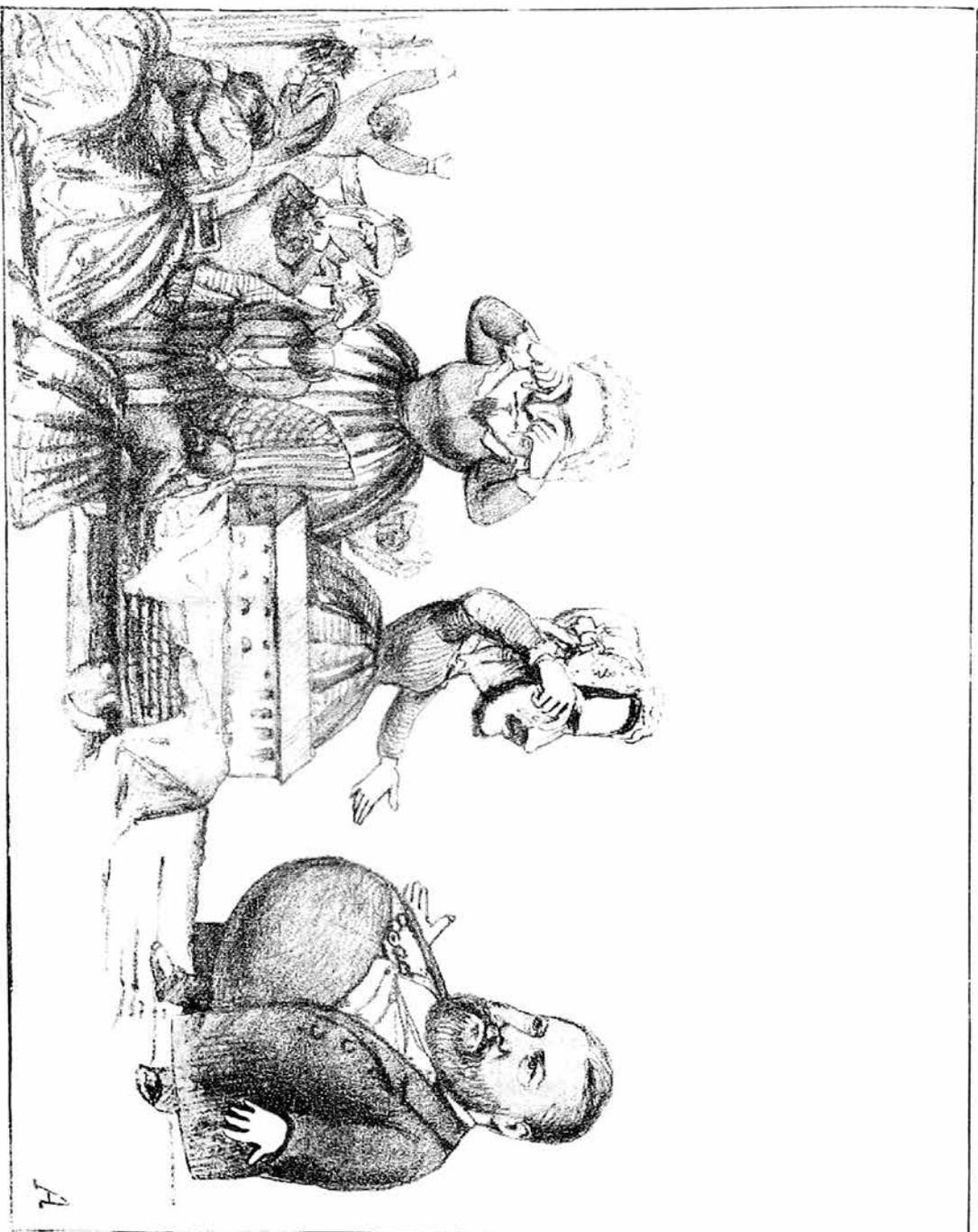
O DIABO COXO

Os inimigos do Diabo, que não são santos propalao por ahí, que elle vai desaparecer. Calumnias, injurias, armas que lhes são familiares, não chegarão á offender o Diabo-coxo.

Não seria a Redacção capaz de contrahir um compromisso dessa ordem, sem a certeza de levá-lo ao fim.

Não folguem já: esperem.

Rirá duas vezes quem rir por ultimo: é o ditado.



—Sr. Doutor, salve meu filho.
—Isso não é nada. E' uma indigestão de ballas. Não deixem entrar ninguém no
.estomago da creança por algum tempo e verho como logo passa.

aceitam-se arti-
gos e desenhos que
podero ser deixa-
dos em carta nesta
typographia. Não
se restituem artigos
e desenhos

DIABO COXO

Assigna-se nest-
typographia—Rua
Direita. Preços :
Capital 12 numero
4\$000rs. fóra d
Capital 5\$000 rs.
Numero avulso 50



ANO I.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 7.



O Diabo-coxo despede-se de S. Ex., e agradece em nome da população os bons serviços presta-
dos durante o tempo da sua administração.

A MARMOTA DO CARCAMANO

Não se surpreendam, meus senhores, se suio do meu cynismo, d'este *dolce far niente* academico, para mostrar-lhes as nauseabundas, e classicas e invariaveis vistas de uma marmota de carcamano.— Advinho que devem ja ter imaginado o meu heroe, o que não é muito difficil: percorraõ as ruas e os patios e as esburacadas ladeiras, affrontem esses *fratellos* que—com uma trouxa ás costas, apregoão tou-lhas de linho e guardanapos trançados *d'Italia venuti*,—cerrem os ouvidos á essa serenata infernal de martellos sobre tuchos e cassarollas,—fujão d'esses amolladores inda filhotes, que armados de harpa e violino, cantão em dissonante duetto o—Viva Garibaldi e Victor Emanueli,—affrontem os primeiros, cerrem os ouvidos aos segundos, e fujão dos terceiros, que terão debaixo das mãos a quarta classe d'essas aves de arribação, ainda não classificadas pela historia natural.

Lá vem o nosso heroe, caminha pallido de pó, trazendo ás costas o seu accessorio.

Traja calça de belbutina rôxa, com um enorme remendo branco, onde termina a espinha dorsal, jaqueta de duraque azul, e sapatos ferrados nos pés. Faça esta distincção para maior clareza.

Conhecido o nosso heroe, conheçamos os prodigios do seu accessorio.

A marmota do carcamano é ouca como a cabeça do artista Lopes,—não tem como a lanterna de Diogenes a chamma furta-fogo, mas recebe na sua camera negra a flamma, que faz realçar os typos que esboça, o genio que illumina, a verdade que exalta.—e como a flôr do baile que abre seu seio no cnhir da tarde, tem tambem perfumes para aquelles.... sifa, que stylo! isto é de algum caloiro, não me parece meu.

A sua missão é mostrar ao publico tudo o que é util e grande,—é levantar em columnas de marmore os bustos venerandos d'esses homens, que se apartão do vulgo,—é ainda o templo da verdade.

Adiante.

A marmota não ompresta no vicio os poucos raios de luz, que recebe do sol,—n'olla vêl-o.hão sempre confundido no meio de apupadas e de sarcasmos; não reflectirá na cabeça d'um falso idolo senão para purificar-o, e erguendo-o levar com mão firme a lanceta á gangrena, que acreditamos queimar-lhe o coração.

A marmota do carcamano vae começar a sua im-

portante tarefa. Abri caminho, senhores, á essa planta exotica, abri, que os seus passos se dirigem para o theatro.

Primeira vista.

Sejamos methodicos: o que é o theatro?

O theatro é uma escola onde um povo inteiro bebe a educação e a moralisação, é um dos elementos mais facéis e suaves para plantar o amor, o enthusiasmo, os sentimentos nobres e puros, que elevão o homem a altura das divindades.

E' santa a missão do theatro, santa e tanto mais santa quanto deprimida e amesquinhada tem ella sido entre nós.

Outr'ora a ignorancia, hontem a enfatução e a ousadia, hoje a immoralidade e até a indecencia.

Outr'ora a empresa do sr. Henrique, hontem o orgulho e a vaidade mal comprehendidos do sr. Augusto, e hoje o repertorio do sr. Cardozo.

E amanhã?

Amanhã um amalgame noventa, uma fusão ascorosa da ignorancia e do calculo de outr'ora, da enfatução e da ousadia de hontem, e da immoralidade e até indecencia de hoje.

E' este o quadro desolador que nos apresenta o theatro em S. Paulo, e quando cheios de asco pedimos contas ao sr. empresario, elle nos responde: *os estudantes vão á ferias, eu careço calcular com esta gentinha, que nao entende d'isto.*

E proferida a sentença toma a sua pitada, cospe com graça, e passa maciamente o rubro lenço sobre as rubras ventas.

Não é uma mentira,—são palavras do sr. empresario, palavras que não podem ser desmentidas perante os ensaios da semana: Graça de Deos, Pedro-Sem e Vinte e nove,—palavras que não podem ser desmentidas perante o annuncio de hoje, que diz solemnizar-se a posse de s. ex. com a *comedia*, em 5 actos, D. Cesar de Bazan. (!!)

Porque não annunciarão logo —parodia?

Hörresco referens!

Que bello juizo forma o sr. empresario da platéa de S. Paulo em materia de gosto dramatico, e que bella e lisongeira elacção se deve tirar da sua intelligencia e capacidade conceitando ella, o que duvide muito, o drama—Genoveva da Brabante—para solemnizar o dia 2 de Dezembro!!!

Sr. empresario, crave os olhos no céu, e receba sobre a sua cabeça alguns raios de luz.

D. Pepito.

PARABENS, OH! PAULICEA

Parabens, oh Paulicen
 Torrão ditoso e bemdicto!
 Em ti, ninguem se receia
 Do torvo fado maldicto,
 Em ti se mudam *as cores*
 Espinhos tornam-se em flores,
 Torna-se a dor em prazer;
 Nem peste, fome, nem guerra,
 Os teus prazeres aterra
 Neste fulgado viver!

Que importa a guerra estrangeira?
 Que importam quebras bancarias?
 Que importa o insulto a bandeira,
 E outras cosinhas varias?...
 Não és tu valente e brava?
 Não dizes—não ser escrava,
 Nem supportar vis mandões?...
 Não ha *bombas, falcatruas,*
 Andu o *divino* nas ruas,...
 Subam ao ar os rojões! ..

Tens uma historin, que aponta
 Dos teus heróes os laureis;
 Tens um recinto, que conta
 Mudar tudo em bachareis:
 Tens um theatro, que indica
 Sempre haver, qual na botica,
 De tudo para vender;
 Tens praças e chafarizes,
 E mil castas de narizes
 Onde estudar e aprender

Tens um *Thesouro* exgotado,
 Mas cujo *ubre* é um portento;
 E um *Diabo-coxo* engraçado
 Que corre mais do que o vento:
 Té por fim, á despedida,
 Na *Gloria* tens a descida,
 Tens na *Luz* a *Correcção*;

E para o caso ser serio,
 Tens tambem o cemiterio
 Na alegre *Consolação*!

Tens um *correio*, que corre
 Como corre a pedra em poço;
 E um *Correio* que não morre
 Em quanto correr *caroço*:
 Tens *carreiras* e *corridas*;
 A correrem divertidas
 Por mui habeis *corredores*;
 Tens carrinhos, e carroças
 Correndo parelhas grossas
 Com alguns *carregadores*.

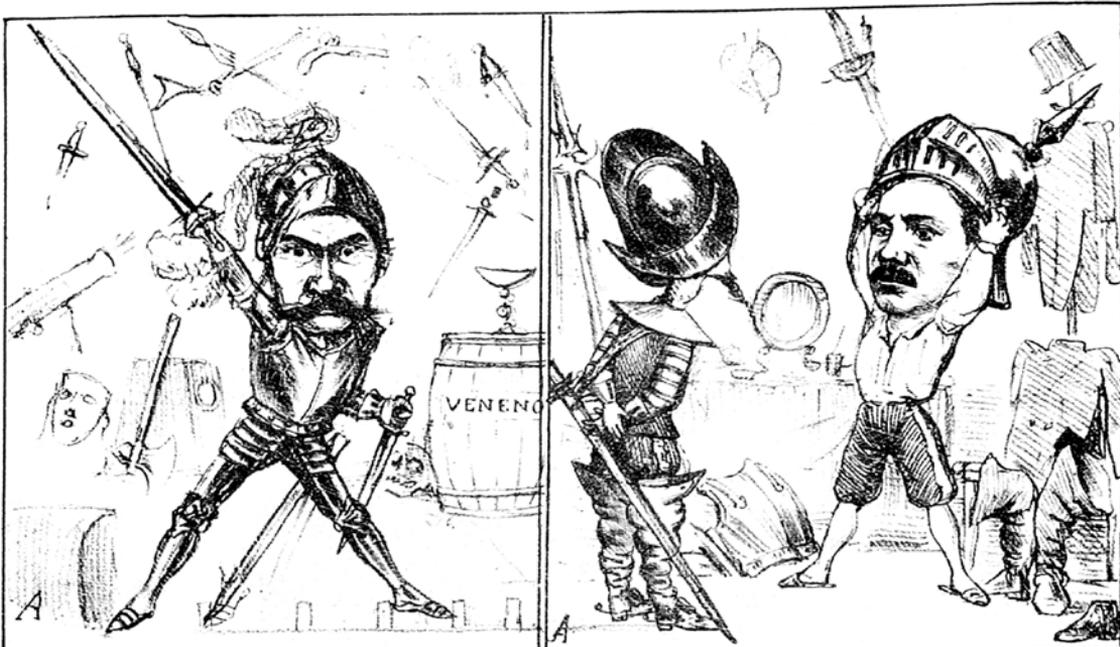
Parabens, oh! Paulicen,
 Ditosa e feliz mansão!
 Nunca a sorte de Pompeia
 Venha abysmar teu torrão!....
 Terra feliz dos vinagres,
 Dos rojões e dos milngres,
 De bachareis a fartar;
 Possa o Arbitro profundo
 Quando ao cáhos volver o mundo
 Novo mundo em ti formar.

LUNDU PARA VIOLA.

Meu yoyô mecê não vê
 Uma immensa novidade?
 Nhonhô Mendes ja nos deu
 Mil progressos na cidade.

Deu-nos ruas espaçosas
 Luminarias pardacentas
 Deu-nos aguas christalinas
 E calçadas lamacentas.

Minhas gentes venhão vér
 O luzir desta tetéia

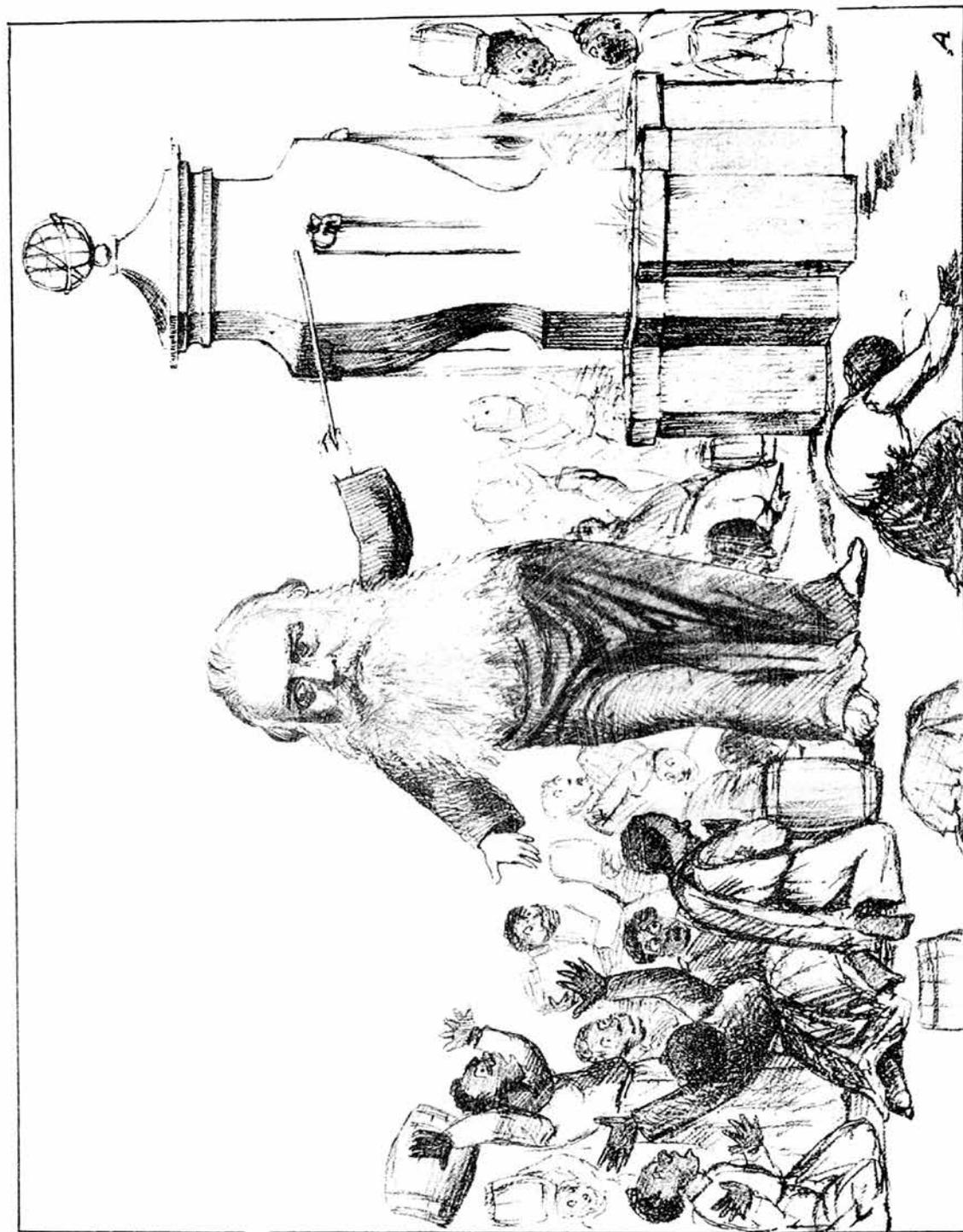


Emfim! Chegou a minha vez! verão mosquitos por cordas—heide mostrar o que sou—Preparem-se!

Vou ver se me ageito com isto!! Ha tanto tempo!!!



Foi tal a fartura que deu para comer, estragar e levar para casa.



BIBLIA PAULISTANA.—Moyses, homem de vontade forte, faz jorrar agua d'um chafariz secco
ha longos annos ; os hebreus reconhecidos, curvão-se submissos.

Resplandece e sobre-sae
A fumosa Paulicéa.

Nhonhô Mendes ordenou
N'uma lei municipal,
Que brilhasse com fulgor
Esta nossa Capital.

Deu-nos luz a kerosene
Não precisa mais do gaz;
Pois que viva nhonhô Mendes
Que é sincero, bom rapaz.

Minhas gentes venhão vêr
etc. etc. etc.

Entre as leis municipaes
Uma existe a mais feliz:
E' aquella que nas ruas
Deu-nos lama até o nariz.

Nhonhô Mendes que nos diga
Onde a praça do mercado?
Me responde ó men nhonhô
Não me seja endiabrado.

Minhas gentes venhão vêr
etc. etc. etc.



GARATUJAS.

Uma senhora de porte distintissimo e elegante
vestido, passando no Domingo pela rua Direita um
certo litterarato de balcão, ao vel-a passar disse,
todo cheio do que dizia:

— Como vem *paralytica* aquella senhora!

— Ha que annos que o não vejo!
— Tenho estado fora da capital.
— Então o que tem feito?
— Ora, estou casado, com duas filhas....
— Pois casou-se com as filhas?
— Não, casei-me; e tenho duas filhas do matri-
monio.
— Ah! começo a perceber. E as pequenas são
bonitas, ja se vê....
— Parecem-se com a mãe.
— Mas minha mãe não se parece com cousa algu-
ma; morreu a mais de vinte annos.
— Peior. Parecem-se com minha senhora.
— Pois tu és captivo?
— Vejo que enloqueceste, estás hoje diffuso.
— De fuso estás tu; mas affianço-te que não me
atarrachas. Adeos.

— Quantos annos tem, meu menino?
— Não sei, não senhor.
— Como, pois não sabe sua idade?
— Não senhor!
— Não se lembra ao menos do dia em que nas-
ceu?
— Ha! disso me lembro; fui nove mezes depois
que papae casou.
— Então conte d'ahi para cá.
— E' verdade o senhor lembra bem, d'ahi para cá
é a minha idade.

— O' papá é certo que o theatro de S. Jose é
filho do sr. Quartim?
— Pois ainda o duvidas?
— Eu sei! Mas que senhora pôde conceber aquella
monstruosidade?
— A D. Provincia de S. Paulo.
Ah! por isso ella anda agora tão abatida.

— Carlos, em que se parece o quarto crescente
com um fintador?
— Em ser meia cara.

Lucas d'Ataúde



CHRONICA.

O facto mais importante da semana foi a posse do sr. conselheiro Chrispiniano como presidente desta provincia.

O sr. Mendes assistiu á festa, como actual e occasional presidente da Camara Municipal; s. s. ia contente, parecia o mais affectuoso amigo não só do presidente, e do ex-presidente, como até de toda a grei liberal!

Dizem (não é segredo) que o digno sub-chefe conservador, arranjou entre os seus collegas da odialidade um grande voto de gratidão ao sr. Homem de Mello, pela sua bem feita administração, não obstante discordar com a parte politica da mesma *cepção politica*, phrase que o digno sub-chefe teve a habilidade de fazer assignar por mais de um camarista liberal.

Será verdade? Não creio, não obstante accreditar muito nos recursos politicos do sub-chefe conservador.

Na noite d'esse mesmo dia, deu-se o baile em honra ao ex-presidente. Cousa curiosa! Os conservadores dançarão, sorrirão, desfizerão-se nos mais doces galanteios ao distincto liberal, ex-presidente; ninguém os viu jamais tão prasteiros, tão garbosos nos bailes do cardeal Henriques, nem nos esplendidos festejos do melifluo Jacintho de Mendonça, ex-proconsul dos cezares conservadores.

Meu Deos! Os conservadores sabem conciliar tão bem as ideias politicas com as leis do galanteio e da urbanidade! Vão tão depressa da cabeça ao estomago!

Feliz presidente, o sr. Homem de Mello! Nenhuma opposição no dia do seu baile, nenhuma bocca que se abrisse contra a sua administração... innocentes boccas; estavam tão cheias!

O baile esteve o melhor possível... comeu-se á valer!

Os homens abraçavam-se, rião-se, gracejavão... enquanto que as mulheres bocejavão.

Gregos e Troianos beijavam-se como Romeu e Julieta; fallavão da sorte do Brasil, da crise commercial, e dos planos de uma eleição feita de comum accordo, da divisão do Estado em duas porções n'uma das quaes reinaria o sr. Euzebio, enquanto d'outra tomaria a dictadura o general Garibaldi—Ottoni.

Foi uma festa esplendida!

Quantos riquissimos vestidos entre as senhoras! Como tudo aquillo flutuava, rebrilhava! Aqui era

um vestido branco, nlli um de cõr de perolas, e os penteados á *cog*, e os cabellos a *gregu*!

Ah! quando teremos um outro baile? Quando?

Theatro. Anda em crise; a criança tem tido poucas melhoras.

No ultimo domingo representou a companhia os *Homens serios* em beneficio.

Depois do drama a sra. Gabriella *arengou* o povo, pelo que foi applaudida... á excepção de um voto que por isso foi parar á cadeia para aprender a ser mais comedido nos seus tacões, e para saber tambem que por ser esta, a terra do Ypirangu, nem por isso s'estende a liberdade até aos pés.

Liberdade de *nariz*, liberdade de arengar, vá, mas liberdade de tacão!... ora faça-me o favor!

Além de que não sabia o revolucionario de tacão, que elle não passa de uma pobre *barata* e que devia portanto temer os *pintos* que andão por ahi a pintar o padre?

Liberdade! liberdade! Contentem-se com ella nos livros, nos codigos, nos tablados... mas no theatro não, que aquillo é casa de comicos, de arengas e de baionetas.

O sr. Quartim é hoje o unico empresario: Deos lhe fade muitas felicidades e muitas enchentes.

O primeiro acto do sr. Quartim, depois dos *trinta por cento*, foi fazer ressuscitar o velho repertorio do sr. Henrique, que terá de apresentar-se hoje nos brilhantes farrapos do famoso D. Cezar de Bazan.

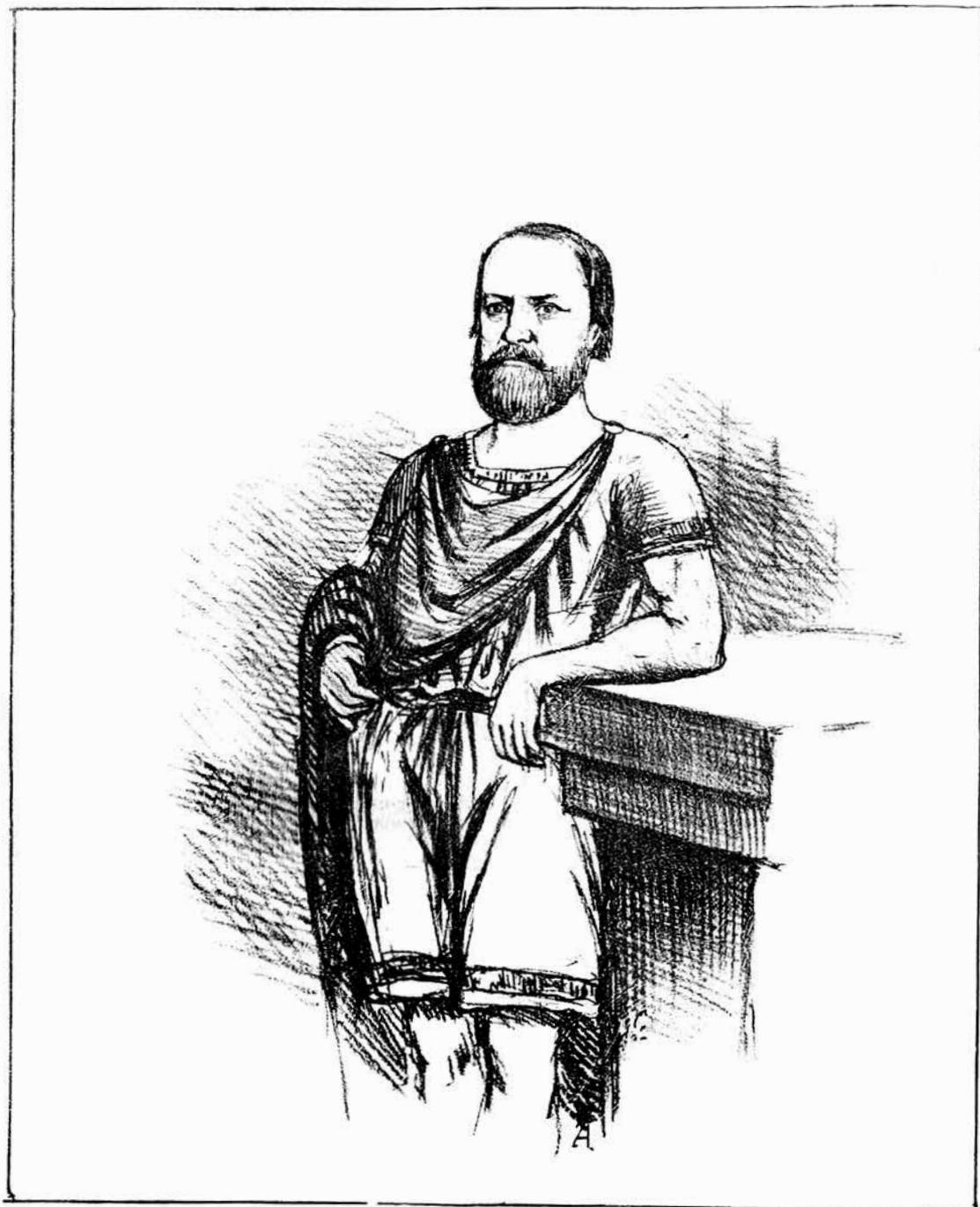
Ainda com risco e vida

Viva o velho repertorio!

Consta que o traductor do—*Toque de Caixa*,—vai dar á scena uma nova comedia de composição sua—A nova briga dos gallos, ou a conciliação das Gallinhas.—

A ultima hora.—Deve chegar brevemente a companhia dos meninos florentinos.

Em consequencia da antiga empreza dramatica ter suspendido os seus pagamentos, resolveu tambem suspender os seus trabalhos a sra. Lima.



UM ATHENIENSE

Acceitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos ou desenhos

DIABO COXO

Assigna-se nesta typographia—Rua Direita. Preços : Capital 12 numeros 48000rs. fóra da Capital 54000 rs. Numero avulso 500



ANNO I.

JORNAL DOMINGUEIRO.

N 8 .



Ahi tem a palmatoria.—Castigue-o, que muito mal se comportou na sua auzencia.—Coitadinho ! se elle ainda agora começa a empennar,—é falta de juizo.

ENTRE BASTIDORES

Insistes ainda ?

Ainda.

Então, que vá ! E's prudente e não quero negar-te o que me pedes : entremos. Porém antes, meu amigo, previno-te que uma vez lá dentro perderás toda a illusão, e nenhum drama te fará interesse, tornando-se até capaz de provocar-te o somno.

Porque ?

Pela mesma razão porque um quadro perde de valor quando o olhamos de perto, —pela mesma razão porque esfriarias se percebesse que erão postigos os dentes da tua namorada, que de longe te parecião naturaes.

Varro a pilheria !

Ahi está a escadinha da rampa, sobe que em pouco serei contigo.

Nada, não irei sem ti, —tenho medo de sumir-me por algum alcapão.

Subamos, e prudencia.

Ah !

O que viste ?

E's o maior feliz dos mortaes.

E porque ?

Olharam todos para ti, e noto que aquella senhora, —vês ? deixou de lêr para comprimentar-te.

Qual ?

Aquella, —não vês ?

Sim. É' a primeira dama.

E lê nos ensaios ?! Má recommendação.

Não te admiraes, é costume antigo. O que julgas que ella lê ?

A parte, —será ?

Nunca.

Paulo de Kock ?

Não.

Não é então ?

Não, por certo.

Eutão dize-m'ô.

Insistes ? Dumas, Feuillet, cu a correspondencia de Portugal

Ah !

Olha, olha, quem é aquella menina, que parece ter descoberto o motuo continuo ?

E' a laciaia.

A laciaia ?!

Sim.

Não sei o que seja, a menos que não haja malicia em semelhante expressão.

Com mil sabonetes !

Não te zungues, meu amigo, não vou adiante, e contento-me que me digas quem é aquelle individuo que parece ser o seu porta-manta.

E' um urso.

Um urso ?!

Porém é manso, não te azeustes, —almoça um pão de ló de neblina, junta tigelladas de estrelas e ceia uma taça de garoa.

E o que bebe ?

Bebe....bebe agua de sabão.

E ella ?

Ella atua-o porque ama a bucolica, —elle faz quadras quadradas, e diz que a altura azul se azulava no azulado olhar, —faz comedias, onde os gallos são heroes.

E o que mais ?

E empresta o nariz para estudos anatomicos-syphiliticos.

Está bem. Agora diviso-lhe no nariz, uma paisagem.

Bucolico até nas ventas.

.....

Ah ! ah ! ah !

De que te ris ?

Que bicho é aquelle ?

E' um Martinho-pescador.

Um passaro bisnáo n'estas alturas ?

E que bico, meu amigo ! Deu-lhe o cupim na ponta, —reparaste ?

Ah ! ah ! ah !

.....

How do you do, Sir ?

E' Inglez ?

Não, mas comprimenta sempre assim.

Está bom.

.....

Como é debil aquella dama !

E' a ingenua.

Noto que não fica quieta.

Tambem faz as travessas.

Travessas !

Sim : Bertha, Elisa, Belinha....

.....

Quem é aquelle mal encarado ?

E' o tyranno.

Não comprehendo.

E que tyrannia, meu amigo !

.....

Apague! este sujeito não vê?
 Porque?
 Pisou-me no melhor callo.
 Anda sempre de bolina? não admira.
 E' actor?
 Não, é o dono da casa.
 Que bonito cabello que tem, não achas?
 Não é d'elle,—é cabelleira.
 Ora, isto tambem não é teu.

.....
 Finalmente, meu amigo, quem é aquelle indivi-
 duo?

E' o vendedor de limonada.
 Purgativa?
 Não.
 Não é então de citrato de magnesia!
 Não, é de Malachins.
 Não conheço a marca.
 Mas é de *effeito*.
 Fiquei na mesma.

.....
 Vamo-nos?

Já?
 Saio como entrei. Vamos.
 Insistes?
 Insisto.

D. Pepito.



A' UM FRASQUINHO DE SANDALO

Um momento, um só momento
 Meu jumento
 Tu tiveste de razão;
 Foi quando ao cerebro insolito,
 Parece que de proposito
 Uma tócha bateu-te a escuridão!

Mais ni! foi tão passageira,
 Tão ligeira
 A chamma que ella verteu,
 Que pela lei do contraste,
 Pobre infeliz, te tornaste
 Mais camello, mais burro e mais sandeu.

GARATUJAS.

—Qual a cidade desta provincia em que ha mais
condes?

—Em Pindamonhangaba.

—Porque?

—Porque tem um *Mur de condos*.

—Em que lugar de S. Paulo ha *cardo só*?

—No theatro de S. José!

—Porque?

—Por causa do Cardoso.

—Para onde correm os *ribeiros*?

—Para o mar.

—Então S. Paulo é um mar.

—Porque?

—Porque o (Augusto *Ribeiro*) corre sempre para
 S. Paulo.

—Porque gosta tanto de balão, minha senhora?

—Porque arredondão mais a gente.

—Pois, minha senhora, se quizer eu posso *arre-*
donda-la.

—Como?

—Mettendo-a n'uma pipa.

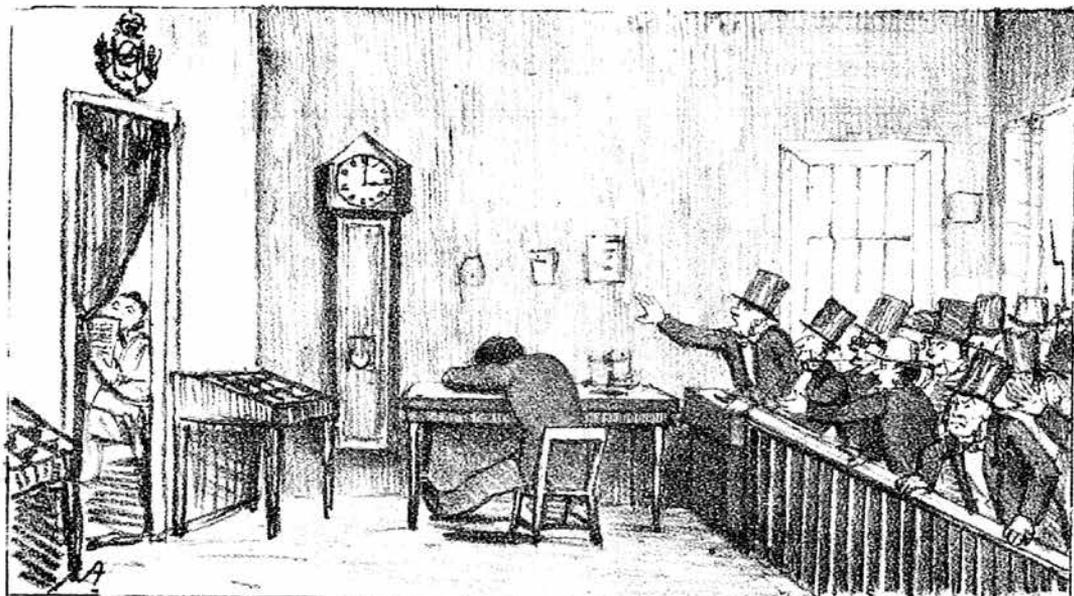
—Porque no theatro de S. José não se representa
 mais comedias?

—Porque *come dias* a ensaiar-se.

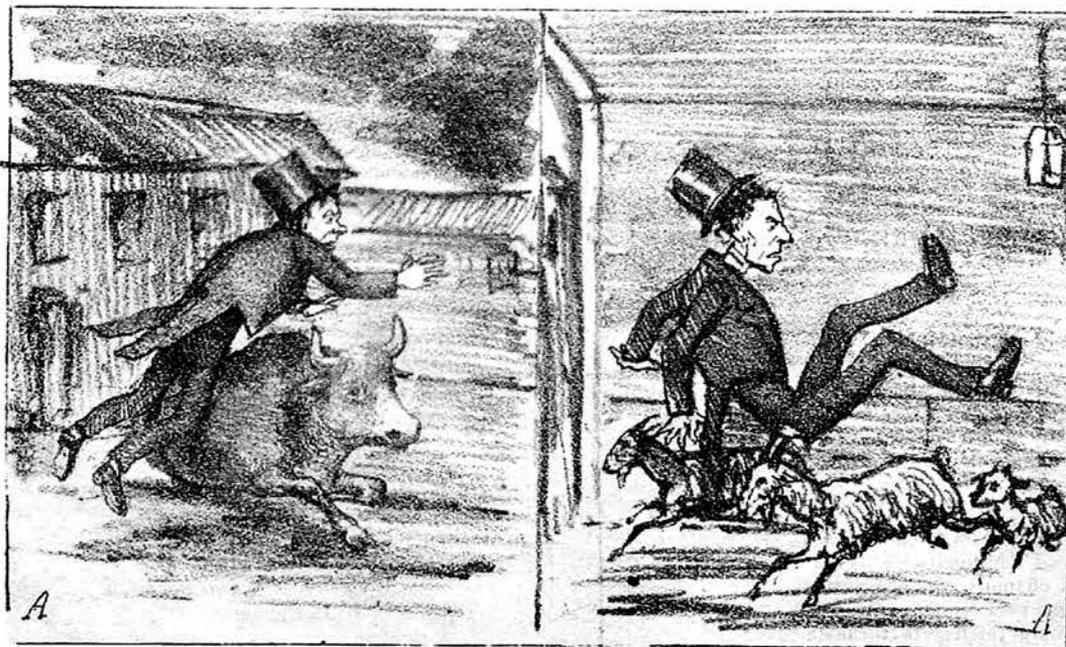
—Em que se destingue o Thomaz Ribeiro por-
 tuguez do Thomaz Ribeiro brasileiro?

—Em o portuguez não ter *rabada*.

Lucas d'Ataúde



Que somno pesado!!! se ao menos elle sonhasse alto... mas qual! não ha meio de alcançar as nossas cartas



Maus*encontros,—nas ruas, bois,—nos corredores, cabritos. Illma. Camara, melhores fiscaes! Sr. illuminador, melhor luz.



UMA SACERDOTIZA

PERGUNTA INNOCENTE

Se os dois Lopes (geometra e actor se coincidissem aonde um metteria o nariz e o outro o queixo?

DIZEM

que a sra. Gabriella nunca estudou os papeis.

—Que o sr. Quartim o que quiz com os seus 30 por cento, foi reduzir o nariz do sr. Lopes.

—Que a sra. Gabriella vai redigir um jornal com os dois Lopes.

(Continúa.)

SPECIMEN DE POESIA

Como é bello ver a lua
Tocando flauta no céu!

C. DE G.

CHRONICA.

Poucas noticias que não sejam desagradaveis.

A academia está de luto pela perda do seu presado e illustre director, o conselheiro Padre Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, e pela de um dos seus filhos mais dignos de estima, o estudante Victor Eloy Monteiro de Barros. Por quatro vezes tem a morte visitado a nossa academia, este anno.

Tres moços, tres esperanças descerão ao tumulo precedendo o velho, tronco annozo, a cuja paterna e beinfaseja sombra entregava-se as suas lides, toda a mocidade academica.

A falta do venerando conselheiro Manoel Joaquim inda não é hoje tão sentida, como o hade ser talvez no dia em que elle tiver um successor.

O governo escolherá de certo um homem igual em capacidade ao venerando finado, mas ser-lhe-ha

difficil senão impossivel encontrar alguem que reuna a riqueza intellectual e scientifica, os thesouros de bondade, de affeição paternal inexgotaveis no padre Manoel Joaquim, que elle tão constante e profusamente derramava entre os seus alumnos, os seus filhos nas letras. E' geral o temor de que com a perda do venerando conselheiro finalise entre os academicos a epocha de paz e bonança, a idade de ouro.

Nos meios destes temores, e d'essas cogitações sobre quem será o novo director, os academicos não admittem que se o busque fora do quadro dos lentes actuaes e em exercicio.

Deus inspire o sr. José Liberato, ministro do Imperio na escolha do successor do illustre e venerando director Padre Manoel Joaquim, sobre cuja sepultura depomos as grinaldas de reaes e verdadeiras saudades.

A' estas horas já está longe de nós, o distincto liberal, ex-presidente desta provincia, o dr. Homem de Mello.

O dr. Homem de Mello soube ser em tão verdes annos, e sem practica alguma administrativa um dos melhores presidentes que tem tido S. Paulo.

Politico de crenças firmes, de character decidido e limpo, litterato de vastos e conscienciosos estudos, homem sisudo e lhano, é o dr. Francisco Marcondes Homem de Mello um dos membros de maior valia do partido liberal, uma das reaes e desvancedoras esperanças do paiz inteiro.

Moços como os drs. Homem de Mello e Couto de Magalhães honrão e são o ornamento da geração á quem pertencem.

Theatro. Já todos sabem que temos entre nós o artista Joaquim Augusto.

Não ha muito tempo que em um outro orgão de publicidade, ou, ao partir o artista para a Europa, dirigi-lhe sentidas despedidas, hoje que vil-a de volta, é natural que o suúde já pela prospera viagem, já pelos louros que colheu em Portugal.

São de todo sinceros os meus cumprimentos ao artista, como muito sincero é o meu desejo de vê-lo no quadro da nossa companhia dramatica.

Fallando desta sorte nada mais faz esta chronica do que ser a fiel interprete dos sentimentos do publico.

A sra. D. Julia fez representar em seu beneficio na noite de quinta feira o *drama do sr. Lacerda—Trabalho e Honra*; vai em grypho *drama do sr. Lacerda*, porque sabem todos que o drama é tanto do sr. Lacerda, como seria meu o Othelo de Skeaspenre, se acaso desse-me ao trabalho de traduzi-lo.

Na lingua franceza intitula-se aquella peça—*Les crochets du père Martin*, ou cousa que o valha; mas o sr. Lacerda achou melhor vertendo-o para a lingua portugueza dize-lo *trabalho* que não é delle. e *honra* que em pouco o honra.

A sra. Julia não poderia escolher peor drama do que este para o seu beneficio.

Em todo o correr da peça não havia uma unica situação em que podesse brilhar o seu talento, não obstante o publico sensato, lembrado da artista nos seus inimitaveis papeis da—*Joanna*, mulher do povo, da *Peccadora*, da *Moça Rica*, e da *Filha do Lavrador*, reconhecido aos esforços que fez constantemente a artista para ngradar, chamou-a á scena e brindou-a simples e sinceramente.

Chamada á scena pela segunda vez, appareceu a artista de braço com a sra. Gabriella, recommençação as palmas e cahirão de novo as flôres e a sra. Gabriella julgou (porque razão?) que tudo aquillo era para si e com um pueril enthusiasmo principia á agradecer e atirar beijos, em quanto a sra. Julia calma, timida e modesta conservou-se no fundo da scena, á vêr a sra. Gabriella colhendo flôres e applausos que não lhe erão dirigidos.

Sancto Deus! Quão outra é a Gabriella de hoje da Gabriella de outros tempos?

D'antes era a seriedade, a modestia, hoje é o egoismo para com suas companheiras, para com a propria sra. D. Julia de quem é madrinha, e a quem no entanto combate, pretendendo formar um partido contra ella, como se deixou vêr tão ás claras na noite de quinta feira!

Que lucro tirará de tudo isso a sra. Gabriella, contra a sra. Julia que é tão geralmente estimada e bem quista do publico da platéa e principalmente do publico dos camarotes!

O que mais pretende a sra. Gabriella contra os seus collegas que tão generosamente prestarão-se á representar no seu beneficio, e sobre os quaes tantos males acarretou rompendo os contractos, o que trouxe em resultado tão cruel redução nos ordenados, o que fez que um pobre artista que mal se podia sustentar á si e á familia com cem mil réis mensaes, não tem hoje mais do que setenta?

A sra. Gabriella pôde orgulhar-se destas glorias, as da sra. Julia são outras, muito mais sympathicas,

muito mais bellas, delineando-se toda a sua vida de artista em duas unicas palavras:—talento e modestin, o que inspirou ao author da poesia que se distribuiu na noite de quinta feira estes tão bellos versos:

Tens o brilho do astro e da florinha
O perfume suave e o sentimento;
Caminha, que a modestia e o genio d'arte
Trabalhão para erguer-te um monumento.

Hoje tem de ser representado o drama tão conhecido e applaudido a—*Graça de Deus*; a sra. Julia faz o papel de Maria; corra o publico ao theatro e vá vêr o quanto vale a sra. Julia como artista.



ANNUNCIOS

10000

—de gratificação—

á quem achar um Carneiro meio tosado, já apresentado ao sr. J. J. Aubertin; fugio no dia 30 do mez passado. e dizem alguns, que o virão no—Hotel Taborda.

Quem do mesmo der noticias certa, ou leva-lo ao Barracão, será gratificado se exigir.

DIABO-COXO

Pede-se aos srs. assignantes que ainda não satisfizerão suas assignaturas, o obsequio de faze-lo por duas razões, 1. = porque o Diabo-Coxo precisa de uma outra muleta.

2. = Porque este é o 8. = numero da primeira colleção.

Typ. e Lit. Allemã de Henrique Shroeder.



Elle irá á immortalidade atado á ellas : errantes hoje, amanhã serão fixas.



Acceitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos ou desenhos

DIABO COXO

Assigna-se nesta typographia—Rua Direita. Preços : Capital 12 numeros 4\$000rs. fóra da Capital 5\$000 rs. Numero avulso 500



ANNO I

JORNAL DOMINGUEIRO



—Olá, senhor, dá-me o seu nariz?

—Para que?

—Para . . . para . . . para fazer presente d'elle aos fiscaes juntamente com este par de oculos.

A MALA DO CORREIO.

Quando me acho diante de uma folha de papel para escrever alguma cousa, procuro sempre uma idéa nova, e n'essa pesquisa occorreu-me escrever sobre a mala do correio—assumpto esteril, e que por esteril ninguem ainda se lembrou d'elle—assumpto indifferente, e que por indifferente tem sido esquecido. Esteril e indifferente, porque ninguem ao lançar as cartas na mala, pensa no que está fazendo—eu quero, porém, ser philosopho, aproveitando a occasião para demonstrar a influencia que a mala exerce na sociedade, e passo a prova-lo como melhor puder a minha *bem aparada* penna. Não é vaidade, creião-me, porque aprendi a *aparal-as* perfeitamente no meu tempo de cascabelho.

Antes de tudo devo dizer que a mala do correio é um ente illustrado, graças á carða nacional collocada quasi sobre a sua cabeça; tem o olfato estragado, e isto devido ao *perfumado* encanamento do sr. Porfirio, que se serve de linha divisoria entre ella e os cafés da Laurette.

E' impossivel: vê passar-se no seu interior cousas que não deverião passar-se, fazendo que as não vê. propriedade esta exclusiva do nosso governo. Quantas vezes vio ella dentro de si lutar a vida com a morte, e nao tratou de separal-as, cahindo a vida sobre a morte, ou a morte sobre a vida, como se pudessem estar juntas em parte alguma.

Eu devia tambem dizer que a mala não tem partido, porque tanto lhe importa receber em seu seio, disculpem a figura, uma demissão como nomeação de qualquer empregado publico, e posto que seja uma razão para dizer que não se inclina a partido algum, asseguro que é muito democrata, porque desde a sua fundação estabeleceu uma igualdade sem limites: acceta tanto a carta do fidalgo como a do plebeu, do rico como a do pobre, faço esta distincção porque nem todos os nobres são ricos, ainda que as vezes o apparentem, nem todos os ricos nobres; tanto acceta uma carta em papel setim *doré sur tranche*, como em papel pardo de embrulho.

Não pensem, porém, que a mala do correio é qualquer cousa, recebe diariamente mais visitas do que um eleitor liberal...em epocha de eleições, bem entendido.—e occupa um lugar muito distincto em meu coração...quando traz-me algum dinheiro pelo seguro.

Para o que veção. Sou, por exemplo, perseguido por um *cadaver*, conforme a gyria, e ameaçado com todas

essas phrases bannes, que a pratica ensina e o tempo não altera, lanço mão da penna escrevo ao papay ou á mamây, que, depois da classica sarabanda, manda-me um seguro.

Abençoada mala! Saio, por exemplo, cabisbaixo e merencorio, e vou no ensaio de algum drama novo buscar um lenitivo para as minhas dôrs. Entro no theatro. Tudo é silencio. Os actores sorriem á sob-capa. O primeiro actor apregõa a limonada purgativa do sr. Malachias, que faz suas observaçõesinhas sobre a vida de Eugenio Sue. O Desgenais torce o bigode e manjeja entre os dedos um ruto, que diz ser Cucilla. O tyranno exalta a escola antiga e observa que a moderna fechará as portas dos theatros, no Brasil. O galan falla em deixar a arte. O comico inventa pilherias. O centro pensa nas *horas vagas*. A primeira dama lembra as suas glorias antigas, e compra os seus admiradores de houtem, com os seus admiradores de hoje. A ingenua conta as bambolinas. O ponto abre a boca e passa o lapis nos cabellos. O contra-regra estuda planos para a proxima eleição. A segunda dama cochicha. O segundo galan assobia umcôro, e... e o que mais? e os intimos riem-se.

Reina a insipidez no templo de Thalia.

Saio cynico, e uma força desconhecida me leva para a casa da mala. Esbarro, levanto a cabeça, examino, olho, e vejo meu nome estirado na lista dos seguros. Ah! grito eu com mais força do que o Henrique n'um dos seus tyrannos, e correndo ao Cruz acho n'elle uma cruz de condescendencia.

E' um seguro: estendo os dedos sobre o lacre —zás! quebro-o.

Estã aberta a carta.

Tenho medo de lel-a,—deito-lhe olhos languidos, meu ser estremece: não é dinheiro!

O que será?

E' um amigo que me pede....

O que?

Noticias do theatro!

E devo satisfazel-o?

E' um amigo quem pede....

D. Pepito.

(Continua.)

FOGO

Compadre, tudo anda azezo
 Entre o pé dos bastidores ;
 Levante-so o mundo em pezo
 Que lhe não mata os ardores,
 Maldicta *Briga de Gallos*,
 (*Ad perpetum memoria!*)
 Que originou tanta historia
 Tanta *briga* no theatro !...
 Depois d'isso,—oh que comedia !
 Tem havido o diabo-a-quatro.

Chovem flores e chovem versos,
 Chovem palmas e tacões ;
 Até no empresario chovem
 Dous mil reis e dez tostões !
 Bonito ! bravo, compadre !
 Ha dinheiro, haja dispendio.
 Mas o peor é o incendio
 Ateiado entre os artistas :
 Maldicta *Briga de gallos* :
 Oh ! quem lhes queimara as *cristas* !

Pela boca morre o peixe !
 Palavra pucha palavra !
 Quanto mais se *afia a lingua*
 Mas o fogo cresce e lava,
 Deixal-os, pobres coitados !
 Que *Sao José* lhes accuda :
 Se o repertorio se muda,
 A coisa fica mudada.
 Queira Deos que apague o fogo
 Do Ghirlanda a *limonada* !



GARATUJAS.

- Quem é aquelle individuo ?
 —E' um dos maiores amoladores conhecidos.

- E porque elle *amola dôres* ?
 —Porque não pode amolar outra cousa.

- Essa mulher passa bem ?
 —*Passa*, quando não encontra obstaculos.

- Então Fulano quebrou ?
 —Ha que annos.
 —Ha annos, não ; ha dias.
 —Affianço-te que ha dez annos ja elle usava funda.

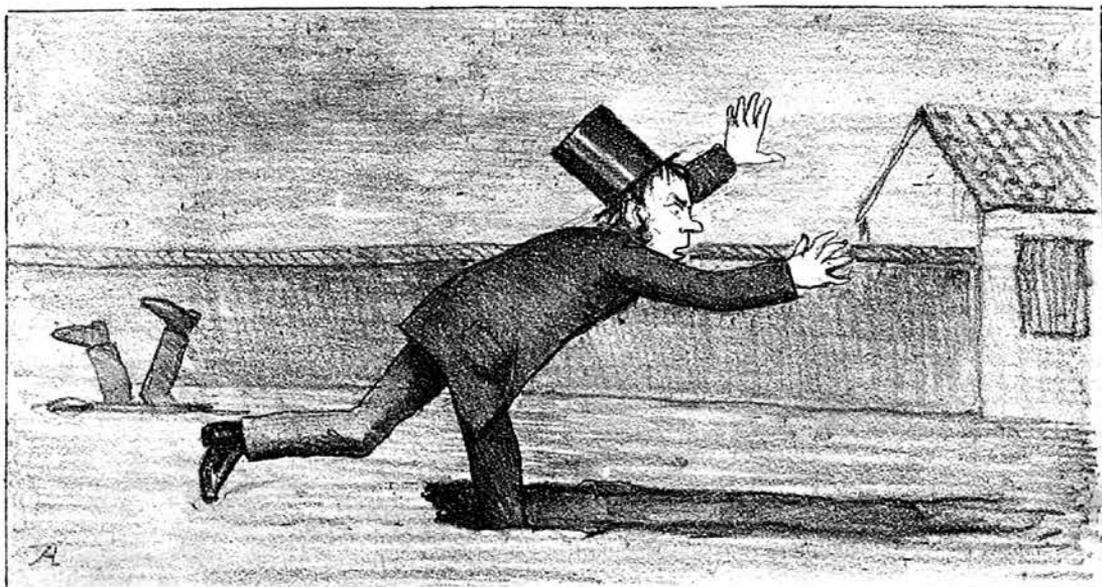
- O que tem ?
 —Estou massado.
 —Com que ?
 —Com a morosidade do Correio.
 —Pois *correi-o*, que elle será menos moroso.

- Chegamos a S. Paulo. Que *felicidade*...
 —*Feliz cidade* por ter a v. ex. em seu seio.
 —*Sei o...* não diga mais.

- Emprestas-me o teu Cavour ?
 —Empresto.
 —Está ainda em bom uso ?
 —Está novinho.
 —*No vinho* ! Então deve cheirar a borra.

- V. ex. tem um bonito pé...
 —Hade perdoar, tenho dous.

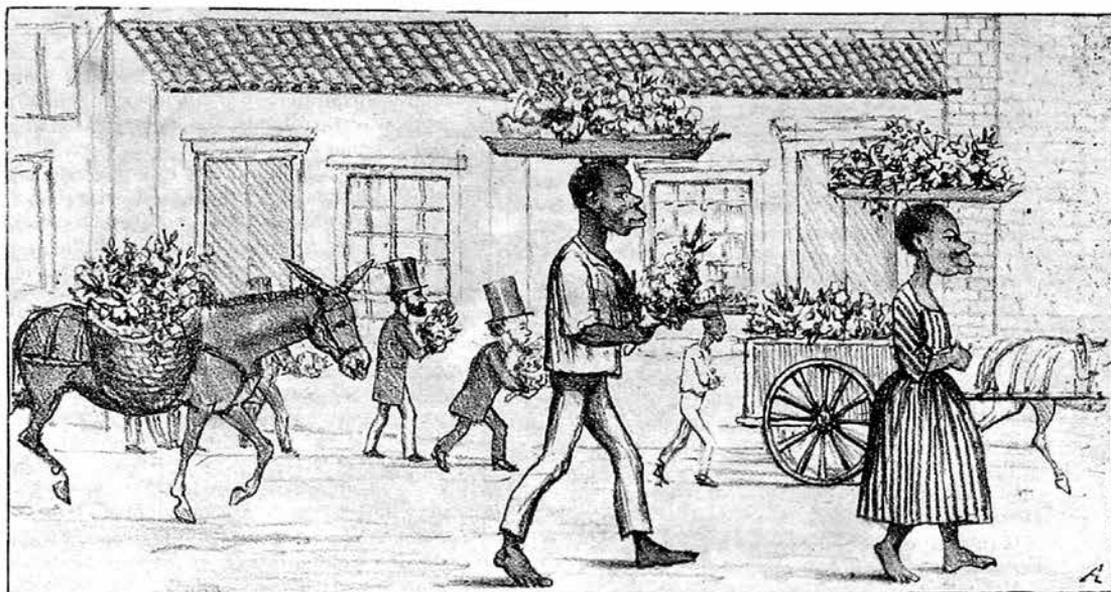
- V. ex. já viu o mar ?
 —*Omar Pachá*, vi na *Illustração*.
 —Não é isso ; pergunto se viu o mar, o Oceano ?...
 —Não senhr ; desse nunca ouvi fallar.
 —Inda não me comprehendeu ; pergunto-lhe pelo mar ; por onde andão os navios... .



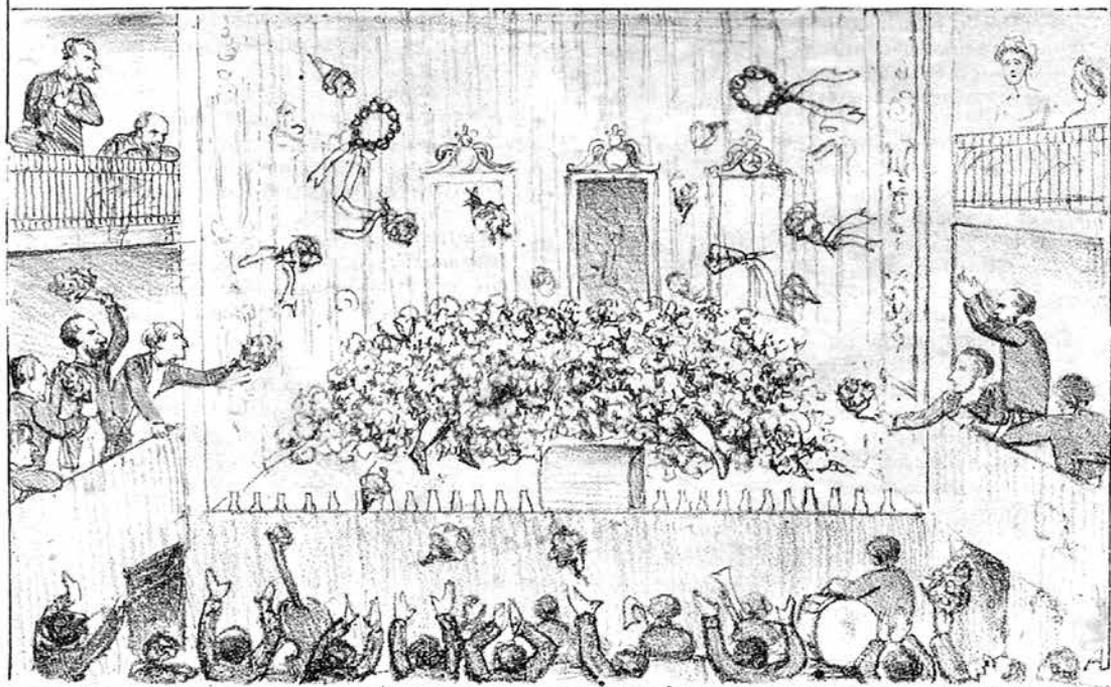
RUA DA TABATINGUERA
Ratoeiras Municipaes.—Ai de nós, Illustrissima



Que bello quadro : a varzea, os urubús, as flôres, os cães, os passaros, e a immudicia !—Inspiraivos, sis. fisções !



Mudança dos jardins para o theatro de S. José.



Não se illudão : debaixo das flores é que se escondem os espinhos.

— Não vios, não senhor. Inda não vierão na *Illustração*.

Lucas d'Ataúde



CHRONICA.

O leitor ha de permittir que desde já entre o chronista na questão, senão a unica, a mais importante da semana.

Theatro.—Na noite de domingo representou-se como estava annunciado o drama:—*Graça de Deus*.

O theatro esteve cheio a mais não poder, a representação correu o melhor possível.

Joaquim Augusto brilhou. O papel do Comendador é de todos os papeis do seu repertorio, o que lhe vae melhor, o que lhe pertence mais incontestavelmente, o que elle creou, e que ninguem tão bem como elle tem representado.

Desde o primeiro até o ultimo acto é sempre o mesmo libertino dos bons e f-mosos tempos de Luiz XV—o bem amado.

E a canção libertina, espumante, bandalha da regencia?

Ah! Como soavão bem estes canticos nos banquetes em que se sentava a Pompadour?

E os risos do duque de Richelieu, riso homérico, fresco, *mousseux* como o champagne!

E a physionomia á meio clerical e silena do bom Cardinal Dubois!

Todos estes homens, festas, a Pompadour, a Dubarry, Voltaire, Richelieu e Luiz XV; em uma palavra, um seculo inteiro passou-me pelos olhos na noite de domingo.

Joaquim Augusto soube caracterisar-se, dizer e representar: dou-lhe mil parabens.

O papel de Maria, a pobre Suboyarda que vae á Pariz em busca da fortuna, foi confiada á sra. D. Julia, o que é dizer tudo.

Paixão, simplicidade, amor filial tudo se traduzir nas feições de D. Julia.

O canto do 1.º acto repassado de tristeza, repetido depois no 2.º acto como uma prece, rescendente de saudade, e mais tarde no final do drama é por si um poema.

A sra. Julia trabalhou como sempre: simples, verdadeira, inspirada; o publico fez-lhe mais uma vez justiça e raro temos visto ser uma artista tão applaudida como o foi a sra. Julia.

O mais bello applauso da noite foi nna poesia offerecida á mesma artista e já transcripta no *Correio Paulistano*, producção de um dos mais distinctos poetas da nossa Academia; o publico que já leu esta poesia deve concordar comnosco que é ella um primor d'estylo, e de pensamento.

Acabado o expectac'o entre os mais vivos applausos, uma banda de musica esperou n'uma das portas do theatro a digna artista a sra. D. Julia, que ao lado do distincto actor Joaquim Augusto, e de quasi toda a companhia dramatica foi assistir á uma ceia que lhe foi offerecida em um dos hoteis desta cidade.

Hoje tem de ser representado *O Vendedor de Limonada*, traducção do sr. Ghirlandu.

Dizem que o papel do sr. Augusto é soberbo. Outro ponto.

O Club do Hotel do Commercio gemeu e como a montanha deu á luz... um ridiculo.

O estylo não é sómente o homem, é tambem o nariz; a correspondencia do *Correio Paulistano* é da lavra do sr. Lopes Cardoso.

A phraseologia de toda a correspondencia é como o nariz do escriptor: longa, indecente, esburacada.

Por onde chegámos a certeza de que era do sr. Cardoso o *a pedido* incerto no *Correio Paulistano*?

Pelo ponto justamente que mais nos devia affistar do nrigudo actor: pelas duas phrases latinas que vem ali apimentando o prato: *pueri ludunt, delirium tremens*, erão as unicas sabidas pelo auspicioso *empennado*; disse-as, está satisfeito, em breve dar-nos-ha talvez alguma traducção do latin, sua, como o é a do *Medico das Crianças*.

Pobre e coitado sr. Cardoso, como se compromette cada vez mais!

Como se agita para que o vejão!

Mania de gente pequena! Gritar sempre e sempre á cavallo nos tellados, ou nos marcos das ruas, para que os oução, os vejão, os considerem.

A que vem, sr. Cardoso, aquella aggressão de palhaços? A que vem citar os nomes dos seus collegas?

Que mal lhe fazem os seus collegas, hoje sacrificados nos seus interesses por culpa sua?

O que pretende o sr. com o seu *á pedido*?

Dizer que a sra. Gabriella nos odeia?

O que temos nós com a sra. Gabriella?

Que interesse temos em saber ou não que elle vive, come, dorme, falla ou se sacrifica pelo sr.?

Deixe-se de pavores; está liquido e decidido que a sra. Gabriella apanhou, na noite do beneficio da sra. Julia, fôres e ramos que não lhe erão offerecidos; é patente e lastimavel que a sra. Gabriella tenha-se portado em S. Paulo com uma leviandade que não estava em seus habitos, com uma inconsideração e incontinencia de linguagem improprias da sua idade, do seu sexo, do seu elevado merito como artista.

A nossa opposição á sra. Gabriella não vae além, nem chega a sua individualidade de artista; isso não: sentimos em toda esta questão tão sómente que se esteja perdendo em S. Paulo, pelo orgulho, vaidade, ciancice quem pelos mesmos motivos já perdeu no Rio de Janeiro.

Pensão acaso o sr. Cardoso e os máos conselheiros da sra. Gabriella, que haja algum theatro em todo o Imperio que a queira contractar tal o qual como ella se tem mostrdo em S. Paulo.

Doze ou vinte ramalhetes atirados á uma artista não lhe constituem gloria: esta origina-se do proprio merito reconhecido pelos homens intelligentes; notado e perpetuado pelos escriptos, e consolidão na estima e na consideração publica.

Esta gloria, a unica duradoura e bella, foi em alguns tempos a sonhada pela sra. Gabriella; então, ninguém que não fosse seu amigo, seu admirador.... hoje....!

Reflecta a sra. Gabriella em todas estas cousas, recolha-se em si e veja á que abyssmo a arrastão. Fallamos com a maior simplicidade d'alma.

Seja a sra. Gabriella a primeira, perante o publico, a romper os planos de rivalidade que os seus admiradores querem fazer entre ella e a sra. D. Julia.

Pois a sr. Gabriella se animará a fazer guerra á sua propria afilhada, á uma actriz cheia de talento, e de estimaveis qualidades? A sra. Gabriella ignora á quantas e quaes desfestas publicas se está sugueitando por isso que as provoca?

O aceitar ou não a sra. Gabriella os nossos conselhos razoaveis, pouco nos importa: fallamos desta sorte por lealdade de guerra; por numerosos testemunhos sabemos do modo inqualificavel com que nos trata a sua natureza religiosa, e no entanto o publico tem visto o quanto temos poupado a sra. Gabriella, porque não sabemos calcar por terra á quem hontem veneramos, mas estamos á todo o custo decididos á não consentir que soffra impunemente a

menor offensa a sra. Julia, por uma questão em que ella não influenciou nem contra nem a favor.

Consta que deve hoje ser desfetenda a sra. Julia; considera a sra. Gabriella no passo que vão dar os seus admiradores com o seu previo consentimento, para que mais tarde não se arrependa; a policia tome as suas providencias; quanto a nós não abandonaremos o nosso ponto de honra.

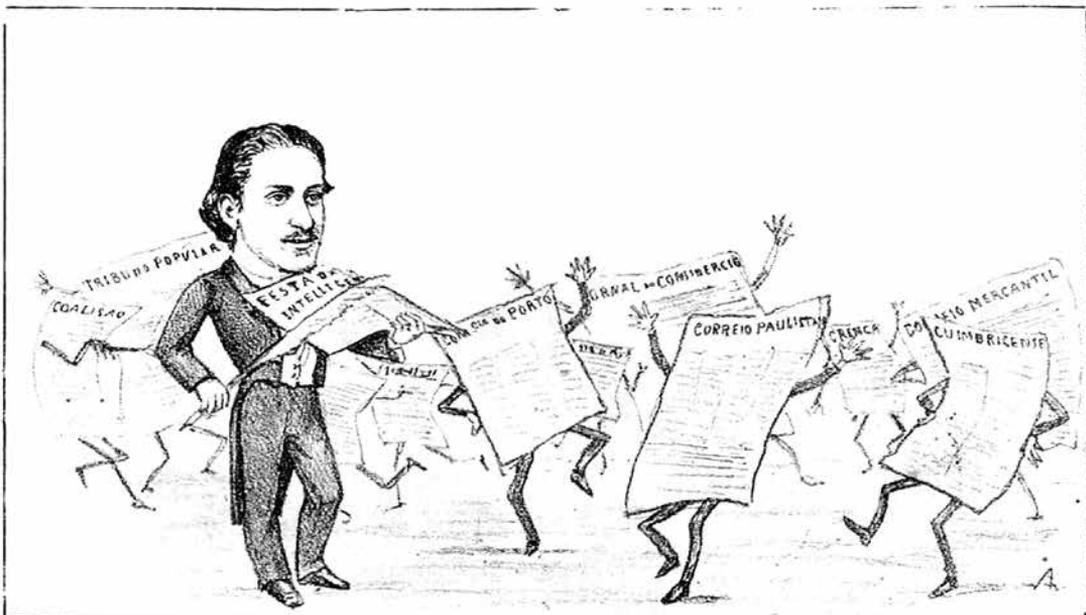


ANNUNCIOS

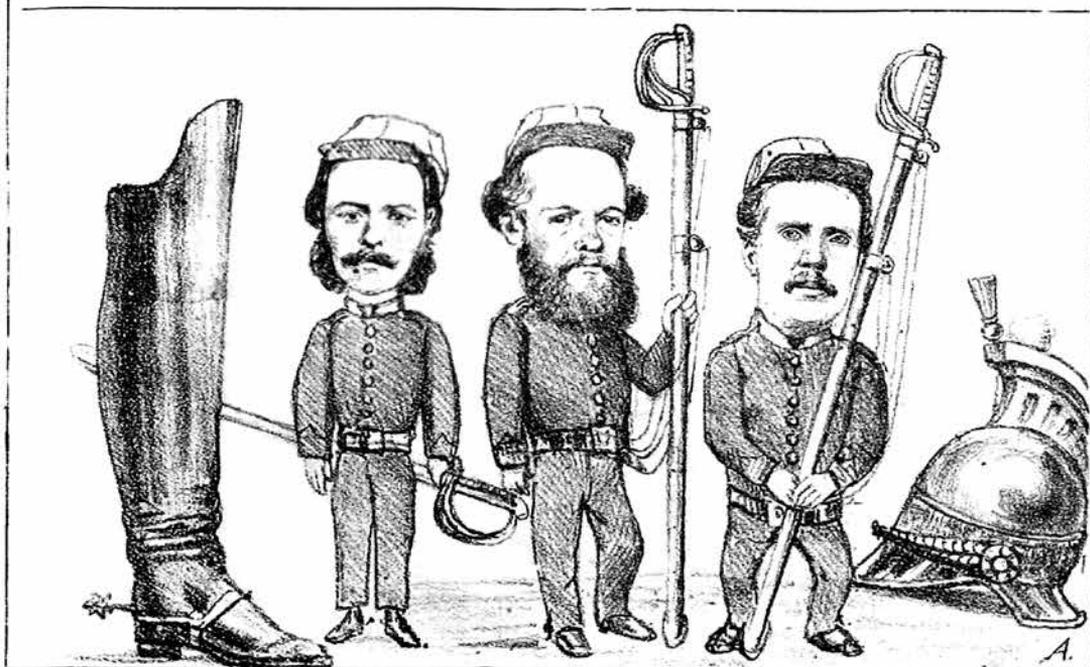
Attenção

Na rua mais populosa
Desta cidade imperial,
N'um predio de côr de rosa,
Com portão especial;
Ha p'ra vender—que lindeza!
A preço de quatro notas,
Vindos de terra franceza
—Cinco cágados com botas.
Lembramos ao illustrado
Que aproveite a occasião
De ir vêr ao predio indicado
Os cágados em questão.

Perdeu-se uns pés de burro. Desconfia-se que *alguem* os ande occupando. Protesta-se contra o individuo, e promette-se declarar o nome se não os restituir ao dono.



Uma festa da intelligencia.



Specimen de voluntarios para o novo regimento dos «Cent gardes», que vão formar-se n'um paiz descoberto por Gulliver.

Acceitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos ou desenhos

DIABO COXO

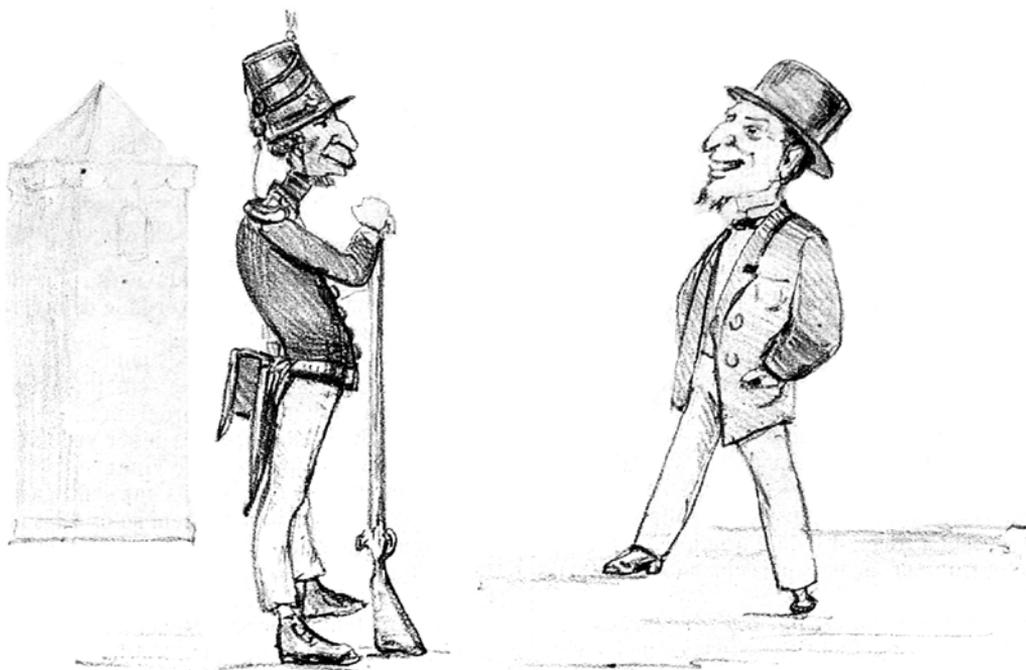
Assigna-se nesta typographia—Rua Direita. Preços : Capital 12 numeros 4\$000rs. fóra da Capital 5\$000 rs. Numero avulso 500



ANNO I.

JORNAL DOMINGUEIRO.

N. 10.



Que defensor da Patria !!!

HISTORIAS

No dia 24 de Maio de 1852 chegou ao porto da Bahia o brigue «Flor do Tejo» carregado de cento e vinte homens—e entre elles contava-se o heroe da historia de hoje.

Baixo de estatura, feio de cara, rico de nariz, pobre de espirito, fertil em sandices—são os dolles principaes do nosso grande gaiato.

A primeira vez que o vimos não deixou elle de impressionar-nos um tanto ou quanto, pelo modo de fallar e pelo porte pretencioso; e apesar de immundo e trazer ás costas simples caixa de pinho—dissemos de nós para nós—aquelle fará fortuna!!

Dito e feito. Uma vez em terra buscou altas posições—e como não lh'as quizessem dar pela falta de merito—elle não desanimou de seu intento e pensou dia e noite no meio mais facil de elevar-se—infelizmente faltou-lhe o pão, vio-se obrigado á empregar-se em uma «taberna».

—«Oh! que vida, e que inferno», repetia elle muitas vezes ao dar um copo de vinho. Eu quero subir—e hei de subir».

Assim passaram-se mezes;—todos os dias o sonho favorito de «subir» não o deixava;—todos os dias repetia elle sua phrase de esperanza!

Uma tarde foi mandado pelo gorducho patrão á cobrança de uma divida de patacos, e ao passar pelo theatro observou alguns caiadores em suas escadas... derrepente tornou-se rubro—recuou—e no auge de alegria gritou «achei».

No dia seguinte despedia-se elle do patrão e com instancias pedia ao mestre da obra—que o deixasse «subir» em uma das escadas de caiador

O sonho começava a realizar-se.

Subiu orgulhoso, ufano de si—e viu a seus pés o mundo e a «populaça».

Dedicou-se a caiador—tornou-se mestre—e disputava honras em questão de «alta pintura» (não é esta a frase) a todo e qualquer reforçado «mina» que por acaso apparecia ao seu lado de brocha na mão.

O heroe um dia subiu tantos degrãos que obrigou-me a erguer a cabeça para o poder vêr.

Hade fazer fortuna, repetia ainda quando depois de o ter reconhecido observei o delirio com que elle esfregava a «brocha» pelas paredes escuras.

Depois do exterior passou o nosso heroe a «borrar» uma parte interna...ahi viu elle por sua vez abaixo de si os artistas que ensaiavão. Oh! que ufano parecia o «artista de brocha» nos ultimos degrãos de sua escada de borrador! como erão pequenos e sem merito aquelles que trabalhavão abaixo delle?

—Tu ganhas duas patacas para caiates, disse-lhe um dia um companheiro, vem ser carroceiro e terás o dobro.

—Não quero... misero... aqui disto menos das nuvens e do céu—e lá pretendo chegar.

Oh! como era ignorante—esquecia-se de que o reino do céu estava-lhe já prometido—na Biblia.

(Continúa.)



CADAVERES

Ha nesta cidade uma raça perseguidora de todos os seus pacificos habitantes; raça terrivel como as pragas do Egypto, assoladora como a febre negra de lava, pustulenta como a morphéa: é a «raça dos credores.»

A academia chamou-os cadaveres por uma requintada ironia, porque na verdade cadaveres são os devedores e elles corvos.

Como elles esvoação sobre os pobres devedores, como beliscão, e como á semelhança dos morcegos soprão depois de morderem!

Um cadaver é sentido, antes de ser visto: trestanda, embora o aromatizem de vinagre.

Na distancia de cem braços faz sentir a sua aproximação e por isso tambem só os tolos não o previnem, dobrando a esquina, seja esta embora de um becco sem sahida.

Como os mortos beatificos brinca-lhe nos labios um constante sorrir, especie de cumprimento e quanto mais doce é o sorriso, mais re-

donda é a cifra, mais forte o bote ao pacífico cidadão.

O credor é manhoso como uma cobra, ardiloso como um tamanduá—bandeira, um abraço delle é a morte, enganador como uma sereia.

Canta mais terno do que uma cigarra no verão, suspira que nem uma virgem sonhando amores.

Dividem-se os credores em nobres e plebeus, altos e baixos, tolos e espertos, magros e gordos: de cada uma destas especies trataremos ao depois.

O credor tem alguma cousa de parecido com os tremedaes: plano, risonho, florente de longe, chama-nos, promette-nos delicias, uma hora de satisfação; caminhamos para elle, cahimos e só um milagre paterno ou materno, nos pôde livrar da morte: a morte da reputação e do credito.

Durante o correr do anno, comportão-se mais ou menos bem; á proporção porém que o sol annual descamba no occidente, vão-se tornando pertinazes, perseguidores.

Principia o pacífico cidadão á soffrer periodicas reduções na sua liberdade individual.

A cidade, tem por exemplo trinta ruas; até o mez de Maio é livre a victima percorre-las todas; nos fins de Junho já estão ellas em 27, á fins de Agosto á 17, em principios de Outubro á 10, no meiado de Novembro á 5, no fim á 1 que é a rua da Gloria, por onde ella vò nas azas do medo, até ao ninho materno, deixando boquiaberto o famigerado credor, putrefacto, estendido no caminho o noventa cadaver.

Em S. Paulo ha diversos modos de viver, modos constituidos, desflnidos, sociaes; á todos elles ajunta-se um:—o ser «cadaver».

Nas ruas ouve-se á cada passo dizer:

—Quem é aquella especie de Sancho-Pansa, que vae alli?

—Que besta de Balaam é aquella que vai trocando?

—São credores.

—Os credores de quem?

—De todos.

—De todos! essa é boa!

—De todos sim! credor é uma posição como outra qualquer, é-se credor, como se é relojoei-

ro, leiloeiro, accendedor de goz, director d'al-fandega, banqueiro ou actor.

São estes os nossos preludios á respeito da casta de credores, ou cadaveres que convem distinguir dos vinagres, outra classe tambem original.

Os credores ou cadaveres são tambem appellidados por alguns:—Úrsos brancos, inglezes na costa, e malucos.

Com mais vagar nos occuparemos d'estes famosos typos paulistanos, accensorios forçados da vida do estudante.

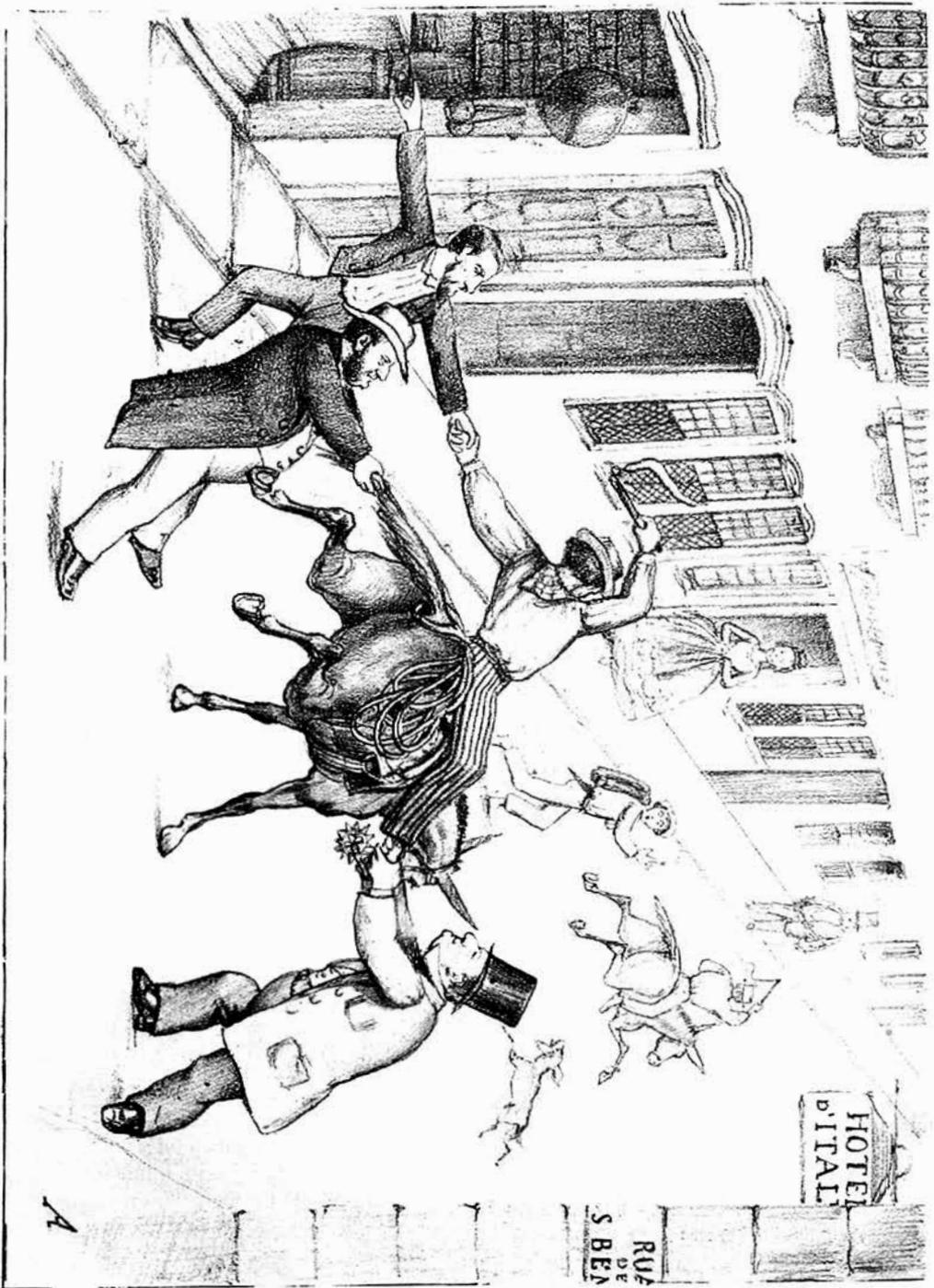


A UM MALDIZENTE

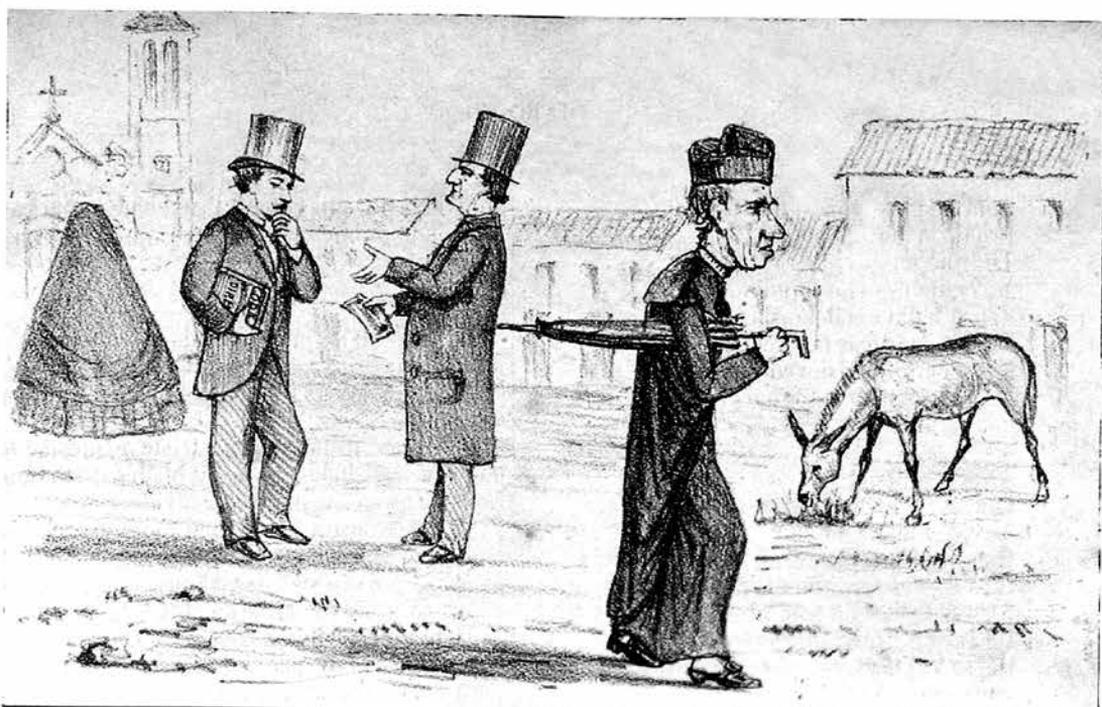
Monstro voraz e maldito
Que todo o mundo atassalhas,
Que és peor que mil navalhas,
Peior que as «pragas» do Egypto;
Tu, oh serpe venenosa,
Cuja áspide affrontosa
Tem força na aleivosia;
Cuja boca o mal inventa,
Cuja baba peçonhenta
E' peor que a hydrophobia;

Tu que aos vivos não perdôas,
E aos mortos tambem alcanças;
Que mesmo nas acções boas
Só peste e veneno lanças;
Tu, cuja lingua hedionda,
No lodo da infamia sonda
Só vertendo amargo fel;
Que tendo feições de humano,
Tua lingua faz mais damno
Do que a cobra cascavel;

Tu, cuja boca escumante
Sómente produz postema,



P'ra cá freguesão. — Aqui amigo. — Apeite aqui patricio. Ai de nós!



O que se vê mais em S. Paulo.



— Adeos! Adeos! Obrigado pelos bons biffes.
— Também digo adeos aos meus cobres.

Com mais horrores, que o Daute
 Produzio no seu poema;
 Tu, que no corpo és rotundo,
 Mas cujo espirito immundo
 Causa lédio em demasia;
 Tu que alardeas favores,
 Mas com tristes devedores
 Não és « vinagre, és harpia »

Podesse o Fado igualar-te
 A' sorte de Prometteu,
 E a propria lingua trincar-te
 C'os dentes que alguém de deu!
 Podesse eu, co'a mão alçada,
 De Judith brandindo a espada
 Dessa voz deixar-te á mingoa!
 Isto cruel não pareça:
 Sem decepar-te a cabeça,
 Bastava cortar-te a lingua!...

CHRONICA

Na sexta-feira 2 do corrente, completou trinta e nove annos S. M. O Imperador.

O dia 2 de Dezembro é um dia de jubilo para os brasileiros, por isso que quanto mais cresce em annos o Imperador, mais lhe crescem tambem a prudencia e tino administrativos, e mais se augmentão o amor e o reconhecimento do paiz inteiro ás suas virtudes civicas e domesticas.

Prudente á toda a prova, espirito sagaz e cultivado, o Imperador calcula friamente os prós e os contras da sciencia governamental, e só lhe fallão os desejos de bem publico, quando vencidos pela força das circumstancias.

A's provas de amor ao povo, aos publicos beneficios que elle tem sabido derramar durante o seu reinado, não póde a nação deixar de ser reconhecida ao seu Imperador, fazendo no seu dia

anniversario, mil votos á Providencia, para a sua felicidade publica e privada.

No dia 29 do mez passado solemnizou-se na Academia a collação do grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes a setenta e nove academicos.

Foi uma festa alegre e triste ao mesmo tempo; ha em todas as festividades deste mundo esse—«que» incomprehensivel.

Os moços que se formarão no dia 29 deixão amigos, recordações, a idade dos romances, das poesias, deixão as chrysalidas, o que lhes será o mundo positivo, a borboleta?

Toda a despedida é triste, e a collação do grão é um dia de despedida, seja embora a partida para o paiz do futuro, para o infinito.

Temos a fazer uma pequenina rectificação. Ha dias publicando a illustrada redacção do «Correio Paulistano» uma poesia de Laurindo Rabello, disse que o proprio author a intitulára o «Canto do Cysne.»

Ha nisso um pequeno engano: quem deu o titulo de «Canto do Cysne» á soberba poesia do grande poeta, foi a redacção do «Correio Mercantil.

Fazemos esta rectificação porque muitas pessoas tem extranhado que o proprio poeta chamasse canto do Cysne á sua ultima composição, querendo encherger n'isso um «senão,» o unico aliás que á dar-se, se poderia notar no sublime canlico do fallecido poeta.

Theatro.—Representon-se no domingo passado o drama francez—O Vendedor de Limoadas, bella versão do sr. Ghuirlanda.

O drama foi immenso applaudido, cabendo as honras da noite ao sr. Joaquim Augusto na parte de protogonista, e ao sr. João Caetano Ribeiro como scenographo de uma vista de carcere.

No drama só poude distinguir-se o sr. Joa-

quim Augusto, porque o drama é como se diz em linguagem de bastidores, um solo á côros, isto é, havia sómente um papel, sendo tudo o mais accessorios.

Joaquim Augusto deu um pulo até a Côte, pretendendo voltar em breve.

Correra o boato de que entraria em scena no dia 2 de Dezembro o Lopes (Cardoso,) foi porém boato falso; em compensação o campanudo actor pronunciou um discurso pelo nariz na ceia dada a sra. Gabriella.

A sra. Gabriella tambem fallou: o que disse? tudo; menos o que seria conveniente, sincero, e verdadeiro.

A senhora Gabriella é de uma imprudencia sem nome; não só se compromette, mas manda que os seus a comprometão.

E os dois ou tres cogumellos intitutados chefes do partido Gabriellista que não perdem tambem vasa em comprometê-la?

O prestito para a ceia esteve engraçado: lembrava o bando dos tymbales na vespera do Corpo de Deus: archotes, musica de pancadaria, o chefe barbudo, pescador de tartarugas, mercador de seringas, no Pará, em frente enthusiasmando a rapaziada, e no meio de toda esta charola a sra. Cabriella, a seria senhora Gabriella, a gloriosa artista do Rio de Janciro, aquella que já teve por seus applaudidores em outros tempos, os Octaviano, Manoel de Almeida, Senna Pereira, Bittencourt da Silva, Machado de Assis e outros.

Meu Deos! Sic tranzit gloria mundi.

Offerecemos hoje na ultima pagina, aos nossos assignantes, um parecido retrato de S. M. O Imperador, em homenagem ao seu anaiversario.

O expectaculo de sexta-feira em geral para nada prestou; o sr. Henrique trabalhou bem comtudo; porém as allegorias importadas de Portugal estiverão indignas do dia e das promessas do cartaz.

SPECIMEN DE AVISO.

Illm.º Senr.

Por orden do Senr. Tenente Rodavalha fique, Vacunce avisado para seapresentar no dia 20 do Corente no largo de São Bento para Saber de Orden para ser fardar no dia 2 de Dezembro, e espera que Vacunce não falte para não ser encomodada con alguma prisão.

De Seu Criada Obr.ª

FRANCISCO A. DO R.
Cabo da 1.ª Companhia.

Theatro do Baturá

RECITA EXTRAORDINARIA

Primeira representação do drama em 4 actos do maestro Portugalini.

O ALFAIATE GEOMETRIA

Pelos irmãos Lopes a scena-comica

NARIZ E QUEIXO

Os bilhetes podem ser procurados no Hotel do Commercio, entrada pela rua da Esperança.



SUA Magestade o Senhor D. Pedro II.

Acceitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos ou desenhos

DIABO COXO

Assigna-se nesta typographia—Rua Direita. Preços : Capital 12 numeros 4900rs. fóra da Capital 55000 rs. Numero avulso 500



ANNO I.

JORNAL DOMINGUEIRO.

N. II.



CARECALOGIA

Vou tratar de uma sciencia nova, puramente nova, e cuja descoberta se deve aos meus esforços e sympathia pelas pessoas de poucos cabellos.

Gall, o phrenologo, que tem sido entre nós um personagem quasi mythologico, apreciou muito por alto a questão, abandonando-a cheio de desanimo.

Spurzheim, seu discipulo, desconfiava dos homens á quem Deus não confiara cabellos, e muito pouco disce d'elles.

Combe, que era calvo, questionava com Broussais á respeito, e consta que chegaram á vias de facto, ficando afinal cada um com a sua opinião, nada adiantando em favor da sciencia.

Eu, porém, que tenho debaixo das mãos tres bellas e lúsidias carecas, vou—ainda que desanimado—estudal-as, e fazer sobre ellas tres apreciações, que pretendo offerecer—uma, ao theatro,—outra, á Camara Municipal—e a ultima, á arte typographica

E' difficil, reconheço, decidir ex-cathedrã sobre tal materia, mas amolado tão differentemente pelas tres especies, julgo-me authorisado a affirmar proposições, e não a formar hypotheses.

Não é um curso de carecalogia, todavia,—tão longe não vae a minha pretensão,—é uma iniciativa, é um impulso, um grito de animo áqueles que por ventura se dediquem á esta sciencia, que desejo sêr o primeiro a aprofundar.

A primeira é a do artista Lopes, cognominado—o narigudo ;—galã e apologista da escola moderna, trinta e oito annos, sem ideias politicas, e orgulhoso de ser portuguez quando recorda o passado.

Conhecido pelos precedentes o dono da calva, que tenho entre as mãos, vou estudal-a, não pelas protuberancias como na phrenologia, mas por uma maneira especial, por um modo todo particular e inherente á sciencia, traduzindo e interpretando certas linhas, que formao sobre a desempennada cabeça differentes figuras.

A segunda pertence ao Chiquinho, cognominado o—illuminador, não porque a sua calva seja a mais « illuminada, » pois que até é escurificada por alguns cabellinhos remissos espalhados aqui e ali, mas por pertencer—lhe a pepineira da illuminação da cidade e da cadeia.

A terceira é propriedade do sr. Espirito Santo. Que bello queijo, caramba !

Como brilha ! nem uma nuvem, nem madeixa, nem uma carapuça é capaz de offuscal-a, seu brilho reflectiria atravez o nariz do artista Lopes, que é a cousa mais compacta qua eu conheço.

(Continúa.)

D. PEPITO.



REGARDEZ ! REGARDEZ !

Quel est ce monstre que voilà .

No paiz de Liliput
Por onde andou Gulliver
Certa cabeça encontrou-se
Incognita a Cuvier :

Não se sabe bem ao certo
Se é ella de bicho ou gente ;
Tem o corpo humana fórma
Mas a cabeça o desmente :

E como por um acaso
Nesse paiz de pigmeus
Um nasceu « un peu plus hauri »
Tornou-se o rei dos sandeus.

Não foi só por ser mais alto
Que elle rei julgar-se quiz,
Foi pela fórma tremenda
Do seu tremendo nariz !

Mas a cabeça.... oh! prodigio!
(Até Pan ficou com zelos.)
Por dentro poucos miólos,
Por fóra poucos cabellos! !

Mas o melhor do seu sestro,
E' mesmo para pasmarmos;
Quanto mais nescio se mostra,
Por mais douto quer passar.

Dizem tambem que o coitado
Quer ser chefe dos valentes,
Mas eu creio que essa força
Tem-a só, mas é nos dentes.

Consta que breve ha de vêr-se
Dando ao povo um alegrão,
Em « marreca » transformado
Na proxima exposição.



DIZEM :

que o sr. Julio Lehmann não é já a primeira vez que deixou de abrir a sua botica, quando assim é preciso às horas mortas da noite ; o sr. Lehmann diz que abriria e toma por testemunha os sinos que fazião um barulho diabolico (às horas mortas!) e as visitas que estavaõ em sua caza....

Em todo o caso certo é que o sr. Lehmann

naõ abriu a sua botica, logo de que lado estará a razaõ ?

Ah! sr. boticario !



CHRONICA



A cidade está triste, aborrecida : já não é a mesma de ha poucos dias ; com os estudantes forão-se as alegrias, os rumores, as extravagancias do anno inteiro ; e existe gente que falla contra a Academia, a alma, a vida desta boa cidade!

A certas horas a Paulicéa, viuva dos seus Academicos, tem seus ares de Necropole ; as moças quando chegam à janella bocejão de tédio, os padres passeião livremente, os « formigões » percorrem todas as ruas sem temor de vaías, os « fulricas » erguerão-se senhores da terra, e ninguem lhes pode aturar a impafia, e o pedantismo.

Falla-se apenas dos que são pedantes.

Os inglezes, os proprios inglezes, os cynicos, os inteiriçados inglezes andão frios, aborrecidos como os nevoeiros de Londres : ninguem os ouve mais entoar o « God Sare the queen, » e dos hoteis, quando retirão-se, vão sómente á meio borraços.

Boa, gloriosa cidade de S. Paulo, cómo estás triste ! Já não és a barulhosa do dia, já não és a poetica da noite : ninguem que ouça mais ás dez horas nas tuas ruas abandonadas as vaces serenatas.

Os teus arrabaldes apresentam alguma cousa de melancholico, de despido e deserto : não se vê mais por elles nem carros, nem cavalheiros, nem passeiantes.

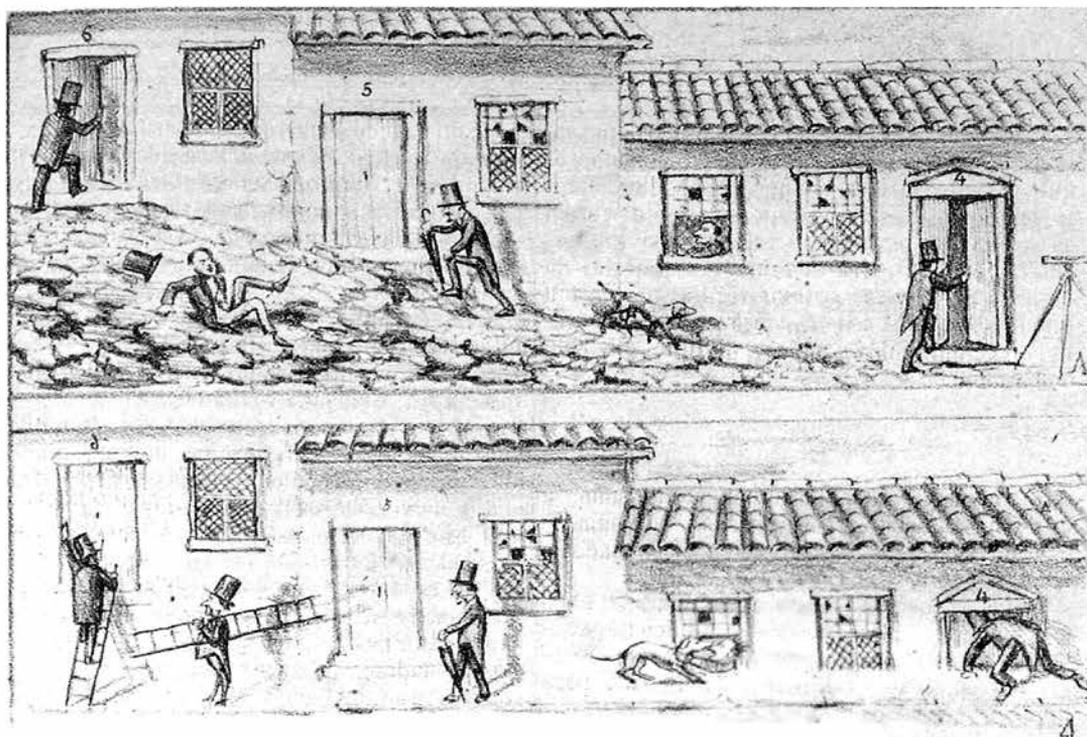
Em breve eu tambem te abandonarei : muitas saudades levo commigo e no entanto não desejo ver-te nestes annos mais chegados.



A coruja podera inspirar harmonias ? Pois não as ouvimos ja ?



Aspecto de uma rua — Não ar... é um pouco perigoso



Para que serviu o nivelamento das ruas! Se foi bom para os calos dos passeantes, mas não o foi para commodidade dos moradores.



— Quelle sorte de «peigne», madame
 — Penha?! Não, senhor, eu não vou a Penha, vou á Comédia.



MATERIAES DE EDIFICAR
 — O que estás fazendo ahí, moleque?
 — Apanhando bosta para meu sinhô.

E's tão pallida ! Porque cobrem-te roupas de lucto ? Alguma cousa, que eu não conheço, que ninguem talvez conhece neste mundo agita-te o peito á noite : e como as flôres que abrem as corollas aos orvalhos, e á claridão da lua, assim tambem descerra-se teu seio ás poesias da noite ! São longas as tuas vigílias, e se o teu piano bem traduz os teus pensares, os teus sentimentos, muito deves soffrer, porque elle bem doído geme !

—Theatro. Chegamos a magna questão, á questão—Gabiellista—cardozana—lopesina.

Antes de tudo, demos noticia da chegada do sr. Joaquim Augusto, e da sra. Velluti.

Antes de tambem chegarmos ao Club do hotel do Commercio, permitta-nos o publico que chamemos a sua attenção para o beneficio do scenographo sr. João C. Ribeiro, annunciado para hoje.

O sr. Ribeiro é um artista que merece tudo do publico : não pouco lhe deve o theatro de S. Paulo, e sem duvida que estamos em divida para com o distincto artista, a qual, por muito grande, só pôde ser paga com muito grande concurrencia ao seu beneficio.

Duas palavras agora, duas breves palavras ao artigo da sra. Gabriella, o artigo «na rua.»

Um unico folhetim, quando os escreviamos na « Imprensa Academica, » dedicamos á sra. Gabriella, no mesmo dia de sua chegada á esta cidade.

O que dissemos nesse artigo, pelo qual cumpre dizer, não pedimos o mais insignificante agradecimento, estariamos promptos á reproduzir, se ainda a mesma expontanea amisade nos ligasse á sra. Gabriella.

Talvez fosse isso um erro aos proprios olhos da sra. Gabriella, mas era a verdade que pensamos em melhores dias e que inda hoje reconhecemos a pezar de tudo.

Somos tão innocentes ! Acreditamos tanto nas apparencias sympathicas da sra. Gabriella !

O que fazer ? Dar mãos á palmatoria ; é o que fazemos.

Quanto á tudo o mais que diz o artigo «na rua, » e que de certo pertence á nariguda redacção do irmão Lopes (Cardozo) é tão fulil, tão burlesco, que não nos incommodamos á responder.

Seria reprehensivel darmos a deixa ao sr. Lopes (Cárdozo) representando nas suas facetas scenas-comicas.

Bem vê o publico sensato que não faltamos ás delicadezas para com a sra. Gabriella.

Se não considerassemos a irritabilidade nervosa da sra. Gabriella, se não fossemos generosos, se não nos compadecessemos dos já muitos infortunios da sra. Gabriella, ha muito que de um só traço da penna ou do lapis teriamos feito o que talvez causaria-nos ao depois remorsos, mas que de certo esfriaria os seus calidos enthusiasmos.

Prestes á partirmos desta cidade, convém que digamos á sra. Gabriella : fique em paz e bonança entre os cuidados da familia e do theatro, convencendo-se de uma cousa que por mais provocados que tenhamos sido, nunca nos esqueceremos, louvor á Deus, que eramos homens, e que por tanto deviamos generosidade á uma fraca mulher.

Sirva isto de resposta á sra. Gabriella e de consolo á nós.

—Theatro do Baturá.—Representou-se o expectaculo annunciado. As honras da noite couberão de direito aos irmãos Lopes.

O drama o Alfaiate—Geometria toca ao sublime, principalmente na scena final do 3.º acto em que o protognista (Lopes—Queixo) ao simples golpe de vista, e calculos algebricos, talha casacas á todo o mundo, apesar de todas as « reiraboltas » (como elle se exprime.)

O drama foi applaudido á mais não poder ; porém os bravos mais entusiasticos, deu-os o publico, á scena-comica « Nariz e Queixo. »

Imagine o leitor que não poude assistir ao expectaculo, um homem ao modo do Jano antigo, um só corpo, uma só cabeça com duas caras, uma das quaes era no todo um queixo, e a outra um nariz

O applauso a scena-comica foi um riso geral, inextinguivel, unico, homerico.

A' esse riso do theatro inteiro, parecia haver ressuscitado Democrito, e que era elle quem estava alli n'aquella inteira platéa, assistindo ás pilherias dos dois Lopes.

O final da scena-comica é dos mais interessantes: acaba por um duello entre os dois irmãos (tudo na mesma cara!) surgindo tanto queixo e tanto nariz d'aquelle queixo e d'aquelle nariz anti-diluvianos que metteu susto, principalmente quando o publico os vio á saltar, á cavalgar, a subir pelos camorotes, á metter-se por todos os buracos, á respirar de todos os cheiros.

A companhia do sr. Baturira merece todos os favores do publico, e é com summo prazer que chamamos a attenção geral para o expectaculo annunciado em outro lugar da nossa folha.



ANNUNCIOS



Theatro do Baturira.



RECITA EXTRAORDINARIA EM BENEFICIO
DOS IRMÃOS LOPES.

Segunda feira 13 de Dezembro

Logo que a orchestra tiver executado a grande symphonia expressamente composta para esta noite :

AS REBIRABOLTAS.

Subirá à scena o drama de grande expectaculo em 3 actos, o

MARREQUINHA

O irmão Lopes (Nariz) fará o papel de protagonista.

Seguir-se-ha pelos afamados irmãos a parte gymnastica e que consta de

Trapesio—double

Queixada—perigosa

Vôo—nazal.

Trabalho este de immenso effeito por isso que um dos irmãos terá de atravessar o theatro em toda a sua extensão, indo prender-se ao paterno queixo.

Em um dos intervallos a orchestra tocará a linda polka que tem por titulo

LA PATEADA

Finalizará o expectaculo com o dialogo comico

E' PRECISO PARTIR....SÃO MUITO PEQUENINOS....

No dialogo um dos irmãos fará o papel de dama.

Os bilhetes achão-se á venda no lugar do costume, Hotel do Commercio, entrada pela rua da Esperança.

Os bilhetes d'entrada guardam-se somente até ao meio-dia da segunda-feira.





S. A. R. e-Duque de Saxe.



Tenho a subida honra de fazer as minhas despedidas por este anno, e prometto voltar para nova escaramuça, se me constar (o que será muito difficil) que os caloteiros forão banidos d'esta heroica cidade. — Aqui estão os meus acolythos acrobatas, para darem satisfações aos «cavaquistas», e podem ser procurados durante a minha ausencia no «becco do Inferno».

O DIABO-COXO

Com este numero terminamos o primeiro trimestre, e brevemente daremos principio ao segundo.

Advertimos que no successivo seguiremos a mesma marcha que no primeiro, tendo sempre em mira a nossa divisa: corrigir divertindo.

Acreditamos ter conscienciosamente cumprido com o programma por nós riscado anteriormente á creação d'esta folha, e disso nos ufanamos.

Aos homens de espirito que olharam esta especie de critica com os olhos do progresso, da civilização, agradecemos,—ás almas mesquinhas, que se honraram nestas paginas, desprezâmos.

A REDACÇÃO.

IMPROVISOS A' UM NARIZ.

Um nariz ha neste mundo
Com honras de ubiquidade
Se os bichos o não roerem
Desafia a eternidade.

Dizem que o velho Vulcano
Ao mundo de novo torna,
Por encontrar um nariz
Que lhe serve de bigorna.

Eu vi um padre gorducho
De estôla e sobrepeliz,
Ficar de todo coberto
A' sombra desse nariz.

Se Midas entre os jumentos
Se distinguio nas orelhas,
Tal nariz entre elephantes
Bem pôde correr parellhas.

Ouvi dizer que da Arminia
A S. Paulo vinda é,
Tendo a fôrma de um nariz
A tal « arca de Noé ! »

—Quem vem lá?—Gente de paz.
—Passe de largo: adiante.
Que diabo de homenzinho
Que tem tromba de elephant!

Vão ter premio, em raridade,
Carneiros, porcos, e bois!
Pois narizes como aquelle
Póde no mundo haver dois?

—Que mostrengo vem ali?
Aquillo é bicho ou é gente?
—E' homem.—Com tal nariz!
Oh! que capricho indecente!!

Em breve a camara vae
Dar demissão aos fiscaes,
Por achar nariz propicio
Aos cofres municipaes.

Oh! que nariz. Santo Deus!
Que famoso narigão!
Talvez por vê-lo, é que Newton
Pensou na gravitação!!!



PILHERIAS.

Todos conhecem o nariz do Cardozo: é um enorme bico de carne debruçado sobre um espesso e negro bigode. Riram-se muito n'uma prosa de rapazes por um dizer que parecia um papagaio comendo um rato.



Caloiro.—Finalmente matriculei-me,—tenho direito a sentar-me n'aquelles bancos, d'onde pretendo dizer muitas asneiras.

Segundo-annista.—Coragem, meu amigo, começaste perfeitamente.



Segundo-annista.—Gastei muito no meu primeiro anno,—devo os cabellos da cabeça, e não sei com que pagarei: esta idéa amolina-me.

Caloiro.—Olha, meu amigo, deixa a amofinação para os teus credorās,—d'elles é que eu tenho pena.



Moleque, abrindo a janella.—Sinhô-moço, ahí está o explicador de philosophia.

Bicho.—O meu explicador já de pé, e eu ainda estou deitado! Moleque, fecha depressa a janella, eu sou indigno de ver a luz do sol.



CHRONICA

Estamos no mez das agoas, nesse mez tão grato ás campinas, como enfadonho e aborrecido aos namorados, que nas noites brancas se entregão à ternura do idílio,—n'esse mez tão grato ás flôres, como enfadonho e aborrecido aos photographos e lavadeiras, que esperço com ancia o clarão do sol,—estamos nesse mez voluvel em que a bella e poetica Paulicéa se veste—ora de transparentes cassas, ora de espessas roupagens, experimentando no espaço de um dia, no curto espaço de um só dia, quasi as estações do anno.



A inconstancia do tempo não nos impedio, todavia, dos divertimentos do costume: theatro e baile.

A Concordia deo-nos a sua partida mensal. Esteve bella, brilhante de luzes e de flôres, repleta de bons assucares, porém... porém insípida.

Perdoe-me quem lá esteve—eu vou justificar-me. Bella pela feliz escolha da sua sociedade, brilhante de luzes e de flôres pela claridade das salas e pelo doce ambiente que n'ellas se respirava, repleta de bons assucares pelo sortimento dos doces e delicadeza das suas bandeijas, porém insípida pela monotooia, que reinava, e pela melancholia, que se lia em todos os semblantes.

Aqui era a menina loira que pranteava a partida do bacharelzinho, que roeu-lhe a corda.

Ali uma outra suspirava pelo bicho, que foi recambiado, e matava as saudades com um engordurado bom-bocado. Triste consolação!

Acolá uma outra blasphemava contra o Directorio por não haver convidado o seu par da segunda.

Mais adiante cochichavão as velhas e disputavão entre si quem melhor preparava nm cuscús de piquiras ou tomava o ponto de uma calda.

Para completar o quadro os meninos esperavão traçoicamente as bandeijas de pasteis, escondidos atraz das pilastras,—as meninas de calças chupavão o lenço ou mordião os dedos. -os



Colheita preciosa feita pelo Diabo-Coxo e seus acolythos, nos formosos ca



pos o Piratininga, e oferecida á Lucifer para ornar as gallerias do seu muséo.

jogadores solavão no ecartê e marcavão o rei no solo,—os musicos bebião a mais não poder,—o galanteadores sorrião-se para as suas damas, mas... embalde: era um valle de lagrimas.

E até eu, queridas leitoras, que passo por jovial e faceto e até insensível, recostei-me à uma janella, e deixei escapar entre dentes estas palavras arrancadas do intimo d'alma: quem me falta aqui? que luz me falta no meio d'aquellas luzes? que flôr me falta entre aquellas flôres? e que anjo no meio d'aquellas mulheres?

Quem era? ninguem o sabe,—só o meu coração, e esse é nada.

Sem ella as flôres não tinham perfume, a luz era a escuridão, a walsa era fria, a musica um barulho infernal, e para maior tormento os licores amargavão-me na boca sabião-me a fel.

Não mais.

Havia ali um vacuo impossivel de ser preenchido.

A Companhia dramatica representou ultimamente o drama—militar, em 4 actos, do sr. José Romano, intitulado: 29 ou Hora e Gloria.

O drama é como todos sabem, máo. Representado no Theatro de S. Januario por um artista mediocre, diante de uma platêa, que applaudo antes o factio portuguez dramatisado por um compatriota do que um trabalho de valor, foi depois levado em S. Pedro, dignando-se interpretar um dos papeis o artista João Caetano, que fez do folheto inosso um poema cheio de bellezas.

Foi assim que mereceu entre nós a voga, que tem. Aquella imprecação tão ligeira do primeiro acto, a scena da Arrecadação, o sonho no Carcere, e a falla ás tropas, erão lindas estrophes quando partidas dos labios do artista—rei, erão palavras mortas que o seu genio animava.

Não obstante o sr. Henrique procurou agradecer-nos, e por vezes alcançou o seu fim,—teve momentos de alguma felicidade, em que foi applaudido com ardor.

A sra. D. Gabriella incumbio-se de um papel inferior ao seu talento,—o programma foi o primeiro a confessal-o, ingenuamente.

Talvez me illuda, mas não sei como se possa

medir a importancia de uma parte pelo numero das suas paginas.

Acreditamos piamente que a sra. D. Gabriela não foi ouvida na declaração do programma porque a eminente artista não ignora que uma phrase, uma palavra, um simples dito, um gesto constituem ás vezes um grande papel.

E assim aconteceu.

A sra. D. Julia... é a sra. D. Julia, aquella intelligencia sympathica, que se revela a cada instante.

Maria, a filha do velho soldado, nunca encontrou melhor interprete.

Os demais artistas conservaram-se na altura do seu merecimento, sobresahindo os srs. Vasques, Eloy, Gonçalves, José Victorino e Augusto, filho.

O movimento do drama esteve bom, o mise-en scene supportavel, e o scenario improprio. A vista do primeiro acto não é a que pede o drama, e a do segundo está longe de ser uma sala de Arrecadação: nem uma espada, nem uma espingarda, nem uma farda,—nada ali attesta que aquillo é uma sala d'armas,—nem o nariz do ensaiador, nem o chinó do empresario, nada.

O bilheteiro, segundo nos informa pessoa fidedigna, tem-se visto em apuros com a limonada purgativa do sr. Malachias.

Que lhe faça muito bom proveito.

Effectuou-se em um dos dias desta semana a Exposição de Gado, debaixo da direcção do sr. Aubertin.

Houve bichos de toda casta, menos de preparatorios.

O sr. Quartim ganhou o primeiro premio,—apresentou o melhor carneiro.

Escuso declinar nomes.

O espectáculo annunciado á favor do sr. Joaquim Augusto foi transferido para a proxima se

mana em virtude de grave molestia da sra. D. Gabriella.

E' um justo motivo de transferencia,—somos os primeiros a respeitá-lo, desejando desde já melhoras à enferma.

Nada mais occorreu, que merecesse attenção.

D. PEPITO.

ANNUNCIOS

Theatro do Baturá.

Entra em scena pela ultima vez o actor Cardoso, contratado expressamente pelo Theatro de S. José para representar o—Medico das Crianças, brevemente.

O Baturá—sempre cortez—lamenta a perda, que acaba de soffrer.

QUARTA-FEIRA 28 DO CORRENTE

EXPECTACULO DRAMATICO, VOCAL, INSTRUMENTAL

Depois que a orchestra, que será augmentada nessa noite, tiver executado a grande ouvertura :

A BATALHA DOS BASTIDORES

Subirá pela primeira vez o drama em 1 prologo, 5 actos, 20 quadros, 1 apothese, traducção do actor Lopes Cardoso, author de varias « peças » (!)—intitulado :

A CALVA A' MOSTRA

A vista da Apothese representa o Templo do Idiotismo e da Sandice,—devemo-la ao habil pincel do sr. José De-Vecchy.

O traductor e o scenographo pedem para ser chamados à scena na Apothese,—são dignos d'isso.

N'um dos intervallos o joven Geraldini, danará um passo a dois, intitulado :

EL AMOROSO

em caracter de Polichinello.

Segue-se uma variação de mirimbão sobre motivos da opera

MAYONNAISE E BIFES

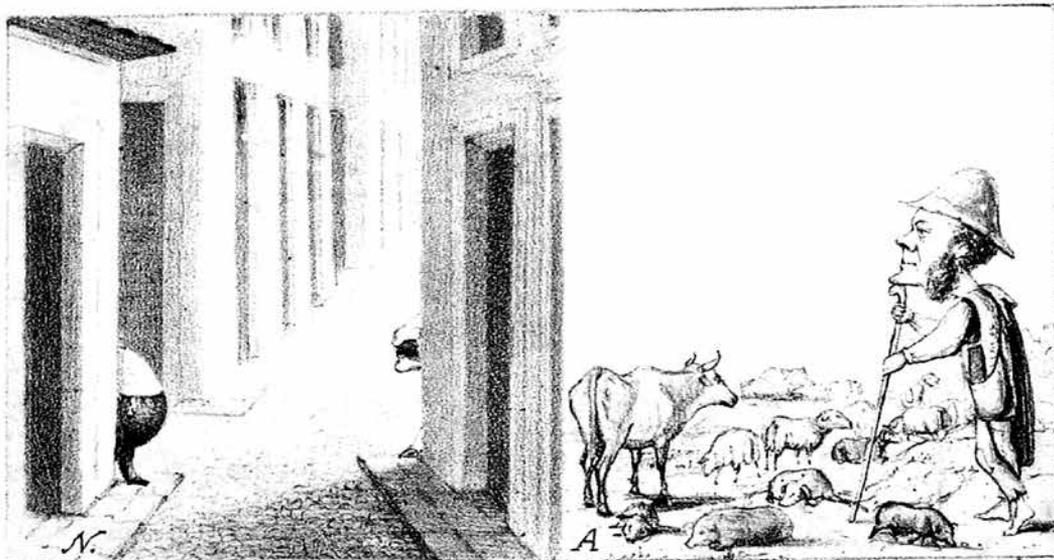
por Mme. Hypolite, que se presta obzequiosamente.

Em seguida o sr. Cardoso, traductor do drama e author de « boas peças » (!)—cantará em trajo de boleeiro, a aria :

AS INTRIGAS SEM PROVEITO

As vestimentas são da officina do Lopes Geometria, cujos esforços são dignos de louvor, apesar de todas as REBIRABOLTAS.

Os bilhetes podem ser procurados na typographia do sr. Cabral.



Dous monumentos ambulantes e de natureza equivocada.

O desejo de comer um bom dente, obrigou-me a trocar o confortavel da ITALIA, pelas doçuras da vida pastoril.



O artista disputado por GUTENBERG e BENVENUTO CELLINI.

DIABO COXO

Accitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos e desenhos.

Assigna-se n'esta typographia a 50000 por 12 numeros para a capital; e 60000 para fóra. Numero avulso 300.

SÃO PAULO

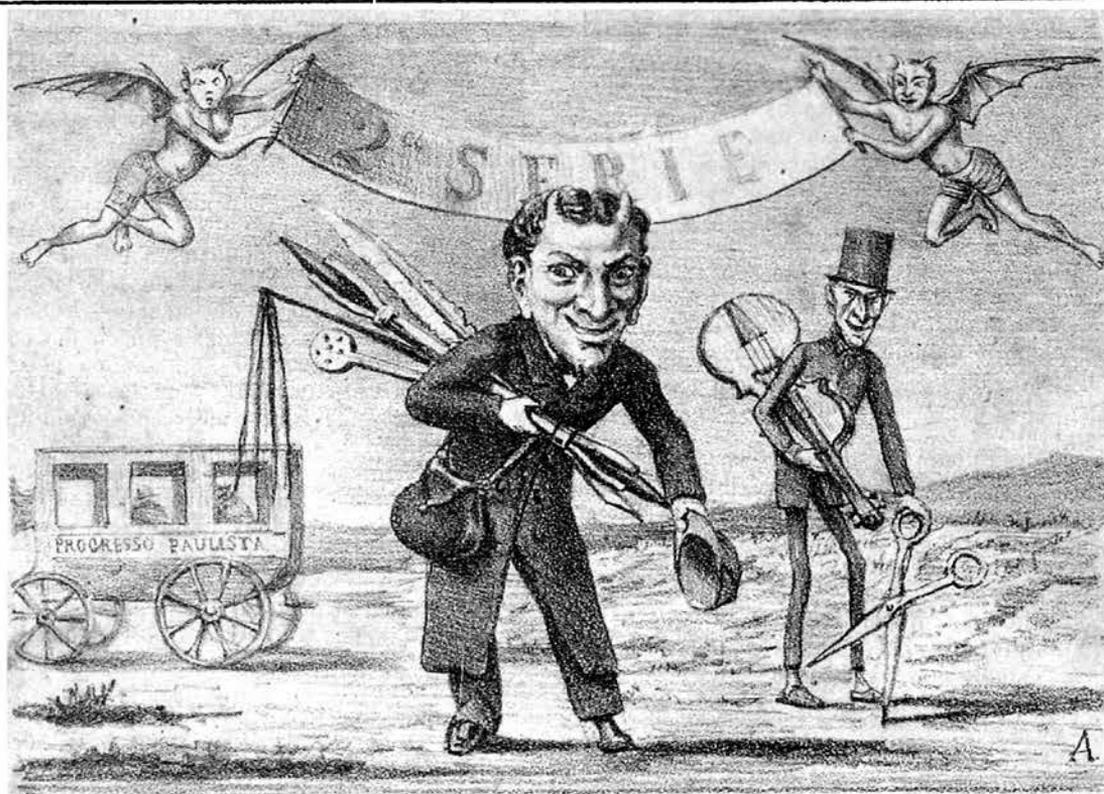
23 DE JULHO.



SERIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 1



Meus senhores, sou eu, não é ninguém,
E' o Coxo-Diabo que aqui vem.

BOM DIA, CARISSIMOS LEITORES!

Bem dizem os sabios pregadores que os immortaes zombão do cutelo da Parca!

Eu aqui estou livre de catastrophe e sem receio de perigo.

Riem-se? Diria eu acaso alguma asneira?

Desculpem-me se fiz um comprimento intempetivo. Regulei-me pelo invizivel relogio da torre de São Bento, onde o bronze rachado e roufenho acaba de apregoar 11 horas.

O Santo Monge, que mudo preside aos destinos d'este religioso asylo, soffre ataques de esquecimento, causados pelo suporifero jejum, que se impoz para alcançar a gloria eterna; é, por tanto, possivel que, para não perder os fóros da dogmatica infelicidade de que sempre honestamente gosou, annunciasse, agora, as 11 da passada noite.

Este illustre varão, todos o sabem, é da legião do guerreiro Epaminondas, que presava tanto a verdade, que nem matando mentia; isto, porém, não o isenta dos traçoeiros enganos, que lhe possão armar as velhacarias que andão em voga n'stes tempos de heresias, a despeito da boa fé, velante sollicitude e os mais pios cuidados do inimigo figadal de todos os carnavaes, o beato Redactor da „Religião em São Paulo,“ a quem Deos guarde, para honra do bom senso.

Eis-me em São Paulo, do Inferno bem distante.

Não podia por mais tempo conserva me separado de vós; amo em extremo aos briosos Paulistas, e fôra atroz barbaridade si por motu proprio consentisse eu que o voraz abutre da saudade continuasse a dilacerar-me o coração,

Já vedes que o Diabo não é tão máo como no pintão os Reverendos Santarroens.

Venho de longas terras.

Por duas vezes transpuz o atlantico, mettido no ala do Santa Maria: fui á Côte tomar suadores! Oh, que terra! que paraíso!

Aqui para se andar cheiroso é preciso gastar frascos e mais frascos de oloroso frangipane do gigante Teyssier. Lá a cousa é outra; para-se em qualquer esquina e logo sente-se aroma da Côte tão fino que até embriaga.

momento depois da nova canalisação. Não é de balde que aquella gente anda gorda!

De volta d'aquella Patria das essencias percorri a aquatica cidade de Santos; conversei com São Vicente na sua Villa deserta: visitei a Santo Antonio no seu convento meio demoronado; achei-o mais amigo dos inglezes do que dos frades, disserão-me os tafues, a quem enterrogei sobre o caso, que o motivo d'isto é beberem os inglezes menos vinho do que os coroados.

Devo confessar que fiquei encantado da belleza das sedutoras santistas. Oh, que deidades! Tão amarellinhas tão transparentes, que mais parecem beldades do outro mundo ou habitantes da nevoenta Lua, do que mulheres da terra! Si Plutão d'ellas tivesse noticia não teria por certo, arrebatado a linda Proserpina.

Por falta de tempo, deixei de visitar a São Sabastião no famoso reino dos potes, talhas moringas, quartinhas e panellas, situada em frente da famosa Patria do grande Pereira da Cunha.

Fui á estação das carroças, e metti-me n'uma solida e bem construida, diligencia europea do senhor Berenth & Companhia e depois de jogar os tranbulhões com os socalcos que, artisticamente se estendem pelo longo atterrado, q' chamão judiciosamente—de Santos—e de ter o carro, graças á piricia dos cocheiros, partido trez mollas, e galgado eu mais de uma legoa á pata aqui cheguei a terra abençoada dos Tibiriçás, mais molestado do que si, conforme o uso antigo, tivesse viajado sobre as costas de alguma pachorrenta besta.

Safa, que me não pi'hão outra vez.

E dizem, á bocca cheia, que o poggio impera na terra de Santa Cruz, que os caminhos encurtaram-se, o espaço dilatou-se, a justiça accordou, o governo banio a mentira, a preguiça fugio dos tribunaes, a palesta das camaras legislativas e que a rasão se acha em pleno dominio!

Oh! que mentira homerica! Igual á esta só conheço huma, são as publicas liberdades consagradas nas paginas d'essa epopeia jurada que se chama Constituição Politica.

Ah, poggio!

Palavra dubia que traduz misterio.
Manha nas trevas a vagar sabida,

Tramoia astuta, a remocar do sério,
Que os cotres vasa em proveitosa lida.

Progresso, ha de gatunos por toda a parte. de filantes de jornaes, de frades Barbadinhos, que darião para povoar mais de cem colonias, de patriotas que aspirão viver pela patria,mas que fogem de morrer por ella, de officiaes de papelão na guarda nacional, de brasões de fidalguia pintados nos carros e não tardará muito que os veremos nas carroças e nos cargueiros,de gauderios de camarotes no theatro, de moças desdentadas,e velhos de cabello pintado, de bichos na Academia, de cascabulhos malcriados,de collegios convertidos em hoteis, de patronatos escandalosos,defraudes no commercio, de falta de justiça, de cabulas nas repartições publicas. de juizes ignorantes, de charlatães na medicina, de bachareis formados alguns dos quaes nem primeiras letras sabem, de follicularios imprudentes, de especuladores politicos, de poetas d'agua-doce, de prosadores insulsos e de falta de dinheiro, do que muito soffre este vosso criado.

Pios Leitores!

Quando o progresso se fez annunciar nas sulfureas margens do Acheronte, houve no inferno calamidade horrenda.

Huns levados de louco entusiasmo proclamaram a republica, tomarão armas e romperão em hostilidades contra a paz tartarea de immemoravel epocha: outros adherirão ao partido de Plutão, e jurarão ardente sobre a cabeça do Cerbero, morrer pela côroa ou vencer com ella; estes apregoarão a excellencia do communismo como a mola real da sociedade, aquelles o absolutismo. como emanação divina; os frades, que são a peste de toda parte. começarão a pregar a Theocracia, a criação de um papado mixto e de uma igreja visivel e militante; o clero secular sahiu-lhe ao encontro com o ecclletismo philosophico,politico, religioso, e economico, e proclamou o governo representativo; os protestantes reclamarão Bibles e mulheres; as freiras dansarão a chula em frente de Lutero; os medicos dividirão-se em homœpathas, alopathas, Raspalhistas, Purgantistas,Charopistas, Hydropathas, Cataplasmistas e Latronistas: e. de envolta com humachusma de boticarios improvisados e barbeiros trombonistas. forçarão o grão Monarcha

que, Graças a Deos é a salvação d'aquelle reino, a crear huma junta de hygiene para por termo a fervida anarchia, que hia transformando o inferno em vasto laboratorio. As parteiras forão postas ao ar livre, porque trarão entre si furiosa lucta: umas querião que o fecta immaturo fosse, em casos anormaes, extrahido pela bocca, e outras pela triilha natural, dilactada pelo pae.

Emfim, deputados, poetas, rhetoricos, theologos, juristas e outros, forão lançados fóra porbem da ordem e da tranquillidade publica e privados dos milhares de milhões de gente torrada que lá vivião em doce paz.

Quando no inferno a real tranquillidade começou a ajustar contas com os rebeldes, em nome da salvação geral, fiz-me de vela para a terra, antes que me cahisse em casa o raio da justiça, que é mulher velha, zanaga, com presumpção de bella: e ainda não tinha eu descansado da jornada, quando annunciou-se a chegada do fatal progresso, que vinha dos dominios avernosos em visita ao orbe terraqueo.

Imaginae, caros leitores.

Se no inferno o progresso foi funesto, o que será da terra?

Desculpae-me, o maldicto progresso fez-me perder a tramontana e fallar mais do que um calouro monomaniaco, que a todos quer pudentear a profundeza dos seus universaes conhecimentos, adqueridos no collegio de D. Pedro II; e terminando, ainda vos direi, que o progresso—

E' bomba, é palavrão, não tem miolo,

E quem n'elle acredita é parvo, é tolo;

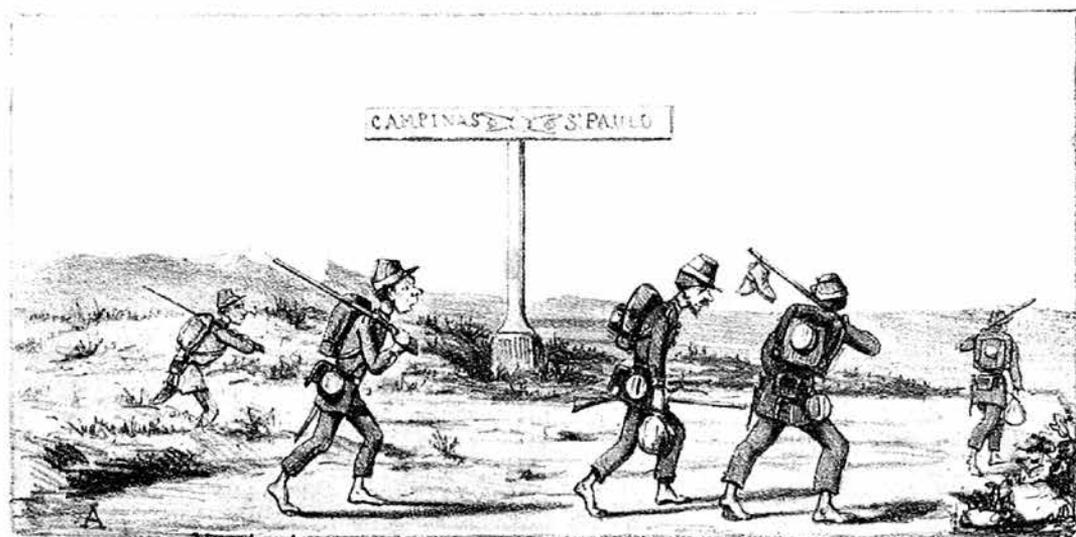
Vou tomar aposento no hotel das Quatro Nações, onde estarei a vosso dispor.

Adeos leitores.

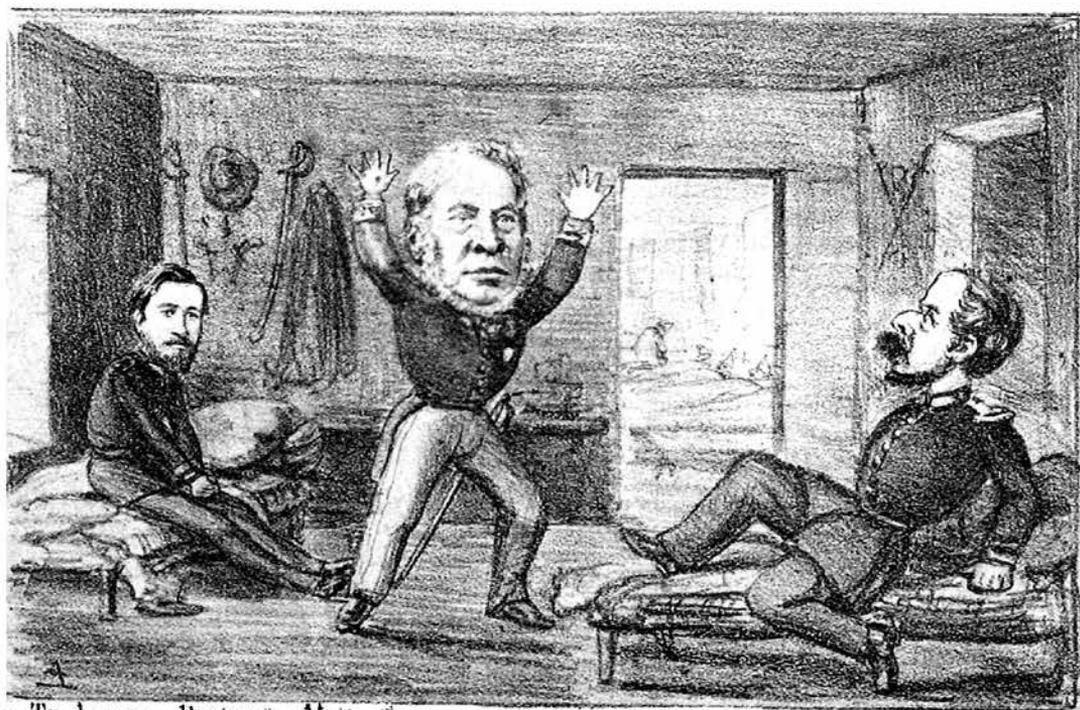
NOVIDADES ANTIGAS.

S. Paulo é a terra do anachronismo.

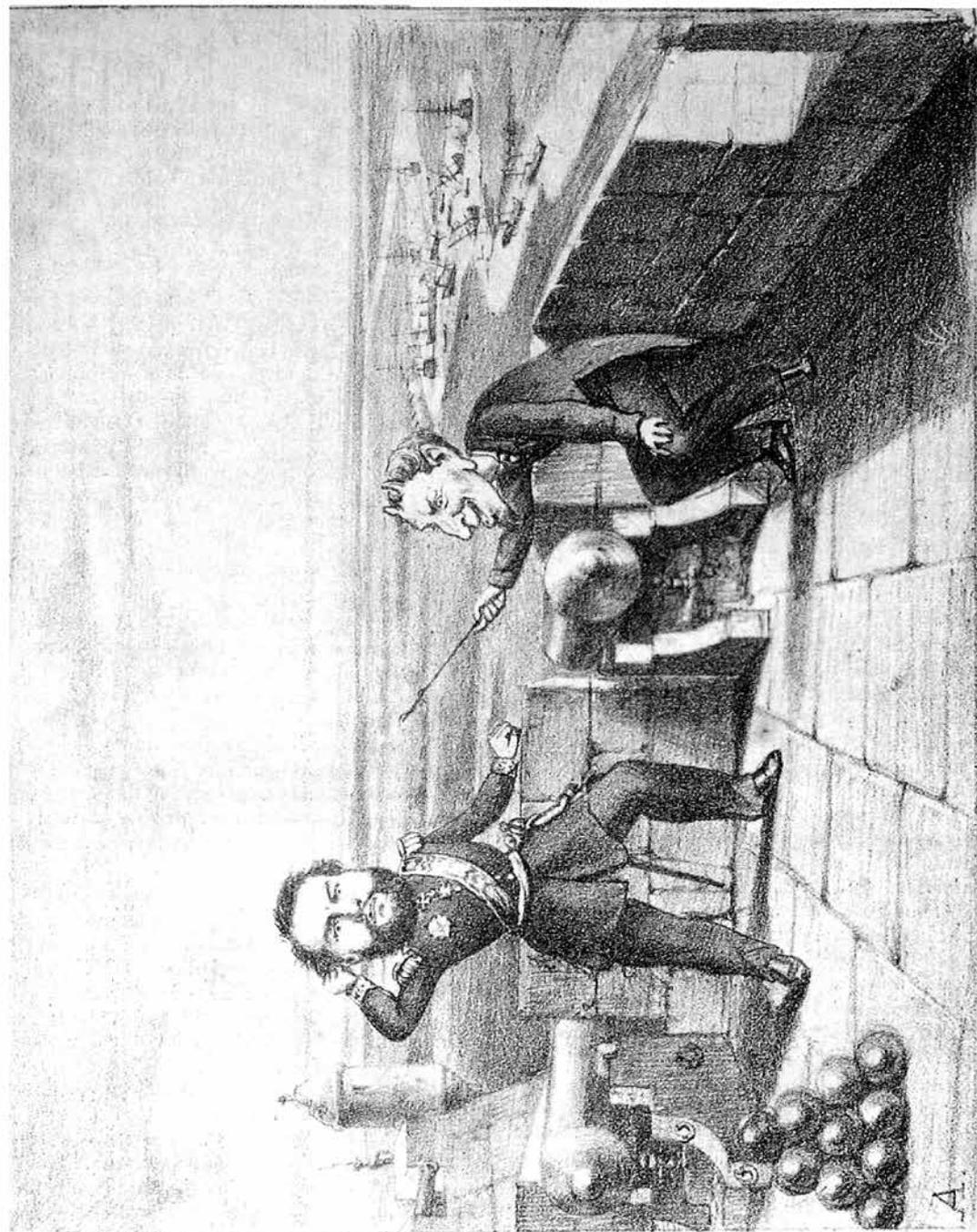
Quando eu tive a honra de entreter-me com a Exm.^a Sr.^a Dona Politica e a incomparavel dita de pertencer ao universal partido liberal contava por collegas prestimosos todos os refinadissimos Vinagres d'esta cidade, que



Marcha dos caranguejos „permanentes“ para Matto Grosso.



- Tu dormes. „Brutus.“ e Matto-Grosso geme na escravidão?!
- Pois que ha? estará o inimigo na Capital? Mandarão-nos que esperáscmos aqti o inimigo.
- Nada, a caminho, que os bravos não dormem.



Então, generalito... não atacas os 21 tiros?!...

erão os mais exaltados propugnadores dos sagrados principios sobre que descança a igualdade humana!

Que! . . . exclamarão absortos os conspicios leitores, temos Vinagres liberaes!

Sim, Senhores, na terra do muito nobre Sr. Amador Bueno da Ribeira, que Deus haja, até os Vinagres são liberaes: pelo que não se admirem de lhes dar eu . . . novidades antigas. “

Não vai só n'isto o anachronismo que, segundo a sabia opinião do chronista Rabada, é de origem paulista; elle reflete-se em muitas outras cousas altas e baixas, bonitas e feias, grandes e pequenas, sacras e profanas, pretas e brancas, grossas e finas, cascudas e farrapas, e, para mór espanto, até na guerra o anachronismo mette o bico!

O 7.º Batalhão de Voluntarios da Patria composto de cidadãos notaveis e distinctos, que animados pela chamma sagrada do patriotismo congregarão-se para desafrontar a honra da Virgem Provincia de Matto Grosso violada pela insolencia dos barbaros paraguayos, organisou-se na Casa de Correção; e por ser composto de gente limpa de consciencia e corpo acha-se insado de candidas „ muquiranas “, que fazem a apothese do seu aceio.

Esta força que se denomina—Infantaria ligeira—marcha a passo de caranguejo, embivacando-se pelas estreitas celulas da Penitenciaria, onde viu de Apollo os louros raios e amando em extremo o patrio berço alli se guarda á guiza de quem se espurga de antigas culpas.

Pedirão os „ ligeiros “ defensores da honra do Matto Grosso um bravo commandante que os guiasse á Victoria e derão-lhe. . . um formidavel „ Saturno !

Bradarão de novo os Voluntarios da Correção por um commandante, atterrorisados do devorante homophago, e eis que Jupiter lhes poem diante uma afidalgada Pacca, condecorada na celebre batalha entre as Rans e as Pererécas na epocha em que o Reverendo Grou foi nomeado rei das Incolas.

Soluçã em prantos e no auge da desesperação a Provincia de Matto Grosso pede socorro e o „ rapido Batalhão de Voluntarios

Corrigidos “ responde com ligeiras descargas de polvora secca, disparadas com arrojo ao cahir do Sol, quando o céu é côr de rosa e se fazem cinzentas as verdes lanciadas relvas dos amenos campos da Luz. Todos os dias estão de marcha os bravos patriotas, porém ainda não poderão transpôr os muros da languida seductora Paulicéa.

Si o Commandante dos Voluntarios fosse Annibal ou de origem Cartagineza eu diria que S. Paulo se havia transformado em Capua.

Ao passo que a força publica se apregôa—auxiliar directo da policia—os officiaes d'este distincto Batalhão occupão-sc em atirar ao alvo, todas as tardes, fazendo pontaria sobre o baixo muro do Convento da Luz, com perigo de perpetrarem o sacrilegio de metter alguma bala penetrante nas innocentes filhas de Jesus, que alli habitão santamente, com offensa da policia que servem, e com infracção das posturas que prohibem dar tiros de munição dentro dos povoados.

Os entendidos dizem que são ensaios proveitosos, não só por que os referidos filhos de Maite vão lutar contra os barbaros paraguayos, como por que antes de lá chegarem terã de bater-se com heroicidade contra os mosquitos e percevejos, inimigos irreconciliaveis que elles mais temem; e se não mente a fama que a busina atrôa, a tiro de „ revolver “, em pó succumbirá toda a brava insectaria zumidora.

Os negociantes fazem preces ao astuto „ Mercurio “, que é conjunctamente Deus do commercio e da ladroeira, para que daqui se não retirem os „ apressados “ Voluntarios tão de prompto, pois que á semilhança dos inglezes, derão elles occasião a que subissem de preço, segundo a opinião do Major Dias, os liquidos alcoholicos.

As alegres filhas de Jerusalem, que já não chorão, como outr'ora, atraz da Cruz, tambem prometterão, por sua parte, á Deusa Venus uma estatua; e si o Olympo attender a taes supplicas Matto Grosso morrerá indefezos.

Não é menos notavel o anachronismo na manifestação do amor da patria.

Com frieza quasi glacial foi aqui recebida a noticia da Victoria do Riachuelo, a imprensa entretanto propalou que o povo enlouque-

cen de gosto, e que o jubilo chovia em nossas ruas e praças como maná no deserto; sendo tão caudaeas as enxurradas de prazer, que os patriotas andarão inundados até aos peitos!

As alegres manifestações constavam de uma banda de gaitas fanhosas, uma zabumba destemperada, quatro sinceros e um fagote; um espectáculo dado no theatro de S. José por especulação quartiniana e algumas poesias intermitentes que zombão de toda a quinina das pharmacias. Poesias que chamarei monumentaes, por que fazem recordar todos os poetas desde Homero.

Quando ouço no Theatro recitar versos lembra-me a seguinte anecdota:

—Certo Poeta foi á casa do celebre Piron e pediu-lhe que ouvisse a leitura de um poema que havia composto.

Em quanto o Campanudo farragista lia com orgulho o seu retumbante „ embroglio „, o Vate francez levantava se amiudadas vezes e tirava o chapéo.

Findou a leitura e perguntou o leitor.— Então que tal acha o meu poema?

—Muito bom, respondeu-lhe Piron, deixando ver em seus labios mofador sorriso.

—Porém noto que, em quanto eu o lia, por diversas vezes vos levantastes e tirastes o chapéo, redarguiu o poetaastro.

—Sim, lhe tornou Piron, eu comprimentava grande parte d'estes versos que já são meus conhecidos velhos.

Assim bóa porção dos nossos retumbantes Vates não percebendo que os applausos dos espectadores são lisonjeiros complimentos feitos aos versos que são seus amigos velhos, enchem-se de orgulho quando deverião encher-se pela chufa.

E não menor é o anachronismo de um voluntario como eu, que tambem rabisco o meu versinho rheumatico, escrever estas linhas que tão de perto ferem os meus collegas quer do gladio quer da lyra.

QUEIXUMES DE UM DEFUNTO.

Pobre de mim, coitadinho!
Que fado mau e tão torto!

Fui desgraçado na vida,
Soffro até depois de morto!....

De homeopathas e allopathas
Tanta PATADA levei,
Que depois de estar tão FRACO
DURO e TEZO me tornei!

Julguei que descansaria
Depois d'este caso sério;
Mas outro mal me aguardava
Na porta do Cemiterio:

O meu compadre coveiro.
Por dever e sem malicia,
Não reconhece ATTESTADOS
Sem carimbo da policia.

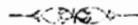
Medicos ha na cidade
Que tem licença de CURA,
Mas não licença de MORTE
Nem cartas na sepultura.

Valha-me Deos! já na vida
Soffri da cura o tormento:
E agora depois de morto
Soffro a chuva e soffro o vento!

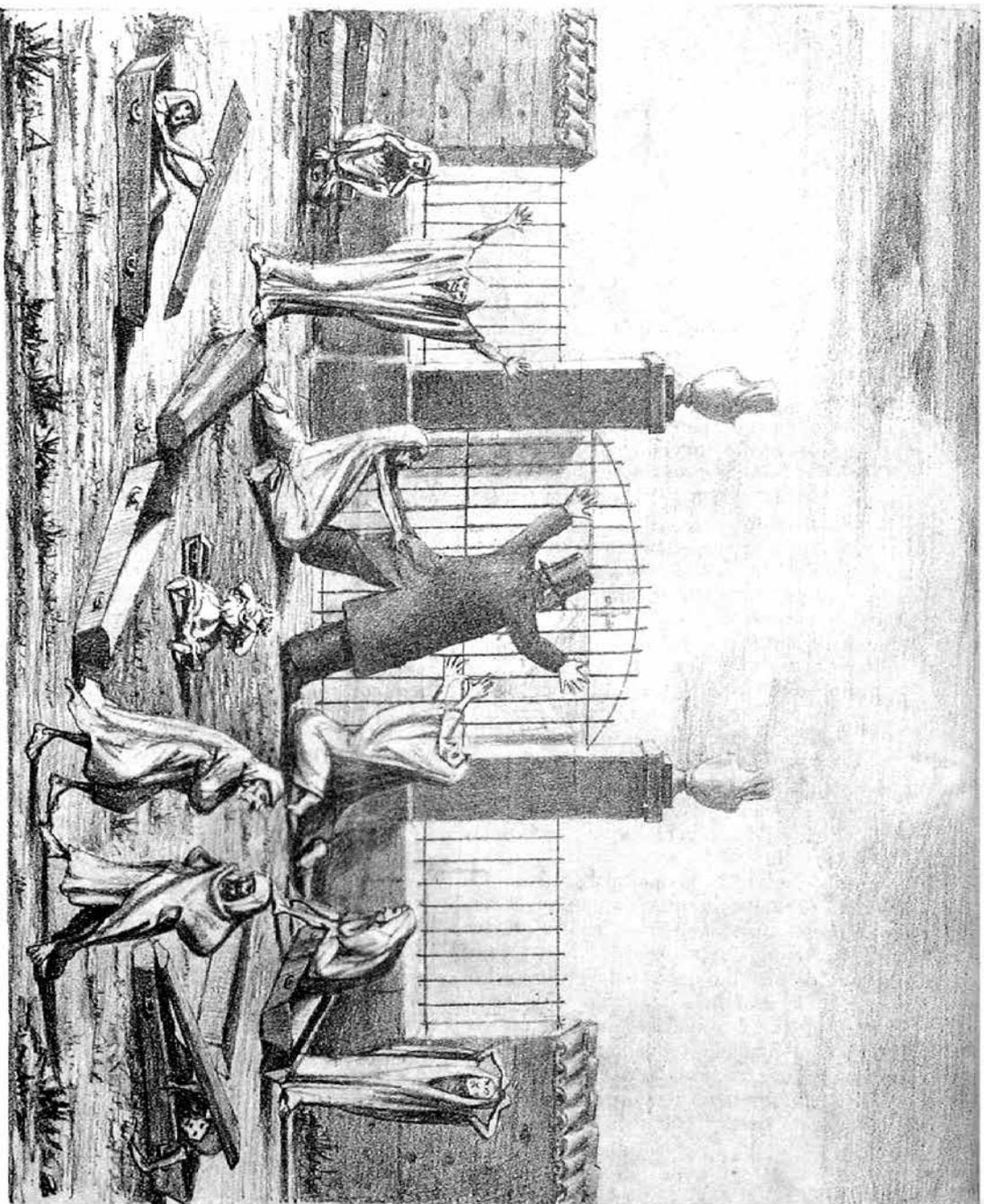
Mas isto assim, não tem jeito!
Isto é mais que crua guerra!
Querem então, ou não querem,
Que eu vá p'ra baixo da terra?...

Pois será bom, que não brinquem
Com estes serios assumptos: —
Se a São Paulo chega o LOPEZ...
Tem por si muitos defuntos!....

Hodie Mihi Cras Tibi.



S. Paulo.—1865.—Typ. Allemã.



O íria atrapalhado com os mortos sem atestados.

DIABOCOXO

Acceitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos e desenhos.

SÃO PAULO

Assigna-se n'esta typographia a 5\$000 por 12 numeros para a capitl; e 6\$000 para fóra. Numero avulso 500.

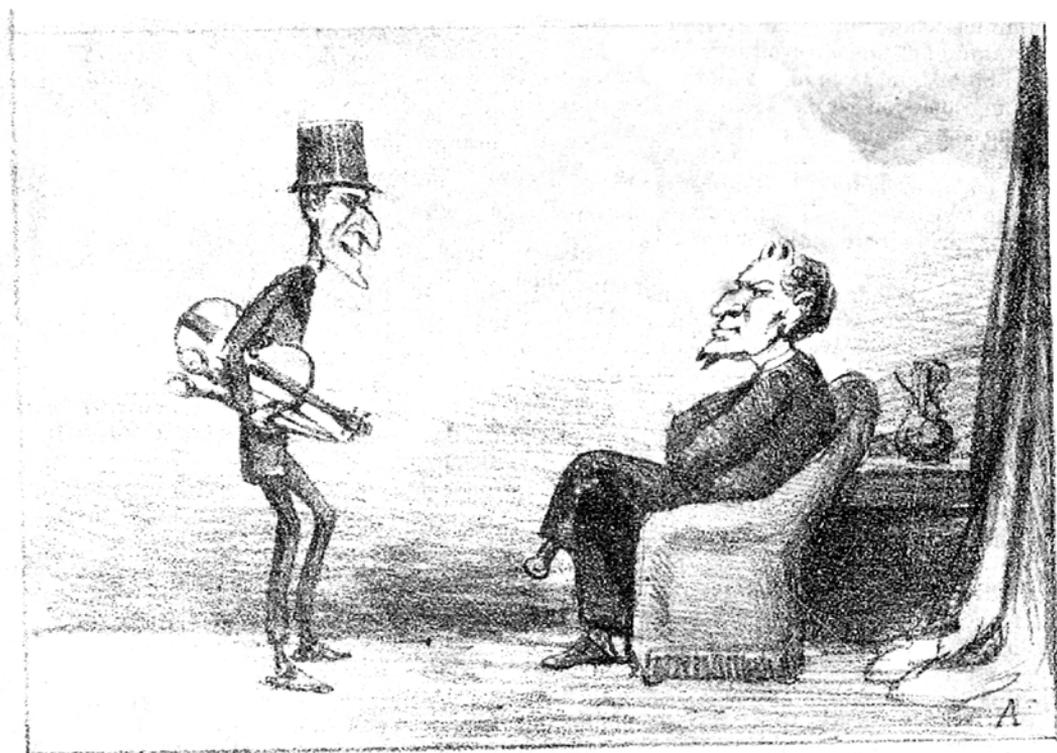
30 DE JULHO.



SERIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 2



Que barulho foi este, Sur. Thomazinho, que houve na porta do Theatro em a noite de 23?

—Pura vinagreira, Ilmo. Sur. Foi causa da Bernarda uma pechincha de 20\$000 rs. que a musica não admittiu.

Eis-me aboletado no *Hotel das Quatro Nações*.

Tem-me dado que pensar esta denominação, porque ao transpor o limiar do celebre edificio deparei com uma larga taboleta, na qual vê-se pintadas cinco bandeiras indicando nações diversas, o que está em contradicção com o titulo da casa.

Este factio, que passaria desapercibido a qualquer distraído, a mim causou sérias apprehensões; porque faz que se me afigure este Hotel uma casa mysteriosa.

Cinco Nações nas bandeiras e Quatro Nações no letreiro?!

Será o dono desta casa como os cabritos, que apregoão mel e vendem aseitonas?

Ninguém ignora que o Diabo sabe muito porque é velho; e eu orgulho-me de que a minha avançada idade fórma um volumoso tratado das mais proveitosas licções.

Foi esta casa fundada por certo *Monsieur* que começou nesta terra por pelotiqueiro; que mais tarde metamorphoseou-se em cosinheiro imperial, armador de Palacios (peço licença aos judiciosos leitores para declarar que me não refiro ao sr. commendador Palacios, primeiro badalo da turba campanologa) como dizia: foi armador de Palacios, insigne curador de lepra, phtisica, morphéa e Syphilis, no que fez vasa nesta moralisada Athenas, em honra e proveito seu e para gloria do Santo patrono que lhe presta o nome.

Hoje, por baldrocas, pertence a outro *Monsieur*, que si não é grande em pirolas sobrepuja em peloticas ao seu predecessor.

Dêrão-me um quarto que deita porta para um longo corredor. Este aposento nada tinha de inferior ao que eu havia deixado no inferno.

Recolhi-me com a minha mala de viagem; fechei-me por dentro e sem pregar olho passei o resto do dia e toda noute entregue a profundas meditações, que erão de quando em quando interrompidas pelas correrias das ratasanas de todas as especies que abundão neste estabelecimento e pelb vôo das baratas que cruzavão o acanhado espaço com a rapidez e açodamento de mulheres de mantilha em dia de procissão.

Sabem os bons leitores que a mantilha é o

trage decoroso das senhoras honestas, que tem a virtuosa balda de ingenuamente surripiar joias e fazendas de sobre os mostradores das lojas.

Terminou-se emfim a dilatada noute em que me—foi martyrio atroz a encandiante insomnia.

Levantei-me; entre-abri a porta e pedi café.

Meia hora depois appareceu-me uma esganigada filha da Ethiopia de fórmas oblongas e ares acatitados.

Era comprida como um soquete de peça, não lhe faltando nem os pellos da ponta: sobranceira como uma firmata; esguia como um facão sem aço ou como as pernas sem enchimento de uma atriz do theatro de S. José. Contrahia e dilatava os atrombetados beijos á feição de porca fuçadeira ou tromba de elephante; a marrafa acarapinhada assimilhava-se a melenas de chaminé açoutadas pelo vento; nada menos rasa pela frente do que pelo reverso. Com aspecto de quem se faz rogada aproximou-se de uma velha meza de pinho, que bem pôde figurar em qualquer museu como reliquia antediluviana e n'ella poisou uma chicara rachada, ou *chagana usada*, segundo o dizer de certo fidalgo desta terra, contendo um liquido escuro sobre o qual boiavão algumas moscas naufragadas.

—Pelo Papa, mulher, exclamei, que não tragarei essa tisana de moscas!

Bem sei que os calvos fritão moscas em oleo e com elle envernisão o craneo para crear cabellos; mas eu não pretendo creal-os no estomago.

Qual fera Parca revolvendo os grandes olhos que parecião duas cebolas brancas illuminadas, engastadas em hirtas piaçabas, ia a creada responder-me, quando ao longe em reconditos aposentos uma voz branda, suave e repassada de melancolia repetia estes bellos versos de Lucia de Lamermoor:

- „ Tu che vedi il pianto mio,
 „ Tu che leggi in questo core,
 „ Se respinto il mio dolore,
 „ Como in terra in ciel non é:
 „ Tu mi togli, eterno Iddio,
 „ Questa vida disperata...

„ Io son tanto sventurata,
„ Che la morte é un ben per me!

Dilatou-se-me o peito e minh'alma diabolicamente transportada voou do inferno das Quatro Nações para o de Sumanó e Proserpina. O Tritão de Bocage á foz do Tejo em bronca penedia minada pelas ondas salitrosas não era mais prisioneiro de amor do que eu apoiado em minha perna bamba.

Por São Bartholomeu!

—Negra, de quem é aquella voz? bradei com iracundia.

Qual lagartixa espavorida, pondo em movimento todas as juntas para de esguelha intronmetter-se rapida por estreita fenda de muralha idosa, tal a negra bambaleando os quadris ambulatorios, dando a gambia em zigzague, de cabeça á bolina, os olhos vesgos, muda e carrancuda, remordendo os grossos beiços deixou-me sem resposta, e lá se foi com ligeiro e saracoteado movimento caminho dos paços culinarios.

Sem proferir palavra e como allucinado pela magia d'aquella voz encantadora dirigime apressadamente para o lugar de onde ella partia.

Cheguei, leitores, e parodiando as palavras do grande General Romano bem podera exclamar: Vim, vi e corri! ou na phrase do poeta bradar transido de horror:

Gelou-se-me no peito o sangue adusto.

E minh'alma trocou-se pelo susto!

Derruirão-se-me as illusões fagueiras e de improviso achei-me frente á frente com uma figura branca como uma boneca de cêra, lustrosa como uma azeitona d'Elvas e nas fórmas verdadeira estatua de páo lavrada a canivete. Tinha os cabellos negros á feição de cauda muar, esparralhadas pelos hombros á guiza de vassoura velha e um par de olhos esbugalhados rasgados á chineza. Era um arcabouço de mulher ou antes um feixe de sentelho amarrado pelo centro.

Passei por ella espavorido, com a rapidez do relampago, ou para melhor exprimir-me, com a indisivel ligeiresa com que um devedor do Lefebre atravessa o largo do Collegio, e fui parar estupefacto em uma das salas fronteiras do edificio.

Então notei rumores confusos de vozes e

de passos sob os meus pés. Que! Será um novo mysterio?

Estarei acaso sobre as murmurantes abobodas de um habitado subterraneo?

Tremi, não sei se de medo ou nervosa commoção.

Puz-me attento e appliquei o ouvido ao assoalho; então pude conhecer que enquanto eu soffria de amores nos altos outros desconhecidos transavão cousas sérias nos baixos.

Tirei da algibeira uma grossa verruma de que sempre ando munido e começava a broquear o assoalho quando bradarão-me á porta—Da porta da Typographia Allemã! Tirei o ferro e segui para a rua Direita.

Até domingo, bons leitores.

NOVIDADES ANTIGAS.

O bom Democrito ria
Do que a nós nos causa dor;
Elle mui bem o entendia:
Vamos nós também, Senhor,
Fazer o que elle fazia

N. Tolentino.

Quem bate à porta?
Não tenho pressa;
Diga primeiro—
Que lei professa?

—Eu fui meuino do choro,
E me chamo Thomazinho;
Do Thesouro fui continuo,
Jogo á noute o pacauzinho.

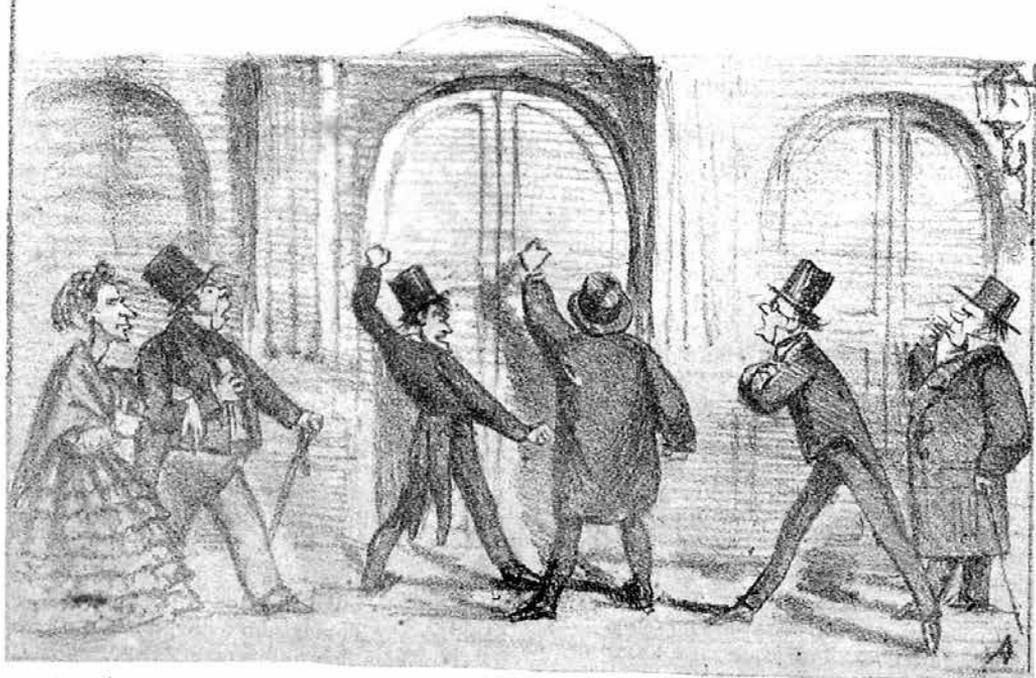
Na antiga fechadura andou trez vezes
Mechendo na lingueta a velha chave;
A porta escancarou-se e teve ingresso
Nariz de talha-mar comprido e grave.

Cortando o leve espaço a penca ingente
Metade do salão já tinha entrado;
Porém de Tomazinho o corpo inoto
Nas quinas dos umbraes era esperado.

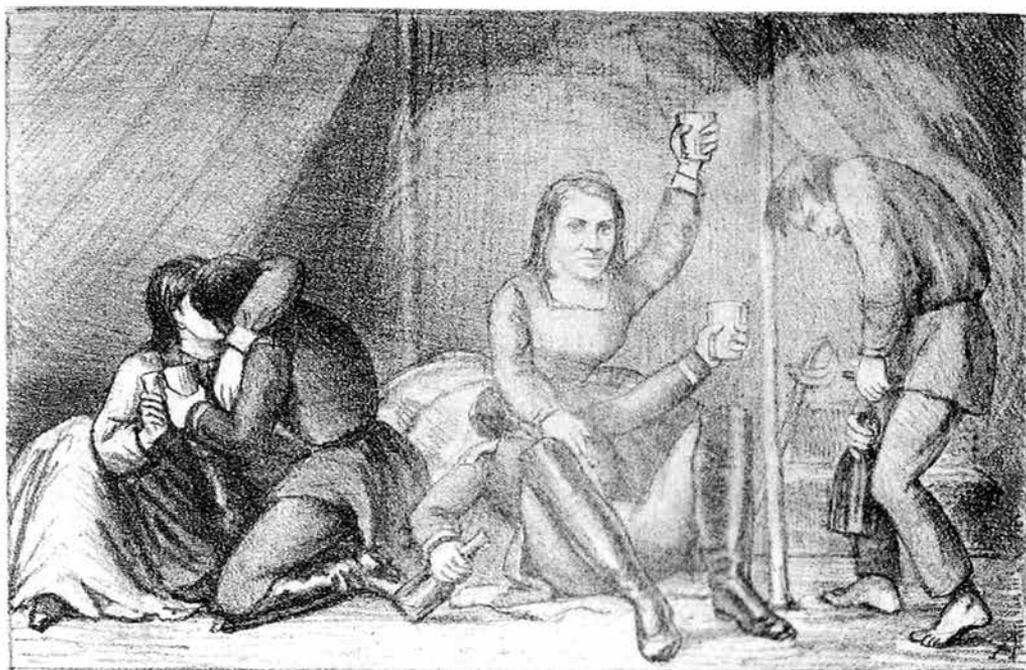
Do curvado esporão a ponta esguia
Já da meza apoiou-se sobre o raz,



Belona faz voltar o 7º Batalhão da voluntarios o os guia á victoria nos campos do Sul.



—Que diabo é isto? teremos espectáculo a portas fechadas?
Não se dá maior pœca vergonha? Empolgão as subvenções e deitão-se a dormir!
Bem mostra que o empresario cheira á bacalhão.



As delicias de Capua ou vista interior de uma barraca de official no acampamento d' *Agua-Branca*.



O Fornecedor pensa que temos bucho de avestruz!?

E no vasto salão notaram todos
O nariz carregando o seu Thomaz.

Na extrema da maromba narigada
Qual veloce arlequim suspenso andava,
Com pernas de vareta e pés remantes
O nosso grande heroe, que assim fallava:

Entregue da missiva lisonjeira,
Que fez-me de varão velha gaiteira,
A caminho atirei-me preçuroso
Por cumprir vossas ordens respeitoso.

Tocaste-me na tecla, meu Diabo,
Que tudo, d'esta vez, vai ás do cabo.
Agora a tratantice leva a breca
A golpes de tesoura e de rebeca.
E como não costumo ser rogado
Sem exordio começo o meu recado.

Da Sé se-escova a torre e se-prepara,
(Limpeza n'esta Igreja! é cousa rara!...
O gallo de vermelho foi pintado
Em honra do Doutor, que ali vem armado
Co'a vara da justiça altipotente,
Que a trote enchotará cascuda gente.
Os *previos* tendo á frente o meião-chefe
De blusa rubicunda, a magarefe,
Prometem de fazer tanta proesa
Que d'elles se-horrorisa a natureza.

A empreza do Macedo e do Augusto
Da Policia feroz já não tem susto;
Só tratam de chuchar na teta grossa,
Tornando a Capital em erma roça.

O velho Repertorio está na sova,
Sem que mais ninguem veja peça nova;
A orchestra poz-se ao fresco, por cautela,
Temendo pateada ou chorumela;
E a empreza que as mamatas tem á vista
Encaixou no scenario hum pianista,
Que suppondo tambem ter sorte igual
Na tangente se-poz, sem dar signal.

O templo se-fechou dos disparates,
Tabernaculo soberbo dos orates,
Em que os genios altivos darão fim
Por honra do Macedo e do Qurtim;

E em quanto a subvenção corre veloz,
Vão todos entuando o—Venha a nós—.

Partiram sempre alfin os Voluntarios
Deixando os taberneiros todos varios,
De braços encruzados nos balcoens
Banzando sobre as grandes fintaçones!...
Partiram sem foguetes, sem estalo.
Sem flores, sem louvores, sem badalo!

Quem diria que a forte, a brava gente
Daqui se-parteria descontente!
Levando dos Paulistas tão famosos
Huns-adeuses- apenas desdenhosos!...
Depois de tanto arrojo, tanto orgulho,
Tão gelada frieza causa engulho.

Com terrivel aspecto de guerreiro
Ia na frente o Pacca prazenteiro,
A commenda espiaando de soslaio
Com medo que lhe desse algum desmaio.
Ao lado o Major Dias tão contente
Qual no valle se anostra o lyrio algente.

OVante o Batalhão marchava atraz
Com garbo que aos herões somente apraz.
Nos sabres reluzentes se-miravam
Do sol os fulvos raios que brilhavam;
Marchando a gente forte ia cadente
Com gesto que aterrava de imponente.

Mais atraz o Felicio exasperado
Por querer o contracto e ser logrado,
Bradava com furor contra a maranha
Dos carros de transporte com tal sanha,
Que a turba macedina atarantada
Já de todos fugia amedrontada.

E em quanto este berrava furioso
O Macedo sorria de gostoso!...
Ataca, Macedinho, ataca a geito,
Deixa embora gritar fero o despeito.
Tu és maior que todos na patranha,
E o mundo só pertence a quem *apanha*.

Em fim quero dizer que a tropa alegre
Sorria de prazer com toda a gente;
E eu que ás afeiçãoens me curvo brando
Dos olhos despejei a grossa enchente.

QUINTILHAS PESCADAS A GANCHO.

(*Os voluntarios da Agua-Branca*).

—Que vem buscar tanta gente
Neste marcio acampamento?
—Os famintos: o rancheiro.
A Magdalena: dinheiro.
Os parvos: seu alimento.

(*Os diletanti de S. José na noute de 23*).

—Fecha a porta o João Cocheiro
Na noute que aqui nos chama?!
—Que peça! que boa peça!
Não ha coche, nem caleça,
Voltemos. . . calcando lama! . . .

(*Um hospede em S. Paulo*).

Ha por aqui casas piás
Onde achar consolações?
—Quem duvida d'isso aqui! ?
Dirija-se ao Tivoli
Ou mesmo ás Quatro Nações.

(*Pergunta Simples*).

—Um sete! . . . é dos voluntarios
Que vão vingar o Brasil? . . .
—De dois setes eu sou membro
Sou do Sete de Setembro,
E mais do Sete de Abril.

(*Sustos de mãe e previsões de filho*).

—Toma cuidado meu filho,
Não vás morrer lá na briga!
—Tal susto não me atrapalha;
Morrerei mas é se ha falha.
De munições p'ra barriga.

(*N uma cocheira na tarde de 25*).

—Custa-lhe trinta mil réis,
E é dos carros funerarios,
—Credo! que agouro! é chalaça:
Vou a pé: sempre de graça.
Tenho visto os voluntarios.

(*Na porta do Cemiterio*).

—A respeito de attestados,
Que tem ouvido fallar?
—E' que os medicos nocivos
Já podem matar os vivos
E mandal-os enterrar.

(*Despacho, aos queixumes de um defunto*).

Como requer. De-se a todos
Completa saptisfação:
Aos medicos—carta livre
Aos mortos—consolação.

AO LOPES DO PARAGUAY.

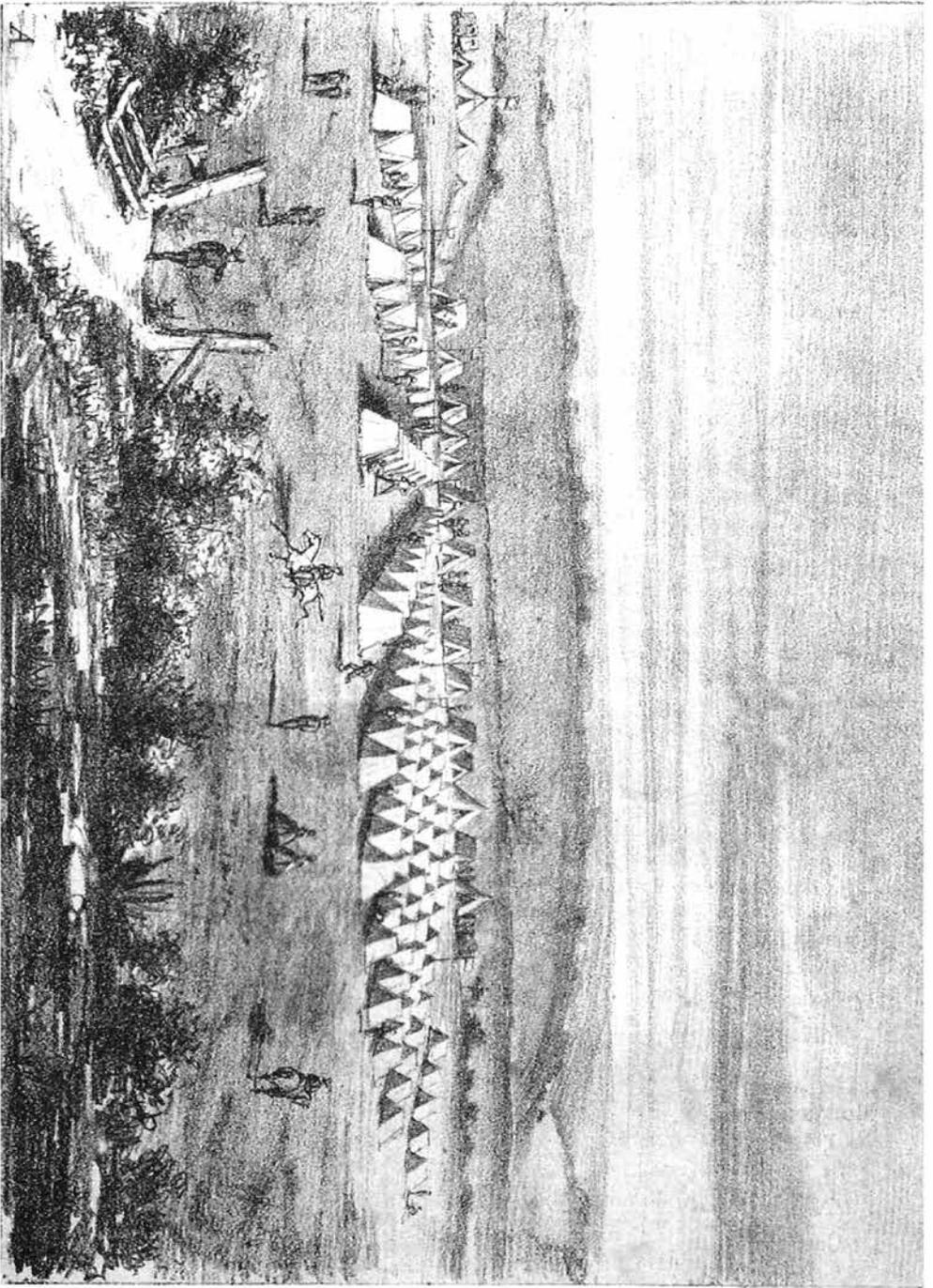
P'ra dar-te prova sincera
Do quanto vales no mundo,
Te espera um throno de.....lama,
Em um buraco bem fundo!

E por ser uma verdade,
A tua saude eu bebo —
E te offereço p'ra guerra,
Formosa espada „de sebo!“

Dizem — os teus inimigos,
Que ès grande na covardia —
Mas que irá para ensinar-te,
O “Dom Lopes—geometria!“

Eu n'essas coisas que dizem,
Nem sou roda — nem sou eixo;
Mas teme ó „Lopes valente,“
Que te encontre o „Lopes—queixo!“

* * *



O acampamento d'Alma Branca.

DIABOCOXO

Acceptam-se artigos, e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos e desenhos.

SÃO PAULO

Assigna-se n'esta typographia a 5000 por 12 numeros para a capital; e 6000 para fóra. Numero avulso 500.

6 DE AGOSTO



SERIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 3.



Resultado dos fetejos feitos pela recepção presidencial na rua Direita.

Novidades Antigas.

O bom Democrito ria
Do que a nós nos causa dor :
Elle mui bem o sabia :
Vamos nós tambem,—senhor
Fazer o que elle fazia.

N. TOLENTINO.

D'esta vez venho triste, bons leitores,
Que lavram-me no peito acerbas dôres.
Já meus olhos captivos da paixão,
Voltados lacrimoso- para o chão,
Não sentem na pupila dilatada
Os fulgores da roixa madrugada ;
Nem os trinos saudosos dos alados
Cantores da floresta enamorados
Os prazeres dispertam, que n'est'alma
Brincavam brandamente em doce calma.
Imagem da tristeza eu sou velante,
Que trago o lucto impresso no semblante.
A causa d'este mal, leitor querido,
Eu passo a relatar inda ferido.

De joven pudibunda, casta e bella,
Por quem paixão nutri, a mais singela,
E que hoje de hymineu presa nos laços
Entregu-se aos prazeres n'outros braços,
Guardava com amor, que me mantinha,
Afagueira e mimosa cadellinha.
No meu leito dormia ; si velava,
A testa me lambia, a lisa calva ;
Lambia-me o nariz, a boca tudo.
Ao ver-me resomnar tam quedo e mudo.
Té dos pés me lambar não tinha pejo,
Julgando em cada calo ter um queijo.

Fazia o meu prazer, o meu encanto,
Nos olhos me estancava o salso pranto ;
E penso que cadella tão querida
Ainda ninguem teve n'esta vida
Mas no monstro voraz, que rói penedos,
Aproveu de tornar meus dias tredos,
Matando aquella prenda, que eu amava,
Qual Hercules deixou-me sem a clava ;
E se ferido ainda estou vivendo
E' so para sentir que vou morrendo.

Não tenho mais prazer, gostos não tenho,
Que só dar pasto á magoa é meu empenho ;
Thomazinho não sou, qual d'antes era,
O rosto está rugoso — erma tapera.
E quem, notando golpe tão profundo,
Não dirá :—Nada somos n'este mundo !

Mas como quem pertence a máo senhor,
De si dispor não póde a seu sabor,
Aqui venho, de aspecto, que contrista,
Cumprir os meus deveres de chronista.

Tem dado que cuidar aos curiosos
A torrente de encunios estrondosos
Com que a Redacção do Paulistano,
Enfuna certa gente a todo o panno
A uns por que da Patria são distinctos
Servidores solertes, não famintos,
Que armados de coragem verdadeira
Não deixam nem dormindo agra *carteira*,
E, atados á tripeça do thesouro,
Dão á mão com mais sanha do que o mouro !
A outro por que gira alegremente,
Sem largar um momento o Presidente,
Prestando serviada relevante
No cargo Sacrosanto de Ajudante :
E a todos por que unidos fazem cousas,
Que vivem na memoria além das lousas.
A grave Redacção de penina alçada,
Perante a guapa gente decantada,
Declara, que esse grupo abençoado
Merece do Governo ser lembrado.
Quer ver o povo n'isto manivela,
E anda por ahi dando a t'ramela ;
Porém, só eu lhe-noto devoção,
Julgando em seu direito a Redacção.
Varões tão prestadios quem já viu ?
Amor tão santo e puro quem sentiu ?
Descance a negra juveja presumida,
Que a gloria é só da gente bem querida.
Ataca, Redactor, com vento forte,
Que é dino esse povinho d'aurea sorte.

Os Licurgos da nossa Edilidade,
Em nome da Sagrada liberdade,
Chamaram a congresso todo o povo
Afim dé discutir um factio novo.
Era o caso — salvar a Patria nossa
E dar no Paraguay tremenda coça :
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.
Pejaram-se os salões, quartos e salas
Da gente que de assucar come balas,
Mais valente que Cezar ou Roldão,
Que batalhas vencia a cachação :
Doutores da lanceta—irmãos da Morte,
Mais ferós na matança que Mavôrte ;
Doutores da verdade—do Direito,
Mas que ao torto tambem lá dão seu geito ;
Rotundos vendilhões, magros artistas,
Deputados, sanhudos cabalistas,
Patriotas magriços e pansudos,
Aquelles tagarelas, estes mudos.

Em fim, todos que tinham perna ou mão,
Que perder não podiam tal funcção,
Alli compareceram junctamente,
De semblante garrido, ardor latente,
Convocados da parte de Tonante
Pelo neto gentil do celho Atuante.

Estava Ozorio allí sublime e dino,
N'um assento de encosto purpurino,
Com gesto alto, severo e soberano,
Que guerreiro tornára um fraco humano,
Com suissa tão alva e rutilante,
Que excedia no brilho ao diamante.

Em bancos de palhiuha empoeirados
Os mais vereadores assentados,
Com marcio antojo logo abaixo estavam
Como a razão e a ordem concertavam.

Foi aberta a sessão em continente,
Fallando *in primo loco* o Presidente,
Que em synthese tratou do caso grave
Apoz guardando aspeito de Margrave.

Quaes suspiros de virgem de Convento,
Em motes traduzindo o pensamento,
Que exhalados a furto, com brandura,
Exacerbam dos Vates a ternura.
Levando o sentimento a ponto tal,
Que nenhum já se-lembrava que é mortal.
E feridos no peito o deus frecheiro
Decantam ás fogueiras do *Outeiro*,
Jorrando tantas glosas sublimadas,
Que se-tornam em grossas enchurradas :
T'as de Ozorio em sentenças, que findaram,
A turba valorosa electrizaram.

Cada qual um canario se-julgava,
De calar-se ninguem allí cuidava.
Queriam fallar todos de um só jacto.
Rompendo em tenebroso espalhafato,
—A saltos de polé por badulaques—
Qual se-ardessem dez mil cartas de traques.

Impóz Tonante a paz então de novo,
Porque um orador fallasse ao povo.

Silencio ! disse alguém se-alevntando.
Silencio. . . . guardam todos, não fallando.

Ergueu-se da rhetorica o mestre,
Que de ás turbas orar tem manha ou sestro.
O canoro fagote embandevado
Os vorações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

Da campana arrojando gradações
Os tectos faz tremer d'amplos salões ;
Ribombos de Enargueia, Epiphonemas,
Em phrazes de escachar—as mais extremas ;
Metaphoras brilhantes etopeias,
Capazes de empolar dez epopeias
Jorraram em torrentes caudalosas
Com btilha que as-tornava pavorosas
O povo allucinado erguera um—bravo—.
E o tribuno rubento mais que um cravo,
A voz fortalecendo com pujança,
Derrama em cada tropo tal chibança,
Que todos só de ouvil-o transportados
Dispararam descargas de apoiados !
A'vante o *Mirabeau* vai sem parar,
Nem co'a lingua no céu da bocca dar :
Os olhos são dois astros reluzentes.
Os gestos atterravam de imponentes,
Os labios similhavam duas lavas,
Feria a lingua mais do que cem clavas :
As palavras fulgiam como raios
Rachando d'alto á baixo os paraguayos :
E no ar sacudindo a larga testa
Guerra ! guerra ! bradava, em ar de festa.

Mais guerra ! repercute a Academia,
Que agora de matar deu-lhe a mania ;
Haja guerra ! exclamou rico banqueiro,
Guardando, por cautela, o seu dinheiro.
E o povó pelos ver tão alarmados,
Soltou nova descarga de apoiados.

Mas eu que me-arreceio da mortalha,
Fugi d'ali com medo da metralha.

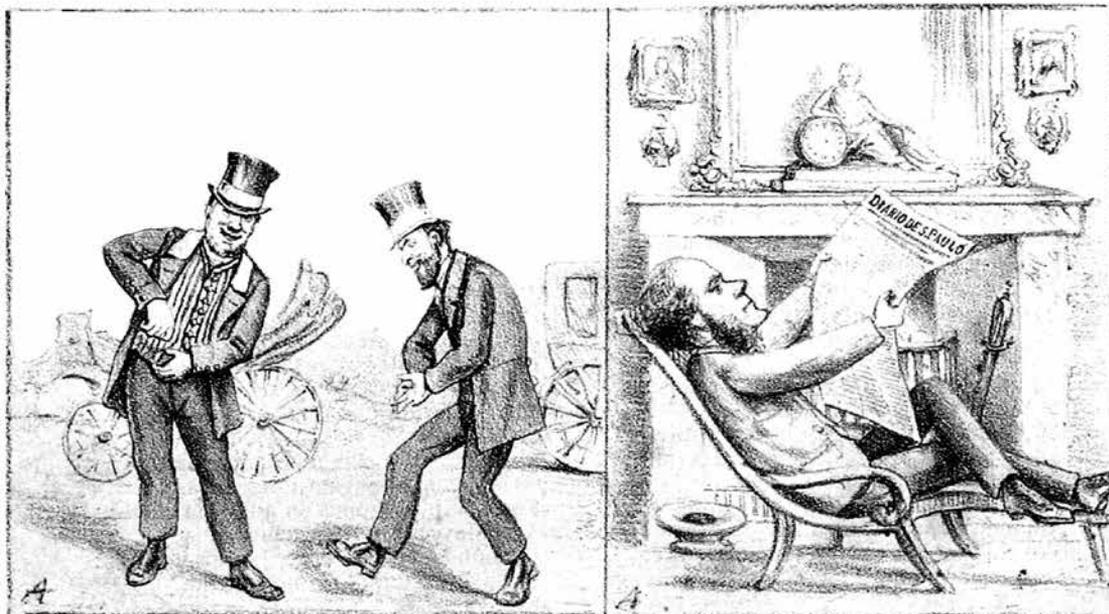
O Gallego e o Diabo.

(ALMEIDA GARRETT.)

Eu por mim gosto de contos,
Diga o mundo o que quizer ;
E para matar o tempo
Um conto quero escrever.

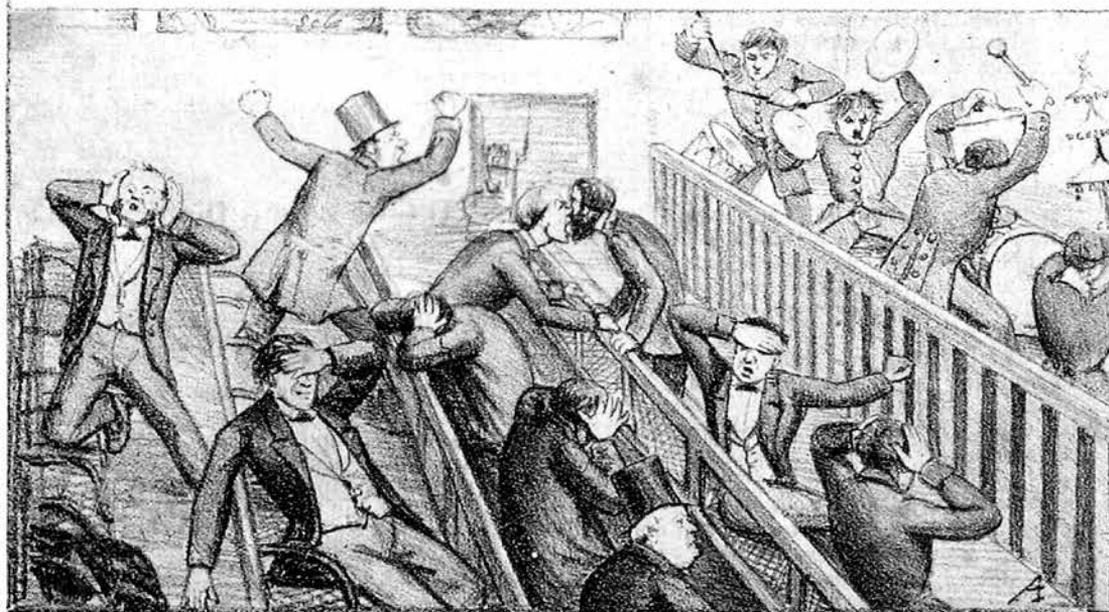
Mattar o tempo é preciso
Aos ignorantes—dirão ;
Ao sabio sempre elle corre,
Voando, que lento não.

Porém, amigo censor,
E quem me faz sabio a mim ?
Sou eu lente ou academico,
Prégador ou coisa assim ?



Si continuarem as marchas e contra-marchas dos Voluntarios passaremos, de cocheiros a Barões.

What prodigy
Agora sim, temos uma folha que se pode ler



ALGAZARRA LIRICA
Lucta entre a musica do Theatro e os ouvidos dos expectadores.



• Eram dez mil bois,
• E dos mais selectos,

• A puchar Paulistas
• E os paulistas quietos!...



Assalto á Typographia Allemã n.º 1.ª de Agosto, á sahida do *Diário*.

Verdade é, no Quebra-costas
Minha vez escorreguei,
Fui preso por Verdeaes,
E á porta Ferrea m...ei.

Mas que doutor fiquei eu
Se nunca o Martini li,
Se, o que soube da instituta
E do digesto, esqueci ?

Sabenças para que servem ?
Brucharía, eu t'arrenego !
Vou-me contar o meu conto ;
E o meu conto é de um Gallego.

Era nua vez um Gallego
Boçal, felpudo e lanzudo,
Um Gallego em corpo e alma,
Em chancas, juizo e tudo.

Nunca lá das Gallileas
Sahu cabeça tão romba
A alistar-se nas campanhas
Dos bravos heróes da bomba.

Melena loira e comprida.
Azeitada e corredia,
Olho azul, pasnado e parvo,
Bôcca aberta, a barba esguia ;

Calção de abanante orelha,
Por onde fura o quadril,
Nos pés a fragrante chanca,
A's costas sacco e barril ;

Eis-aqui a vera effigie
De Thiago Manuel Juan.
O mais fiel dos Gallegos
Que jamals *comieran pan*.

Em devoção não fallemos,
Que n'isso era exemplar ;
Deixára um prato de tripas
Para á missa não faltar.

A miudo ia a confêssão ;
E nunca o somno o pilhou
Senão a resar o terço,
Que—nunca mais acabou.

Em duas ou tres egrejas
Era freguez de *basar* ;
O seu barril tinha a honra
De agua benta ás pias dar.

Tam devoto, tam modesto
Nunca houve outro Thiago ;
Não ha memorias de ouvir-lhe
Nem uma só vez um *ajo*.

Um dia, á volta das onze,
Cançado de apregoar,
—Era em Julho que escaldava,
Um calor mesmo de assar !

N'uma egreja de capuchos
O bom do Thiago entrava ;
E a egreja tão fresquinha,
Que á oração convidava.

Por tendencia natural,
Instincto de chafariz,
Ajoelhou ao pé da pia,
Herdeira de seus barris.

Mal se tinha *santiguado*,
Isto é, se *persignou*,
Um berreiro destampado
Detrás de si escutou :

Era um membrudo capucho,
Destimido Ferrabraz
Que, a duros botes d'estolla,
Brigava com Satanaz.

Tinha-se o demo incaixado
No bojo d'uma beata,
E d'alli se defendia
Como de uma casa-matta.

Arripiaram-se as melenas
A Thiago no toitço.
Pôz-se-lhe em pé no cachaço
Até o proprio choirço.

Mas o ôlho arregalado
Em ponto de admiração,
Não se attrevia a tirá-lo
D'aquella horrivel visão

Travava a descompostura
Do dize-tu, direi-eu...
Fallava o frade latim
Que nem o demo entendeu.

Satanaz é bom latino :
Ninguem lh'o pode negar :
As syllabadas do frade
Faziam-n'ô blasphemar.

Grita o frade :— *Abrenuuci-ò !*
E o cachorro do Asmodeu :
—« Assim não me deitas fóra ;
Dize *Abrenún-cio*, sandeu .

—«Latim sabe elle, o maldito....»
Disse o frade aos seus cordões ;
Que os frades, como os não usam,
Não fallam c'os seus botões :

«No Latim me venceu elle,
E não fez grande façanha ;
Elle é o diabo, e eu sou capucho !
Veremos se o faz na manha».

Ria o demo ás gargalhadas
Por ter o frade incovado ;
E o capucho, de velhaco,
Dava-se já por cangado.

Mas co'a mão á caldeirinha,
Sem que o pesque Satanaz,
Vai mansinho... e de repente
Prega-lhe a hyssopada—zaz !

Deu tal estoiro a beata,
Que parecia uma bomba...
Não era ella, era o demo :
Cheira a enxofre que tomba.

—«Eu te esconjuro, maldicto !»
Brada o frade em portuguez
(Que não quiz comprmetter
O seu Latim d'esta vez).

«Eu te esconjuro, maldito !»
Que d'este corpo te vás,
E não tornes a entrar n'elle.
Negregado Satanaz».

«Vou-me» disse o porco-sujo
«Vou-me embora Fr. Sandeu,
Que me escalda essa agua benta.
Mas para onde heide ir eu ?»

—«Para onde?...» E deitando os olhos
A um lado d'improviso,
Deu o frade com Thiago
Que rebentava de riso.

Thiago, de um grande medo
Passára a grande alegria ;
E, esfregando as mãos no sacco,
Como um perdido se ria.

Leitor não te escandalizes ;
Que o ver logrado o demónio
Até fez perder de riso,
N'um sermão, a Santo Antonio.

—«Para onde?...» repete o frade
«Que me importa a mim, respêgo ?
Vai-te metter, se quizeres,
No c... d'aquelle Gallego».

Conhecem-se os grandes homens
Nas grandes occasiões :
Thiago, sem mais demora,
Deitou abaixo os calções,

E, em menos tempo ainda
Do que o demo esfrega um ôlho,
Já na pia da agua benta
Tinha elle o seu de molho.

Batte-me quatro palmadas
No rechonchudo de traz,
E diz-lhe :—«Aggra, sô diabo,
Venha pr'a cá, se é capaz».

Premios a concurso.

—A quem descobrir a conclusão da *reunião popular* no paço da Camara Municipal : Um *oculo* de ver ao longe.

A quem descobrir se *S. Pedro esteve alguma vez em Roma* : Uma figura de *Chumbinho*.

—A quem disser se é exacto que, a expedição partida de S. Paulo para Matto-Grosso volta de Uberaba para esta capital ; que o 7.º de *Voluntarios* volta de Santos para Matto-Grosso ; e o contingente em marcha para Itapura volta para S. Paulo, a fim de impedir a entrada dos paraguayos no cemiterio da Consolação : Um *dragão* valente, uma *pacca* viva e um *machado* afiado.

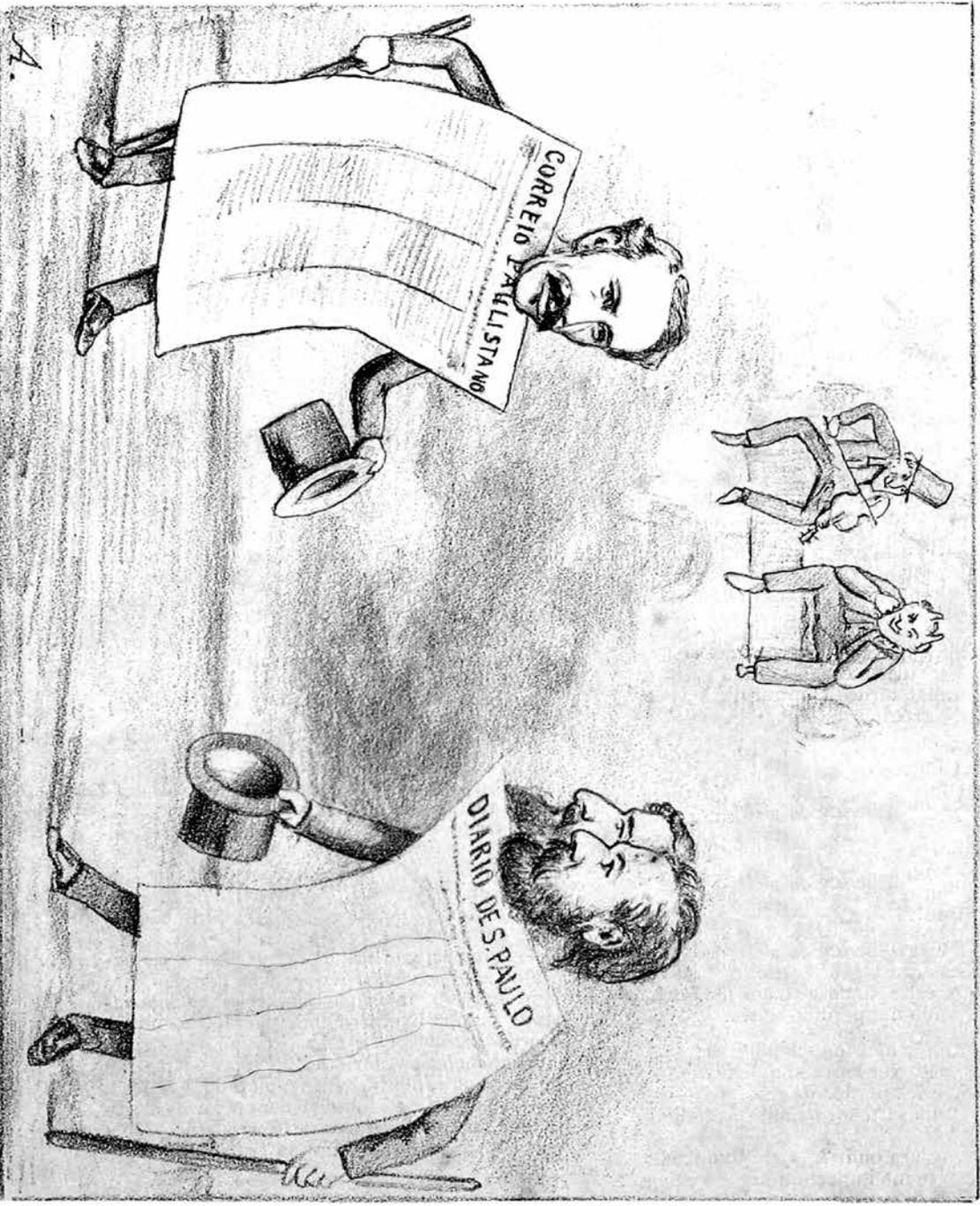
—A quem explicar porque que o *sol dos 4 cantos* tem sido visivel ás 8 e 9 horas da noite : Uma tradução em hebraico do *Sol lucet omnibus*.

—A quem *afirmar* qual é a orchestra que fica tocando permanente no theatro de S. José, para evitar *transferencias* : Um berimbáo inglez e uma marimba do congo.

—A quem der a razão porque alguns *permanentes* não *permanecerão* na sua marcha para Matto-Grosso, alguns *voluntarios voluntariamente* voltarão para d'onde vierão, e muitos *guardas nacionaes* se tem excusado mostrar a sua *nacionalidade* patriótica : Uma espingarda de manteiga, fabricada na capital do Medo.

—Finalmente : A quem denunciar os assignantes *não contribuintes* do *Diabo-Coxo* : Uma carta de meirinho no fóro de *Pedro Botelho*.

Litotipo de H. Schroeder, Rua Direita 15.
São Paulo.



COMPLIMENTOS A' FRANQUEZA.

DIABOCOXO

Acceitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos e desenhos.

SÃO PAULO

Assigna-se n'esta typographia a 5\$000 por 12 numeros para a capital; e 6\$000 para fóra. Numero avulso 500.

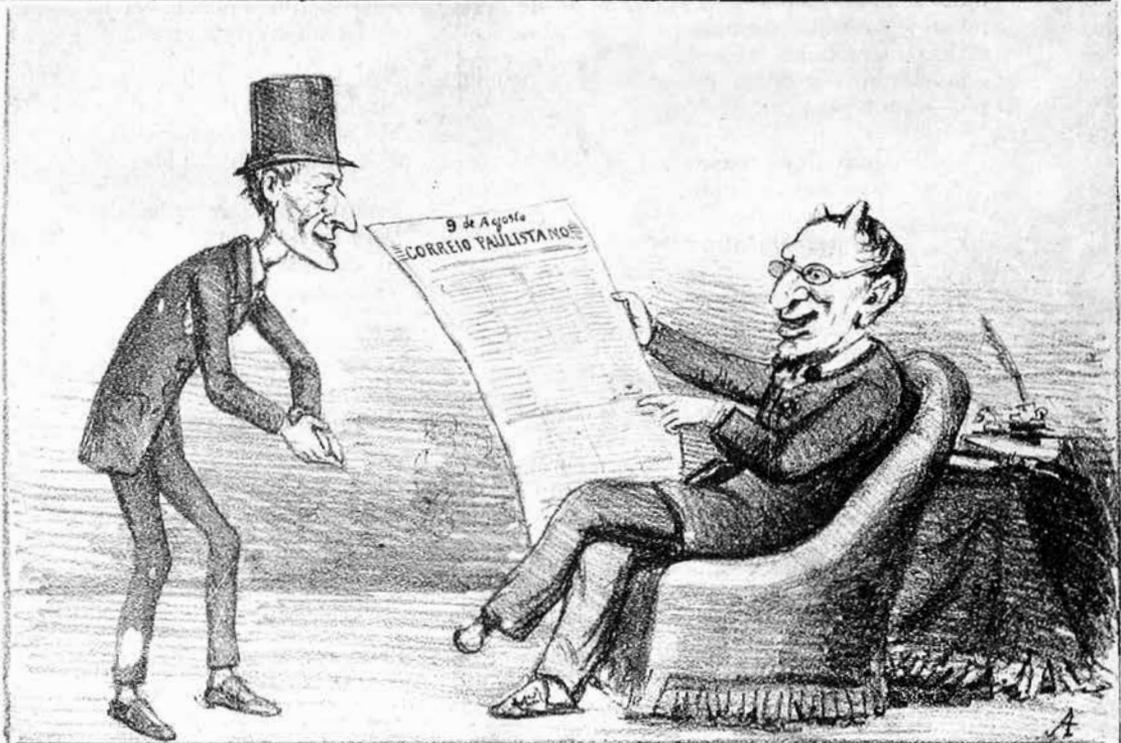
12 DE AGOSTO



SERIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 4.



—Então o que diz o *Correio Paulistano*, illustrissimo senhor?

—Diz ao publico de S. Paulo, que não creia em boatos falsos; que socegue; que a patria precisa de soldados e muitos, para debellar o inimigo, porém o povo em massa não hade partir porque não é preciso: repete-lhe que esteja tranquillo, que socegue, etc. etc.

— Ora é boa recommendação! socegados estamos nós ha muito tempo!

Novidades Antigas.

O bom Democrito ria
Do que a nós nos causa dor ;
Elle mui bem o sabia :
Vamos nós tambem, senhor
Fazer o que elle fazia.

N. TOLENTINO.

Nec semper lilia florent.

A Musa não é macho, todos o sabem: é mulher versatil como a brisa, instavel como a boa fé dos homens politicos, varia como o tempo, infiel como o oceano e absurda como ella mesmo.

Si os homens fossem menos indolentes e os sabios mais perspicazes teriam a muitos seculos descoberto a bussola na cabeça da mulher, onde a inconstancia e o amor, tendo de per-meio o orgulho, formam polos no vacuo immenso da vaidade. Cabeça admiravel, vaga e indeterminada como a descripção que d'ella nos—deu o poeta:

Qual alta grímpa,
Que move o vento,
Assim ondula
Seu pensamento.

E si não valle a mulher muito pelo siso, menor apreço ainda lhe dão quanto ao peso; pois d'ella dizia o cysne lusitano:

O que é mais leve que o ar? o fumo
O que é mais leve que o fumo? a mulher.
E o que é a mulher? Nada!...

Não vão os leitores d'aqui inferir alguma heresia e suppor-me algum cachaçudo frade inimigo de mulheres em publico....

Eu sou o mais devotado sectario de S. Gonçalo: amo as mulheres por virtude e adoro-as por devoção. Dobro-me ao som de suas palavras magicas como o luxurioso vime aos brandos queixumes das auras matutinas.

As mulheres em mim sempre fizeram vasa, porque sempre surpprehendem-me baldo ao naipe e desprevenido de trunfos nos jogos amorosos.

E quem se não deixará cudilhar por uma deidade seductora que, além de outros myste-

riosos predicados, leva sobre nós o partido de jogar com todos os azes?

No baralho do amor só a mulher faz pacáo, e o homem só é feliz quando joga de *carancho*.

Eu sou uma especie de nauta monomaniaco, que pragueja o mar nas horas amargas da tempestade e o decanta jubiloso nas horas da prospera bonança.

Hoje sinto os effeitos da tempestade; estou mal com as mulheres: quero dizer, estou mal com a minha Musa, porque ella abandonou-me o cerebro, deixando-me o craneo ermo e vasio como uma candeia sem oleo e sem torcida.

Preparem-se, pois, os leitores para ouvirem rasteira prosa a historia dos successos da semana finda.

Vai em prosa, e porque não.
Quando a Musa foge esquiua?
—Os Leitores pedem versos—
Os Leitores? ora viva....

Não ha verso: tenho dito:
Minha Musa, d'esta vez,
Foi ao baile, constipou-se
Nos salões da estupidez.

Sem convite, por galhofa,
Para rir-me sem pagar,
No palacio de um pateta
Vi dançado e quiz entrar.

Não nasci para mesuras,
Não sou dado ás embigadas:
Mas nos longos corredores,
Rendo cultos ás criadas.

Bem sei eu que á casa alheia
Não se vai sem ser chamado;
Mas é força confessar,
Que tal uso é antiquado.

E demais, quem presa o culto
Do sebento pundonor,
Póde archanjo ser, embora,
Nunca homem de valor.

Si na egreja, que é sagrada,
Homens entram, entra o cão;
Porque, pois, licença previa
No palacio do Barão?

Si alma igual agita e move
 Burrus, Frades e Barões,
 E' porque Deos não permite
 Entre os mesmos distincções.

Isto posto, fôra asneira
 Ceremonia em casos taes;
 Parvamente vai-se entrando
 Como aquelles animaes.

Tomei ares arrogantes,
 Imponencia de Sultão;
 Pois entre tantos fidalgos
 Não queria ser vilão.

Por ser de pelluda raça
 Esse liz da fidalguia,
 Não supponham-lhe a morada
 Ser alguma estrebaria.

Casa não era o palacio,
 Porém alcaçar divino;
 Aqui nascera o fidalgo,
 Em palhas o deus-menino.

Si a grandesa tem por base
 O lugar do nascimento,
 Era Jezus um coitado,
 E' o fidalgo um portento.

Era um céu acceso em chammas,
 Mais que as estrellas brilhavam
 As luzes dos candelabros,
 Que os salões illuminavam.

Mas, segundo affirma o sabio,
 Entre os astros rutilantes,
 Tem lugar assignalado.
 Ursas, Leos quadrupedantes.

Certo estou que o mundo vario
 Zombaria da figura,
 Que eu fazia entre a nobresa,
 Que se tem pela mais pura.

Mas que quer, si o povo estulto
 Julga ser criado vil,
 Por ter sangue avermelhado,
 De quem o tem côr de anil!

Longas caudas arrastando
 Com donaire as Baronesas,
 Iraranges pareciam
 Rasgando as salsas devesas.

E' dos nobres privilegio
 Cauda longa e *excellencia*,
 Attesta a primeira a raça,
 Marca a segunda a demencia.

Os narizes perfilados
 Pareciam bujarronas
 Cinzeladas nas caraças
 D'aquellas alvas matronas.

Tanto orgulho tanta embofia
 Ao bom senso causam móssa;
 De uma a avó foi lavadeira,
 De outra o pae puchou carroça.

E' verdade que o dinheiro,
 Como as aguas do Jordão,
 Faz do tropeiro um fidalgo,
 Torna a tripeça em brasão.

Os sisudos cavalheiros,
 Sisudos por que não riam,
 Eram alvo das zumbaiaes,
 Que arrogantes recebiam.

Arrogancia, que é da origem,
 Natural e não postica;
 Pois que teve a fidalguia
 Por berço a cavalharia.

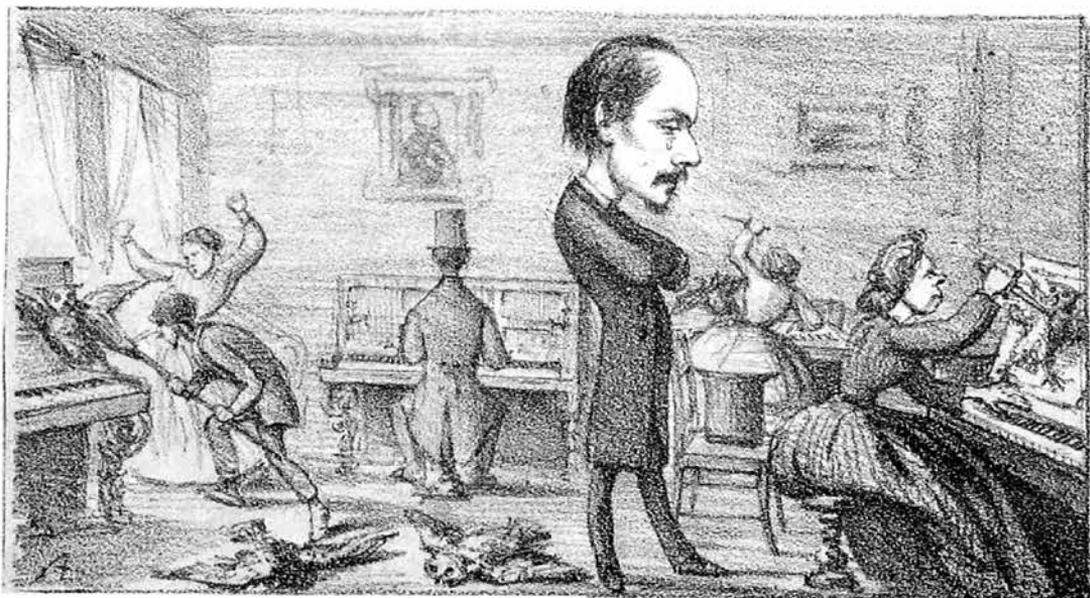
E é por isso que o fidalgo
 Tem figura estatelada;
 Nobre o passo acavallado,
 Vasta a frente... mas quadrada.

Nas commendas de brilhantes
 Punham todos seu valor;
 Commendas compradas hontem
 Do escravo com o suor.

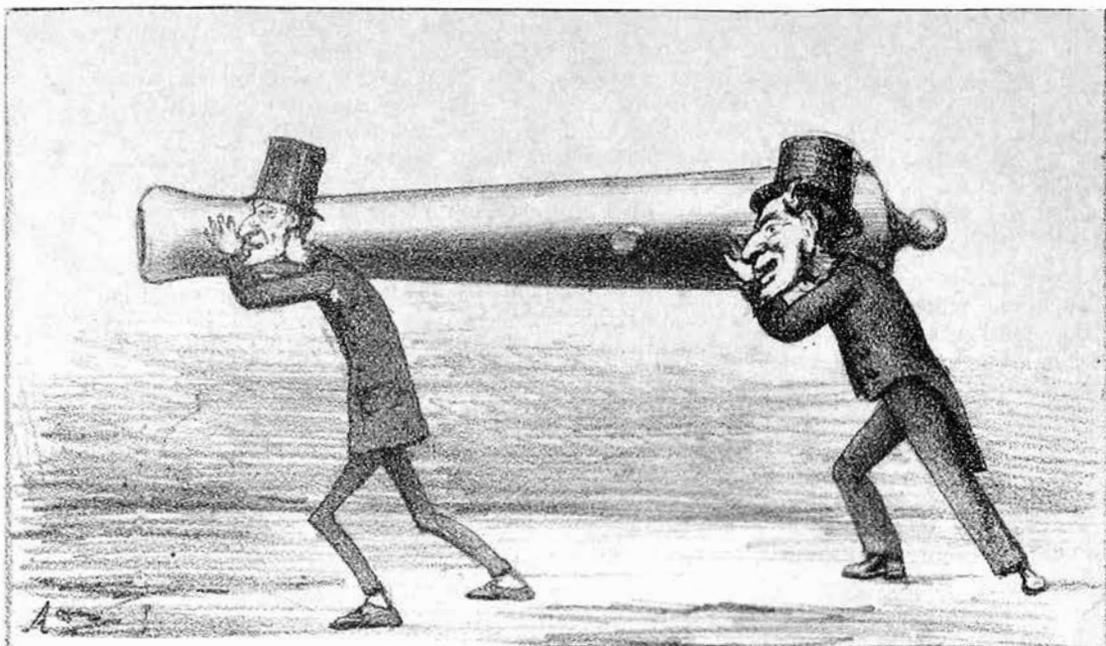
Uns na prensa os pés sentiam;
 Por que affeitos á tamanca,
 Tragavam do luxo os golpes,
 Em torturas tendço e oanca.



Eu acho muito bonito, porém peço-lhe.... a pedido de varias familias, que não amole mais.



Pobre cortuja! Minha filha predilecta! como és assassinada! ...



O *Diabo Coxo* sem pretensões a litterato offerece contudo á empresa do theatro de S. José uma nova peça: as armas casão-se com as letras: para augmentar o estrondo da orchestra, reforçar o repertorio, e amedrontar os paraguayos, julga-se que é esta *uma bôa peça*.



Museu Militar da Côrte. (Veja-se a lista no lugar competente).

Reuogando os suspensorios
 Outro os hombros encolhia,
 Que qual mula atafonada
 O pobre lorpa se-via.

Tudo isto encobre a seda,
 Os bordados e os fardões;
 Por isso é, que entre os fidalgos
 Avultam tantos vilões.

Quem taes palacios entrar
 Da moral sem ter lição.
 Alma perde, a fôrma, o gesto,
 Homem entra e sahe Barão.

.

Diante de tanto orgulho,
 Tanto honor, tanta altivez
 Fugiu-me a Musa espantada
 Nos salões da estupidez.

Continúo, contagiado pela fidalguia, a provar que:

Homem não fiquei não, mas paspalhão,
 Diante de um Barão outro Barão.

—Os srs. Emygdio e Antonio Carlos abriram uma casa de instrumentos musicaes á rua de S. Bento. E' um melhoramento de que muito carecia a terra de Amador Bueno da Ribeira.

Antes porém de vir a publico este notavel emporio de gaitas e sanfonas, os filhos de Piratinim eram já credores de encomios pelo talento com que improvisavam rebequeações na vida do proximo.

Agora podem folgar os namorados.

O estabelecimento vem, sobre outros progressos innumeraveis, acudir de prompto ás necessidades amorosas,

Sabem todos de que utilidade serão os instrumentos importados por esses senhores para as operações de hymineu.

Orpheu, nos diz a historia, a tocar flauta movia as duras penhas, adormecia as fêras e detinha as catadupas no dorso das montanhas. Que muito é pois que um joven americano armado de trombão, instrumento elastico e prodigioso, ora curto ora comprido, em

sonoros trenos mova o coração piedoso de gentil deidade?

Pois haverá peito tão deshumano que se não enternessa aos gemidos de uma flauta?

As proprias moças, que nunca tiveram fama em tanger instrumentos de sopro, graças á gabada pericia dos srs. Antonio Carlos e Emygdio, hão de ficar provecetas na trompa, no ophicleide, no pistão, no clarinete, no fagote e outros canudos sonoros que immortalisaram os mais abalisados maestros, que apregôa Clio.

A' casa das trombetas, pois, leitores,
 Apressados correi, correi sedentos,
 Moços, velhos, rapazes e meninos,
 Que entrando parvos sahireis portentos.

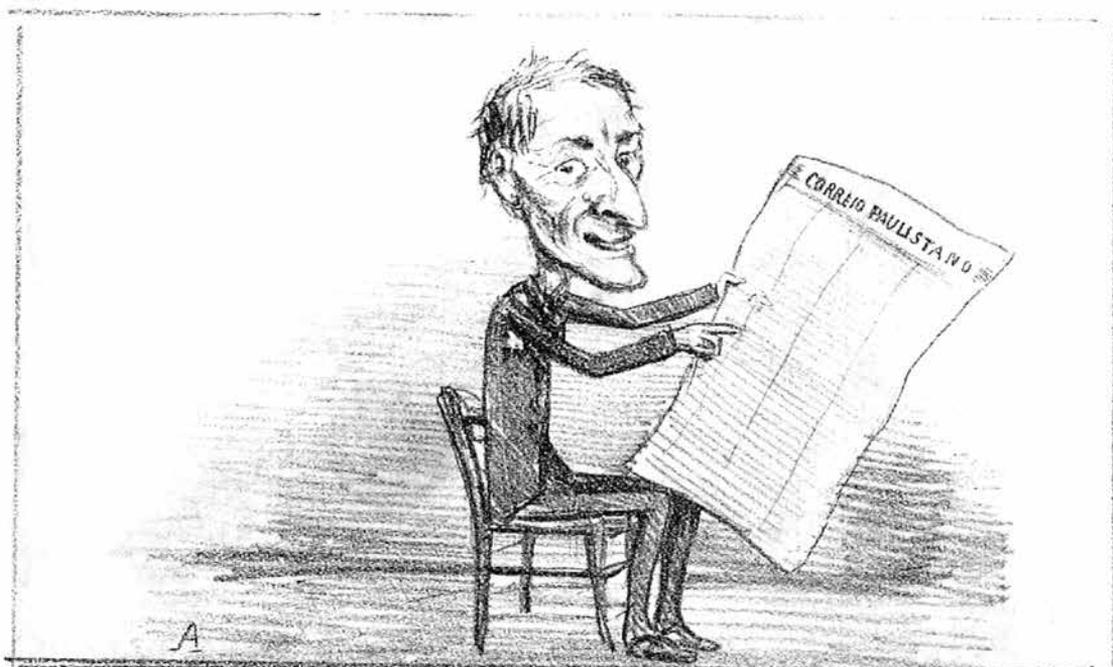
Voltou a Musa bons leitores!

—O Diabo, que é grande em nigromancias,
 Que excede a todo o mundo em traficancias
 Para evitar a pecha de beocio,
 Com rapazes fugio de ter negocio.

Esopo, que do mundo via as manhas,
 Versado mais que todos em patranhas,
 Dizia—que conluio com meninos.
 Aos doutos transformava em ruins mofinos.
 Porém a humanidade ambiciosa

Correndo pela trilha tortuosa,
 Com vicios degradantes em parelho
 Despresa da virtude o bom conselho.
 Assim Dom Charlatão afidalgado,
 Da casa de Guiné filho e morgado,
 Arauto e passavante em Muxicongo,
 Entre os quaes é primeiro no *gimbongo*,
 Unido ao sabio *Rei* desnarigado;
 Velhaco de capello e jubilado,
 Da nobresa cedendo aos máos engulhos
 Metteu-se a traficar em *cascabulhos*.

Vestiu-se o meu fidalgo em ponto branco,
 No semblante fingindo riso franco,
 E as nadegas voltando ao *palacete*
 Sem ter atraz de si guarda ou piquete,
 A passos de guinilha qual sandeu,
 Ao hôtél se-dirige do Atheneu,
 Alli chegou cançado e coxeando
 E sem mais *entrementes* foi tratando
 Com o famoso *Rei* da picardia
 A compra d'esta *regia* albergaria.
 Foi tudo dito e feito n'hum momento;



—Pois é verdade que S. Pedro nunca esteve em Roma?! Nada: vou informar-me com o meu compadre *Chumbinho*, que já descobriu que S. José nunca esteve no theatro desta capital.



—Como é que a gente passa perto do sol e no entanto está chovendo?!
—Pois não sabes que hoje está tudo falsificado.

DIABOCOXO

Acceitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se res-ítuem artigos e desenhos.

Assigna-se n'esta typographia a 5000 por 12 numeros para a capital; e 6000 para fóra. Numero avulso 500.

SÃO PAULO

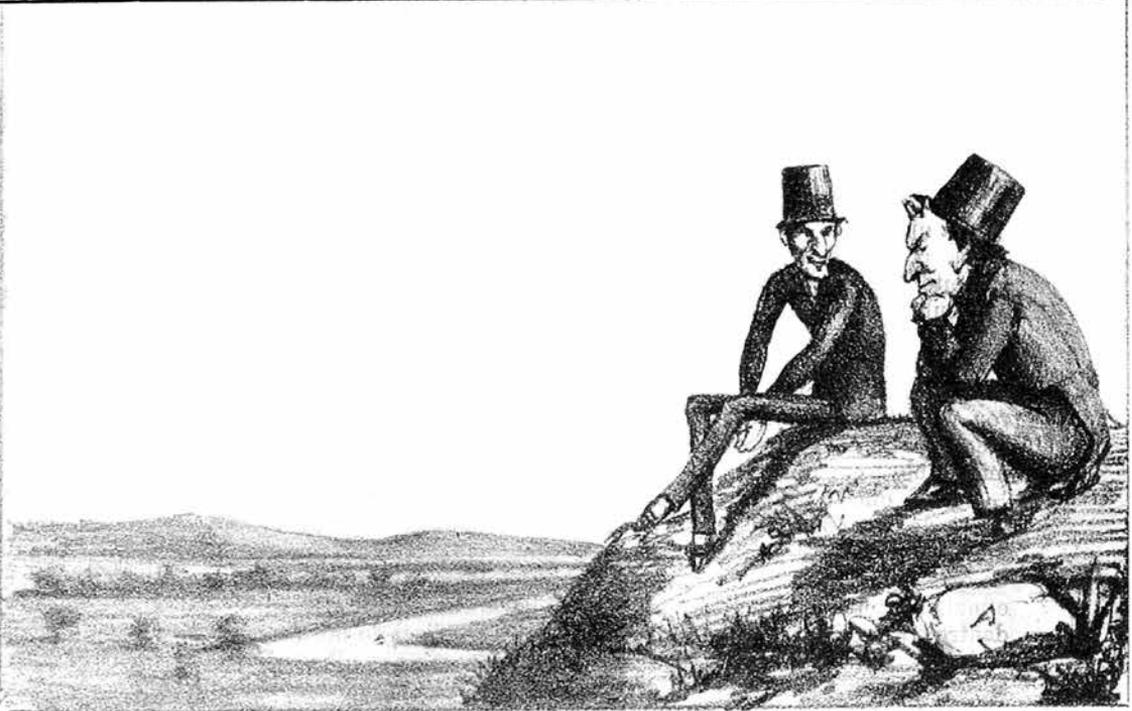
20 DE AGOSTO



SERIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 5.



Ai! ai! sr. Thomaz!... o negocio vai mal! a guerra continua, a agricultura definha, e o commercio paralyza-se! temos fome; os lavradores não cultivão.....

—Não é tanto assim: a cultura do algodão nada vale?

—Valha-nos isso: bom será que em quanto *plantamos algodão*, tratemos de mandar os paraguayos *plantar batatas*.

Diabo Coxo.

A curiosidade é o distinctivo das Moscas e das mulheres desde a nossa mãe Eva, si é que ella existiu.

A curiosidade produziu a experiencia. D'ella tirarão as mulheres em todos os tempos innumeradas vantagens, ao passo que o homem, desde o pacova Adão até á minha pessoa, ha sido victima das suas desastrosas consequencias.

Diz o proverbio:

Quando Deos tira os dentes alarga a guella.

Dando Deos a curiosidade á mulher dilatou-lhe consideravelmente a garganta; e não tendo dado ao homem um canal tão largo certamente que privou-o do uso da curiosidade.

A experiencia na mulher vem da curiosidade pueril, seductora e inconsequente. No homem, porém, resulta ella do juizo, do criterio e do bom senso.

As vezes o homem fazendo-se de mulher, dá de mão ao circumspecto juizo para correr como pateta atraz de borboletas e faz-se curioso á moda feminil. E' este do homem o estado mais lastimavel.

Eva que tinha licença para ser pueril e curiosa, contra as disposições do Eterno, não respeitou os fructos que pendião buliçosos da miraculosa arvore da sciencia do bem e do mal; e porque d'estes a esquesita forma lhe excitasse a roaz curiosidade, ou porque tivesse ella predilecção pelas cousas engoliveis atirou-se á arvore, colheu os fructos, chupou-lhes a polpa e o succo e mais esfaimada que uma giboya engoliu os caroços.

Dizem que o primeiro fructo estivera a ponto de lhe não transitar pela garganta; mas a mulher que não foi feita para recuar diante de obstaculos d'esta ordem, com um segundo e mais um terceiro fructo fez escorregar para dentro o primeiro, que desemparrou de chofre.

Alegre pela victoria que acabava de obter, si bem que lhe ardesse ainda a garganta não só pelo engolimento dos fructos se não pelo dos caroços, foi-se ao papalvo do Adão e o

convenceu de que devia tambem gosar as doçuras do fructo delicioso, que ella vinha de chuchar.

Ora si a mulher não nasceu para pasmar diante dos obstaculos, o homem não veio tambem ao mundo para resistir ás provocações feminis. Pegou na isca, como hoje se diz em linguagem vulgar; e sem attender á estreiteza da guella, necio e sem mais processo preliminar introduziu n'ella o primeiro fructo. Oh tolo, que tal fizeste!

O fructo penetrou, lá diz a historia, com prazer inaudito da senhora Eva, que ria a bom rir pelo ver introduzido nos gorgomilos do pobre diabo; mas os caroços? esses estarião pendentos até hoje si o pae da humanidade se não tivesse mandado mudar para o céo dos crentes.

Foi Adão a primeira victima da curiosidade, assim como a mulher quem, movida pela curiosidade aticou, pela vez primeira, o homem para a tenebrosa perpetração do peccado. E apesar d'esta memoravel lição, dos exemplos attestados pela historia firmada pela idade dos seculos, ainda o homem adora a futil curiosidade e a segue olhivendado pelo labyrintho inextricavel das catastrophes.

Eu; eu que sou o Diabo e que tenho uma perna de menos ainda deixo-me dominar ás tontas pela curiosidade.

Era em um dos dias da finda semana; foi sexta-feira, dia aziago para os bons christãos como eu.

Em um dos fronteiros salões do Hotel das Quatro Nações, senti-me impascentado pela fatal curiosidade. Foi causa do meu subito frenesi uns rumores vagos que de continuo soavão por baixo do assoalho.

Todos vós, sabeis, que o Diabo nunca peccou por imprevidente, rasão pela qual está sempre em renhida lucta com o sabio governo d'este portentoso imperio, que no inferno é simbolisado por uma preguiça carregando ás costas uma tartaruga do Amazonas com destino ao Rio da Prata.

Tirei do bolso uma verruma e fiz uma broca no assoalho para observar os rumores cavernosos que impacientavão-me.

Grande e grossa era a verruma, leitores, que n'este momento vos impressiona; porém

vós sabeis que quem broquea cousas espessas ha mister de instrumentos collossaes.

Feita a broca appliquei-lhe o olho.

O meu olho sem a broca de nada servia-me, tanto que me foi preciso abrir a broca para satisfazer a curiosidade que me ia n'alma; como a broca sem o olho seria um furo sem utilidade; mas a junção d'estes dous orgãos produzirão um fenomeno espantoso ante a minha perspicacia. Espiei pelo furo e vi..... o que pensaos, leitores?

Uma casa de penteação!... Admiravel estabelecimento, por certo; pois a instituição de uma casa com o fim exclusivo de pentear a humanidade pelluda é digna de acurado estudo. Quando eu digo—pelluda—é porque dos homens só um terço tem cabellos; e destes a metade é calva. As cabeças calvas, sabem-no todos, são como os queijos flamengos; engrachão-se para evitar o bolor; mas não se penteião. A penteação n'um calvo seria offensiva da dignidade de S. Pedro, além de que, falseando os principios dogmaticos em que esteia-se robusta a santa fé romana daria causa a grave rompimento entre o Papa e os cabellereiros, com prejuizo irreparavel dos fabricantes de cosmeticos e do genuino oleo de babosa.

Espiei, como dzia e vi em primeiro lugar um individuo de 26 annos de idade, vulgar nas fórmas e mais ainda nas palavras, de ares acapadoçados, suissas á inglesa, porém luso em corpo e alma; emplastada a cabelleira, vivacidade zorratica e arranhando em perro francez os nomes dos compositores de oleos, perfumes e pomadas. Ouvi pronunciar o seu nome, e si me não falha a memoria, começava em—Ave—e acabava em—Lino—.

Era um manequim de engonços senão desengonçado; ligeiro de pernas, rapido de mãos e quitandeiro de lingua, apregoando a portentosa efficacia dos olorosos liquidos que procurava impingir no desmiolado bando que o rodeava.

Tinha em punho um largo pente de marfim á guisa de facão de magarefe —

E a gente penteava com tal furia,
Dando aos dedos taes quebros de luxuria,
Que aquelle que gosava o penteado

Sentia, de meiguices transportado,
Não ter dez mil cabeças empelladas
Para serem do moço anediadas!
E si *vera sst fama* quanto diz-se
Pentea o Ave-Lino com denguice,
Que leva de vencida a francesada
N'est'arte sobremodo reputada.

Si o freguez já escabreado por passadas mantas franzia a testa e carregava o sobr'olho ao mirar o frasco de *frangipani* que pretendia comprar, desenrolava o amestrado caxeiro uma *factura* pela qual, sem auxilio dos praxistas prova ao comprador, que o frasco é vendido por metade do custo e que o amo soffre com a venda mortal prejuizo; é verdade que a *factura* foi fabricada em casa.

Esta penteação com quanto seja de especie não prevista pelo freguez, rende para o dono da casa o dobro das que são feitas á bandomina e pente de marfim.

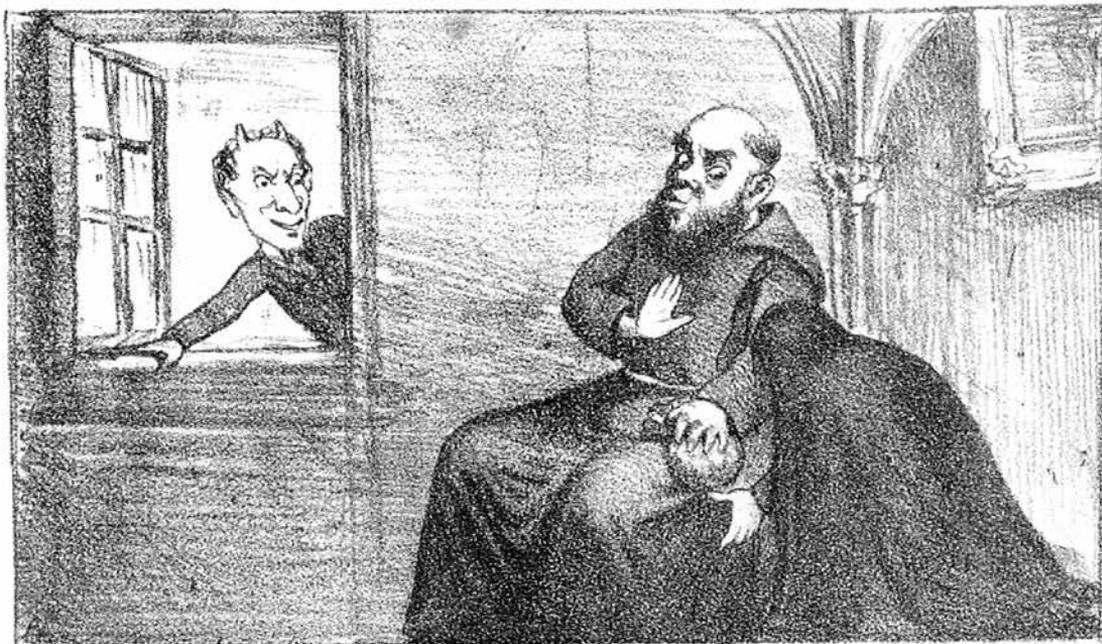
As pomadas preparadas em casa, coloridas com vermelhão da china e aromatisadas com essencia de canella paixão por francesas no preço e no letreiro. E' mais uma terceira penteação que unida ao macassar de oleo de ricino envernisa de alto a baixo os gamenhos de bom gosto.

O pó de arroz habilmente extrahido da gomma de mandioca constitue uma das mais lucrativas especulações em honra da industria nacional e proveito do autor. E si algum mortal profano pretende pôr em duvida a pureza de taes ingredientes, atacão-lhe, pela frente, uma douta citação de Eduardo Pinaud ou de Mr. Pivet que o deixa maravilhado e banzeiro, como o matuto depois de ouvir uma citação latina feita pelo gordo vigario da sua freguesia n'um retumbante sermão de petas.

Eis, leitores, o que é uma casa de penteação á portuguesa. De outras me occuparei mais de espaço.

Tudo isto ao ferro devo
Que eu trazia na algibeira;
Effeitos são da verruma
De ponta romba e maneira.

E' da classe das *romboides*
Mas de origem perfurante:



—Se o meu Thomaz não abandona
a carreira ecclesiastica!

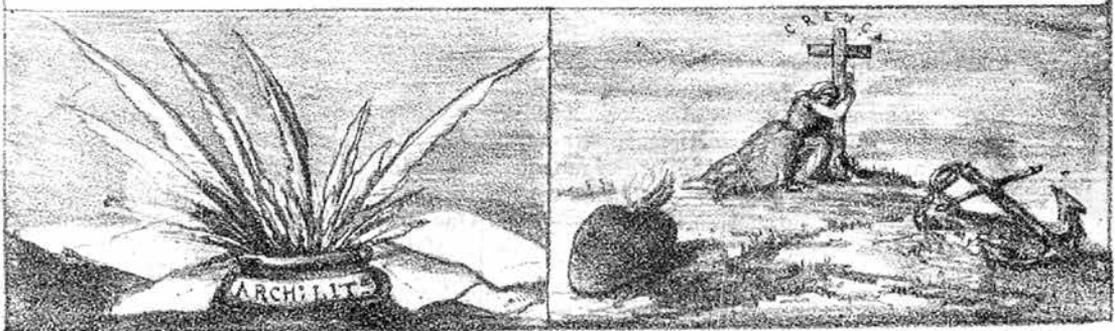
Ego te absorvo, in nomine Seminarii, et pecuniã
totum circumid orben.



—E' galette! —E' podim! —E' brôa! —E' gateau des rois!
Decidiu-se a questão, tanto que a cousa deu em *bolo*.



O Coração e o Dinheiro, trazem louros e interesses: Aos actores, palmas; ao author, louros; ao publico, coração; á empresa, dinheiro.



As pennas das aguias e as pennas das pequenas aves, promettem grande vôo nos ares do *Archivo Litterario*.

Abençoada mocidade, que tem *Crença*! A crença é a *Fé*. A *Esperança* deve animal-a, se a *Caridade* do publico for justa.

Enroscado tem o bico,
Pertence á raça volante.

Não diz a historia quem fosse
D'este instrumento o autor;
Porém affirmão que fôra
Um galhardo furador.

A polvora dizem que um frade,
Descobrirá por accaso;
Si outro a verruma forjasse
O mundo porião raso.

COMEDIA.

Foi n'um dia de *spleen*, si não me engano,
Que Deus creou o mundo. Uma tal obra
O deleixo do auctor assaz revela.
Os anjinhos do céu, talvez um dia,
Cançados de brincarem sobre as nuvens
Com o globo do sol e com os astros,
Caprichosos—quaes são todas crianças—
Gruparão-se a chorar aos pés do Eterno,
Como os loiros meninos cá da terra
O collo paternal também procurão
Chorando em altos gritos. Commovido
Como bom Pae que é—o Deus bondoso,
Querendo apazigual-os, prometeu—lhes
Com um brinco galante divertil-os.
Eil-os que os céus atroão dilirantes
Com gritos de alegria; sóbem rindo
Nos joelhos de Deus, e já contentes
Suas faces amimão co'as mãosinhas.
—„ Esperae “ disse o eterno aos loiros anjos;
E apoz comsigo mesmo:—„ Com crianças
A cada instante o proprio Deus sujeita-se
A loucuras fazer! „ — Depois se erguendo
Disse: —Faça-se o mundo!—e sobre o espaço
Se viu apparecer no mesmo instante
Uma bola de terra, que gyrava.
Os anjos enleitados contemplavão
O exotico artefacto: o Deus bondoso,
Tornando um pedacinho da tal bola,
Com elle formou rapido um boneco.
„ Vinde agora, meus filhos;—eis o brinco,
Que ha pouco prometti-vos:—é o homem.

Para mais divertir-vos, insufflei-lhe
Encontrados paixões ao dar-lhe a vida.
Do orgulho o mais estulto fil-o prêza,
Formei-lhe o coração de fel e ceno,
E no bojo vazio de seu craneo
As fumaças soprei do meu cachimbo.
—Bem vêdes, que o boneco é curioso,
Ha de assaz divertir-vos certamente.
Espero que no espaço de algum tempo
Entretidos com elle, estas abobadas
Não fareis estrugir com vossos gritos;
Concedendo-me assim alguns instantes
De placido repouso e doce somno,
Em paga do prazer, que vos offreço.

Ah! eu ia esquecendo-me: si acaso
Algum dia cançados da comedia,
Que ides assistir de camarote,
Desejardes dar fim ao tal brinquedo,
Ouvi: será inutil accordar-me;
Com a mesma presteza, com que viste-me
Fazer surgir a bola e o seu boneco,
Podereis desfazel-os n'um momento. “

Já bocejando o Eterno proferira
Estas ultimas phrases. . . Em seu leito
Apoz alguns instantes resomnava.

Do manequim, porém, que é feito agora? . .
—Ainda representa sobre o globo
Divertirdas comedias. Sempre bufo,
Um sceptro empunha ás vezes arrogante,
Outras um pandeiro, e então de guizos
Orna as vestes, que traz. Por phantasia
Elle um dia trajou rica tiara,
E sentou-se n'um throno. . .

Confessemos

Que tem bastante sal a tal comedia.
Os anjos devem rir ás gargalhadas
Diante de taes scenas. . . E' provavel
Que tão cedo não queirão desgostosos
Desfazer artefacto tão galante.
E por isso é de crer que Deus tão cedo
Tambem do doce somno não desperte.

Mephistopheles

MEU TESTAMENTO.

Já me sinto morrer—meu testamento
Sobre o leito da morte vou fazer;
Deixo o meu corpo—e que na morte ao menos
Elle mereça a sorte que vai ter.

—Fabriquem do meu craneo uma medida
Para vender cachaça nas tabernas,
Sirvão de páos para tambor de guerra
Os ossos principaes das minhas pernas,

Sirvão meus cabellos de enchimento
A alguma melancholica peteca,
Ou senão fação delles uma corda
Qu'enforque toda velha perereca.

Em aros de lunêta se convertão
Os ossos mais delgados de meus braços,
Mas que d'ellas se sirvão tão sómente
Namorados—pedantes—ou palhaços—

Tire-se-me do peito com cuidado
O sacrario d'amor—o coração—
E posto em hasta publica—elle seja
De quem partir o lance de um tostão.

Os meus olhos tambem, e a lingua em tiras.
Se apresentem na praça do mercado,
O dinheiro da venda dê-se ao padre
Qu'uma missa disser p'ra algum malvado.

De certa parte os ossos eu reservo
Para aros de oculos da. . . Policia,
E que por meio d'elles ella enxergue
Qual o fim que levou a *pudicicia!*

Sirvão de graxa ás botinas—o tutano—
Se após a morte não levar a bréca,
E os cabellos em posthuma desordem
Sirvão para almofadas de peteca.

Fação da pelle do meu corpo—relhos
Que sirvão d'algum prestimo ao peão.
É p'ra lavar ceroulas de Vigariol
Fação da carne pôdre. . . algum sabão.

Só se abra ao meu bucho a sepultura
Qu'elle merece a pena que vai ter.
—Em seu bojo escondeu muitos manjares—
—Vá no bucho da terra se esconder.

* * *

AUTOGRAPHO.

Illm. e Rvdm. sr. Vigario Geral.

Diz Dona F. . . moradora da parochia de
Santa Iphigenia, que tendo, por mercê de
Deus, fallecido á noite passada pelas duas
horas, de uma comoção cerebral pelo attes-
tado do medico que neste juncta, que ella
supplicante é catholica, apostolica, romana, e
que por isso está no caso previsto pelos sa-
grados canones, de merecer sepultura tempo-
lar; portanto

Pede a v. s. benigno deferimento

E. R. Mee.

A rogo da Supplicante

O Bacharel F. . .

NOVIDADES DO INTERIOR.

Consta-nos que, ao chegar aos nossos cen-
tros productores de caffè, os numeros do *Di-
ario*, em que vêm as cartas sobre o algodão, os
fazendeiros mandarão derrubar todos os caf-
fesães, para plantar algodão.

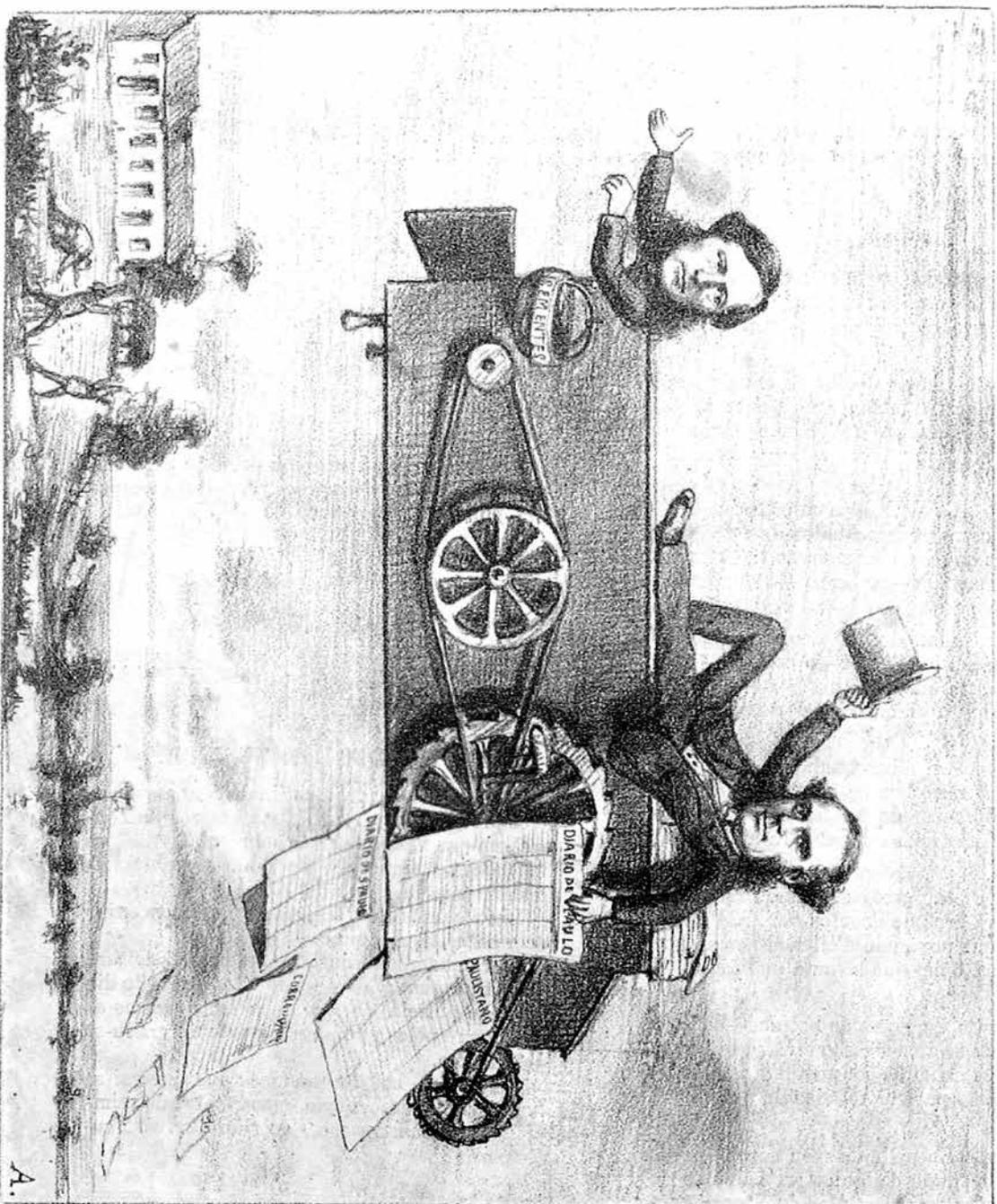
Lastimamos este desastre, que nos deixa
sem colheita este anno.

—Tambem causou grande abalo a leitura
do artigo *fundo* do *Correio Paulistano* do dia
9, pela noticia de que *nem todos havião de
marchar*; pelo que muita gente internou-se
pelo matto.

—Falla-se em Itaquaquetuba que vai-se
fundar uma associação, para tratar de reim-
primir as *Conversas a Vapor* do *Correio Pau-
listano*

Litotipo de H. Schroeder, rua Direita 32.

SÃO PAULO COTTON SUPPLY ASSOCIATION



Salvação da pátria agrícola pelos engenhosos lords A. Cotton e H. Cotton (fin).

DIABOCOXO

Acceptam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos e desenhos.

SÃO PAULO

Assigna-se n'esta typographia a 5000 por 12 numeros para a capital: e 6000 para fóra. Numero avulso 500.

27 DE AGOSTO



SERIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 6.



- Illm. Snr. S. Pedro:—Faça-me o favor de dizer si esteve ou não em Roma; porque desconfio que aquillo lá por baixo acaba em grande pancadaria.
—Ora sebo: diga a esses discutidores que não me amolem; e que vão á . . . *Colia* perguntar ao vigario.

Diabo Coxo.

OCCURRENCIAS DA SEMANA.

Antes de dar cabida ás cousas irrisorias por sua natureza tratarei de um factó, que profundamente magoou aos bons paulistas.

Retirou-se para a Europa o sr. dr. Guilherme D. Reinardt, medico distincto, que grangeou a public' estima no curto periodo em que aqui se demorou.

A classe dos desfavorecidos da fortuna, que avulta n'esta cidade amargamente deplora a partida d'esse amigo prestimoso, medico infatigavel, caridoso sem alardo, que tantas lagrimas enchugou aos desvalidos no obscuro thurgio da virtude.

Escrevendo estas linhas não faço mais do que reproduzir os sinceros sentimentos de quasi uma população inteira, aos quaes uno as minhas amistosas sympathias, para que saiba o sr. dr. Reinhardt, que o Diabo não é tão máo como no pintão; e se não fora o horror que tenho pela medecina dava-lhe um abraço de Tamanduá.

Está findo o canto-chão.

Chegou á capital, quero dizer, á chacara do sr. Felicio Fagundes, meia legoa distante d'esta cidade, a primeira locomotiva da estrada de ferro.

Segundo proclamarão as pujantes redacções do *Diario de S. Paulo* e do *Correio Paulistano*, forão os trens cumprimentados por uma multidão de pessoas gradas entre as quaes avultão os eximios diaristas, reinando entre todos indisivel entusiasmo.

Não creia, porém, o respeitavel publico n'esta verdade do 1.º de Abril; são palavras tabelliões, que servem de preambulo em todos os noticiarios.

As pessoas que lá forão admirarão de bocca escancarada a tal cousa, e algumas mais curiosas, senão tolas, aproximarão-se d'ella para verificar si era de ferro ou de borracha!... outras murmurarão com desdém:—pensei que fosse obra mais custosa; porque melhor se

poderia fazer na fabrica de Ypanema. Um tropeiro que estava a meu lado exclamou com admiração:—De certo ha de ter umas dez pessoas dentro do caixão para virar as rodas! Até um empregado publico de elevada cathedra disse que lá não fóra porque não queria ser testemunha de desgraças!....

Dizem que o sr. Fagundes abundou em café e orchata para os seus amigos que lá forão; eu, porem, nada vi.

Houve no dia de S. Theotónio uma folgasona pandega em certa casa da rua da Constituição.

Estavão (erão trez Gallileus e tres bellas Magdalenas) estavão brandamente postos sob os ternos influxos das bacchicas libações quando dois barbaros Fariseus disfarçados entrarão de chofre e a duros piparotes de peroba pozerão na tangente os tres amaveis libadores. Reinou grande susurro e uma das morenas filhas de Jerusalem cahiu prosaicamente dentro de um grande balaio de garrafas de cerveja, do que ainda hoje conserva vestigios.

Conquistado o posto os Fariseus divertirão-se á larga á custa dos fugitivos.

Terminou a festa com tremenda muafa de uma das sacerdotisas.

„Pede-se ao sr. *Diabo Coxo*, que por ser *leal* e inimigo do *bicho* raposa fuzile na senhora N.... para que não se acostume a comer gallinhas d'aquellas que certo joven bifa á noute nos quintaes dos visinhos.

„Si ella gosta de gallinhas que choque ovos e crie pintos.“

O inimigo da filança

Dizendo certo advogado, ha poucos dias, em uma das sessões do jury, que a lei criminal em nosso paiz só era applicavel aos pobres, em quanto que os fidalgos, e os barões d'ella estavão isentos, porque similhntes ao mentecapto não tinhão imputabilidade, levantou-se um cidadão jurado que tem arrobos de estribeiro e furioso como um bóde em tempo de verão, exclamou:

„Repilo a insinuação; eu tambem sou fidal-

go e não sou louco. - Tenho um primo barão feito por Sua Magestade.

„Retire a expressão; porque eu não consentirei que se menoscabe a obra do Monarcha....“

E ficou o publico sabedor de que os fidalgos e os barões são obra do Monarcha.....

„Pergunta-se ao *Diabo Coxo* se os estudantes que se tem offerecido para Voluntarios da Patria hão de defendel-a de frente e de mochila ás costas ou de *banda* como officiaes?“

Um Voluntario artista.

Apesar de ser eu o *Diabo* e de crer firmemente no patriotismo da mocidade não sei o que lhe diga, sr. Voluntario.

—O que houve na reunião presidencial?

—O presidente pediu o concurso de todas as escrecencias politicas para a organização de novos batalhões de voluntarios.

—E o que responderão essas eminentes protuberancias?

—Que s. ex. fizesse o que lhe viesse á mente, porque, depois da obra acabada todos dirão *amen*.....

—E o povo, o que dirá de tudo isto?

—Que *para onde o nosso mestre mandar iremos todos.*

—O que fazem os selectos *conservadores* diante da lacrimosa Patria que estremeceida geme?

Conservão-se sobre as pepineiras outr'ora empolgadas, e á guisa de macacos velhos, repetem estes esperituosos versos de João Baptista Rousseau:

Este mundo é por certo uma comedia
Onde faz cada qual o seu papel;
Com habitos diffrentes são actores
Ministros, Bispos, Reis, conquistadores,
Nós povo, de tropél
Na platéa sentados,
Dos grandes escoiciados,
As varias scenas vemos e escutamos;
E como para isso assaz pagamos,
Si representão mal,
Por nosso cabedal,
Aos actores então pateada damos.

SAUDAÇÃO

AO SR. H. M. DE C.

Distincto actor

dos

Brados da Patria.

Scintelha viva na amplidão cerulea,
No fluido aereo, no zimborio infindo,
Oh fulge, fulge radioso lume,
Nimphoide bello n'um salão que é lindo!

Na curva etherea que os planetas cobre,
Aonde nadão os subttis vapores,
As densas nuvens as sidereas luzes,
Tu brilhas, brilhas, com gentis fulgores!

No largo aberto, na extensão sem fim
Aonde nasce a cambiante aurora,
Nunca empalleças desmaiando á tarde,
Bem como um anjo que febril descora....

No mais alto ether ha um igneo facho,
Um fogo eterno que clarea tanto!
Um olho aceso contemplando os orbes,
Como elle, brilha, o teu engenho santo!

.....
E's uma alma generosa,
Que alimentas o martyrio,
Existencia orgulhosa
Victima do teu delirio.

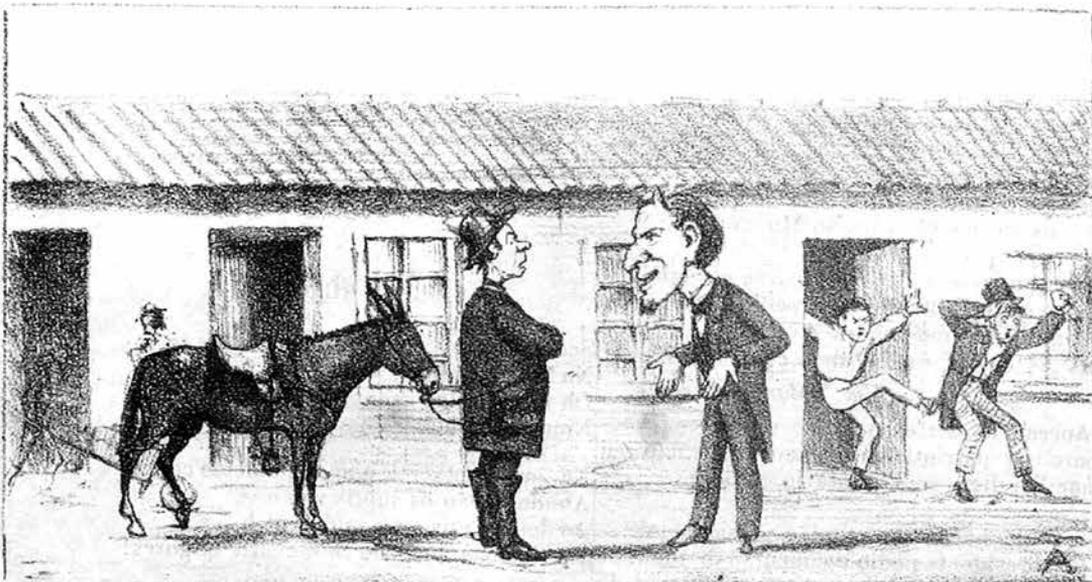
(Estes versos são copiados dos *Brados da Patria*, e invertidos como elogio ao seu actor).

OS BRADOS DA PATRIA.

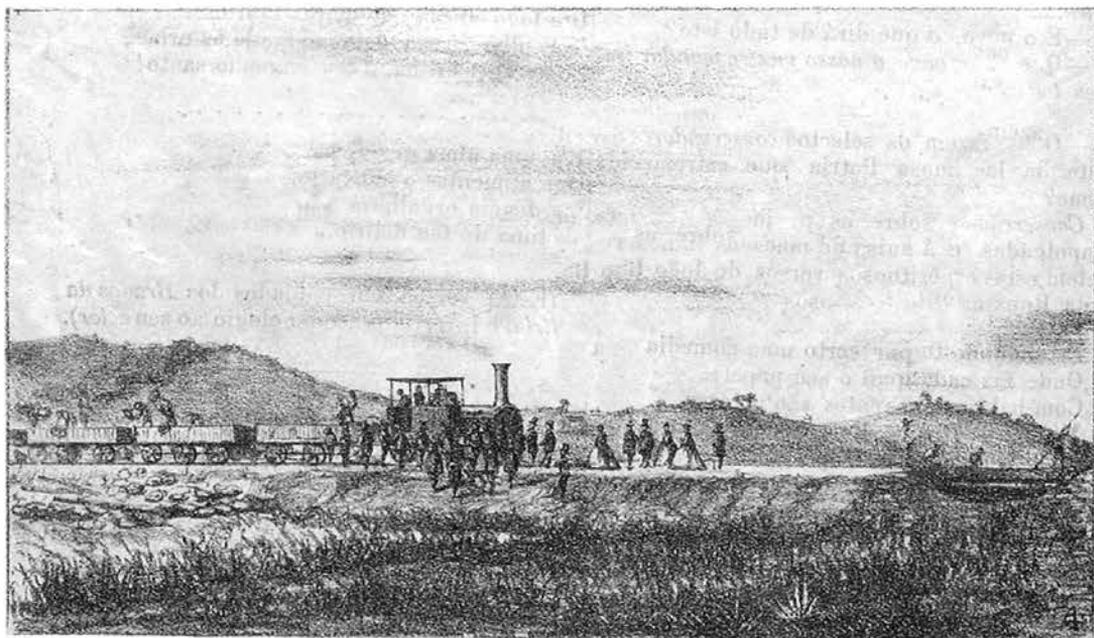
(*Transcripção anotada.*)

URUGUAY

Com teu semblante turbado
De colera, num feio brado
A esbravejar,



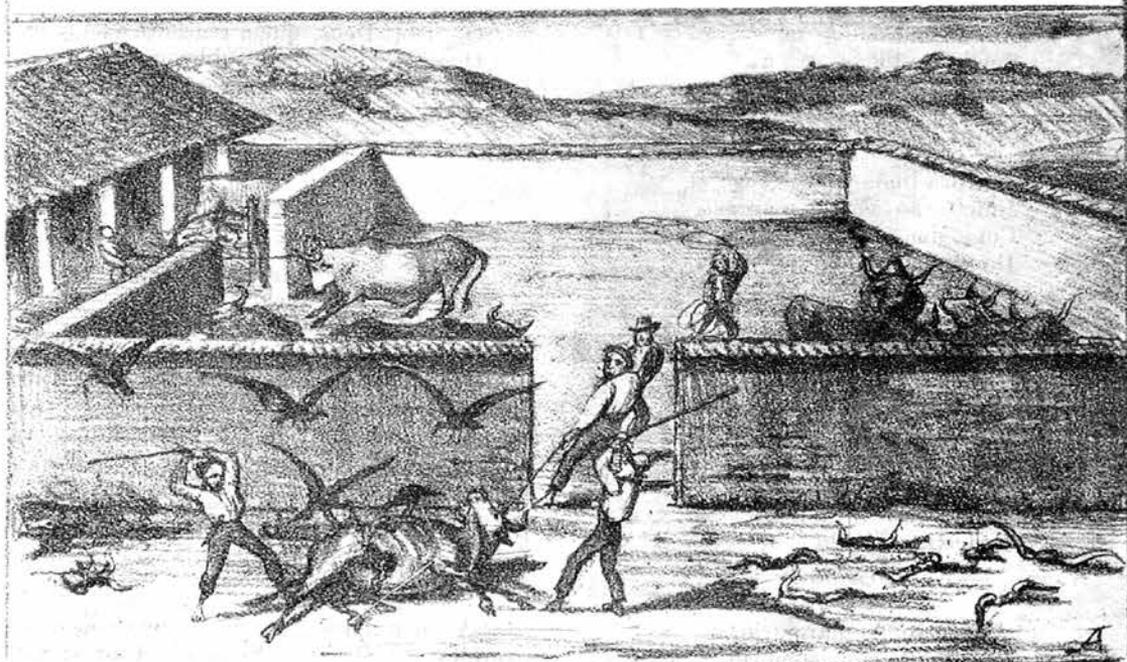
- Meu senhor:—Faz-me o favor de dizer aonde existe a rua da Freira?
—A rua da Freira não existe mais.
—Como, senhor? Pois o que fizerão da minha casa?



Vista do local em que parou a primeira locomotiva vinda de Santos.



Eh, eh, minha parente. Você acredita n'esse? E' mentira: Moysse não tirô agua de pedra non.



Novo systema economico.—Tirar dos corvos è dar ao povo, sem embaraço da peste, è mais honesto do que o uso do bacamarte.

Por que em desvario,
Tu, o' feroso rio,
Buscas o mar?

—*Para nadar!*...

Irado athleta das agoas,
Urna de medonhas magoas,
O teu fragor,
Tua rabida correntesa,
E' um bramido de tristeza,
E' um ai de dor,

—*Ah, que calor!*...

Soberbo irmão do Amazonas,
Nascido nas mesmas zonas,
Bauhado na mesma luz,
Ao sopro das mesmas brisas,
Por que gemendo deslizas,
Que máo fado te conduz?

—*Dize, o' lupuz!*...

Qual Jordão de grandes vagas
Tu corrias nestas plagas,
Nestas plagas do Brasil,
Aonde maravilhas mil
Surgem a todas as horas,
Mas hoje tão triste choras!

—*Tuas caiporas!*...

Outrora lindas paisagens
Enfeitavão as tuas margens,
Como um adorno mimoso
Da virgem no colo airoso;
E as aves vinhão pousar
Junto a ti, filho do mar.

—*A resmungar!*...

Nas tuas agoas espumantes,
Como um lençol fluctuante,
Em teu confuso rumor,
Soavão cantos de amor,
Era claro o rosto teu,
Reflectia a luz do céu;

—*No teu chapéo!*

Ao teu rouco murmurio
Tudo se tornou sombrio;
O arvoredado é sem folhagem,

E' morno o sopro da aragem,
Nos ares escurecidos
Não vagão senão gemidos!

—*Todos partidos!*

II.

Os passaros fugirão espantados
Das tuas bordas, o' rabida torrente;
Por que tu brames como a tempestade,
Por qué tu fremes qual vulcão ardente.

—*Quente—quente!*

Das tuas ribas fantasmas se debrução,
E se atirão nas agoas com fragor,
Como no tenebroso e turvo Tartaro,
Que rola num bramir, num ai de dor.

—*Oh Deos, que horror!*...

III.

O' meu Deos, quem teu leito escureceu.
Quem tua superficie sublevou,
Em outro tempo bella e magestosa
Onde o sol tantas vezes se mirou?!

—*Sempre acabou!*...

MAIS PREMIOS A CONCURSO.

—Ao venturoso mortal que descobrir a predilecção e notar o enthusiasmo popular pela actual guerra do Brasil contra o Paraguay: um par de olhos de Lynce.

—A quem descobrir o elo que prende as tres potencias alliadas contra o governo do Paraguay: uma mitra fabricada na Confederação Argentina.

—A quem apresentar um mappa do grande exercito do General Venancio Flores: uma carta de presidente conquistada pela rebeldia.

—A quem descobrir um meio expontaneo de apprehender Voluntarios para o serviço patriótico da guerra: carta-branca de recrutador.

—A quem revelar o mysterio de instruir, sem estudos, meninos nos collegios da Capital: uma taboleta de hotel, pintada na secretaria da instrucção publica.

—A quem souber por que artes certa senhora legou seus bens ao Seminario Epsiscopal e um escravo a certo Frade, deixando em extrema pobreza um seu irmão artista laborioso e honrado pae de familia: um diploma de Frei Tassalho.

—A quem souber o fim que levão as centenas de milhares de contos de réis com que o povo concorre para o thesouro publico por meio de tributos: um exemplar da historia do supplicio das Donaides.

—A quem descobrir o que vão fazer ás camaras todos os annos os sabios legisladores do Brasil: um exemplar da arte do Padre Antonio Vieira.

—A quem disser a rasão por que o tribunal do jury compõe-se exclusivamente de artistas, empregados publicos e militares: uma estatua da relaxação, vestida de juiz de Direito,

—A quem souber o meio pelo qual os rudes taberneiros se transformão em capitalistas e commendadores: um mazzo de notas falsas e algumas fallencias simuladas.

—Ao ardiloso juiz de facto que souber o meio pelo qual se possa obter dispensa de comparecer ás sessões do tribunal do jury sem escusa legal: uma *Cruza* de livreiro esparto.

—A quem disser a rasão por que certas senhoras, durante os espectaculos no theatro, não deixão de conversar um só momento, toirando-se importunas aos espectadores dos camarotes visinhos: a descoberta do motu-continuo n'uma lingua de mulher.

—A quem revelar o motivo por que nenhum medico da Capital quiz acceitar o cargo de delegado da juncta central de hygiene afim de ser aqui posta em execução a lei que prohibe de curar aos que não possuem titulo legal: um páo de dois bicos e uma opa da irmandade do Bom Jesus dos pannos quentes.

—A quem tiver a coragem de denunciar quanto comem diariamente de milho e capim os cavallos provisórios do corpo de Permanentes que andão morrendo de lazeira: um tratado completo de prestidigitação.

—A quem descobrir o meio mais facil de conduzir patriotas ao campo da honra sob o regimen do Conde Lyp: um cento de chibatas para escovar Voluntarios.

—A quem traduzir o apoio sincero prestado pelos conservadores ao actual presidente da provincia: uma mascara de Jano.

—A quem disser a causa da retenção ou estreitamento de que foi accommettido o charfizar da Misericordia, que ainda mais se aggravou depois da doutissima operação que custou á provincia 5:000\$000 rs.: um Moyses naturalista fabricado na Allemanha.

—A quem advinhar quando dará o *privilegio* as prodigiosas pennas d'agua a tanto esperadas pelos sequiosos habitantes da Capital: um *Ribeiro* corrente no largo da Sé.

—A quem souber porque anda a sandice tão ligada ás cousas da igreja: assignatura gratis por um anno do periodico—*A Religião em S. Paulo*—.

—A quem disser como o sr. Nicoláo Huascar fez e conserva dentro do Mosteiro de S. Bento uma bellissima virgem de 20 palmos de altura: um Breve posthumo do Papa Alexandre VI.

—A quem explicar por que os nossos civilizados praticios do Rio Grande degolão os prisioneiros, imitando os habitos dos barbaros paraguayos: a cabeça do assassino de Leandro Gomes.

—A quem publicar as notas diplomaticas trocadas entre os governos do Brasil e do Paraguay, antes de começar a guerra actual: uma colmeia politica cheia de Zangoens.

—A quem descobrir por que meio se-introduziu no matadouro publico um boi que fóra d'elle fallecera de morte natural, sem embargo do que foi esfolado e vendido ao povo: um diploma de vereador limado.



Um grupo de progressistas.

DIABOLOGO

Accoitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se resituem artigos e desenhos.

SÃO PAULO

Assigna-se n'esta typographia a 5\$000 por 12 numeros para a capital; e 6\$000 para fóra. Numero avulso 500.

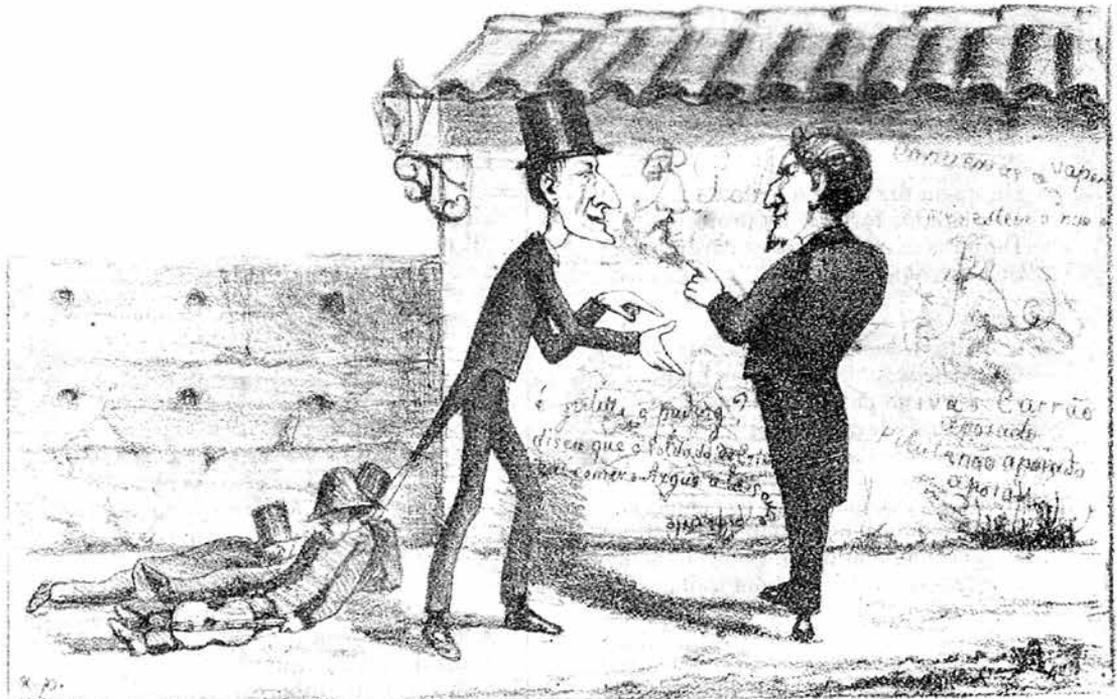
3 DE SETEMBRO



SÉRIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 7.



- Sr. Thomaz, qual é a diferença que ha entre os nossos jornaes e as paredes?
—E' Illm. Sr. que um se escreve de dia, e outro á noite.
—Quem são esses typographos noturnos sr. Thomaz?
—Ei-los Illm. Snr., todos aqui enrabados.
—Vá limpar essas paredes, sr. Thomaz.
—Já fiz cal para branquea-las, illm. snr.

Telegraphia amorosa.

Veio a lume de novo o grande *Erasmus*
Retumbante poeta de moçoilas,
Que ao son cantando de corneta cõa
Incensos queima nas gentis caçoilas.

N'um feixe de papoulas nacaradas
Reune o bogarinho, a rosa olente,
Sete-centas saudades desfolhadas,
Que amor lhe faz brotar do peito algente.

Suspiros a vapor vomita ás duzias,
Que fazem-lhe na guela hilaridade:
São paixões, que reservem tenebrosas
Em horrenda feroz ventosidade.

Parece que o Adonis despresado
Da *Ella*, que era luz de seus cuidados,
Um laxante tomou desesperado
E desfez-se de amor em ternos brados.

Ha quem diga que o Vate delirante
Dez balaios forjára de protestos;
De juras extremosas trez cargueiros,
Seis arrobas tambem de manifestos.

Quando vai ao *jornal* depôr os fructos,
Que a paixão lhe introduz na bola ardente
Um jumento conduz a papelada
Soberbo de levar um tal presente.

Namorar por gazeta! é cousa nova!
Patente de invenção merece o Vate;
Porém ninguem lh'a dá porque do metro
Não resalta valor de bom quilate.

O grave redactor faz de *terceiro*
Impingindo-lhe a mecha delirante,
Da folha o entregador—de recadeiro:
—Quem viu jamais namoro tão galante?—

O velho, que a gazeta assigna e paga,
Figura n'esta scena de beocio;
E como o mais esperto embaça o tolo,
Namora á custa d'elle o capadocio!...

Fra Diavolo

O osso á concurso.

(IMITAÇÃO).

Repleto e ancho um *quidam* presidia
De cães e gatos ao congresso inteiro,
Que n'um palacio havia:
Mas não resta memoria,
Nem é expressa a historia
Se era lacaio
Aio
Ou cosinheiro.

Qual *pae da patria* em pleno parlamento,
Assoou-se, tossiu, tomou tabaco,
E até escarrou.....
E um osso mostrando á turba anciosa
Assim fallou:
„Está aberta a sessão e aberto o concurso!...
„E quem co'a posta se quizer lambear
„Faça em breve discurso
„Seu merito valer.“

—Noite e dia
(—Diz um possante cão da Terra-Nova)
—Eu d'esta casa so: fiel vigia;
—E quando os ventos procelosos bramem
—Com furia desabrida,
—O nauta, com a morte já lutando.
—Eu restituo á vida.

Por seu turno o rafeiro
A sua vigilancia faz sentir;
E diz que, á sua guarda confiado,
Sem receio do lobo carniceiro,
Póde o manso rebanho socegado
Em paz dormir.

Um astuto gato,
Fallando em seguida
Disse, que a muito rato
Tinha tirado a vida;
E que, desde os saguões té ao telhado
Os tinha a todos
Exterminado.

„Eu por mim, diz o galgo, na carreira
„Excedo sempre á lebre mais ligeira
„E, graças ao meu cuidado
„Nunca a meu dono a caça tem faltado.“

„Tu que dizes?“ (pergunta o nosso *quidam*)
A um goso fraldiqueiro, que n'um canto
Estava cabisbaixo,
E de orelha cahida)
—Nada valho!... mas sempre a vosso lado,
—Fiel eu vos-festejo, lambo e sigo.....
—E a um aceno vosso
—Com gosto perderia a propria vida —
„Toma o osso!... é justo meu amigo,
„Que a tua pretensão seja attendida.“

Ponha-se um homem prezo em vez do osso;
E na vasta fileira dos req'rentes
Appareça d'um lado
Um cidadão dotado
De talentos e virtudes transcendentis;
Um sabio e justiceiro magistrado;
Ou um bravo guerreiro, que mil vezes
Pela patria pozesse em risco a vida;
E appareça em seguida
Um palerma, um pateta, um idiota
Que seja o *capacho*
De sua excellencia;
E terá o *capacho* a preferencia.

S. da Gama.

—A quem disser a razão porque o pae e o avô puchão o carrão para as festas da victoria, e oneto e o filho arrastão-no para o ermo da derrota: dois redactores de sangue azul tirados do *Paiz*.

—A quem descobrir o meio de cultivar *Silvas* no *prado*, sem que as raizes estraguem o solo nem acarretem desordens no *Paiz*: um nariz á romana e um *pensenez* para miopes.

—A quem souber a razão porque o capanudo *Argus* do *Diario de S. Paulo* excita ás armas os Paulistas, que dormem o somno da indolencia, em quanto elle trata com afano de pezar as algibeiras: uma patente de egoista.

—A quem advinhar porque os bellicosos quart'annistas da Faculdade Juridica, a despeito da sua proverbial bravura desertão espavoridos das sabbatinas: um Duarte Furioso.

—A quem revelar o motivo porque até hoje está secco o chafariz da Misericordia, a despeito das reclamações do povo que de sede já não pôde gritar: o conteúdo de certo barril, que ha poucos dias, amanheceu sobre um dos aparadores de pedra do mesmo chafariz.

—Aos *pudivundos impuberes* que taxarão de immoral o bellissimo conto escripto pelo immortal Visconde de Almeida Garret, transcripto em o n.º 3 desta folha: um breve de castidade conferido pelos barbadinhos da Luz.

Editacs.

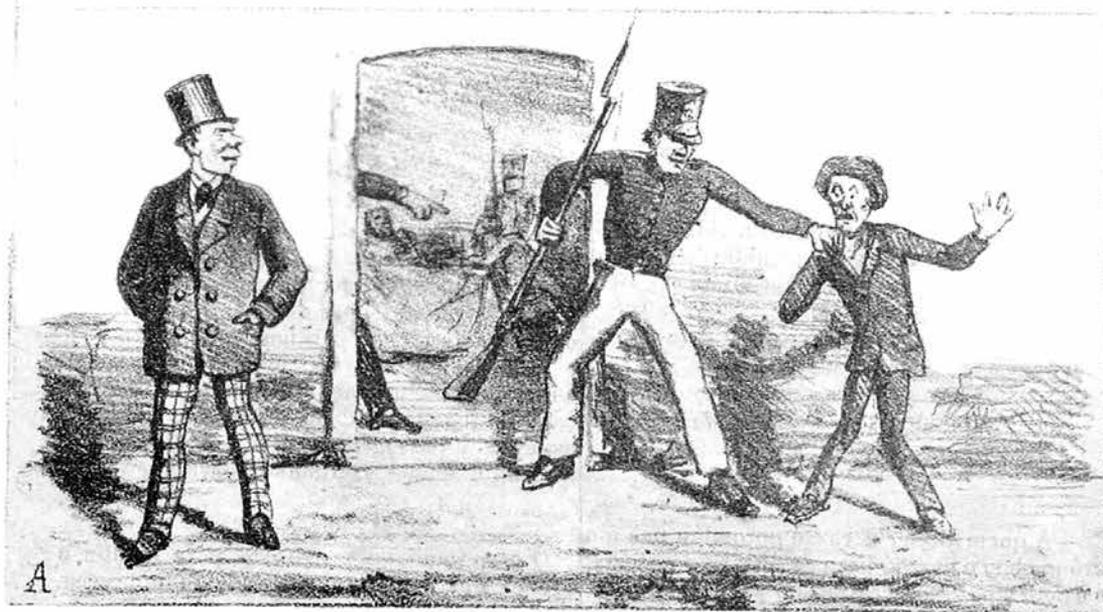
A camara municipal d'esta imperial cidade precisa comprar ou alugar, para uso nocturno de seus fiscaes, um par de narizes de trez palmos de cavallette sobre dous de largas ventas com olphato de cão perdigueiro.

Os possuidores de taes preciosidades podelas-hão exhibir no paço das sessões da mesma camara, tendo o cuidado de, quando conduzilas, evitar a passagem pelas ruas Formosa, Municipal, Casinhas, Quitanda e outras iguaes.

O corpo policial provisório, para manter o socego dos habitantes d'esta cidade, precisa contratar alguns vagabundos, quebradores de vidraças, arrancadores de rotulas e arromba-



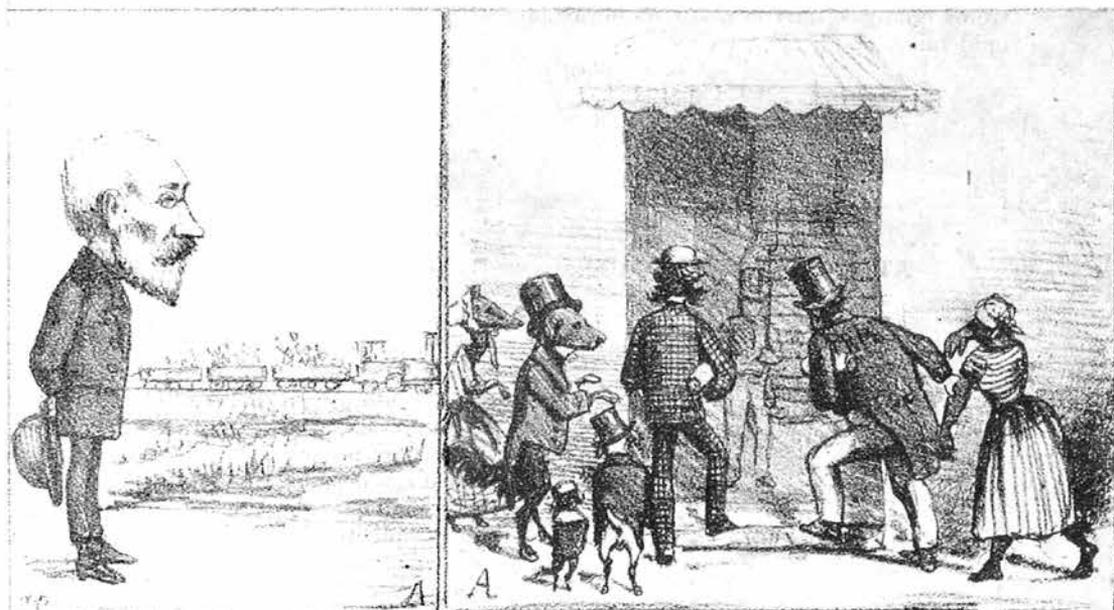
Cada qual em seu lugar. — Deixem as pennas e pegue cada um no seu instrumento.



—Marche para o quartel. sr. malandro.
—„Pelo amor de Deos. sr.; leve antes aquêlle surrão de saude, que mofa do governo e da lei.
—Aquelle foi declarado incapaz de servir e v. mc. não.



Caça de patriotas para voluntarios *involuntarios*.



O *constructor* de voluntarios Santistas.

Um estrangeiro que se vai ao palacio representar contra os canicidios illegaes, acompanhado dos seus cães de raça. E o sr. *R. M.* que tambem vai pedir providencias, contra a influencia das bolas sobre o destino das familias.

dores de portas para rondarem durante a noite afim de que possam dormir socegadas nos adros das igrejas e nas portas das tabernas as bacchicas patrulhas.

Si os candidatos a este honroso emprego pertencerem a familias distinctas pagar-se-ha soldo dobrado.

PATRIOTISMO.

Campinas 28 de Agosto.

Os ricos fazendeiros d'este Municipio quozitarão-se para mandar imprimir em volume todas as poesias patrioticas recitadas nos theatros do imperio, nas praças, nas reuniões particulares e mais as que tem sido publicadas pelas gazetas, afim de serem enviadas ao General em chefe dos exercitos alliados e empregadas como buchas de peça contra os barbaros paraguayos.

Um medico distincto d'esta cidade reprova similhante ideia como meio ignobil de fazer a guerra; porque taes poesias produzirão entre os inimigos terrivel peste ou devastadora epidemia.

(*Carta particular.*)

Annuncio.

ATENÇÃO! ATENÇÃO!

Jesus perante o seculo!

No ponto das Caveiras, estrada da capital á cidade de Santos, ha um prodigioso thaumaturgo que se propõe a praticar espantos sem assustar os observadores.

MARAVILHA SEM PAR!

Mysterioso jantar

para nove pessoas!

Um pequeno prato de feijão pouco adubado,
Um dito de arroz simples como a natureza,

Um dito de farinha grossa para curar pigarro;

Um frango novo com pretenções a pinto,
Uma garrafa de vinho de duvidosa qualidade:

Somma	
Pratos de iguarias	3
<i>Frangos</i>	1
Vinho <i>garrafas</i>	1
Agora attenção, freguezes! Aqui é que está o milagre.	
Importe do grande jantar	18\$000!

Jesus com um pão e cinco peixes deu de comer a mais de cinco mil pessoas, diz a historia; porém o Evangelista affirma que muitos forão os balaivos de espinhas e fragmentos de pão que depois encontrarão-se; o que contesta cabalmente a existencia do milagre, porque a parte não pôde ser maior que o todo.

Senhores viajantes! Ao Thaumaturgo!

Aqui é que está o milagre, porque os freguezes só deixão o dinheiro.

Autographo.

(*Minuta de uma representação feita por certo empregado da capital, e por elle apresentada a alguem para corrigil-a.*)

Exm. Sr.

Tendo-se fechado por ordem da camara, mas sem propagação de impostura a entrada do rego lateral que atravessa ambiguo a moderna ponte do beco de Santa Cruz onde os galés vasavão os cubos de materias fiscaes, represento á V. S. sobre a necessidade de ser pela mesma camara franqueado o supra dito rego para que n'elle continuem os galés a fazer o seu despejo isto em proveito dos guardas nacionaes que por serem muito estupidos nos esquisitos da cidade podem ser enganados e pegarem na velhacaria dos mesmos cujos que estão sempre com vontade de fuga.

S. Paulo, etc.

F....

Meus amores.

Pretidão de amor,
Tão leda a figura,
Que a neve lhe jura,
Que mudára a côr.
CAMÕES.—«Endeixas.»

Meus amores são lindos, côr da noite
Recamada de estrellas rutilantes;
São formosa creoula, ou Tethis negra,
Tem por olhos dous astros scintillantes.

Em rubentes granadas embutidas
Tem por dentes as perolas mimosas,
Gottas de orvalho que o inverno gela
Nas breves petalas de carminea rosa.

Os braços torneados que alucinão,
Quando os move perluxa com langor,
A bocca é roxo lirio abrindo a medo,
Dos labios se destilla o grato olor,

O collo de velludo Venus bella
Trocára pelo seu, de inveja morta;
Da cintura nos quebros ha luxuria
Que a filha de Cyneras não supporta.

A cabeça envolvida em nubia trumfa,
Os seios são dous globos a saltar;
A voz traduz lascivia que arrebatá,
—E' cousa de sentir, não de contar.

Quando a brisa veloz, por entre anagôas,
Espaneja as cambraias escondidas,
Deixando ver aos olhos cubiçosos
As lisas pernas de ebano luzidas,

Santo embora, o mortal que a encontra pára;
Da cabeça lhe foge o bento sizo;

Nervosa commoção as bragas rompe-lhe
E fica como Adão no Paraiso.

Meus amores são lindos, côr da noite
Recamada de estrellas rutilantes;
São formosa creoula, ou Tethis negra,
Tem por olhos dous astros scintillantes,

Ao ver no chão tocar seus pés mimosos,
Calçando de setim alvas chinellas,
Quizera ser a terra em que ella pisa,
Tornal-as em colher, comer com ellas,

São mingoados os seculos para amal-a,
De gigante a estructura não bastára,
De Marte o coração, alma de Jove,
Que um seu lascivo olhar tudo prostrára.

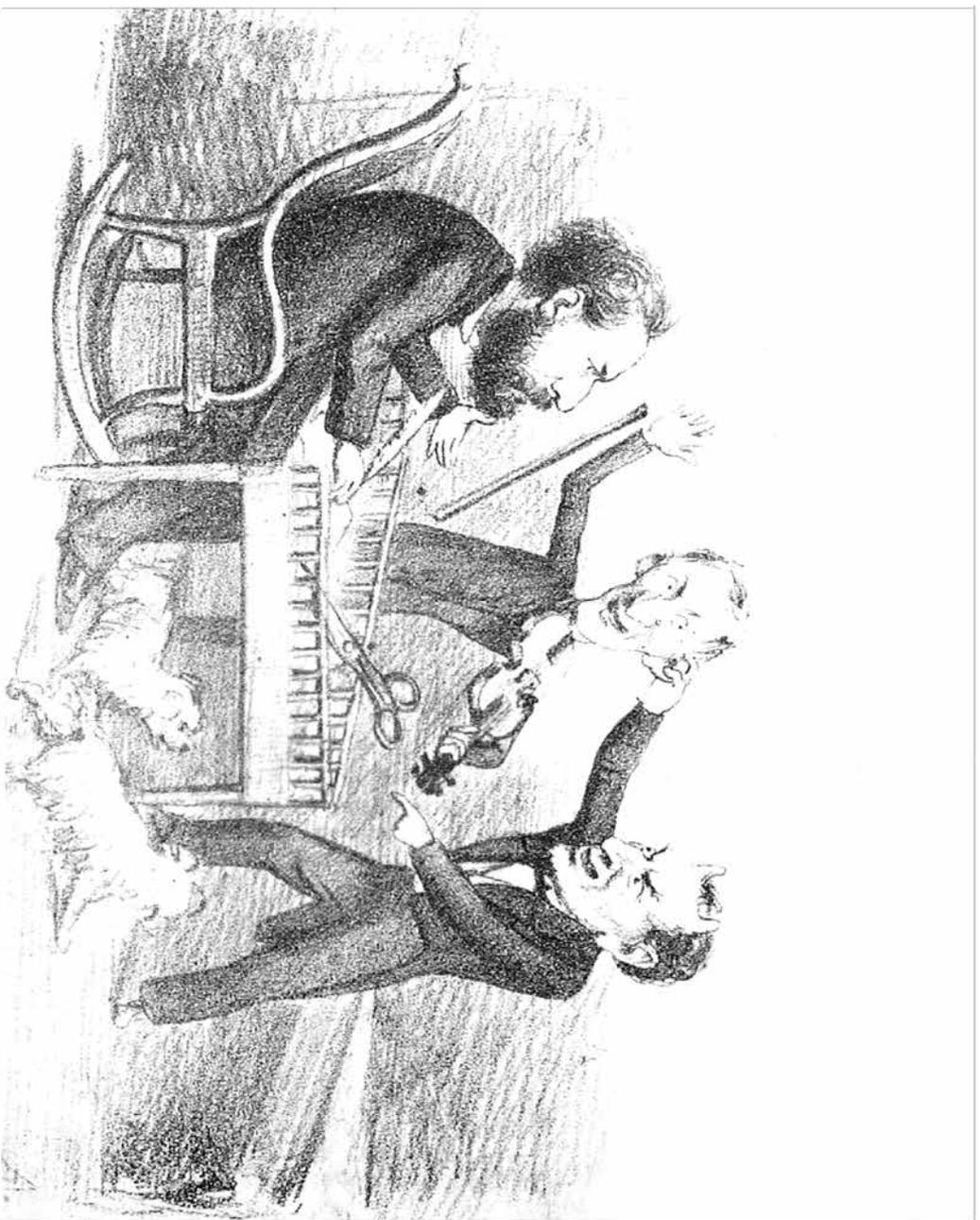
Se a sorte caprichosa em vento, ao menos,
Me quizesse tornar, depois de morto;
Em bojuda fragata o corpo d'ella,
As saias em velame, a tumba em porto,

Como os Euros, zunindo d'entre os mastros,
Eu quizera açoitar-lhe o pavilhão;
O velacho bolsar, bramir na prôa,
Pela pôpa rojar, feito em tufão.

Dar cultos á belleza, amor aos peitos,
Sem vida que transponha a eternidade,
Bem mostra que a sandice estava em voga
Quando Uranus gerou a humanidade.

Mas já que o fado iniquo não consente,
Que amor, além da campa, faça vasa,
Ornemos de Cupido as santas aras,
Tu feita em fogareiro, eu feito em braza.

Getulino.



—Que faz, sr. Diabo? Isto é contra a liberdade do cidadão!

—Ai! ai! não me arranque a orelha!

—Contra a liberdade é a fiança que quer fazer do meu Thomaz, sr. Pacotilha; cedo-lhe a tesoura; porém a rabeca e o tocador preciso-os eu.

DIABOCOXO

Acceptam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se res-
ta em artigos e desenhos.

SÃO PAULO

Assigna-se n'esta typographia a 5\$000 por 12 numeros para a capital; e 6\$000 para fóra. Numero avulso 500.

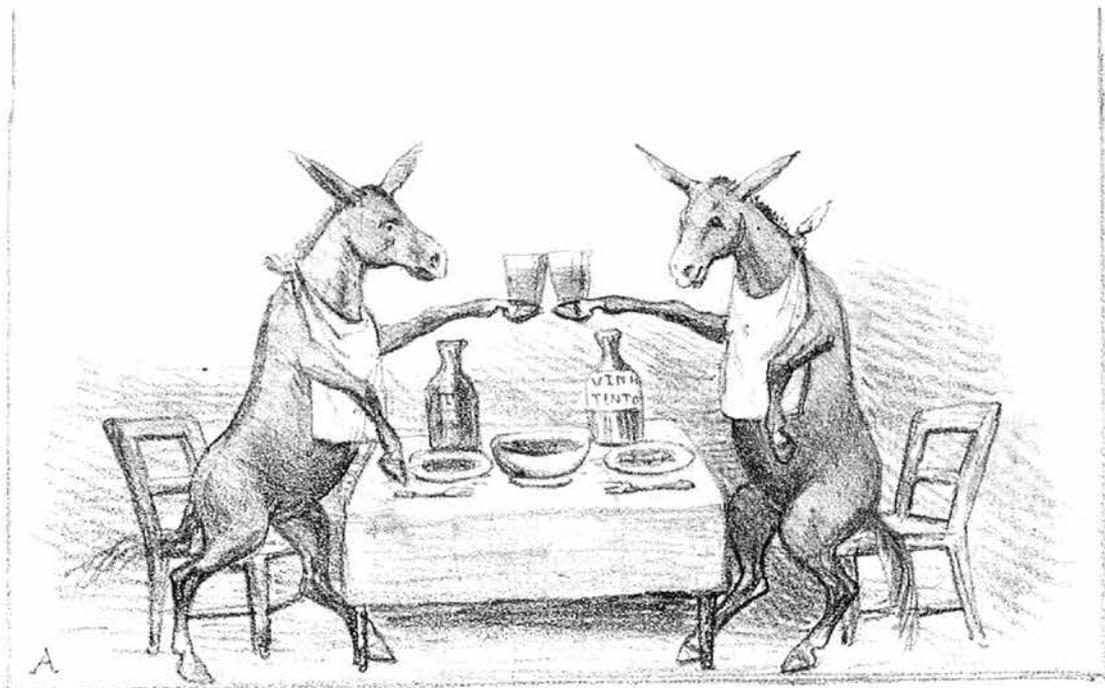
17 DE SETEMBRO



SERIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 8.



—Behamos, amigo; desprezarão-nos por inúteis, porém a *traficancia* levou o diabo na primeira viagem!..

—Behamos, amigos, n'esta terra o progresso não nos vence.

Impressões da via-ferrea.

—Parabens, senhor doutor; está no seu elemento apreciando os grandes prodígios d'arte e as obras dos seus compatriotas.

—*Oh si! Eu gosta muito da obra de minhas patriotas.*

—Os senhores são muito engenhosos; em tudo empregão o machinismo.

Yes: nós inglez faze tudo por machina.

—Prima, você já foi vêr o vapor da comotiva?

—Ora, nha Mariquinha, fui e levei tamanha hypotes.

—Então não viu os vagão?

—Vi o caixão grande tão feio que bota fogo pelo canudo; mas não vi o barco de vapor, que nhanhã disse ter visto no Rio, quando com papae forão na via da Tijuca e de Dom Pedro Segundo puchado a seis parcias.

—Já sei que v. exc. se divertiu hontem muito na Luz admirando os trabalhos da via-ferrea....

—Gostei muito, senhor doutor, e no dia 7 não perderei a chegada da estação, que vem de Santos.

—Senhor tenente, a que hora chegará o vapor?

—Está adiante de seus olhos, minna senhora

—Pois isto não é a locomotiva?

—Mamaen, o calor d'agua quente é que faz aquelles ferros da machida ficarem tão moles, que se movem tão de pressa para cima e para baixo?

—Não, minha filha; aquillo é por causa do oleo que os inglezes botão nas mollas.

—Você já viu, mano Juca, que cousa en-diabrada? Credo; parece feitiçaria!...

—Estes *ingreis* tem parte com o dia bo isto são uma cambada de *protestante escomungado*.

—Oh, meu pae, viuheis no carro de ferro?

—Sim, meu filho!...

—Deos salvou-vos do desastre!... Graças vos sejam dadas, Senhor!

—Sim, meu filho, rendamos graças ao Creador, por ter-me salvo não só d'esse perigo, como de outro ainda mais grave!...

—Ah, meu bom pae, era o de perder nossa carinhosa mãe?

—Cala-te, tólo, é o da cura mais terrível mil vezes, que o *sinistro do vapor*.

—Então, mano Juca, o que eu te dizia?

—Pois o que aconteceu, mano Chico?

—Eu não disse que *essas historia dos ingreis era ingridiencias do diabo*? Olhae como o Senhor Bom-Jesus do *Brais fez virá a caixa do inferno* quando estava *pra chegá* no Seminario dos *Padre Santo*!

—E' verdade, mano Chico! De certo o Frade que estava em cima do *atterraço*, *amardiçoou* o tinhoso quando vinha roncando na estrada.

* * *

—Meu bom Francisco!

Escarnecido dos homens; sem os carinhos da familia; sem a protecção dos amigos; abandonado daquella que eu adorava e que hoje folga n'outros braços... só na morte poderei achar descanso...

—Pois queres a morte, Faustino, e buscas um amigo como eu?

—Sim; quero que me emprestes o teu revolver, porque nem dinheiro tenho para comprar uma pistola...

—Pois, amigo, ouve o meu ultimo conselho: embarca-te na estrada de ferro.

—Onde vas, meu caro capitão, montado n'essa metaphora de cavallo?

—Apostei 100\$000 rs com o José, que se-ráõ ganhos pelo primeiro que chegar a Santos. Elle vai pela via-ferrea, e eu... como tú vês.

—Pois entrega-lhe já o dinheiro, porque perdeste o pleito.

—Enganas-te: vou já cobral-o; porque o José vai com escala pela eternidade e eu pela estrada Vergueiro.

—O que é preciso mais a quem embarca-se na estrada de ferro?

—Fazer testamento e segurar ~~assida~~.

* * *
Santos, 7 de Setembro.

Meu caro doutor *Argus*.

E' preciso que envieis, para aqui, quanto antes, a Morte para dar cabo dos membros do concelho de qualificação da guarda nacional, que ameação mandal-a em peso para o Sul. Salvai-nos d'essa calamidade doutor.

Vosso amigo

Firmino.

P. S. Recommendo-vos que a não mandeis pela estrada do ferro para que não fique enterrada na varzea, do Bras á guisa de locomotiva em dia de inauguração.

* * *
Affirmão que á ferrea estrada
Presidiu malina estrella;
Porém eu julgo que o mal
Era vir um padre n'ella.

O seu a seu dono.

A CESAR o que é de Cesar,
Aos velhos o que é dos velhos!
Quem da crytica se encarga,
Deve andar estrada larga
E não metter-se por quelhos.

Sou assim! E mais sou velho
Mas a verdade é tambem,
Custe embora a quem custar,
A verdade hei-de-a fallar
Seja em mal, ou seja em bem.

Epaminondas Tebano,
A *Concordia* e o *Nacional*.
Nem a rir disseram petas:
Eu tambem como as gazetas,
Sou da honra o pedestal.

Não consinto que se diga,
Que só lavra a corrupção
Nas entranhas dos mancebos.
Eu conheço muitos gebos
Corruptos de profissão

Quem quizer venha ao *Palheiro*
Desta nossa assembléa,
Ha-de vêr linguas farpadas
Em bocas já desdentadas
Maculando a honra alheia.

Ha-de ver velhos devassos
Como em lubrica orgia,
Já vergados nas cernelhas,
Memorando infamias velhas
Com satanica alegria.

Ha-de vêr o extinto frade,
C'o a hochecha rubra e gorda,
Acerando o epygramma,
Nem se quer poupando a *ama*,
Que lhe faz em caza a sôrda.

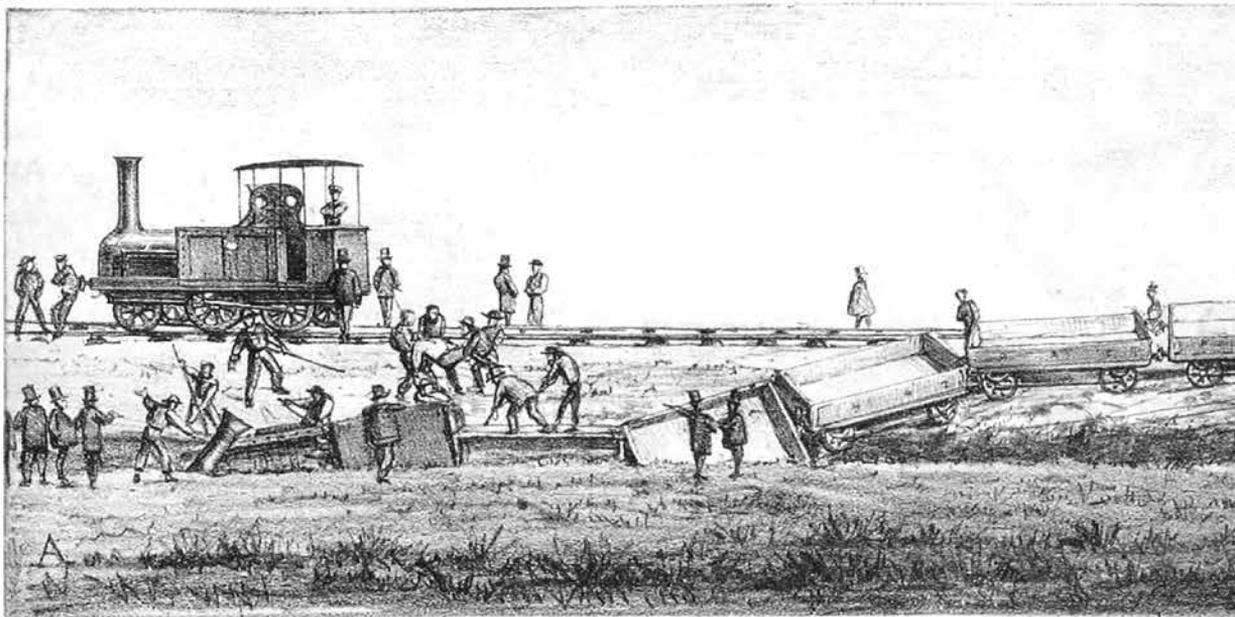
Ha-de vêr o milionario
Brazileiro, com mil tretas,
A contar, com sujas côres
As lendas dos seus amores
Com *assuas*.trinta pretas.

Estes taes são os que infamam
A mocidade infeliz!
São estes em cuja tez
O oleo da estupidez
E' da vergonha o verniz,

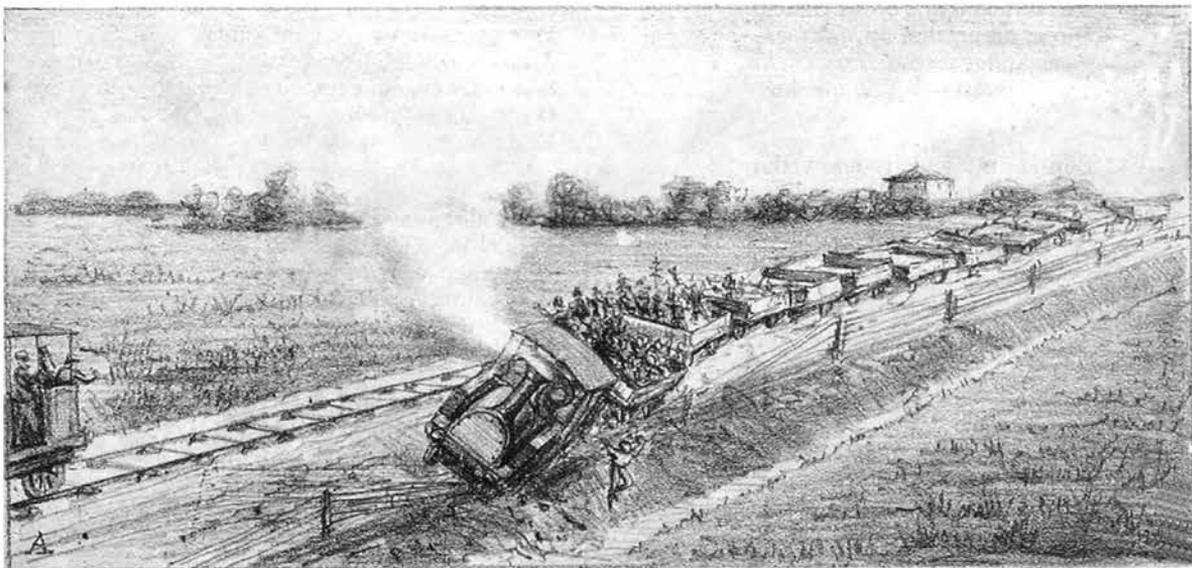
A mocidade não pode
Vencêl-os, não pode, não!
Dominam, são respeitados,
Representam vinculados
Os tempos da corrupção.

Nascidos, quando por terra
Os homens lançaram Deus;
Tem só fé no sensualismo,
E escarnecem com cyuismo,
As crenças filhas dos céus..

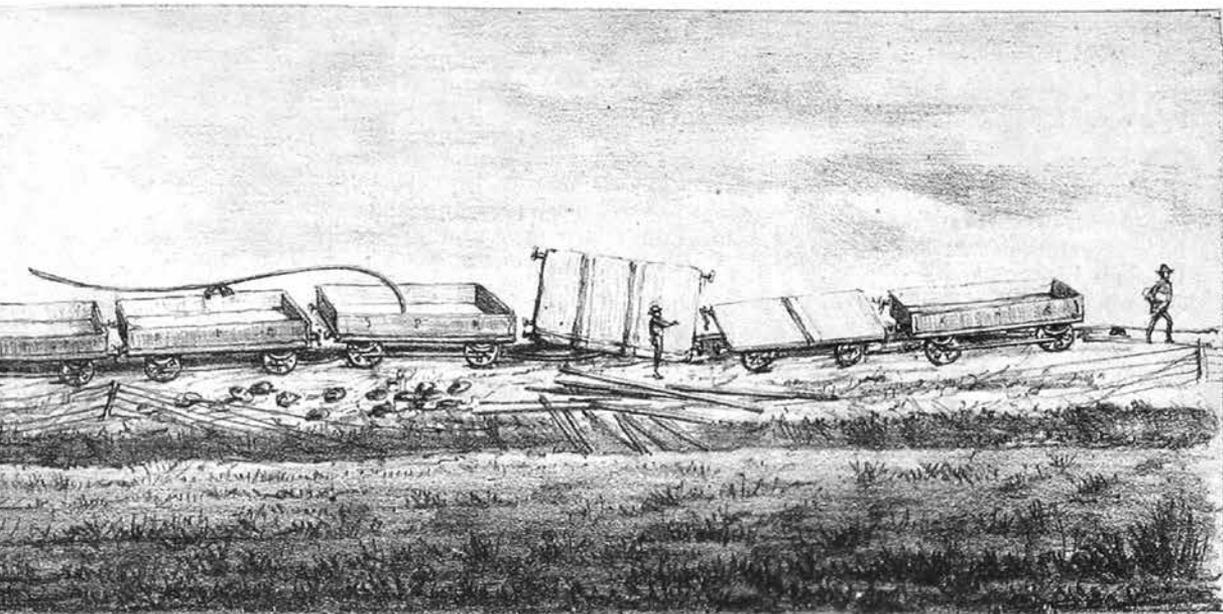
Gangrenado o corpo e alma,
Sem saber, e sem piedade,
São authomatos de barro,



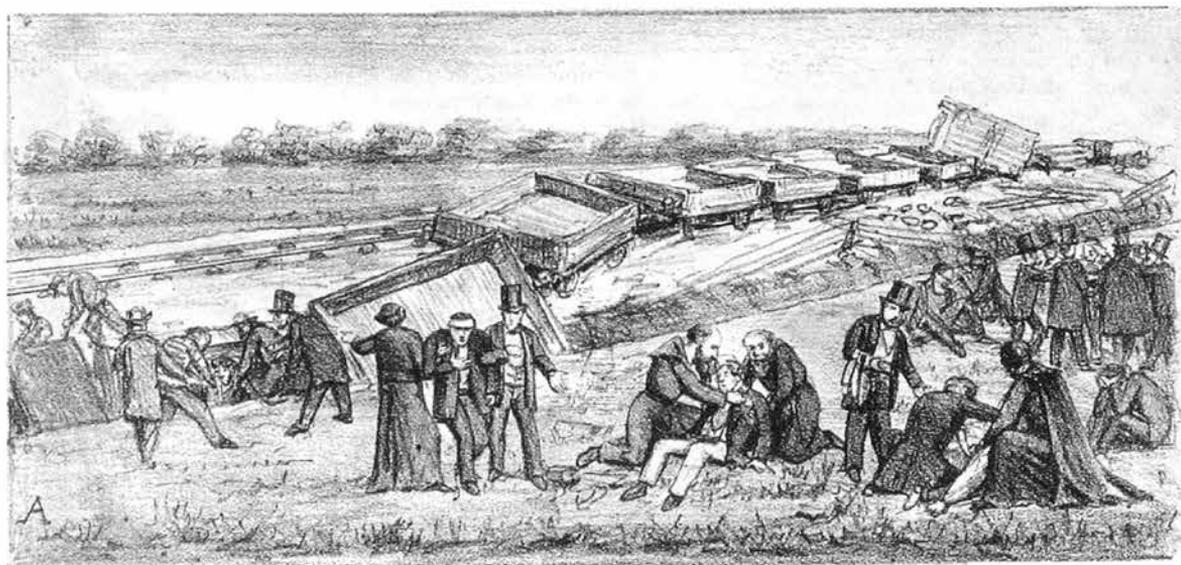
ESTRADA DE
Posição do trem depois do de



Queda do trem na vala da varzea.



E FERRO.
sastre de 6 de Setembro.



Primeiros socorros aos feridos p restados pelos frades do Seminario.

Que resistem ao catharro
Pr'a vexar a humanidade.

Onde existe a virgem pobre,
Que de maguas vive cheia,
La vai ter uma mensagem
Da senil libertinagem,
Que o pudor lhe regateia.

Perguntai nesses alcouces
De miseria e compaixão,
Quantas victimas da fome
A deshounra ali consome,
E de quem victimas são.

Heis de ouvir factos nojentos
Destes velhos que se arrastam
Sobre a lama das torpezas,
Das luxurias e villezas
Em que, cynicos, repastam.

Velho sou, bem alto o disse;
Mas deshounro-me de ser
Desta geração de velhos,
Em que os moços tem espelhos
Onde infamias possam ver!

Mocidade generosa!
Os teus crimes tem nobresa;
Quando falla a consciencia,
Nem negaes a Providencia,
Nem manchaes a natureza.

Elles não; sempre atufados
Em nojentos tremedaes,
Creêm só no seu dinheiro.
No cavaco do *palheiro*,
Na barriga, e nada mais.

A Cezar o que é de Cezar.
Aos velhos o que é dos velhos!
Quem da crytica se encarga,
Deve andar estrada larga,
E não metter-se por quelhos.

C. C. B.

As litteratas.

PAES de familia, hybridos taturras,
Escrevo para vós! Se tendes filhas
Com sestro massador de fazer versos,
Dai-lhes p'ra baixo, como eu dou nas minhas!

Eu vejo serigaitas, mal lavadas
Do almiscar infantil de seus cueiros,
Fazerem relações *cos raios pallidos*,
Da estrella matinal, do lago lymvido,
Das auras ciciantes, e da aragem,
E d'outras semelhantes trampolinas,
Que vós não entendeis, nem eu, nem ellas.

Espevitam-se todas estas gaitas
Du musa melancolica das noues.
Mal sabem onde tem a mão direita,
Não viram do nariz um palmo adiante,
E fallam de *paixões intimas d'alma*,
De creanças desbotadas, e de flôres
Fanadas aosoprer da leda infancia.

Acaso comprehendes, paes de familia,
Da nova geração destas piegas
A triste chiadeira que nos fazem?
Dai-lhes p'ra baixo como eu dou nas minhas

Não tendes uns fundilhos nas ceroulas?
Não tendes roto o calcanhar da piuga?
Não tendes uma estriga, um fuso, e roca?
Mandai-as trabalhar; dai-lhe a sciencia
Precisa para o rol da roupa suja.
Se lhe virdes romance, ou essas cousas
Chamadas folhetins, sobre a *toilette*,
(A *toiltte*, meu Deus! por causa d'ellas
Perverteu-se a dicção do nosso Barros!)
Dai-lhes p'ra baixo como eu dou nas minhas

Quem é o parvo que espozar-se queira
Com litterata alambicada e chocha?
Sentada n'um sophá, sapho salaio,
Em languida postura requebrada,
Se eu visse a minha Antonia! ai que panasio,
Que revez de careca eu lhe pregava!

Paes de familia ! não achaes bem triste
 Entrar um cidadão em sua casa,
 Cansado de lavar o pão da vida,
 E ver sua mulher repotreada
 Na othomana gentil' lendo romances?
 Pobre marido quer fallar d'uns frangos
 Que baratos comprou, e a litterata
 Pergunta-lhe se leu *Kossuth e os hungaros* !
 O parvo franze a testa aborrecido,
 Procura entre os lenços um refrigerio ;
 Mas, no excesso da dôr, rasga as celouras,
 E no mundo não tem mulher ou anjo
 Que lh'as saiba coser ! . . ai do mesquinho !

Onze horas já são. O bom do homem
 Tres vezes já pediu café com leite,
 Apertom-no negocios ; mas embalde
 Pediu com desespêro o tarde almoço.

A litterata esposa ainda resona,
 Pois vira despontar a estrella d'alva
 Nos rubros arreboes dos horisontes,
 E, inspirada, fizera quatro quadras,
 Ardentes de ideal romantecismo.

„ Café com leite ! “ brada em vão tres vezes,
 O bode expiatorio dos romances. . .
 « Café com leite » os eccos lhe respondem,
 Que a Stael d'agua doce ainda resona !

Maridos imbecis ! eu vos lamento !
 A culpa não foi vossa ! Aos paes a imputo.

Madame Podestá dizem que ensina
 Grammatica, rethorica, hidraulica,
 Mecanica, gymnastica, estetica.
 E chymica, e botanica, e plastica,
 O arabe, sankerit, a geographia,
 A prosodia, a syntaxe, industria e canones.
 E muitas cousas mais, como th'rapeutica.

Será tudo mui bom ; mas eu aposto
 Que o remate de tantas luzes juntas
 E' capaz de fazer perfeitas tolas
 As muitas que lá vão com seu juizo !
 Paes de familia ! tendes filhas d'estas ?
 Dai-lhes p'ra baixo, como eu dou nas minhas !

Um pai eu conheci, que nunca soube
 O seu nome escrever sem quatro asneiras,
 E mandou ensinar francez á filha.
 A filha conseguiu, passados annos,
 Uma cousa fallar mui duvidosa
 Que os francezes, talvez, diriam tartaro !
 Mas seria francez, o caso é este :

Um dia estava o pae, e ella e um outro
 Janota almiscarado, conversando.
 De improviso a menina a lingua solta
 Em barbaros grasnidos que atarantam
 A cabeça do velho. O « petimetre »
 Responde em algarvia semelhante.
 O pae, no centro delles, era um parvo
 Gemendo sob o peso do ridiculo.
 Mas lá vai o peor do caso infausto !
 Ao dar da meia noute desse dia
 Cumpria-se a promessa contratada
 Na presença d'um pae, que bem podera
 Embargos de terceiro ainda intentar
 Se fosse em portuguez organisada
 A injusta petição do supplicante.

Paes de familia, vossas filhas fallam
 Italiano, francez, gallego, ou turco ?
 Dai-lhes p'ra baixo como eu dou nas minhas.

C. B.

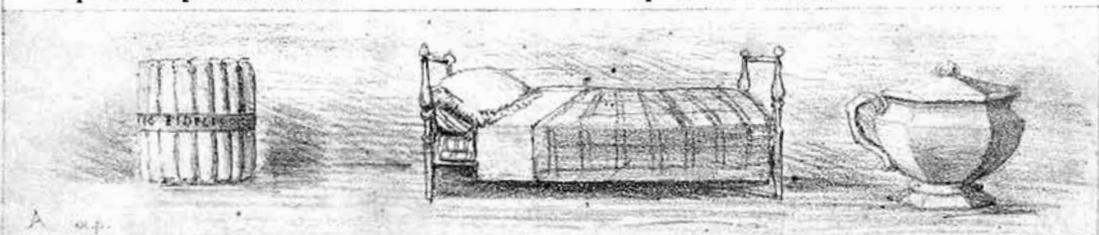


Aspecto da primeira aula.



Aspecto da ultima

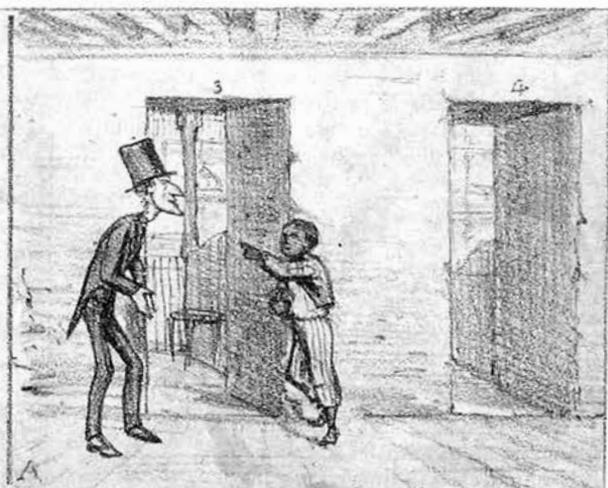
FACULDADE DE DIREITO



A Supressão dos *quartos* deu valor subido aos objectos supra: pela precisão que delles tem os alumnos: quicia os puder introduzir na academia terá um diploma de hemfeitor academico



—Eu só quero um bilhete!
 —Não pode ser, meu senhor, o empresario é patriota e tem festa dupla.



—Porque está o theatro tão escuro em dia de gala?
 —E' porque o producto de duas recitas não basta para illuminal-o; demais a subvenção não dá para o azeite e o patriotismo é de esponja.

DIABOCORO

Acceptam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos e desenhos.

SÃO PAULO

Assigna-se n'esta typographia a 5\$000 por 12 numeros para a capital; e 6\$000 para fóra. Numero avulso 5 00.

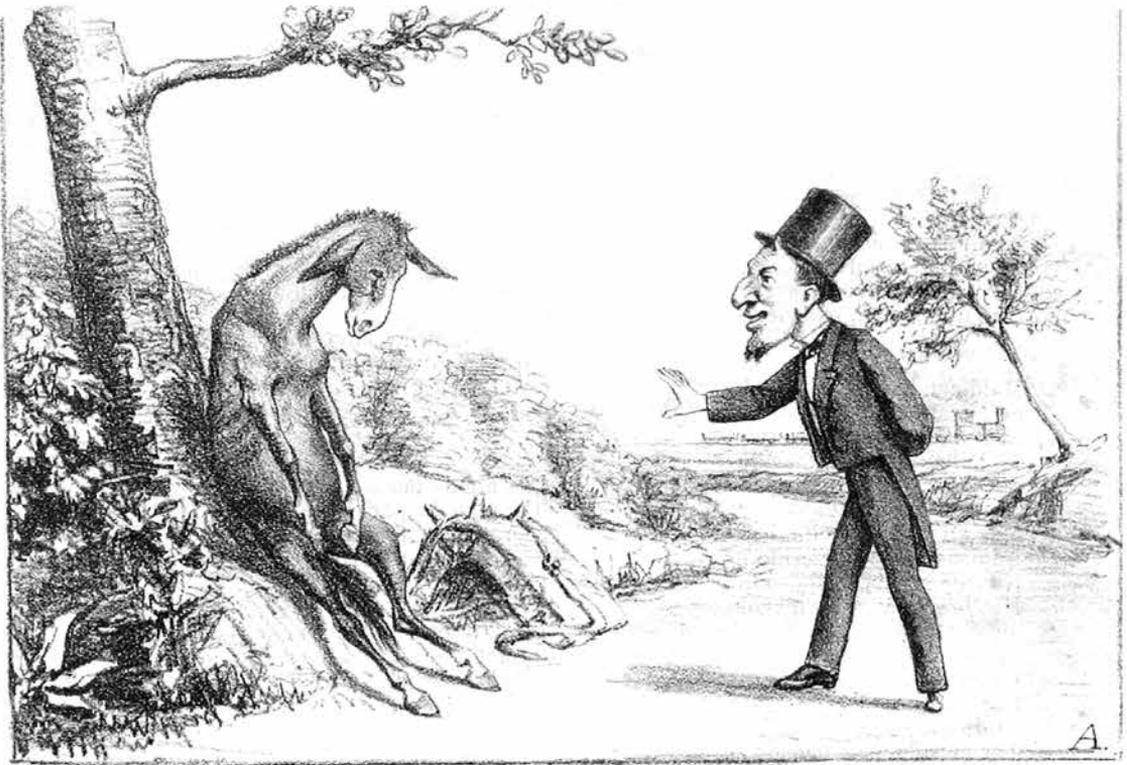
24 DE SETEMBRO



SÉRIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 9.



METAMORPHOSES.

—Que fazes ahí, pobre diabo?

—Ai, senhor, estou condemnado a morrer de fome; a-estrada de ferro tirou-nos o trabalho e com elle foi-se o milho, o capim e outras pastagens.

—Cala-te pateta. Vou fazer de ti alguma cousa dando-te uma posição social, que matará de inveja aos teus irmãos.
(Continua.)

SEDE DE TANTALO.

Salta-lhe o peito ?
Arde-lhe a mente ?
—Deêm-lhe marido :
Ei-la contente.

HIPOCRATES.—*Aphorismos.*

De Jesus certa esposada,
Mui devota de Cupido,
Na mente só tem gravado
Um pensamento :—marido !

Contemplando o Deus-menino,
Diz, com semblante dorido :
Oh ! porque, sagrado symbolo,
Não és *dévêras* marido ? . . .

Qual leão do deserto,
Que de amor sóta o rugido,
Tal a freira exclama e brada :
Fazei, Senhor, de *marido* !

Nenhuma oração divina
Lisongeia o seu ouvido,
Como esta breve palavra,
Que um psalmo excede :—marido.

Maldizendo e praguejando
Seu destino desabrido,
Sempre invoca delirante
As delicias de um marido.

Mas quem é que ella deseja ?
Qual será seu preferido ?
Ninguém sabe : ella só quer
Nos braços vêr um marido.

Ora chora. ora suspira,
Ora exhala um ai sentido ;
Tudo isto porque almeja
Ter marido, e só marido.

Si pensaes que ella assim vive,
Porque adora algum garrido ;

E' toleima : ella deseja,
Parvo embora, ter marido.

Não lhe importa que o sujeito
Seja lorpa e deslambido ;
Basta só que represente,
Mas ao vivo, um bom marido.

Sendo tal seu pensamento,
Que de noivos tem querido !
Quanta vez seu travesseiro
Supre a falta do marido ! . . .

Assim vive a pobre freira,
Que devota é de Cupido,
Até que, Jesus deixando,
Vai buscar marido.

O Velho Esculapio.

DE PROFUNDIS !

(*Imitada de Beranger*)

Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Morreu minha mulher ; fatalidade !
Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Que vá (*sem mim*) gozar da eternidade . . .

A's almas tão singelas como a sua
Convem do paraíso a doce paz ;
Porque de minha avó segundo a crença
Gerou-nos o terrivel Satanaz.

Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Morreu minha mulher ; fatalidade !
Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Que vá (*sem mim*) gosar da eternidade.

Quando amor nos unio em brandos laços,
As estrellas serviram de docel :
Delirantes prazeres . . . por dois dias . . .
Emcheram-me a feliz lua de mel.

Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Morceu minha mulher ; fatalidade !
Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Que va (*sem mim*) gozar da eternidade. . . .

Seu gesto e seus olhares retratavam
Malicia femenil, que gera o mal ;
Porém da pudibunda sensitiva,
Dizia o meu visinho, era rival.

Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Morceu minha mulher ; fatalidade !
Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Que va (*sem mim*) gozar da eternidade.

Jamais a peregrina Philomela
Tao casto amor sentiu, tao anhelante ;
Depois de ter amado a meio mundo
Tornou-se do que Dido mais constante.

Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Morceu minha mulher ; fatalidade !
Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Que va (*sem mim*) gozar da eternidade. . . .

Porque, oh grande Deus, arrebataste
Aquella que adorei, prenda sem par ?
Com ella eu desço á campa; eu parto; eu sigo...
Porém só para vê-la sepultar.

Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Morceu minha mulher ; fatalidade !
Eia ! á gargalhada um *de profundis* !
Que va (*sem mim*) gozar da eternidade. . . .

—De seis centos invenciveis Hercules ; porém no quartel existem uns 96. . . .

—Caramba ! e o que é feito dos mais ?

—Fizeram-se poetas ; habitam em palacios verdes e teem o céu por tecto ! . . .

. *Vivão os Titães da Guarda Nacional !*

—Olá, meu charo Eloy ! De tofo gabinando á turcomana e patrona de sóla mal lustrada, á guisa de matuco ? ! Pois não és tu contribuinte da musica ?

—Sim. . . elles bifaram-me os cobres, mas, atacaram-me no destacamento ; porém eu conjecturo que n'isto vai trampolina grossa. . .

—Onde vaes, meu ^{*} ^{*} ^{*}hom Antonio, escarpachado n'esse esguio palafren, que simelhas Dom Quixote no seu bucefalo de páo.

—Vou a Santos, meu amigo.

—Oh, pateta, pois deixas a estrada de ferro?

—Sou *Paulista velho*, meu amigo. Nossos paes percorreram todo o sul do Brasil, atravessaram sertões inhospitos sem estradas de ferro nem carros de vapôr. A India não foi descoberta pelos homens das fornalhas, nem o grande Gama navegou de canudo empinado e rodas por banda ; mas á vela como a rasão o ensinava. Elles bem conheciam o proverbio :—De vagar se vai ao longe.

Hoje para ir da capital a Santos os filhos degenerados de Bras Cubas e de Amador Bueno da Ribeira buscam estradas de ferro ! . . .

Si os nossos avós ressuscitassem morreriam de vergonha diante d'esta geração bastarda ! . .

Lê-se no *Correio Paulistano* de 20 do corrente :

ITU'

„Chamamos a attenção do exm. Prelado sobre a nomeação de um bom vigario para a cidade de Itú ; pois esta cidade tem dado as maiores illustrações para os mais eminentes cargos : urge por isso que seja provida com um bom pastor.“

„*Um devoto.*“

J. G.

MISCELLANEA.

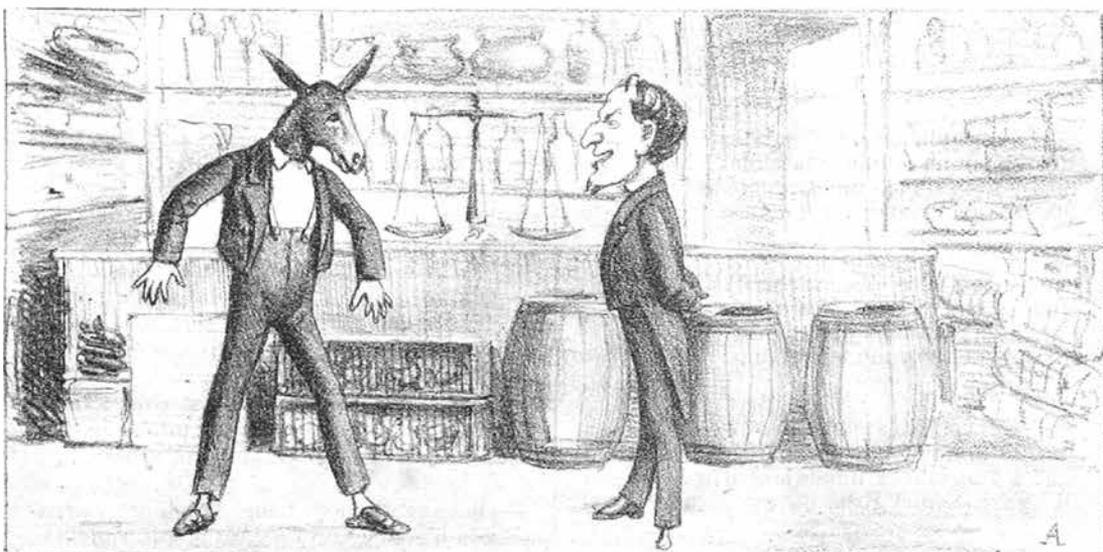
—O que é isto, meu charo Petit ? De casa e bonet ! . .

—Estou aquartellado, como defensor da patria, em activo serviço !

—Bravo, meu patriota ! De quantos guerreiros se compõe o teu batalhão ?

Despacho de S. ex. ^o rvd. ^o :

Mande-se vir da Italia um garanhão prolifico para satisfazer ao supplicante ; a fim de que mais se augmente para gloria do estado a raça dos conspicuos Ituanos.



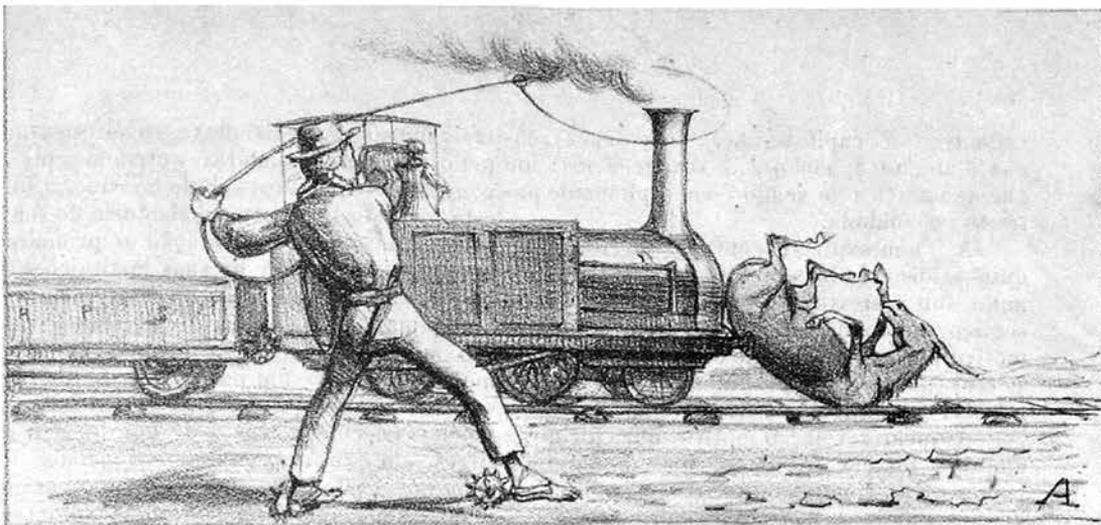
—Eis o teu primeiro posto. A taberna é o purgatorio do commercio ; é d'ella que es-
 purgados sahem os bomens de bem para as delicias do paraizo terreal. Ouve-me : olha para
 os teus irmãos de hoje ; sê fiel á tua indole ; eu serei o teu anjo. (Continua.)



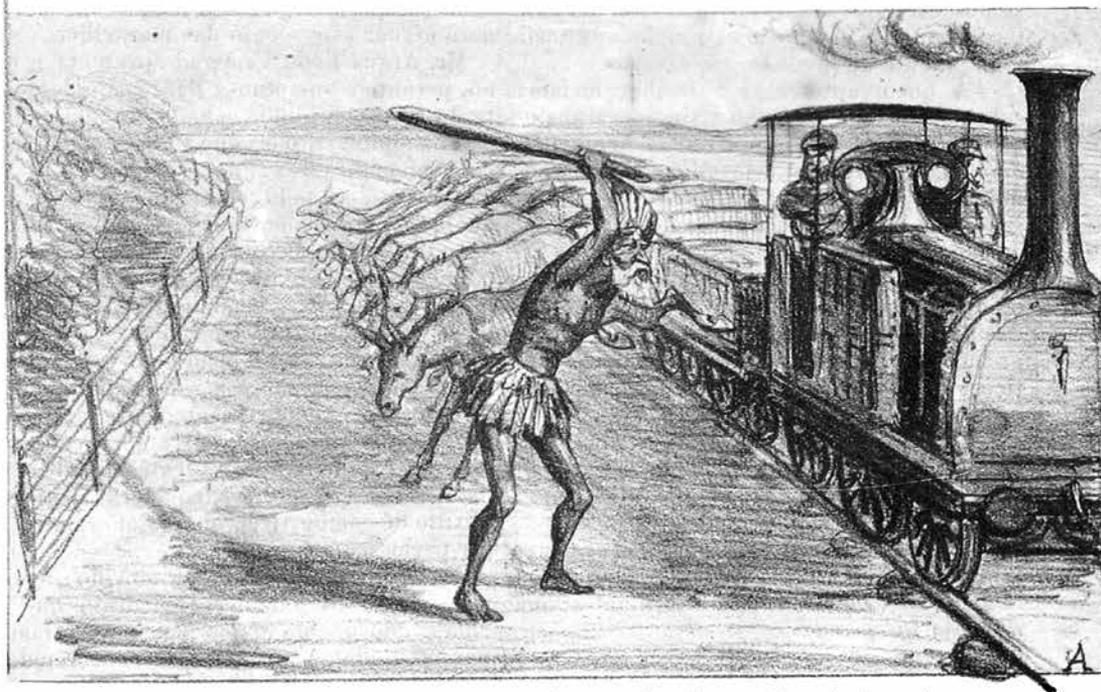
—Meu bom amigo e senhor Thomaz. Agra-
 deça em meu nome aos discutidores do *Cor-
 reio Paulistano* terem deixado de amolar-me a
 paciencia. Diga-lhes que não vou pessoal-
 mente porque temo encontrar-me ahi pelas
 ruas algum estudante vaista. gente de quem
 se teme o proprio Diabo.



—Ah, Padre Bacalháo! onde estás, que
 não corres em busca da vigararia de Itú!



—Se o *ingreis* do diabo não me paga a mula prendo-lhe a comitica.



O *Velho Paulista* á frente dos regressistas vinga-se da pirraça de 6 de Setembro.

—Lê-se mais na mesma folha :

„CAZA DE FAZENDAS E MOLHADOS

„Por atacado

„EM CAMPINAS

„*Largo de Santa Cruz*

„Ralli e Calogeras offerecem aos srs. negociantes desta Provincia. um completo sortimento de fazendas de lei, e de molhados, por preços inferiores aos de Santos; incumbem-se de encaixotar e remetter para qualquer ponto.“

E' muita tripapor dez réis, meus senhores dos das fazendas e molhados.

De trez cousas uma; ou os generos são máos, ou o annuncio é *opio* ou vv. ss. descobriram a pedra philosophal do commercio e batem moeda em casa.

Tenham paciencia, meus senhores; tirem o cavallo da chuva; porque tanta esmola assusta aos pobres.

* * *

„RUA DO COMMERCIO

„Na padaria Italiana precisa-se alugar um preto bom para o serviço da mesma.“

Repellimos a insinação e desafiamos ao dono da padaria para um duelo a marradas.

Este annuncio é um insulto atirado grossciramente á face dos fidalgos brasileiros de origem lapuza e africana.

Mande o sr. padceiro vir um malungo seu da Europa, e abstenha-se de insultar a somba veneranda de nossos avós.

* * *

Na mesma folha lê-se:

„VINHO DE BORDEAUX

„á 500 e 600 rs. a garrafa, trazendo os compradores as garrafas.

„NO CACHO DE UVAS

„8—Rua Direita—8“

Que refinadissima peta!

E' vinagre puro, chrimado em vinho sem outorga do Padre Bacco, tendo servido de sacerdote e padrinho, com offença dos sagrados canones e infracções da castidade celibataria o proprio autor que o gerou.

Este vinagre é como filho de vigario, feito, baptisado e chrimado por uma só pessoa distincta e pae verdadeiro.

Em homenagem á verdade declaro que este vinagre não é caro; pois que o de Lisboa vende-se a 640 rs. a garrafa.

* *

—Lê-se no mesmo jornal :

„SAUDE DADA A TODO O MUNDO

„*Pelos preciosos medicamentos*

„Dos Srs. GRIMAULT E C.ª

„Pharmaceuticos de S. A. I. o Principe Napoleão.

„*Rue de la Feuillade, n.º 7, em Paris*

„Porque os srs. medicos e o publico usão de preferencia dos medicamentos especiaes dos srs. Grimault e C.ª, pharmaceuticos em Paris, com os quaes elles tem sempre obtido as curas as mais extraordinarias?„

E' porque não curam nem matam, e apesar de serem dados, custam caro a quem os leva.

O autor deste annuncio conclue por uma lisongeira dedicatoria ás senhoras mães de familia, ás quaes offerece. entre mil outros de purativos. capsulas de cupayba e injeccão brou!...

* *

SCENA INTIMA

—O que te aconteceu, meu amigo ?

—Que terrivel diábrura ! No entusiasmo da recitação cahiu-me a dentadura. Felizmente ninguem viu.

A quanto está sujeito quem uza de cousas postiças!...

PREMIOS A CONCURSO.

—A quem disser a razão porque os alumnos do 4º anno da Faculdade juridica d'esta cidade estudam com tanto affinco a uso-capião: uma carta de bacharel em prescripção.

—A quem descobrir o meio de restabelecer os *quartos* sem prejuizo das *horas* nem offensa do breviario: um S. Vicente de boca embarcado n'um Pires, em viagem para a Penha.

—A quem achar uma rica dentadura de ossos de cupido, perdido no sinistro da via fereira no dia 6 do corrente: um S. Diogo de luneta.

—A quem descobrir a causa porque só se

encontram na capital guardas nacionaes renegos e aleijados; menores e sexagenarios: um par de canellas de veado e um diploma de patriota quilombola.

—A quem explicar com que direito estorquia-se aos cidadãos 30, 40 e 50\$000 réis por anno sob pretexto de serem dispensados do serviço activo da guarda nacional; e qual o motivo porque sendo hoje chamados a serviço se lhes não restitue o dinheiro illegalmente havido: um diploma *de-venite ad nos*.

—A quem revelar o motivo que dirigiu a empresa do Theatro de S. José, impingindo no respeitavel publico (que é o primeiro san-deu do mundo) bilhetes para duas recitas—7 de Setembro e 10 do mesmo: um judeu sagaz com ares *amaccados*.

—A quem comprehender o effeito das proclamações republicanas recitadas com empháse nos theatros, diante de aparvalhados hilotas, de que se compoem o nescio auditorio: uma patente de pregador do deserto.

—A quem apresentar a melhor memoria sobre o processo engenhosissimo de transformar as aguas do Tieté e do Tamanduatehy em agua do Miguel—Carlos, de modo que postas nas pipas—*Avon Mecmi Açç*—possam ser impingidas ao povo a 60 réis ao barril: uma velhacada de *nova invenção*.

—A quem atinar com a causa porque paga o povo mais caro as primeiras representações das *boas peças* no theatro de S. José, e não paga menos quando assiste ás suporíferas repetições: uma pelle de camello para servir de espectador.

—A quem descobrir o meio porque certo guarda nacional, ex-voluntario da patria, ficou epileptico por presumpção hypocritica: um S. João da Cruz da California.

—A quem souber como o mimoso vate colaborador da „Crença“ perdeu a sua morena Melpomene de olhos negros scintillantes: uma *decepção inesperada*.

ANNUNCIO.

Mr. Argus Leon Crapaud, chimico, mathematico, geographo, historiador, rethorico, poeta, formado em chirurgia, botanica, estatica e

mais outras ingrediencias proveitosas, que a pello não vem enumerar. nutrindo mui alto conceito e não menos subida consideração por esta terra do Brasil, pela sabedoria do seu governo, que é sem contestação o primeiro do mundo, pela justesa de suas instituições, que muito sobrepujam as da civilisada Europa e ainda mais pela applicação de suas leis, que são mais liberaes que a propria liberdade; maravilhado em fim por este paiz liberrimo, onde os negros estremezem de prazer sob as amenas fricções de casca de boi, os africanos livres são escravos, ganham-se eleições liberalmente á ponta de bayoneta, aposentam-se magistrados venaes, amarram-se voluntarios para o exercito e prega-se o dispotismo no proprio parlamento; dignou-se por sua mui alta e louvavel bondade vir d'aqui patentear ao resto do mundo a mais espantosa descoberta de que com orgulho inequivoco se—poderá ufanar este seculo das maravilhas.

Mr. Argus Leon Crapaud apresenta a olho nú, perante a sumptuosa Paulicéa a descoberta do motu-continuo, achado tão maravilhoso quanto simples. E para que todos tenham d'ella conhecimento eil—a :

Atravesse-se pelo centro de uma viga de qualquer madeira cortada em lua propria uma canna roliça de ferro á feição de eixo movel; colloquem-se as extremidades da predita canna sobre os topos semicirculados de outras duas vigas de altura conveniente, á guisa de esteios, espetadas no chão com a ponta para cima; ponha-se sobre a viga eixada um cão da terra-nova convenientemente adestrado; faça-se com que elle percorra com regularidade a viga de uma a outra extremidade, e ella balançar-se-ha no espaço eternamente sem auxilio de combustivel, ou qualquer outro motor periodico.

Mr. Argus Leon Crapaud, movido de amor por este vasto paiz de capricornio, que elle ama e adora, abandonou sua patria, familia, parentes, amigos, haveres e uma reputação europeia, que começava de consolidar-se, para vir ao Brasil glorifical-o com o seu invento.

Mr. Argus não quer dinheiro; almeja apenas a consideração do governo em algum dia de *graciosa enchurrada*.

—————
Litotypo de Henrique Schroeder, S. Paulo.



DAVID CANAVARRO.

DIABOCOXO

Acceptam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos e desenhos.

SÃO PAULO

Assigna-se n'esta typographia a 5\$000 por 12 numeros para a capital; e 6\$000 para fóra. Numero avulso 5 00.

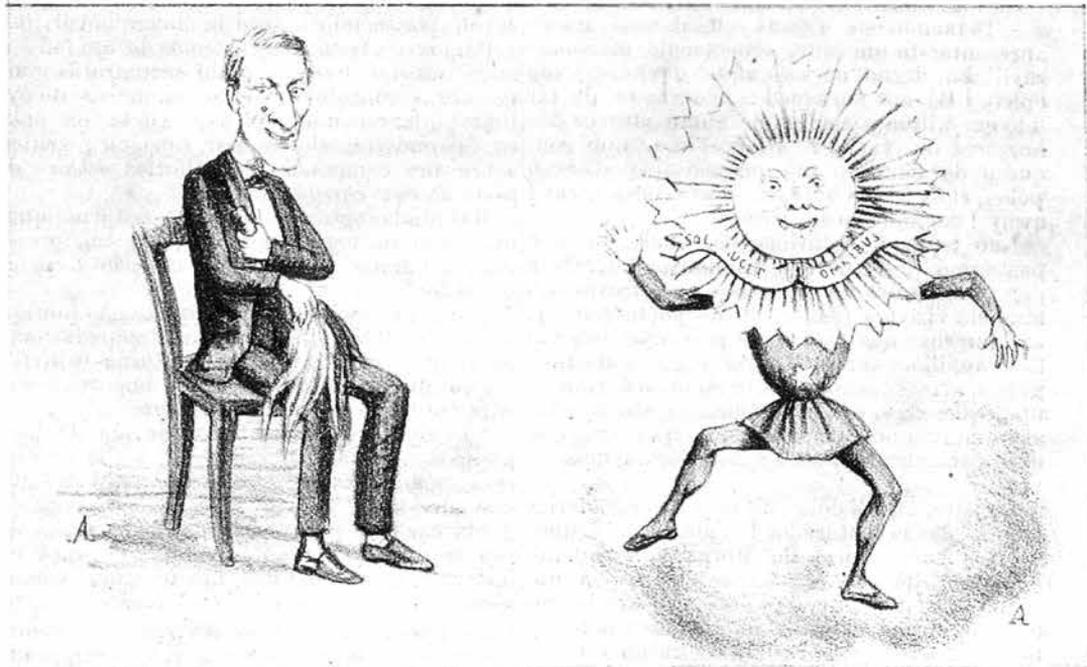
6 DE OUTUBRO.



SÉRIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 10



Como elle toma as dores por não ficar no ribeiro, vê-se obrigado a ficar com a rubada.

Quem disse que eu estava bem *segurado*? Como nem ao menos me puzerão em *segurança* no *seguro*. agora se forem capazes que me tornem a *segurar*, que *seguramente* torno a fugir.

Diabo Coxo.

UMA EXCURSÃO NOCTURNA.

—Quero levar-te, leitor, á um curioso espectáculo. . . .

—Que! . . . (parece-me ouvil-o dizer) terás a sinistra ideia de arrastar-me ao theatro para pregar-me a peça de assistir á representação de alguma *bou peça*; de ouvir os besoiros do Parnaso, esses irmãos do Pegaso, que alli enxameião em dias de beneficio, zumbindo a atordoar um surdo; de enojar-me com essa outra farça que vai dos camurotes á platéa; de desesperar-me com as harmonias de uma orquestra selvagem, e ver a figura sempre impassível do porteiro, que ora pede-me, ora entrega o bilhete, depois de ter eu comprado dois para a renovação do martyrio? . . .

Oh! sr. onde o espectáculo curioso?! . . .

—Deixemo-nos d'essas sensaborias; quero apresentar-te um outro espectáculo mais maravilhoso, digno do assumpto de um poema epico. Dá-me teu braço: lembras-te de ter lido em Milton a viagem de Satan atravez dos horrores do vacuo? Diabo-Coxo, que sou, quero dar contigo um passeio *à vol d'oiseau* pelas ruas da P'aulicéa. Coragem: away! away! como dizia um *patusco*.

Não temas a escuridão das ruas; em sua passagem desoladora o vandalismo derribou por terra todos os lampeões: as trevas são tambem visiveis (lembra-te do poeta *godam*); as lanternas dos *hoteis* nos prestarão um valioso auxilio. Ou se te apraz, á guiza de Diogenes, arranquemos uma, e saiamos á cata de um *police-man*, e verifiquemos si são exuctas as lamurias dos Jeremias de *jornalecos*, que affirmão roncarem elles a esta hora a bom levar.

De feito, eis ali dois estirados nas escadarias da Sé. Bemaventurados! . . . dormem embevecidos nas doçuras de Morpheu, enquanto veião os rufoes entregues ás doçuras da gantonice. Nem ao menos os despertão os berros de agonia dos cabritos immolados nas hecatombes nocturnas! Podera agora uma legião de Quasimodos aturdir, atordoar, atarantar os ares com os rebates dos campanarios, que não conseguirão abalar-os de seu posto de honra.

Os ouvidos, teem-nos elles certamente entupidos com as rolhas das garramas, com que embucháram-se. No cerebro vapores substituirão os miolos; os ronos são caricaturas dos bra-

dos militares; as pernas tornarão-se-lhes de chumbo. . . . *Deus he otia fecit*

Mas que! . . . parece desviar-me das bandas do Lopes Geometria, (que entre parentheses nada entende d'estas metaphisicas lineares). E' elle ten cadaver? . . . Não o temas; os d'esta especie—acolhem-se ao tepido ambiente dos lençóes á hora, em que os outros tripudião no chão sulphureo dos cemiterios n'um sabbat terrifico.

Está bem; sou bom companheiro: tome-mos antes pela rua do. . . da. . . da. . . Imperatriz. Maledictas bajulações, que me fazem engasgar com tal caroço, como nunca o tragou teu pae Adão. Antes a primitiva denominaçã, apesar do odor de carolismo, que lhe aspiro.

Com serincola das regiões infernaes professo minhas theorias republicanas. Platão mereceu-me um sorriso; a cabeça de Luiz XVI a rolar-se do patibulo uma gargalhada de deus pagão. . . . Na Biblia debes ter lido nossa revolta por sacudir o peso da monarchia divina.

Demos costas a S. sé: temos de um lado e outro cazas de livreiros: ahi encontrarás muitas obras concebidas pelos ministros de Fr. Belzobuth: recomendo'tas. Ainda ha pouco fui encarregado de dar um juizo critico sobre um compendio de rethorica *debaixo do ponto de vista christão*. . . .

Mas ainda agora observo-te soturno qual um Papa, que perdesse a tiara, e o sancto bago. . . . Enmudeceste como o *Velho Cabo de Esquadra*!

Que noite sombria! quasi que te pão lobrigo o carão. Será effeito d'esta alampada magica, que, como a de Aladino, torna-te invisivel ao mundo objectivo? Não importa: escuta: aturar-me-has a prosa *massica*.

Não sentes a athmosphera pejada de mephiticos m:asmas? . . . dir-se-hia que a natureza tomou laxante, etc. e tal, poutinhos. (tu entendes-me). Talvez seja a proximidade d'esta caza de perfumarias, ou exhalações da rua Municipal, optimo lugar para praça de mercado, na opinião dos illustrissimos vereadores. Tapemos as ventas, e avante.

Eis-nos nas cercanias do grande emporio de luz espiritual d'esta abençoada terra, onde tão avançado vae o progresso, que até ahi aos domingos se conversa a vapór, graças ao mirifico invento de um astronomico, que mede o curso a estrellas errantes. E' ahi o conclave dos Levitas da litteratura, os quaes com *crença leyada* a fanatismo (o que inspira muito descrever da litteratura patria) compoem um ar-

chivo de letras e petas, em quanto um velho cachetico e corcunda, arrimado ao bastão do governo, semeia com imparcialidade de porta em porta as novidades do dia em estylo descommunal na fórma e fundo. Salve petreas columnas do futuro do Brazil! Oxalá que os braços de um Sansão jamais consigão demover-vos dos fustes, e as aves da boa fortuna venhão fabricar seus ninhos entre os arabescos de vossos capiteis!

Lobrigo além, de espada em punho, o vulto encapotado de um propheta. Que vem elle apregoar aos filhos d'este seculo atufado no scepticismo? Vem semear sanctas doutrinas, fazendo reviver os bellos tempos de outr'ora? Tem nos labios phrases de maldicção para es.a raça espuria de agiotas, e de lroteus politicos, cataventos, que se movem impellidos pela putrida aura do interesse? Engano! elle é a mais viva prova de que o seculo caminha, a passos de gigante: os prophetas de hoje são apenas pregoeiros de roupa feita!

Avante, meu silencioso companheiro! Tu choras talvez sobre as phases, por que vai passando a grande familia dos homens. Tolo! enxuga essas lagrimas: Catões n'e-te seculo seriam figuras tão truanescas, e macarronicas, como já o erão no de Cervantes os cavalleiros e os paladins.

Continuemos, porém, nossa excursão. Ali temos diante de nós dous grandes estabelecimentos, que por seu turno dividem-se em ramos diversos. No primeiro, ao rez do chão, um tosquiador de cabellos (e tambem da bolça dos freguezes); no andar superior um vinagreotypo, cuja existencia já noticiei nas minhas memorias do anno passado.

O segundo tem na sua divisão alguma semelhança áquella famosa estatua de Nabuchodonosor; differençando-se d'ella, porém, por ter os pés de oiro, e uma cabeça extravagantemente formada de bifes, omelettas, trutas, e emfim de todas as cousas papaveis e potaveis, e outras cousitas mais.

Entremos pela rua de S. Bento: em breve passaremos diante d'uma cocheira. O tecto, que hoje ali aloja cavallos a burros, guardou outr'ora os penates de Amador Bueno. Não te admires; degenerando a raça humana, justo é que tambem se transformassem os habitantes.

Paremos um pouco para admirarmos aquella graciosa taboleta affixada na fachada d'esta casa de banhos. Não achas que impossivel é resistir a magia de tao linda sereia? . . . Me-

lhor ideia não podia ter o proprietario para attrahir a concurrencia do publico. Tudo está profanado! judiciosamente o disse o poeta. O talento, que podera honrar as exposições de Paris e Londres, é empregado n'este miseravel paiz em misteres proprios do mais vil borrador!

Si dia fôra, aposto que, si és caloiro ou bicho, havias de evitar o transito d'esta rua, que temos diante dos olhos; eu mesmo que sou o Diabo, não me aventuraria a passar a por horas taes, receiando as chufas dos estudantes dirigidas ás minhas ramagens, chufas de que não estalivre muita gente boa. Apressemos o passo, que desejo placidamente examinar os trabalhos da via ferrea, n'esta hora de remanso, em que só vagueião os Dalmos a devassar os mysterios da noite.

Não sentes, como acima, atrevessar o espaço uma correnie de ar pestilente, capaz de asphyxiar os proprios porcos? Ah! é o antigo le do Tamanduatehy, que transformou-se em reservatorio de materias fiscaes. Em prol da hygiene deverião os vereadores, que o mandarão dessecar, abrir alli as azas nazaes, e, como uma machina pneumatica, só elles respirar tão aromaticas exhalações. . . .

No poial d'esta ponte descancemos um pouco; e si não fôra a pressa descancaria contigo em algum d'estes telhados, e tu folgarias de ver mil comedias injurias, que te eu faria devassar atravez d'elles, como muita vez o fiz a D. Cleofas. Que scenas interessantes! . . . que gargalhadas homericas dariamos! . . .

Prosigamos: o aterrado, que se desdobra como uma fita pardacenta, embebamol-o sob nossos pés.

Mas que vejo! . . . O Diabo defronte de uma casa de beguinos! . . . Si algum d'elles tem agora a infausta lembrança de se persignar, eu estouraria pelos ares como uma bomba fulminante. . . Ah! . . . ah! . . . ah! . . . estulto que sou! . . . me não lembrava que esta gente nem mais sabe santignar-se, segundo me disse lá em baixo um frade, meu amigo. Confesso que soffri aquella doença de estudante em dia de sabbatina.

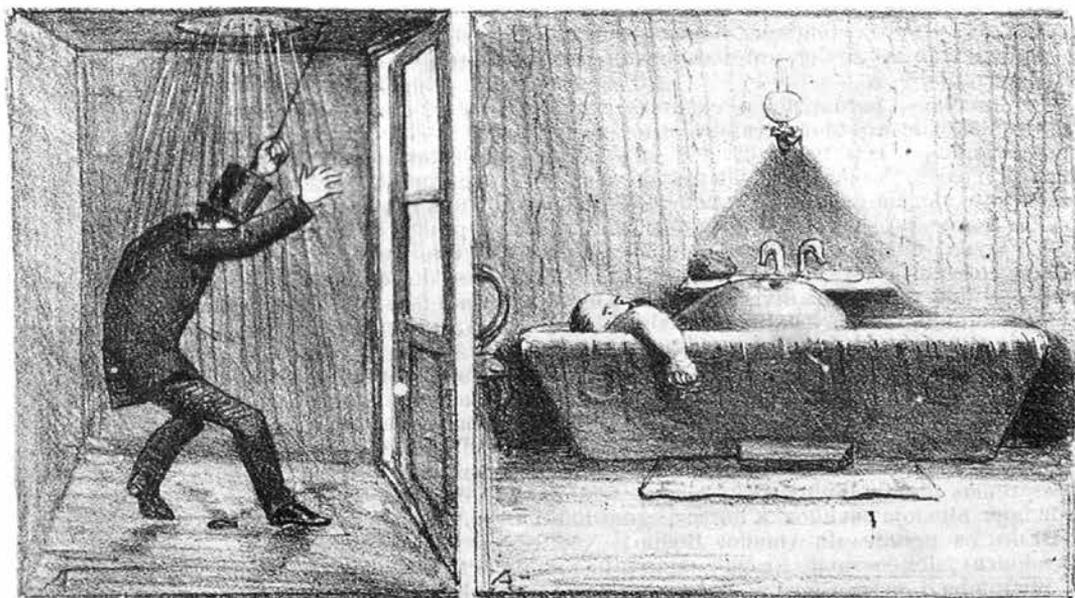
Vou examinar com toda a minucia os trilhos, dormentes, lastro, e aterrado. Talvez encontremos muito objecto, que ali se perden, e cuja falta ainda hoje se lastima! Uma volta á esquerda, que é alli a cancella: dizem que . . .

Safa! . . . irra! atolado até os joelhos! . . . Que progresso é este? . . . Dá-me uma de mão para arrancar-me d'aqui. . . Upa! . . . eis-me safo! . . . Mas onde te meteste? Em vão extendo as vistas para um e outro lado. . . . Acaso, como os



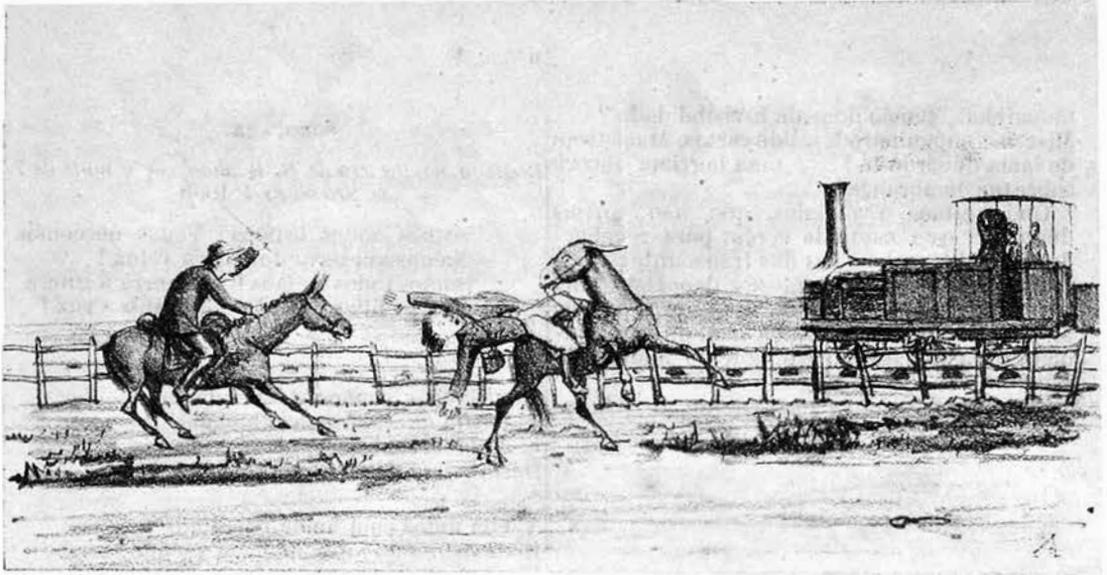
—Já vejo que irás longe?...
—Ah, sr., si a gente não diminue nos
pezos não faz negocio.

Em que deu hoje o taberneiro!...
Pobre Muza!

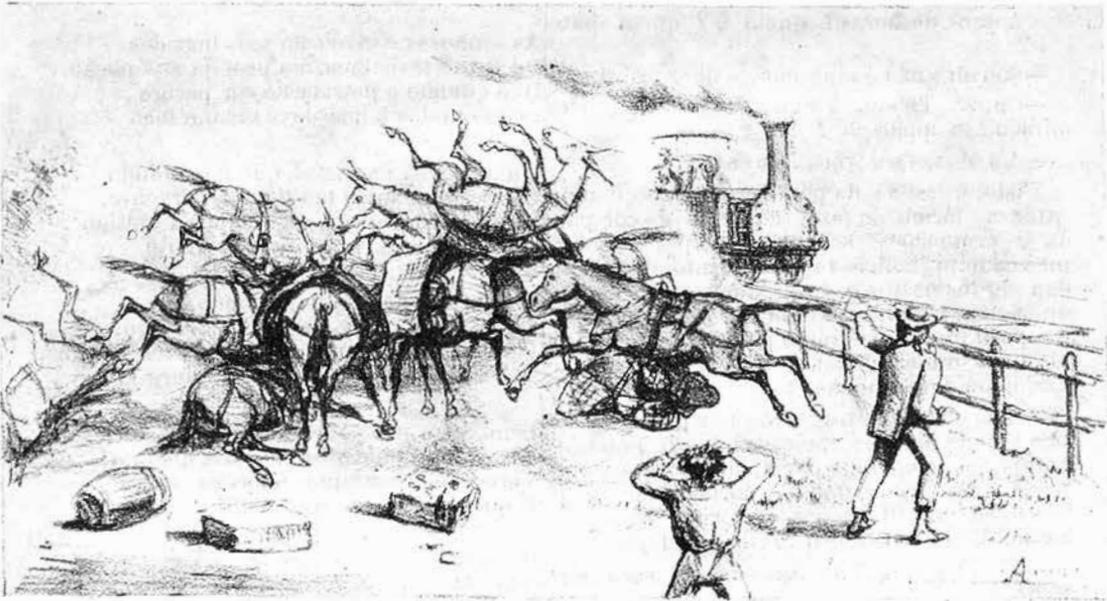


Episodio na casa de banhos no dia da
abertura. O sr. E..... quiz ver como se
toma banhos de chuva.....coitado!...

—Estou roubado! paguei um banho in-
teiro e fiquei com a pança em secco!



Entre Sylla e Caribides.—Tanto se morre a vapor como a quatro patas.



Debandada luar pelo general vapor.

monarchas, tens o dom da invisibilidade? . . . Misero companheiro! . . . de certo o Maelstrom de lama devorou-te! . . . uma lagrima sincera sobre tua lembrança! . . .

Onde estaes, o vandalos, que não correis derrubar esta estúpida cerca, para receberdes amanhã as bençãos dos transeuntes? . . .

Estes meus amigos inglezes, depois de com a opio embriagarem toda a China, querem afogar-nos em lama. Ainda bem que as caldeiras do compadre Pedro Botelho hiantes os esperão. . .

Passemos ás minhas importantes investigações.

PEGASO CALVAGADO PELO DIABO E SEU ACOLITO.

Truz. Truz. . . Truz.

- A taes deshoras! quem è? quem bate ahí?

-Sou eu; não é ninguem, senhor; abri.

-Oh, sr. Thomaz! a que Santo devo a sua miraculosa apparição?

-A's Muzas a deveis, illm. sr.

N'isto, tirando da ponteaguda cabeça uma extensa tórma de fazer cus-cus, de côr par-da e pretensões achapeladas, pol-a sobre uma cadeira collocada a um canto da porta, deu alguns passos e desprendeu-se do capote de baetão, testemunha muda do seculo passado e repositório de poeira no presente, sacou da algibeira um exemdlar da *Revista Commercial* e exclamou com emphase:

-Men charo sr.! trago-vos uma panacea poetica; uma pharmacopeia sortida de amargos entojantes preparada por uma famosa escula-poide; obra prima, que me daria nome si já não fosse eu notavel nos cartorios, tribunaes assembléas e outros cen.tros de sabedoria.

-Está bom, sr. Thomaz, dê a luz o seu portento.

-Desculpe-me v. s.; a obra foi dada á luz por seu pae; da qual sou eu apenas o apresentante. Bil-a:

SOROCABA.

Recitado no theatro de S. Raphael em a noite de 7 de Setembro de 1865.

Somos todos irmãos! Todos nascemos
Na mesma terra de fulgôr e luz!
Somos todos irmãos! A' guerra á guera.
Bravos filhos, herôes de Santa Cruz!

A. J. DUARTE.

Somos todos irmãos. e tudo devemos.
A' patria querida, patria amada,
E' della nossa honra, nossa vida,
Desta terra de luz, terra encantada!

A' ella todos com amor corramos
Rodeemol-a todos com forte escudo,
Em bem da patria tudo nós façamos,
Demos-lhe a vida, nossa honra tudo!

As moças desprezem seus namorados,
Não fação caso de seus prantos, ai,
Só lhes mereção as attenções, olhares,
Os que forem combater o Paraguay.

As senhoras convenção seus maridos
Para que trabalhem em prol da sua nação,
Que quando a patria está em perigo
Cada um dos filhos deve ser um leão.

Unamo-nos, Paulistas, que nos unindo
Como essa Santos tão heroica, ardente,
São Paulo mostrará ser sempre a mesma
Que transborda patriotismo e gente.

Levanta-te São Paulo, levanta-te.
Accorda um pouco deste teu lethargo,
Lembra-te um pouco do que fostes d'antes,
Não nos prepares um porvir amargo.

Lembra-te um pouco dos passados brios.
Mira-te um pouco na passada historia,
Vereis escripto que nobreza obriga
E que devemos á nossos filhos gloria!

Por ventura não é esta nossa terra?
Não são estes os mesmos climas e ceus?
Mudamos nós então? E apoz uma raça
De gigantes, seremos nós vis pygmeos?

Levanta-te, S. Paulo, levanta-te!
Na Brazilia terra debes tu brillar!

Seja na calma, scientifica luta,
Seja entre canhões no rude batalhar!

Dr. J. de Paula Souza.

—Safa ! depois de ouvir semelhante versalhada nutro esperanças de reconquistar o Paraíso.

—Ora, illm. sr., apoz d'esta leitura fallar em prosa não é proprio de v. s. : falle em verso, sapientissimo.

—Pois bem, sr. Thomaz, va escutando :

Que tremenda charopada
Feita em verso xinarrão !
Cauza mais tedio que o tartaro.
Ou poaia de infusão.

—Bravo sr. Diabo ; ataque mais, que o tal trovador é medico.

Que remedio de patente,
Para quem soffre de insonia !
São estrophes de morfina
Ou purgante de brionia.

—Com licença de v. s., illm. sr. ; consinta que tambem bote o meu versiuho :

São versos de cataplasma,
Com que o vate o povo *amola* ;
Beim podem suprir ajudas
Para quem soffre da bola.

—Não sou com vosco : antes creio
Ser um poema laxante,
Que a tripa lavára em cheio
Si o tomára o proprio Dante.

—E não sois o unico a render homenagem ao sapientissimo Hippocrates, consenti que eu vos conte o que a respeito da tal paesia tenho ouvido :

Vendo ler certa Donzella
Do João Souza a poesia,
Grita o pae á filha terna :
Quer morrer de hydrophobia ?

A' tremenda Parca horrivel.
Souza foi seus versos ler ;
Mal que o vê a morte exclama :
Ai, Doutor, eu vou morrer.

Tendo Apolo em certo dia
No bandulho um estertor,

Deu trez bufas de repente
Com que o Souza fez cantor.

—Sr. Thomaz, longe vai o gracejo ; da publicação d'esta poesia eu antes afiro muito patriotismo do autor :

Querem ver a guerra externa
Reduzida a calmaria ?
Façam ler aos combatentes
Do João Souza a poesia.

—Mas o tal Doutor, sr. Diabo, é de natureza ambigua ; porque :

Si a verdade não manqueja,
Si a memoria me não falla,
Quando o Souza fez taes versos
Tinha o queixo a mascar palha.

E outros ainda dizem :

Quando o Vate deu a lume
Tal parlанда rabugenta,
« *Vade retro* ! » disse o povo,
A gritar de mão na venta.

Elle dando á versaria
Certo aroma de senina,
Quiz provar ao mundo em pezo.
Que é Doutor em medecina.

Teu poder, charo *Esculapio*
Ninguem ha que ahí conteste :
Quer dar cabo deste mundo ?
Faça verso e temos peste.

—Sr. Diabo, concluamos as nossas observações entoando um *toast* ao som dos repiques da minha tesoura e ás arcadas da minha rabeca :

Eia—

Viva a Musa do Galeno,
Embora nos cause engulho ;
Que bem póde nas tabernas
Augmentar papel de eumbrulho.

Não desdenhem da farragem,
Que lá tem seu uso o trapo ;
Si o papel for bem inacio
Servirá de guardanapo.



GENERAL OZORIO.

DIABOCOXO

Accitam-se artigos e desenhos que poderão ser deixados em carta nesta typographia. Não se restituem artigos e desenhos.

SÃO PAULO

Assigna-se n'esta typographia a 5\$000 por 12 numeros para a capital; e 6\$000 para fóra. Numero avulso 3 00.

15 DE OUTUBRO.



SERIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 11



Cheguem, meus senhores, o *Diario* tem sementes para todos.

Diabo Coxo.

TYPOS PAULISTANOS.

I.

O BICHO CHRONICO

Sem pretensão a imitar Buffon nas bellezas do estylo, e profundeza do saber, sem afuteza vamos hoje penetrar no mundo animal, e descrever um seu habitante, que tem passado despercebido pelos homens dados ao estudo da historia natural.

Pertence á classe dos bipedes; quasi sempre é barbado; cabellos frisados, gravata de fôfo, e lençinho de cambraia a despontar-lhe do bolso frontal do elegante *puleot*, calça balão, botinas Millés apertadas como uma luva, perfumado como a rolha de um frasco de *frangi pani*,—ei-lo que cumpre o fadario, na stoica indiferença dos livros e do estudo.

O passeio da tarde tornou-se-lhe uma necessidade essencial; *pince-nez* cavalgando o nariz, pressuroso corre a ver a Dulcinea de seus cuidados, que aspira a chofrar por arte maninnelâ no dizer de Ferreira. A bella prodiga-lhe sorrisos, por lhe não saber a casta. Ah! que se ella a soubesse, recuaria livida diante do lobo cervical!

Misera sorte! Extranha condição!

No começo de seu noviciado, ainda a cara se lhe não tornou de estanho; ali assoma ás vezes um ligeiro rubor, como nuvem purpurina em céu de madrugada. E' um momento lucido. Encerra-se em seu quarto, evocando toda a energia da vontade. Abre o soporifero Barbe, ou o Ottoni, e começa a lêr. D'ahi a pouco os olhos enchem-se-lhe de lagrimas; bocejos continuos deixão ver-lhe o ceu da boca; mais um instante, e ei-lo roncando como o Luceno, de Bocage, apoz a leitura do terceto de França. Tal é a força do habito, que contrahiu. Ainda n'este periodo chupão-lhe os magros cobres da matricula os cofres do Theouro. Mas quando a mascara de estanho erma-lhe do rosto as rosas do pudor, ainda assim frequenta o redil..... mas só por passeio.

Ensaes talvez que vaias o amedrontão? Em contacto com toda a academia, collega.... de bachareis formados, presidentes de provincia,

ministros e até de lentes, vel-o-heis impavido atravessar as ruas, dispendendo sorrisos e cumprimentos á todos.

Frequentando todas as festas, apresentando-se *urbe et orbe*, a ponto de se lhe attribuir o dom da ubiquidade, apparecendo em todas as *republicas*, assim correm-lhe os dias e os annos.

E' pouco amante de passar as ferias no lár domestico. Como o rochedo immovel em meio do oceano vê as ondas esfarelarem-se-lhe aos pés, e surgirem apoz sempre novas, e terem o mesmo destino —assim elle no linhar da Academia, esta cionado ve passarem-se e succederem-se as gerações e os annos. Os soldados das campanhas litterarias, ao vê-lo, dizem:—Do alto d'aquella pyramide viva quarenta seculos nos contemplão!—

Nutre a maior indiferença pela matricula;—tem sempre nos labios palavras para desculpar a tardança em não abicar o esperançoso porto do *calorato*:—a *injustiça* dos examinadores, o *cynismo*, que o devora, scepticismo, etc. etc.

O scepticismo, sim!—E' elle quem impresta-lhe esses ares de poeta, que o fazem enrugar a fronte, como sob a pressão de uma ideia fatal. Os que o conhecem, porém, riem-se do tal charlatão do Parnazo.

Alguns dos seus cantares dizem assim:

DEZEJOS DE MORRER.

Vem, ó morte, piedosa amiga,
Vem rogar-me com tuas azas negras,
Cysite lívido, que dos ceus desces,
Para tirar-me do hombro a cruz da vida!
Piedosa amiga, vem, é tempo,
A hora é esta, a noite é bella,
Os ares estão puros, podeis descer....
Ungir-me de mel a fronte esqualida,
Que se arde nos fogos de um vulcão.
Anjo das noites, que no silencio vives,
Torna virgem, que se evapora em sombra,
Rainha, que sem throno impera,
E que trocas as illusões do mundo
Por uma verdade eterna: um tumulo!
Quem não te ama? pobre louco!
O' morte angusta, como és bella!
A criancinha só u'um riso elevas
N'um vôo ao ceu arrebatando!
O ancião curvado dos annos ao pêso
Condemnado a chorar a sorte impia
A teu lado encontra jovial abrigo,
Onde dorme em beatifico ocio,
Sonho mimoso, que não acorda!
Vem, ó morte, meu bem, meu tudo,

Vem ao valle do martyrio
 Purificar este calor da vida,
 Refre-car este ar fermentido,
 Extinguir esta luz phosphorica,
 Descortinar esses horisontes vastos,
 Onde vejo as estrellas sorrirem
 Como os olhos de Marilia de Dirceu !
 Vem, ó donzella, a meus braços
 Quero ornate com estes ramos funebres
 D'este triste chorão melancolico !
 Quero ornarte tua fronte larga e bella
 Com estas saudades, estes goivos,
 Por quem tanto, tanto suspiras !
 Vem, ó minha noiva formosa,
 Dar-me a prenda do nosso *hemeneu* !
 Vem que já te espero no leito !
 Eu te darei uma corôa de cypreste,
 Com ella ramalharei tua fronte,
 Como um tropheu á tua virtude !
 Vem, ó ave das noites serenas,
 Com a ponta de tuas azas abrir-me
 A pesada pedra do sepulcro,
 Que sella-se com eterno sêllo !
 É que nos angulos da campa
 Não se quebrará jámais—
 —A sombra—o silencio—a eternidade !

Sua muza sombria, como a de Young, inspira-se na contemplação dos tumulos. As poesias do sr. P... hão de arrojá-lo ás praias da immortalidade. Nós lh'o auguramos.

Com o talento, de que dispõe, vasto como as coisas interminaveis, é de esperar que um dia brinde as letras patrias com um poema, onde a sua muza epica decante as gerações, que tem visto passar no mundo academico.

Servão de chave de oiro, com que fechemos a rapida discripção d'este typo, os seguintes versos de Camões ;

•Que não se arme, e indigne o ceu sereno,
 •Contra um *bicho* da terra tam pequeno !

Gararni.

EPIGRAMAS.

Cheio de si, como parvo
 Galopava mui contente
 Asno hirsuto carregando
 Da nobreza um descendente.

Eis que um bóde ao burro brada !
 —Lança em terra o meu parente
 Mofa o burro e lhe responde :
 —E' Barão da minha gente.

Tendo dado a macacôa
 No Barão de Sulca-mar,
 Disse aos servos a *Baroa* :
 —Vão chamar o alveitar !

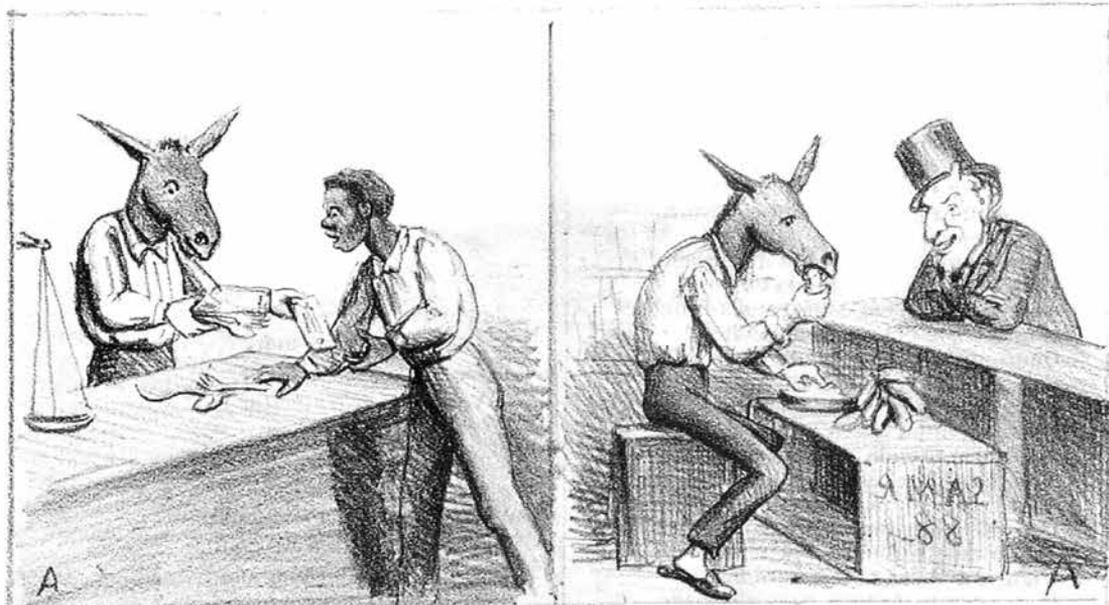
Vendo juncto á Faculdade
 Um sendeiro e um litterato,
 Perguntou Bedel magano :
 —Qual dos dois vem fazer acto ?

Sentou praça um patriota,
 Valoroso aventureiro :
 Que pensaes que d'antes fôra ?
 Vagabundo e ratoneiro.

Li famosa biographia,
 Que fez Gil da Casamata ;
 Tudo diz da biographada,
 Só não diz que era mulata !....

Bóde vil ! ao servo exclama
 Do Brazil um Senador ;
 Rindo o escravo ao amo torna :
 —Sois mais preto meu Senhor.....

Ja grave e taciturno
 Vulto humano acamellado :
 Quem pensaes leitor que era ?....
 —Da Bahia o grão Prelado.

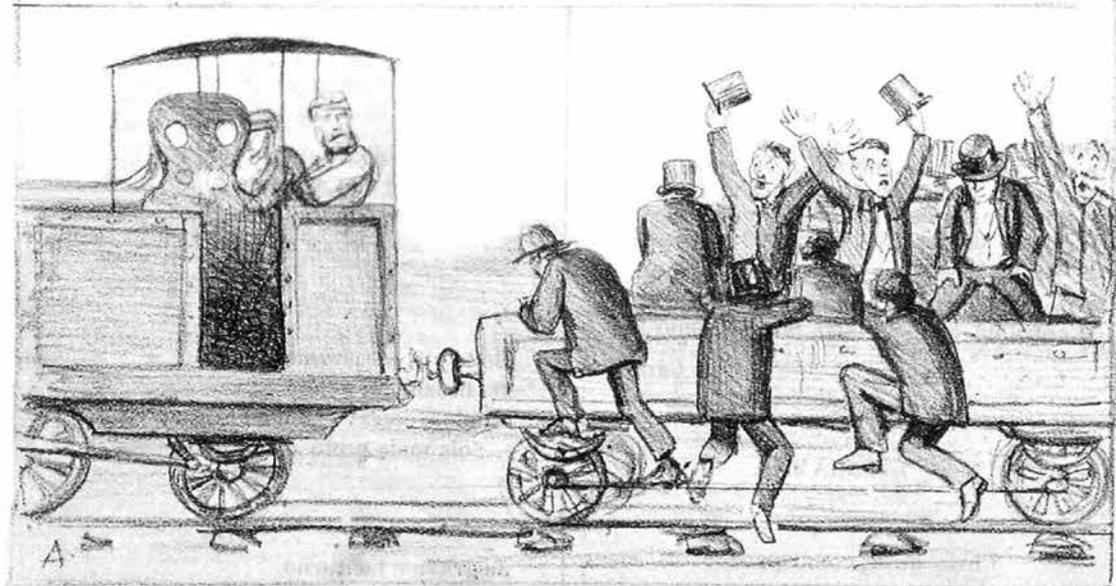


—Queres a dez tostões cada uma? a prata não é boa.

—E' muito pôco minha sinhô!

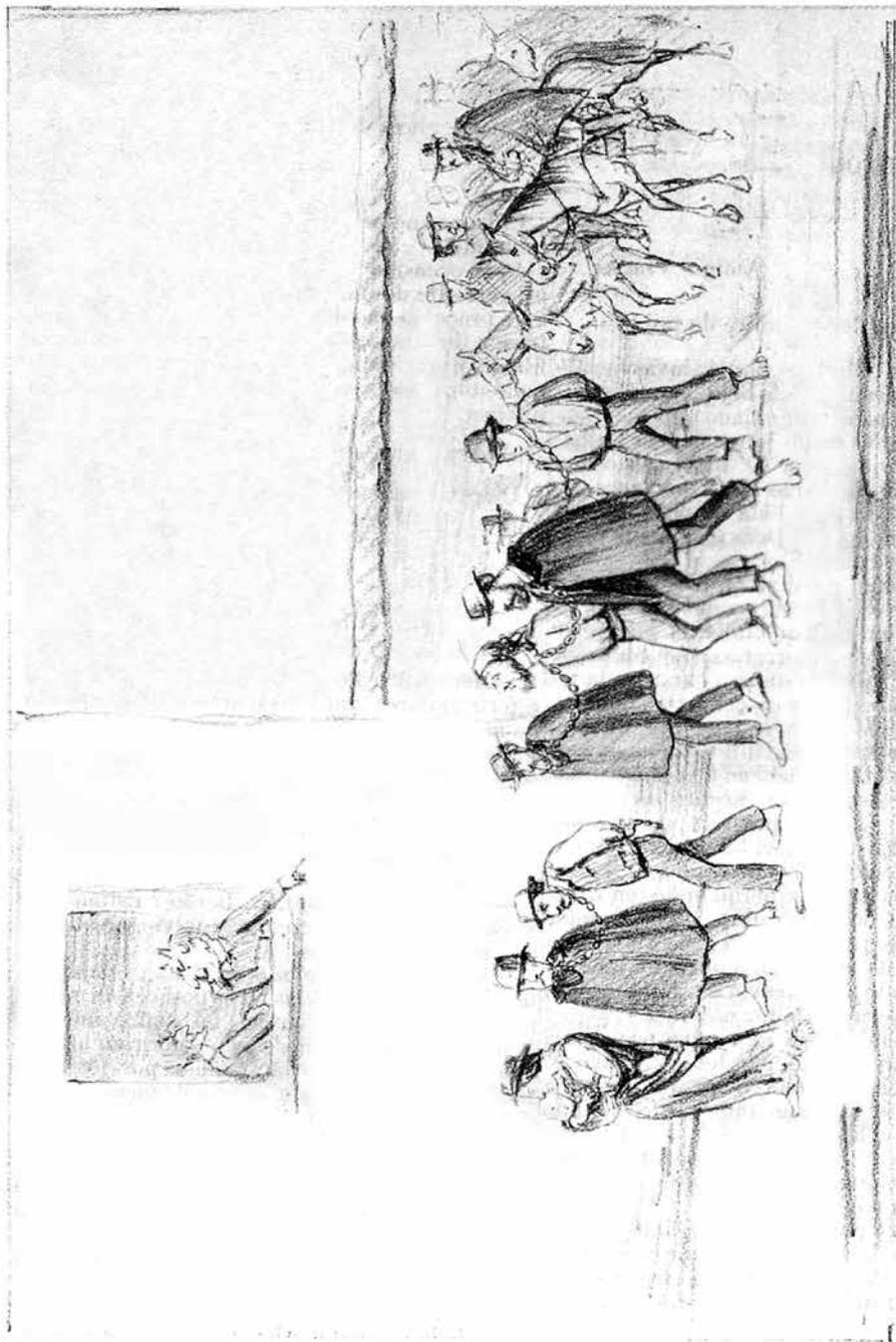
—Não dou mais porque isto é roubado. Si não queres vou dar parte a policia.

Assim ; assim mesmo, meu amigo. Bananas com farinha é peitoral e economico.



—Porque vai tanta gente nos *vagons* e tão entusiasmada?

—E' porque os inglezes não cobrão as passagens. De graça ninguem teme o perigo.



SCENAS LIBERAES.

Entrada de recrutias na capital. Que escandalo !

AUTOGRAPHOS.

Amigo Vraga.

Bia de ferro 202 do Fabreiro de mil 865.

Arrecevi o teu bilhete e fiquei invasvacado com a tua alemvrança, pois bejo con disprazeri de contentamento agoniado que tães sufrido das amorrhorias como huma cadela belha. Acim como bejo qe o pior de tudo assucedeu por tua cauza, de caires nas mãos dos merdicos qe te han de dar cavo da bida in poco tempo, porque la dizia mo pai qe Deus aja queres murmur pñcura lo merdico.

Acim qe o Maniel me dixee qe estabas co az arribitado pra riva a verrari como um voi já eu adibinhei o teu mali qe binha da bia retro da vanda de tras das amorrhorias, in conto qe o çurgião mata vuros estaba a curar te da tiricia. tiricia tã elle nos cascos do pai delle.

Bai si não quando alemvrou-me qe no au pagado o Doitor Rato alamão dos canus da iauga de buber me abia curado co a vanha de mação do parã esfregada no acento da vunda de vaxo qe tibe rebirada pra riva do soli por mais de sinco dias a tomari biento de sulí e a soprari nurdeste de bapori de canudo.

Corri a votica do albuquerque onde eu tinha dixado a receita do Doitor Rato para mandar arreptir a dosia pra ti atacari. o diavro do alvquerque é fino como hum bigario darriva tejo dixee-me que já nan savia da receita, que eu focce pidir oitira ao Doitor merdico.

Eu veno intendo qeria qe eu focce acomprari ao doitor oitira receita qe me lebi o diavro si eles nan son soços na melgueira, tu saves qe esses malandros san uns plus oitros quando este agarra aquele oitro isfola.

Nan ma pilias dixee eu cos meus votoens, eles o qe qerem é chuxar os cobres de gratuitos, mais porem eu é qe nan lhos dô.

Fui pra casa e perguntei pra Genobeba e ela se alenvrou da mezinha cun qe curou as dores do uitro qe estebe dipindurado treis dia da vanda de fora i como a tua mulestia é a mesma da bia uitro a mezinha te serve.

Sô teu amigo inté nan seri

Antonio de Rivadella.

Subdelegacia de Policia de

Ilm. e exm. sr.

Cumpre-me participar á v. ex. que no corrente meiz. Se instaurou o processo no cada-vel por occasião da morte do menor F. proveniente de um pão que lhe cahio em riba, cujo processo não dei n'elle decisão porque entro em duvida se devo ou não condenar o cofre da Municipalidade nas custas porque o pão malfeitor é do governo por estar na materia publica.

Espero que v. ex. me delucide a questão.

Deus Guarde a v. ex.

MISCELLANEA.

—Meu charo Tenente. N'este momento ouvi referir maiores diatribes contra ti, a proposito de negocios economicos da guarda nacional !.

—São calumnias, meu amigo ; são intrigas do sr. *Fleire*, que tem uma lingua viperina sabe que eu não *transrijo* com irregularidades nem *patôo* com licantinas.

—Como tem passado, sr. Barão ? Estimo que v. ex. fizesse feliz viagem e que viesse curado dos seus incommodos.

—As palavras bondozas de v. ex., minha Senhora, ficam archivadas na hypotheca da minha gratidão. Minha viagem foi soffrivelmente boa ; os meus *incommodos* não soffreram alteração ; porém eu julgo-me melhor, por terem os medicos reconhecido a minha doença.

—Disseram a meu pae que os medicos da Corte declararam provir a falta de vista de v. ex. de uma *patarata* que tem no olho esquerdo.

—E' engano minha Senhora ; resolveu-se em junta, que eu soffro de priapismo em todos os olhos.

A bella jonevem voltando-se curiosa para seu venerando pae, que estava presente, perguntou :

—Papae, o que é priapismo ?

—E' molestia especial dos olhos do sr. Barão, minha filha.

—Ah !

PREMIOS A CONCURSO.

A quem disser a razão porque foi tão pouco concorrido o espectáculo dado em grande gala e em applauso ao brilhante feito d'armas de Uruguayana, onde senão disparou um tiro: uma bandeira paraguaya arrebatada ao inimigo pelo valente general Cabral, membro graduado da petalogica.

A quem souber o rumo que levou o—*Sol lucet omnibus*—dos quatro cantos, que deixou de luzir para todos: um par de capadocios trepados n'uma escada, posta á noite sobre a esquiua.

A quem descobrir um meio de faoricar applausos para victoriar os vates e os oradores patriotas do Theatro, que já são ouvidos com gelada indefferença: uma peça de neve fundida pela opiniao publica.

A quem indicar um remedio para fazer com que as Aguias da thesouraria de fazenda não gastem trinta e mais dias para dar um despacho insignificante. sobre negocios os mais comeseinhos: uma tartaruga com patas de preguiça, cara de *homem*, construindo *guedes* e espreitando por um *portilho*.

A quem souber a causa de darem tantos feriados nas repartições publicas da Capital, com prejuizo dos cofres publicos e do povo que paga para ser servido a sua vontade: uma estatueta da vadiação em fralda de camisa.

A quem explicar a razão porque os governos constituidos livremente pelo povo se transformam em *Senhores* dos comitentes, que se do-brão ás barbaras imposições dos *procuradores*, sem direito de reclamar pelas injustiças de que é victima: uma caveira de burro adorada por milotes.

A quem declarar a cauza de mandar a Directoria geral dos correios que as malas de Santos para a Capipil não sejam conduzidas nos trens da via-ferrea: um Siqueira ainda moleque, montado em um asno de duas patas.

ATTENÇÃO !

Dom José Rapado Peixoto Botelho Carlos Leopoldo Bibiano Xavier Raphael de Paula Gonzaga, ramo esparso de afdalgado tronco, nobre de foral e conhecido solar, sangue azul e pestanas côr de azeitona, fidalgo cavalheiro com exercicio, estribeiro-mór, semicupio-mór, escudeiro-mór, pega-copos-mór, pateta-mór, paspalhao-mór, bôbo-mór, e asmissimo ainda maior, por Sua Magestade, o Rei festeiro de Nossa Senhora do Rosario dos homens-pretos, que Deus guarde por muitos annos etc. etc.

Faço saber a todos os patriotas valentes que quizerem viver socegradamente em suas casas, sem guerra, nem receio de perigo, em quanto eu muito tranquillo na minha fico, passando vida folgada e milagrosa, comendo, bebendo e fumando com meu dinheiro, —do que não devo satisfação á estúpida canalha—, que pagarei a cada um que quizer tomar armas como voluntario da... pança, e sem o saber porque, ir para o campo da batalha degolar moriçocas, a quantia de 1:000\$000 em moeda corrente, no dia que pessoalmente apresentar-me a sua certidão de obito, com attestado do respectivo Capellão, no qual se declare, que morreu no campo da honra depois de ter estendido inanimados sette paraguayos e meio.

Assim mais pagarei 100:000\$000 a quem trazer-me as orelhas do exm. presidente Lopes embutidas em um diamante de fórma espherica que peze pelo menos 50 oitavas, e que seja de primeira agua, sem jassa ou qualquer defeito.

E para que chegue ao conhecimento de todos faço esta declaração que será impressa e distribuida pelos bravos sustentadores da mãe pança.

V. S. S. Ex.



S. M. o IMPERADOR em trajos de campanha.

DIABO COXO

Admittam-se artigos e desenhos que poderão ser dirigidos em carta nesta typographia. Não se restituem artigos e desenhos.

SÃO PAULO

Assigna-se n'esta typographia a 5\$000 por 12 numeros para a capital; e 6\$000 para fóra. Numero avulso 5 00.

31 DE DEZEMBRO



SERIE II.

JORNAL DOMINGUEIRO

N. 12



Dou-vos boas festas *caros* leitores. Até a volta.

Diabo Coxo.

EXCURSÃO A' GROTA FUNDA.

No dia...

—Fica sobremodo prozaico : começemos com rompante, á guiza de Cicero fuzilando em Catilina .

Até quando, ó matas soberbas, zombareis dos nossos vapores ? ..

—Não vamos bem : é preciso amainar o ar-rojo do rompante com a doce amenidade das brisas fagueiras, que rumorejantes beijão as verdes esmeraldas d'estas sombrias selvas.

Começemos com a maviosidade do estelionado jesuita, que, empinando o enorme bôjo da pansa por sobre a saliencia do pulpito, limpando o suor mesclado de atabacado mónico, que lhes corre pelo nedio queixo, em opposição ao abatado nariz, que se lhe antolha a cavalleiro, pretende impingir na religiosa turba, que ab-sorta e pasma o escuta de mãos postas, a vir-tude mysteriosa do celibato de que elle é a mais viva e solemne incarnação :

—Amaveis leitores ! com o pensamento preso no brilho sancto, que as estrellas manão, o ho-mem predilecto da Divindade levantou, ras-gando o seio das virgineas matas, este padrão de gloria, que as gerações, os seculos, a histo-ria, e a eternidade soletraráo no livro do pro-gresso—a estrada de ferro. *Britannica gens, Deus te elegit !*

—Peior vai a historia : o foliculario, como o homem politico, deve assimilar-se á raposa de Casti ; agradar a todos e não offender a ninguem, salvo, quando injuriando os peque-nos tenha como certa a approvação dos gran-des. Um panegyrico á estrada de ferro traduz uma apothese aos filhos de Albion, que sendo estrangeiros, nenhum valor teem entre nós como doutamente pensam os nossos sabios aristrócatas. Elogios aos barbaros, que no dia 6 de Setembro despejárao de catrambias. á feição de sardinhas escamadas, a flôr da pre-celsa Paulicéa, sobre a relva poeirenta da varzea do Pary !

Leitores, no começar muitas vezes as cousas mais simples está a grande difficuldade de resolver as mais intrincadas. Não é por falta de meios, que nos-vemos em difficuldades ; pois tantos são os que temos, que se nos afigura impossivel a escolha de um. Temos começa-

do muita cousa : caminhado até o meio de al-gumas ; e acabado muitas outras. Temos acabado couzas começadas por outrem : en-tretanto que nos-vemos embaraçados para come-çar na via ferrea uma excursão, que acaba-mos com indifinivel prazer.

E' nas grandes difficuldades que se conhe-cem os grandes homens ; e pois, sem pôr os calções a baixo, como fez o gallego do sr. Gar-rett, vamos começar a nossa excursão a ma-neira de romance historico.

Foi no dia 8 de Outubro de 1865 na cidade de S. Paulo.... (*Hoc opus hic labor est !*)

Foi .. foi... (com trezentas pipas, sr. Thomaz; faça-se de Ariadne por um momento ; dê-me um novello, por que eu saía d'este laberintho!)

O bom Thomaz entezou a esparralhada ca-beça ; tossiu, como philosopho a trovejar verdades ; deu ao corpo tão beata postura que se-me-afigurou a imagem do carola re-dactor da *Religião em S. Paulo*, amortalhado na sua escorrida japona côr de gallinha de Angu-la, pendurado em extase das 14 varas de seus amplos colleirinhos ; e pondo sob o braço es-querdo a sonora rabeca, testemunha de suas glorias, empunhou na dextra a fatal tesoura, ante a qual estremece de medroza a vida do proximo, prorompeu com classica prozapia :

«No dia 8 de Outubro ao lado posto de inse-paravel amigo, que a virtude preza, para gosar dos frescores da manhã,

Peguei no meu capote e embuçado
A estação procurei de alto espavento.

—Bravo, sr. Thomaz ! O sr. sempre mostra que já foi padre !

—É filho de outro, para servir á v. s....

Como dizia o bom Thomaz, em companhia de vinte tantos amigos dirigimo-nos á estação com o proposito de dar-mos um passeio á *Grota funda*. Ali chegados fomos ter com um sr. inglez, de boa apparencia, que nos-acolheu.... britannicamente, que, depois de ouvir-nos, disse :

—Não é possivel : o sr Henderson não está presente : os srs. não podem embarcar.

—Que tremenda *hypothese* ! exclamamos conjunctamente fitando-nos uns aos outros.

Cada um de nós se transformou em um Demosthenes ;

Razões de todo o geito amontoando,
Fallando cada qual por todo o bando.

E o concizo bretão, franzindo a larga testa

da luzidia calva para baixo, ia a todos dizendo, em bom portuguez, esta fatal sentença :

—Não posso !

Nós, porém, que temos por timbre buscar as difficuldades, para vencel-as, resolvemos a pregar uma peça ao homem das negativas. Collocamo-nos em vantajosa posição; aguardamos a partida dos trens ; e, quando a locomotiva, pejando o ar de negro fumo, começava de arrastar os vagões, quaes lepidos marinheiros abordando a náu inimiga, eramos ali trepados a nosso gosto. O machinista ria-se a bom rir da rapasia ; os que não poderão trepar, lamentavão o pezo das proprias pernas: e nós tomados de jubiloso entusiasmo saudavamos o progresso, e ainda mais—sabeis o que, leitores?— a maneira de divertirmo-nos sem gastar vintem.

—Viva a Bretanha ! disse um espirituoso companheiro, empunhando uma garrafa de *cognac*.

—Viva ! bradarão todos unisonos ; porém, quando o jovem corypheu levantava o braço para liber o gracioso licor, tinha a mão vazia: porque a divina botella por milagre da espartesa já passeava rapidamente em mãos de outrem.

—Viva o *paio* ! bradarão alguns maganões risonhos, coçando a guella, por onde acabava de escorrer o ardente suco.

Iamos veloses demandando a serra ; eramos um bando de admiradores encantados pelas maravilhas da natureza.

Os bellos panoramas passavão-nos rapidos ante o olhar como as visões de um sonho.

Cavalgando um descendente do Bucefalo o *touriste* repousaria aqui e ali as vistas curiosas explorando a grande mina da criação. Não n'o podíamos. Naquella corrida a Mazeppa os objectos galopavão em rumo opposto ao que seguíamos ; os vimos de passagem como aves fugitivas da tempestade.

Enthusiasmadissimo ia, apesar disso, o bom do Thomaz. Aqui consigno, em consideração a tão dilecto companheiro, algumas idéas que se lhe escaparão dos labios no extase admirativo.

Que pompear de galas ! monologava elle. Que vegetação esplendida ! E que imagens um poeta não aventara aqui ! Estas arvores gigantes, primitivos monumentos de verduras, são desafios aos raios e aspirações para os céus ! Aquelle tronco desfolhado coroado de dous solitarios galhos é como um espectro querendo abraçar o viageiro que passa, ou antes o genio destes sitios que nos ameaça com os mus-

culosos braços increpando-nos o arrasamento da selva. Ao longe ao sobpé d'aquella montanha a vegetação enfesa-se, atrophia-se, como se diante da mole de granito se retrahisse modesta....

Mar em fóra ia o Thomaz em maré de poetar.

—Tá ! tá ! tá ! Amaina a torrente de frioleiras ! Como estribillio gritava-lhe eu de quando em quando. Gritava no deserto por que as frequentes libações que vinhamos fazendo tinham incendiado completamente o jovial rapagão.

Por fugir ao elasterio da prolixidade omitto muito engraçado episodio, que como thesouros guardo no meu cofre de recordações.

Cedendo ao impulso da indignação, não posso deixar de apregoar alto e bom som na grave tribuna da imprensa a ruindade de umas salgadissimas sardinhas, que nos impingio uma taberneira sandia, que fico a maldizer para todo o sempre. Maldictos peixinhos ! salga-rao-me o paladar por toda uma semana ! Não posso deixar de crêr que aquella salmora vem ádrede para que o estomago esbraveje sitibundo a rogar com toda a instancia mais algumas rigações de serveja !

E a locomotiva voava, voava sobre os trilhos n'uma vertigem louca ! E o fumo do carvão de pedra nos mascarava o rosto de negro !

E as arvores, grandes sabedoras da linguagem do gesto, se inclinavão fazendo-nos uma profunda reverencia ! E os circulos ferreos dos carros abalroavão-se produzindo o canto da araponga ! E muito chapeo sem a menor cortezia despedia-se da cabeça do infeliz dono, e voava nas azas do ar agitado ! E... e... o Thomaz na santa ebriez monologava, monologava !

Apropinquavamos do termo de nossa perigrinação. Os dormentes ali em muitos lugares são assentados em plano inclinando, e os carros correm pelo só impulso que lhe dá o declive, supprimindo-se a força do vapôr.

Parou a locomotiva. Não mais a aguda voz do apito que tão a proposito vinha em meio da *prosa* Thomazina !

Felissimo pojamos em terra são como uns peros, sem que o genio do mal por mãos de sua emissaria— a catastrophe—nos tivesse arrojado ao fundo de algum abysmo, fazendo a alguem lastimar a perda de uma dentadura ou de um chinó !

Tinhamos chegado á—Grotta Funda.—Admiravamos uma das machinas fixas, q'ahi assen-



O Papai e a Mamain do Algodão em S. Paulo.



Principaes armas do Brasil na guerra actual.

HEBES—Quem decifrar este, poderá também decifrar o que encerra o da guerra do Paraguay.



Apuros de um marido.

Apuros de um pai.



Quem não viu os Campanologos, que os veja.

A razão porque muita gente não quiz ouvi-los.



O que será o scenario do theatro no anno de 1866, sob a administração do empresario Muccebo.

Scena do 4^o acto do drama *Degolação dos Inocentes* no theatro de São José Polichinello.



Scena do 4^o acto do drama „À Degolação dos *bichos*” pelo Herodes *Solano*; — no Théâtre Juridico de São Francisco.

tou a companhia, quando ao chegar de Santos o carro em que tínhamos de regressar á capital foi-nos roubada a esperança de ir mais adiante nos pasmarmos de ver os altíssimos pillares sobre que passão os trilhos.

TYPOS PAULISTANOS.

II.

O CADAVER.

Difficil encargo é o de quem, como nós, descreve tão variados e interessantes typos. Para cabal desempenho de trabalho de tanta magnitude mister se fizera a conjuncção dos genios de um Buffon, de um Cuvier, e de mil outros, que trazer aqui á baila fôra fastidioso. Ao desenhar cada typo o escriptor apparece com uma nova face de Prothen; hontem assumia o aspecto grave do naturalista, hoje o ar sisudo do paleontologo.

Vamos agora penetrar no mundo pavoroso de phantasmas milhões de vezes ainda mais pavorosos, que as visões tenebrosas de J. Paulus Richter, Hoffmann, e Anna Radcliff. — E' uma exhumação, que fazemos: diante do leitor vamos collocar o perfil livido e ascorozo do *cadaver*.

Como Pompeia e Herculanium pôde hombrar S. Paulo:—nas ruinas d'essas Necropolis certo se não encontra, como n'esta risonha terra, tantos *cadaveres*.

E sabeis o que è um *cadaver*?...

— E' o pesadello terrivel do misero estudante: è a sombra implacavel de Banco, que o acompanha dia e noite, que assenta-lhe à meza e que o não abandona si quer á cabeceira do leito. Morcego de azas escuras e hediondas, elle suga-lhe todo o sangue, emquanto affaga-o com refalsado sorriso, e com algumas palavras technicas do seu officio.

O *cadaver* è uma especie de polyto social, no dizer de A. Dumas. (quenão sei porque tem d'elles grande ogeriza): multiplicação-se espantosamente, emquanto que os devedores diminuem-se, minguão-se e desaparecem.

A existencia d'este monstro remonta as mais affastadas éras. E' de crer-se que o abutre, que roia as entranhas do martyr do Caucaso, nada menos era que um credor de Prometheu. Entre os romanos corre de plano que existiu esta praga; pois que de lá è que partiu-lhe a denominação.

E até quero crer que o Christo para treinen-da punição do Ashaveros, enviou-lhe um *cadaver*, que, bradando-lhe sempre: « *paga-me!* » fêl-o correr peregrino desanove seculos, sem que um só momento podesse descançar.

S. Paulo, porém, è o ninho dos carniceiros abutres:—è aqui que os terriveis milhafres famelentos cevão-se devorando suas treinas.

São muito para d'ellas rir-se as scenas, que entre o algoz e a victima se dão.

E' um gosto ouvil-o fallar em *honra* e *dignidade*, e lembrar ao seu desgraçado devedor as *imperiosas obrigações*, em que o *colloca a nobreza de seu character*, etc., etc. E' o salteador que dá lições de moral empunhando o arcabuz: nada mais risivel e burlesco.

A appareição de um *cadaver* gela e affugenta a alegria mais expansiva:—o devedor presente-o só pelo putrido miasma, que o cerca, na distancia de mil passos.

E' quasi sempre submisso:—tem nos nojentos labios phrases adocicadas, mas traidoras como aquelle chorar dos crocodilos das plagas africanas. E si por acaso alguma vez toma ares arrogantes, basta um só-grito para fazel-o curvar-se humilde e tremulo.

Entretanto è o *amigo* mais sollicito, que o seu devedor possui;—cuidadoso inquire-lhe pela saude, e deseja têl-o sempre ao pé de si. Tão longe ás vezes leva seus extremos de amor, que quando por largo espaço de tempo não vê o *amigo*, costuma convidal-o graciosamente por meio d'alguma gazeta miseravel à ir vizital-o. Raro è, porem, que ao seu sabor e desejos elles saíão-se d'esse enredo amorosos. Em resposta aos seu convite a victima por vezes lhe tem enviado azas de páu, para que elles por seu turno mais facilmente possão vizital-a.

Um outro, não somenos, extremo de ternura do *cadaver* è o que o leva a impedir por meio do telegrapho a partida do *amigo*. Receiando (e talvez com razão) o esquecimento d'este, elle tenta advertil-o de sua ingratição por esse meio, que apezar de tudo algumas vezes falha.

Como preservativo da putrefacção o *cadaver* banha-se em *vinagreira*. E' terrivel seu aspecto depois de semelhante immersão.

Nas criticas circunstancias em que acha-se actualmente o Brasil, o governo deveria alli-ciar todos os *cadaveres* da republica do Paraguay, e marchar com elles contra o seu exercito. Podemos afirmar sem affoutesa, que completo, seria nosso triumpho!—As hostes paraguayas aterrorisadas fugirão diante das medonhas figuras.

Mais completa e grandiosa, porém fôra a victoria, que eu alcançaria, si eu com elles podesse realizar o que o poeta desejava fazer (injustamente, não o pensaes ?) ao gentil sexo:

Podesse uma só náu contel-os todos,
E o piloto fôra eu !... Triumpho eterno !

asseguro-vos que nem um escapára do naufragio, para vir de novo impestar a terra.

Gavarni.

AOS BARÕES.

AMIGOS ! sinceridade ! .
Não sejamos todos tolos ;
Deixai vêr os vossos rôlos
De brasoens.
Ninguem disse ainda o certo
Onde vão, donde vieram
Os baroens.

Dizem velhos alfarabios
Que os baroens da idade d'oiro
Davam taponas de mouro,
Fanfarroens !
Nesse tempo eram *crusados*,
Hoje fogem dos *cruseiros*
Os baroens.

Os de então na Palestina
Eram rijos e potentes ;
Mas os d'hoje são valentes
Nos sertoeus.
Quem domina as vastas tribus
Dessas plagas africanas ?
Os baroens.

Quem envia, mar em fora,
As esquadras dos *Trajanos*,
D'archejantes e ufanos.
Galeons ?
Quem envia *Guerra* aos barbaros.
E lhe algema os pulsos livres ?
Os baroens.

Digam lá o que disserem
Contra os *crusados* da moda,
Sois os grandes deste reino,
Meus baroens ! . . . sabeil-a toda !

«Carne humana !! escravaria !!
«Crime atroz !! » são palavroens.

Chia a imprensa ? ha-de calar-se . . .
Sabeil-a toda, baroens !

Vossos pais quando vieram
De Figueiró para aqui,
Quem diria . . . vendo vil-os
Como eu cheg-al-os vi ! . .

Era assim : via-se um mono
De jaqueta de cotiin,
E calças de estopa grossa
E pernas côr de carmim.

Trazia sócos ferrados,
Em que pés ! . . Deus nos accuda ! . .
Lenço vermelho amarrado
Na cabeça ponteaguda.

Vosso avô vinha com elle,
E gemia derreado
Sob um sacco de batatas
Do patrão mimo adorado.

Vossa avó, de pé descalço,
Traz canastra com toucinho,
Pão de broa corpulenta,
Borracha do *biêrde binho*.

Inda hontem eu vi isto ! . . .
E vossês sos patuscoens.
Devem espantar-se comigo
De serem hoje... baroens !

Querem de graça um conselho ?
Não fallem. que faz tristeza,
Vêr o raso da toleima
A que desceu a nobreza !

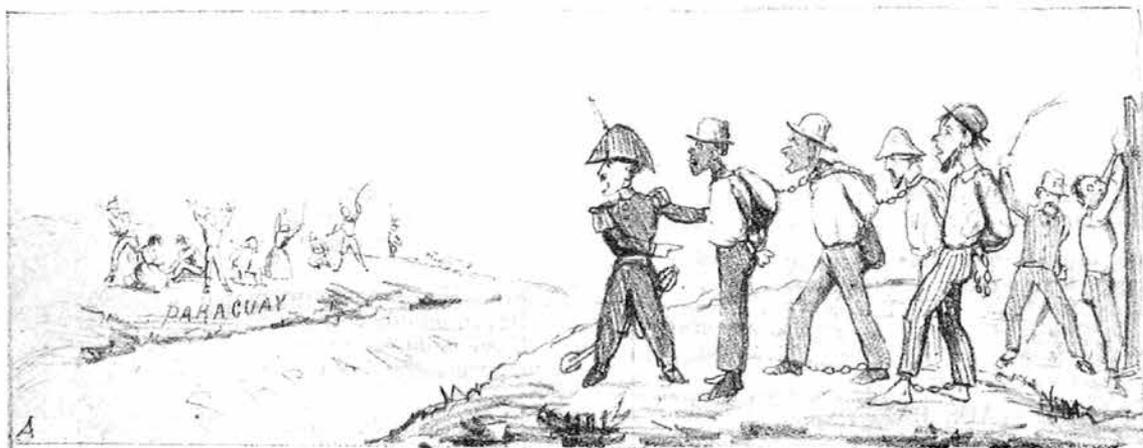
Burros ficam sempre burros,
Embora tragam selim,
Cravado de diamantes
E estofado de setim.

O brilhar dessas commendas
Não vos muda a condição.
O instincto vos arrasta
Para o covado e balcão.

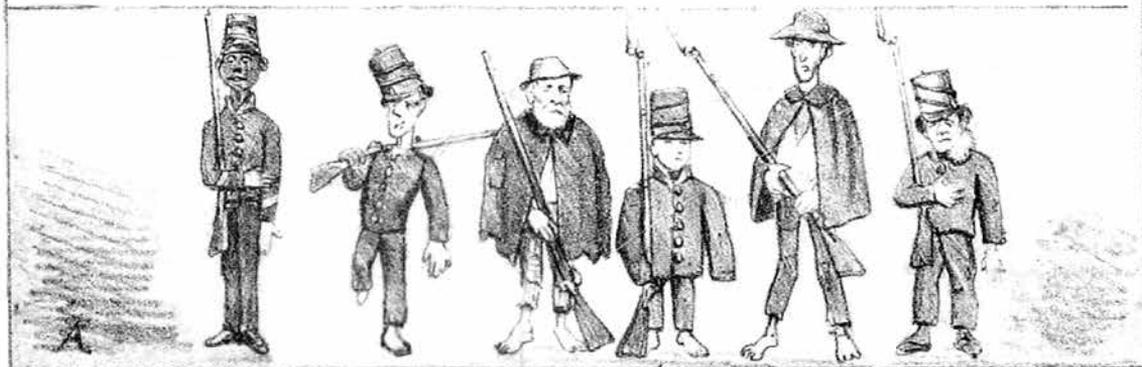
C. B.

Com este numero pomos termo a 2.ª serie desta folha:

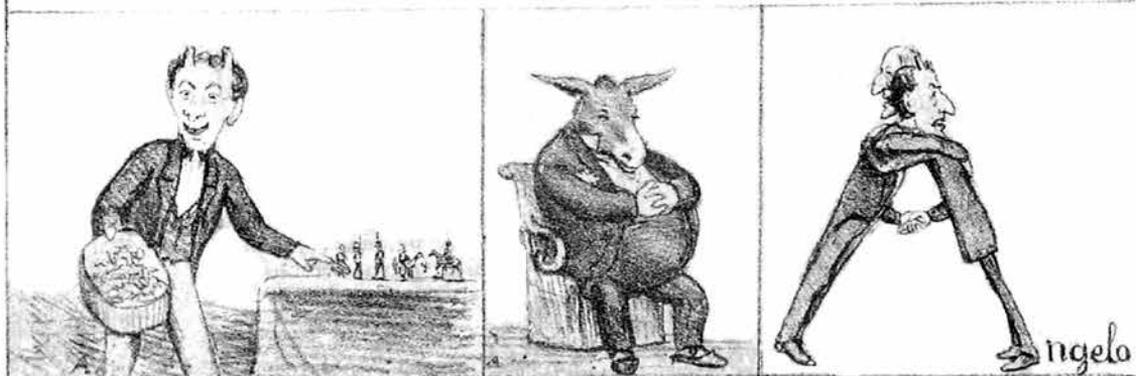
Lithotypo de Henrique Schroeder.



Barbaros paraguayos! Aqui vos trago uma cohorte de voluntarios, para libertar-vos



Specimen dos designados da Guarda Nacional.



O Diabo-Coxo offerece de festas ao governo um batalhão de soldadinhos de chumbo para auxilia-lo na guerra do Sul.

A patria tanto serviu, Que a commenda con-
(seguiu.

O Diabo e o Thomaz: des-
pedem-se;

ngelo

Próximos títulos a serem publicados

PERIÓDICOS

O Amigo das Letras (1830)
O Justiceiro (1834-1835)
O Verdadeiro Paulista (1842)
A Violeta (1848)
Revista Litteraria (Santos, 1850-1851)
O Medico Popular (Santos, 1851)
O Acayaba (1852-1853)
O Compilador Paulistano (1852-1853)
O Defensor (Sorocaba, 1852-1853)
O Constitucional (1853-1854)
Guayaná (1856)
O Iris (1857)
Esboços Litterarios (1859-1860)
Murmurios Juvenis (1859-1860)
Revista da Academia de S. Paulo (1859)
O Ytoróro (Santos, 1859-1860)
O Agricultor Paulista (Itu, 1860)
O Kaleidoscopio (1860)
A Legenda (1860)
Revista Dramatica (1860)

PEÇAS TEATRAIS

BROTERO, José Maria de Avelar. *O tumulto do povo em Evora 1635*: drama em tres actos. S. Paulo: Typographia de Silva Sobral, 1845.

ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. *Januario Garcia o Sete Orelhas*: drama em 3 actos e 5 quadros. São Paulo: Typographia do Governo, 1849.

MEDEIROS, Francisco Luiz d'Abreu. *A estrangeira*: drama em cinco actos extrahido do romance d'Arlincourt. Santos: Typographia Commercial de G. Delius, 1851.

LEITÃO, Antonio Joaquim de Freitas. *A cruz da ponte, ou O fanatismo religioso*: drama em 3 actos e 4 quadros. S. Paulo: Typ. Liberal de J. R. de Azevedo Marques, 1853.

MARQUES, Joaquim Candido de. *Diana e Cypriana ou As maravilhas*: drama ornado de canto em 4 actos divididos em 7 quadros. S. Paulo: Typographia Imperial de Marques e Irmão, 1856.

VALLE, P. A. do. *O mundo á parte*: drama em 3 actos. S. Paulo: Typ. Imparcial, de J. R. de Azevedo Marques, 1858.

SANTOS, Antonio Pereira dos. *Os grandes da epoca, ou A febre eleitoral*: comedia original em tres actos. Santos: Typographia de V. A. de Mello, 1860.

SERMÕES E ORAÇÕES

OLIVEIRA, Joaquim Anselmo d'. *Oração, que na acção de graças pelo feliz reconhecimento da maioridade de S. M. I. o Senhor D. Pedro II, celebrada na Sé Cathedral d'esta Imperial Cidade de S. Paulo...* S. Paulo: Typographia de Costa Silveira, 1840.

CAMARGO, Pedro Gomes de. *Oração funebre, que, por occasião das exequias feitas de corpo presente ao Ex^{mo} e Rev^{mo} Sr. Diogo Antonio Feijó...* S. Paulo: Typographia do Governo arrendada por Silva Sobral, 1843.

MONTE CARMELO, Joaquim do. *Oração gratulatoria, que no dia 2 de dezembro de 1844, anniversario do nascimento de Sua Magestade Imperial ...* S. Paulo: Typographia de Silva Sobral, 1844.

FERREIRA, Ildefonso Xavier. *Oração funebre, que nas solemnes exequias feitas pelo Ex^{mo} e Rev^{mo} Sñr. Bispo Diocezano D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade ...* S. Paulo: Typographia de Silva Sobral, 1846.

MONTE CARMELO, Joaquim do. *Oração gratulatoria recitada no dia 12 d'abril do corrente anno, por occasião dos festejos que a Ordem Terceira do Carmo da Cidade de S. Paulo celebrou ...* S. Paulo: Typographia de Silva Sobral, 1846.

MONTE CARMELO, Joaquim do. *Oração que por occasião do solemne Te-Deum Celebrado na Igreja do Collegio, servindo de Cathedral de São Paulo ...* S. Paulo: Typographia de Silva Sobral, 1847.

OLIVEIRA, José Norberto d'. *Oração de Santa Thereza ...* Santos: Typographia Commercial de G. Delius, 1852.

FERREIRA, Ildefonso Xavier. *Oração funebre, que por occasião do Funeral, mandado celebrar pelo Excellentissimo Senhor Presidente da Provincia Dr. Josino do Nascimento Silva ... pela sentida morte da Rainha de Portugal ...* S. Paulo: Typographia 2 de Dezembro, 1854.



Foi somente em 1808 que o Brasil conheceu atividades tipográficas regulares. O decreto do príncipe regente d. João, em maio daquele ano, autorizava a utilização do prelo que, adquirido na Inglaterra para servir à Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, acabou vindo nos porões de uma das naus que trouxeram para cá a corte portuguesa. Com os mesmos privilégios e obrigações de sua congênera em Lisboa, fundava-se a Impressão Régia do Rio de Janeiro. Pouco a pouco foram surgindo tipografias nas diferentes províncias, alterando radicalmente o ambiente cultural em que viviam seus habitantes.

Na iminência de completar dois séculos, a história da imprensa ainda é mal conhecida entre nós. Os estudos e levantamentos publicados por ocasião de seu primeiro centenário, em 1908, não tiveram seguidores à altura dos que se propuseram a sistematizar os títulos de livros, folhetos e periódicos produzidos no Brasil até então.

Antecipando-se às comemorações que certamente marcarão o transcurso dessa importante data, a coleção que ora se inicia com o fac-símile do Diabo Coxo pretende contribuir para o conhecimento de nosso patrimônio editorial e pôr à disposição dos pesquisadores obras raras de evidente interesse para a história de São Paulo.

ANA MARIA DE ALMEIDA CAMARGO

